

**AMÉRICO MONTEIRO DE AGUIAR**

Da infância ao sacerdócio, 1887 – 1930: Facetas de uma vida

“Eu sou um caso vivo e desejaria muito ser um livro aberto para todas as almas de boa vontade. Tenho sido um verdadeiro revolucionário e a minha maior glória é não ter coisa nenhuma de que me gloriar”

(AMÉRICO, Padre - "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 31 jul.1965, nº 558, p. 2.)

## **Nota prévia**

Agradeço ao corpo docente do Curso de Mestrado de História Contemporânea, da Faculdade de Letras, da Universidade do Porto, o conhecimento que me proporcionou e a forma como sempre me acolheu.

Para a Professora Doutora Maria José Moutinho Santos, um agradecimento muito expressivo, pela forma sábia e muito calorosa como me acompanhou e orientou ao longo de dois anos, durante os quais muitas coisas aconteceram na minha vida.

Um agradecimento especial ao Padre Júlio Pereira e à Casa do Gaiato de Paço de Sousa, e ao Doutor Henrique Manuel Pereira, por todo o apoio e disponibilidade manifestados.

Agradeço igualmente a Manuel Augusto Pinto e Avelino Rodrigues Santos, ex-gaiatos, a Abel Oliveira Magalhães e Jaime Aguiar e ainda aos Padre António Batista e Manuel Mendes, responsáveis pelas Casas do Gaiato em Beire e Miranda do Corvo.

Manifesto ainda a minha gratidão para a disponibilidade e gentileza dos responsáveis das entidades que me facultaram a documentação necessária para levar a cabo este trabalho.

À Alice, minha mulher, “companheira de jornada” desde há quarenta e três anos, que mais uma vez soube esperar e alentar, e aos meus filhos e neta, que entenderam o meu propósito, o mais profundo agradecimento.

# Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>6</b>
<b>1. Da infância à vida ativa.....</b>	<b>12</b>
<b>2. Vida ativa .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1 Na cidade do Porto (outubro 1902 – novembro 1906) .....</b>	<b>23</b>
<b>2.2 De Moçambique a Paço de Sousa (dezembro 1906 – outubro 1923).....</b>	<b>27</b>
<b>2.2.1 A experiência moçambicana (dezembro 1906 – janeiro 1923).....</b>	<b>27</b>
<b>2.3 Mudança de vida.....</b>	<b>46</b>
<b>2.3.1 O retorno de Moçambique .....</b>	<b>46</b>
<b>2.3.2 Entrada na vida religiosa.....</b>	<b>49</b>
<b>3. A passagem pelo convento .....</b>	<b>51</b>
<b>3.1 Catequese e apoio a pobres.....</b>	<b>62</b>
<b>3.2 Saída do noviciado .....</b>	<b>66</b>
<b>4. Finalmente o seminário .....</b>	<b>71</b>
<b>4.1 Relações com companheiros e superiores .....</b>	<b>74</b>
<b>4.2 Percurso académico e atividade cultural .....</b>	<b>78</b>
<b>4.2.1 Curso de teologia .....</b>	<b>78</b>
<b>4.2.2 Interesses e atividades culturais .....</b>	<b>84</b>
<b>4.2.3 Vida espiritual.....</b>	<b>92</b>
<b>4.2.4 Catequese .....</b>	<b>96</b>
<b>4.2.5 Apoio a pobres .....</b>	<b>105</b>
<b>Conclusão .....</b>	<b>109</b>
<b>Cronologia .....</b>	<b>113</b>
<b>Fontes.....</b>	<b>147</b>
Fontes documentais do Padre Américo .....	147
Outras fontes documentais.....	148
Fontes hemerotecas.....	148
Informação na Internet.....	149
Arquivos e Bibliotecas.....	149
Fontes orais .....	150
<b>Bibliografia.....</b>	<b>151</b>
<b>Créditos Fotográficos .....</b>	<b>154</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>155</b>



## Introdução

Desde o início do mestrado em História Contemporânea, tive a intenção de realizar um estudo aprofundado sobre o padre Américo Monteiro de Aguiar (mais conhecido por padre Américo) que, no meu imaginário, nascido na adolescência e juventude, se apresentou sempre como um homem bom e de um coração enorme para as crianças e jovens.

Corria a década de 1960 e lembro-me de ouvir amigos e conhecidos contarem o que viam na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, quando aí se deslocavam em visitas organizadas. Num tempo de grande pobreza, de enormes carências materiais, de ausência de assistência na doença, de crianças maltratadas e abandonadas, a Obra da Rua surgia a esses meus conterrâneos como uma “ilha” onde a comida, a cama, o teto, a educação, o carinho e o amor, existiam para todos. Essa constatação despertava sentimentos de solidariedade, expressos na oferta de bens ou dinheiro, muitas vezes das mãos de quem vivia também na pobreza.

Mas, se a Obra adquiria a auréola do melhor exemplo de caridade e amor aos mais necessitados, o padre Américo, por muitos também referido enfaticamente como “pai Américo”, emergia como uma figura gigantesca pela generosidade, simplicidade, pobreza material, pelo carinho e afeto com que tratava os gaiatos e recebia os visitantes. A par disso, destacava-se a atração que exercia sobre muitas pessoas, maioritariamente simples e humildes, que nele viam virtudes que ultrapassavam a mera condição humana, recomendando a seus filhos que, quando na sua presença, lhe tocassem na sotaina, para desse modo beneficiarem de supostos poderes protetores.

A procura deste homem e do seu trabalho em prol dos mais necessitados, nesse Portugal tão carenciado, foi o que me propus investigar, centrando-me num primeiro momento na figura do sacerdote e na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, para entender melhor a relevância da sua obra no contexto político, económico e social do seu tempo.

Porém, no decorrer do processo de investigação, rapidamente concluí que a vida do padre Américo, particularmente a correspondente ao tempo em que desenvolveu a sua ação pedagógica e social, assim como a própria Obra da Rua, já tinham sido alvo de diversos estudos, como: *Américo Monteiro de Aguiar. Dimensões antropológicas,*

*axiológicas e proféticas de um projeto pedagógico*, de Maria Manuela Lopes Cardoso, *Amor Meditação e Acção*, *Pedagogia do Padre Américo Monteiro de Aguiar*, de Ernesto Candeias Martins, *O Padre Américo* de Moreira Neves, *Padre Américo. Místico do nosso tempo* de José da Rocha Ramos, *Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico do Padre Américo*, de João Evangelista Loureiro. Além destas publicações e tendo em conta a sua maior abrangência e profundidade destaco as seguintes obras:

*O Pai Américo era assim*, do Padre Elias, concluído e publicado em 1958.

O autor que contactou com o padre Américo nos últimos tempos da sua vida procurou escrever uma biografia completa, dado que o que havia sido escrito até aí mostrava apenas aspetos parciais. Reconhecendo que a sua obra não obedecia aos critérios e métodos de um biógrafo ou historiador, afirmou também que o seu desejo era o de “dar Glória a Deus, apontando aos homens um trilho seguro por onde todos podem chegar ao céu”. Para isso recorreu ao que o biografado havia publicado nos jornais *Correio de Coimbra* e *O Gaiato*, captando aí o que ele pensava, o que dizia e o que fazia junto dos pobres e de todos os que sofriam. Recorreu também ao testemunho de amigos, familiares, confidentes e ainda pessoas a quem Américo havia socorrido.

Dado o objetivo pretendido e tendo ainda em conta que o criador da Obra da Rua havia afirmado que a sua vida havia começado no dia em que tinha sido ordenado presbítero, em Coimbra, o padre Elias mostra-nos o padre Américo nas suas múltiplas vertentes: educador e pai dos garotos da rua, revolucionário pacífico que defendia os pobres e protegia os desamparados, empreendedor de obras de assistência social e o orador que cativava as multidões. Por isso, ao tempo anterior à entrada no Convento dedicou apenas dois pequenos capítulos com alguns aspetos da sua vida.

*Padre Américo, educação e sentido de responsabilidade*, de Manuel Durães Barbosa, publicada no ano de 1987, aquando das comemorações do centenário do nascimento do fundador da Obra da Rua.

Esta obra incide essencialmente sobre a pedagogia utilizada pelo padre Américo, relevando os aspetos inovadores da autonomia, liberdade e responsabilidade, e ainda a importância da vivência das crianças e jovens em ambiente familiar. Mostra ainda a importância da sua ação social expressa na Obra da Rua e Património dos Pobres, assim como a qualidade e capacidade de comunicação da sua escrita. Quanto à biografia do

“Recoveiro dos Pobres”, o autor apoia-se na do padre Elias, nada acrescentando ao que então era conhecido.

*Padre Américo, o destino de uma vida (biografia e ação social)* de Ernesto Candeias Martins, publicada em 2003.

O objetivo fundamental do autor foi compreender e destacar na vida do padre Américo as vertentes de humanista, educador e “homem de Deus”, através da sua ação e realizações. Ao mesmo tempo afirmou que não tinha a intenção de escrever uma biografia histórica, procurando antes acrescentar novos dados e notas de interpretação da ação do fundador da Obra da Rua. Entendia também que a biografia do padre Américo já tinha sido redigida pelo padre Elias, que considerou “seu biógrafo natural por excelência”, tendo em conta os “pormenores biográficos de grande interesse” por si obtidos, assim como o acesso a fontes orais daquela época.

Não obstante o afirmado, o conteúdo e a estrutura da obra possibilita o conhecimento das etapas da vida de Américo, trazendo novas informações sobre alguns aspetos até à sua ordenação como presbítero, assim como a interpretação própria sobre alguns dos momentos mais relevantes, recorrendo a fontes que os anteriores autores não haviam consultado.

Ao mesmo tempo que constatava isto, descobri que o Américo anterior à ordenação sacerdotal não havia merecido tanta atenção dos investigadores, o que se compreende, face ao relevo que toda a fase posterior teve, independentemente da perspetiva em que seja encarada. Em simultâneo, fui-me apercebendo da importância de todo o percurso de vida anterior à sua entrada para o convento franciscano, assim como a forma como desenvolveu a sua vida conventual e posteriormente de seminarista, para melhor compreender o futuro padre Américo e o trabalho que desenvolveu no país.

Na verdade, sempre me intrigou a mudança radical de vida de um homem de trinta e seis anos, muito bem colocado e reconhecido profissional e socialmente. O que aconteceu para que ao conforto e bem-estar material, ele preferisse as provações e renúncias aos prazeres do mundo? E depois da decisão tomada para mudar de vida, quais as razões que originaram as dificuldades no caminho para o sacerdócio?

É neste contexto que este trabalho pretende ser um contributo para um melhor conhecimento da vida de Américo Monteiro de Aguiar, apresentando uma outra leitura sobre episódios ou factos já abordados, assim como alguns que até ao momento não foram trazidos ao conhecimento público.

Quanto à forma utilizada para a sua apresentação, privilegiei, sempre que possível, o recurso à ordem cronológica, por me parecer um bom modo de mais facilmente se perceber o percurso de Américo. Com o mesmo intuito, utilizei citações dos seus escritos, em alguns casos porventura um pouco longas de mais, de molde a dar-lhe voz e a propiciar um melhor entendimento do seu pensamento e dos contextos em que ocorreram alguns dos factos mais relevantes do seu trajeto de vida. Também por isso a estrutura adotada assenta em etapas da sua vida: a infância e formação escolar; a atividade profissional; as mudanças de percurso: no convento franciscano de Tuy e no seminário de Coimbra, aqui se destacando a sua ordenação e a consolidação da sua matriz espiritual e os seus anseios catequéticos.

Para este estudo, foi fundamental o recurso aos fundos de diversos arquivos como o Arquivo Central do Porto, Distrital de Castelo Branco, do ISEP-Instituto Superior de Engenharia do Porto, da Diocese do Porto, da Fundação SPES, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, da Ordem Franciscana em Portugal e do Seminário Maior da Diocese de Coimbra. Recorri ainda à Biblioteca do Seminário Maior de Coimbra.

No entanto, foi essencialmente na correspondência de Américo, dirigida a familiares e amigos (e aqui adquire uma grande importância a que dirigiu a Simão Correia Neves), assim como nos testemunhos de contemporâneos (condiscípulos e superiores no convento e seminário, familiares e amigos) que encontrei o material maioritariamente utilizado neste trabalho. Todos estes textos foram publicados assiduamente no jornal *O Gaiato*, sob a rubrica “Facetas de uma vida”, desde 18 de agosto de 1956, até 9 de dezembro de 1961 e, depois, pontualmente entre esta data e agosto de 1986. Estas fontes, que já tinham sido utilizadas parcialmente por alguns autores, foram agora consultadas na totalidade, correspondente a cento e cinquenta e três números daquele periódico. Embora estas fontes tenham bastante importância, reconheço, no entanto, que apresentam lacunas, pois algumas cartas não foram publicadas na íntegra, por razões que se prenderam com o espaço disponível ou por

critérios do diretor do jornal. Provavelmente, esta limitação poderia ser superada se tivesse sido possível a consulta dos textos originais, que admito possam existir no arquivo da Casa do Gaiato, de Paço de Sousa. Tal não sucedeu, contudo, por o referido arquivo estar a ser reorganizado. A esta fonte fui também colher o título para este trabalho quer pela importância que a leitura de “As facetas de uma vida” teve, quer pelo sentido da expressão que tão bem traduz a complexidade da vida da personagem estudada.

No arquivo da Ordem Franciscana, em Lisboa, não haverá, provavelmente, mais documentação sobre a passagem de Américo pelo convento de Ramallosa, em Tuy, entre outubro de 1923 e julho de 1925. Aceito, no entanto, que possa existir correspondência entre Américo e os responsáveis daquela ordem, a propósito da sua vontade de regressar, em dezembro de 1929 e depois em setembro de 1931. Creio que, a vir a encontrar-se, esses documentos poderão constituir-se como importantes para compreender o que se passou com o então recém sacerdote.

Quanto ao Seminário de Coimbra, apenas foi referida como existente a informação concernente aos resultados das provas de avaliação, citados no capítulo próprio, assim como a revista *Lume Novo*, já citada.

Também a correspondência de familiares e amigos recebida pelo noviço e seminarista teria relevo significativo, mas admito que não existirá, dada a fraca propensão de Américo para conservar o que lhe escreviam.

Indubitavelmente que esta fase da vida de Américo é aquela para cujo conhecimento teria sido importante o testemunho do próprio, já que foi passada no quase anonimato da infância e juventude tanto na metrópole como em Moçambique e, depois, no convento e seminário. Não foram muitos os testemunhos sobre a sua vida que chegaram até nós e por isso dificilmente conseguiremos construir com segurança a forma como ele percorreu esse caminho.

A consciência desta lacuna foi-lhe feita sentir por amigos e colaboradores, quando era já uma figura pública e a sua obra se evidenciava, sugerindo que escrevesse sobre a sua vida anterior ao sacerdócio. Pensou nisso, prometeu escrever e preparou-se até para o fazer, aquando da deslocação a África em 1952, aproveitando o tempo livre

da viagem. Várias vezes tentou a escrita, pensou no título, mas nunca conseguiu iniciá-la, pois não se sentia capaz de escrever sobre si próprio...

## 1. Da infância à vida ativa

O futuro padre Américo nasceu em 23 de outubro de 1887, na Casa do Bairro de Baixo, na freguesia de S. Salvador de Galegos, no concelho de Penafiel, distrito do Porto. Foi o último de oito filhos do casal Ramiro Monteiro de Aguiar e Teresa Ferreira Rodrigues. Oriundo de uma família de agricultores abastados, antiga e católica, a sua educação assentou nos princípios doutrinários desta religião.



**Fig.1-** Casa do Bairro de Baixo onde nasceu Américo Monteiro de Aguiar  
Fonte: Coleção Particular

O relativo desafogo material em que a família vivia permitiu que alguns dos filhos tivessem podido estudar. José, o primeiro e mais velho do que Américo cerca de 13 anos, como era tradicional, ordenou-se padre, António, mais velho 3 anos, foi médico e Américo fez estudos comerciais.

O ambiente que rodeou Américo na sua primeira infância caracterizou-se pela vida normal do campo, onde uma casa e propriedade de alguma dimensão requeriam a mão de obra de todos os membros da família e de vários criados. Mais tarde, Américo, já seminarista em Coimbra, vai referir-se à sua casa e ao seu ambiente familiar, revelando uma grande estima pela vida das pessoas e pela natureza, assim como pelos afetos que aproximavam familiares e amigos. Este apreço, que esteve presente ao longo da sua vida, foi uma das matrizes fundamentais para a implantação das Casas do Gaiato. De tal maneira o sentia que, em junho de 1928, quando estava próximo de completar o 2º ano do Curso de Teologia, no Seminário de Coimbra, escreveu:

*Que lindo sítio e que linda casa, aquela em que nasci. Por detrás, estende-se uma grande mata cheia de sombra e de pinheiros; à frente correm os prados verdejantes, uns após outros, até se perderem muito longe, na margem dum ribeirito que os limita; e lá mais longe ainda, muito ao longe o céu fecha o horizonte pousando no dorso da serra de Luzim!*

*Tão lindo o sítio; tão linda a casa!*

*Eu era petisito de 8 para 10 e nesse tempo a nossa casa era uma alfândega, no dizer da nossa Rita, que veio aos 12 servir meus avós, ficou servindo os pais e agora era servida por nós e zupava-nos muito ousadamente, se lhe não*

*fazíamos a vontade. Foi nossa até aos 80. Era uma alfândega a nossa casa. [...] Éramos então oito irmãos e outros tantos criados. Que barafunda; que grande alegria.*<sup>1</sup>

Sendo o benjamim da casa, e tendo tido uma pneumonia aos três anos, é natural que beneficiasse de uma maior proteção, sem que isso o impedisse de ser uma criança alegre, sociável, ativa e jovial, que também gostava de pregar partidas. Já nesta fase da vida se mostrava compassivo com os pobres, assim como as suas brincadeiras, algumas vezes, eram sobre temas religiosos.<sup>2</sup> Esta circunstância conduziu a que a maioria dos autores, que se têm dedicado ao estudo da vida e obra do padre Américo, tenham visto nestas manifestações, sinais da sua predisposição precoce para o sacerdócio.

Em 1894, quando tinha 7 anos, começou a frequentar a Escola Primária oficial (Escola Régia), no lugar de Pereiras, para onde se deslocava a pé, tendo como companheiro Avelino de Sousa Soares que também seria ordenado padre. No verão de 1897 concluiu o ensino primário elementar (1º grau).<sup>3</sup> A par da formação escolar elementar, concluída em 1897, Américo frequentou a catequese, sendo que manifestou sempre grande interesse pelos ensinamentos ministrados.

---

<sup>1</sup> JUNÍPERO, Fr., “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 17 mai. 1958, nº 370, p. 1.

Esta experiência de relação com a natureza, assim como a vivência familiar evidenciaram-se ao longo da sua vida e foram nas “Casas do Gaiato” um dos pilares da sua organização.

<sup>2</sup> AGUIAR, Joaquim Monteiro - “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, 29 set. 1956, nº 328, p. 1-3. afirma:

- [...] *As suas brincadeiras preferidas eram aquelas que versavam assuntos religiosos. [...] Figurava sempre de padre nestas brincadeiras. [...] Por tudo isto era alcunhado de 'beato' pelos irmãos.*

- [...] *Desde pequeno ele praticou em larga escala a caridade, ele, que vivia numa casa farta, onde nada faltava. Dava aos pobres por amor de Deus. Gostava muito de conversar com eles e visitava-os frequentemente. Ia saber das suas necessidades.*

- [...] *Os pobres eram e foram sempre a sua constante preocupação, a sua devoção. Assim se passou a infância de Américo. Desde pequeno, muito pequeno mesmo, que ele confiava à sua mãe o desejo de ser padre. O pai contrariou-o sempre, pois supunha que não passava dum simples sonho de criança.*

<sup>3</sup> MARTINS, 2005: 21, referiu:

*Naquela Escola Régia, em que o ano escolar começava em setembro e terminava em julho, concluiu o ensino primário elementar (1º grau) no verão de 1897 (exame da 4ª classe).*

Ora, há um lapso do autor, dado que:

- O 1º grau do ensino elementar era constituído por três classes e não quatro, de acordo com o diploma de 18 de junho de 1896, que regulamentava o ensino primário. (Ministério da Educação, Secretaria Geral, 1992 – *Reformas do Ensino em Portugal, 1890-1899, Tomo I – Vol. III*, p. 259-297.);

- Em 1897, Américo e o irmão António, foram matriculados no colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Penafiel, para frequentarem o 2º grau do ensino primário elementar.



Ainda no ano de 1897, em setembro, Américo e o irmão António foram matriculados no Colégio de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Carmo, em Penafiel, como alunos externos, tendo aí frequentado o 2º grau do ensino primário elementar.

*O Américo realizou os seus exames de instrução primária elementar (2º Grau) entre os dias 4 a 9 de agosto e na primeira semana de setembro de 1899, ficando apto a ingressar no ensino secundário.*<sup>4</sup>

Dado que a António era reconhecido maior empenhamento no estudo e era alvo de elogio por parte dos professores, o pai pretendeu que seguisse as “letras”, enquanto Américo, porque mais novo e certamente ainda mais inclinado para o divertimento, seguisse “a carreira comercial para a qual estava mais talhado.”

Em outubro de 1898, os dois irmãos matricularam-se, como alunos internos, na instrução secundária, no Colégio de Santa Quitéria, em Felgueiras, que era orientado pelos padres Lazaristas.<sup>5</sup> Aqui os irmãos seguiram caminhos diferentes. António frequentou o curso do liceu e Américo o curso complementar primário, além do estudo das línguas portuguesa, francesa, inglesa e alemã.<sup>6</sup> Em agosto de 1902 terminou os estudos.

---

<sup>4</sup> MARTINS, 2005: 22

<sup>5</sup> MARTINS, 2005: 25

A data de matrícula (outubro de 1899) de Américo no colégio de Santa Quitéria, em Felgueiras, indicada por este autor, foi obtida em ELIAS, 1958, a exemplo do que ocorreu com a “totalidade dos estudos biográficos sobre o P.e Américo.”

Há, no entanto, outras fontes, também citadas, que referem o ano de 1898. Em minha opinião, o ingresso no colégio de Felgueiras terá ocorrido de facto em 1898, tendo em conta que:

- A matrícula no Colégio do Carmo ocorreu em 1897;
- O 2º grau do ensino elementar comportava apenas uma classe, a “4ª”;
- António fez o exame do 2º grau em 1898 (MARTINS, 2005: 24, nota 38);
- Não há qualquer informação que aponte no sentido de Américo ter tido algum motivo que o impedisse de concluir aquele grau de ensino, no ano em que o frequentou;
- Américo, em carta enviada ao irmão José, em 13 de janeiro de 1901, disse-lhe: “Eu estudo português francês e inglês e o António o 3.º ano do Curso dos Liceus”. Ora, se no ano letivo de 1900/1901, António frequentava o 3º ano, e se os dois irmãos se matricularam no colégio de Santa Quitéria em Felgueiras no mesmo ano, isso significa que a matrícula no 1º ano ocorreu em 1898.

<sup>6</sup> Diversos autores, referem que Américo fez estudos comerciais, enquanto António seguiu a via das “letras”. Entre eles MARTINS, 2005, referiu:

*[...] o Américo e o seu irmão António matriculam-se, como alunos internos, na instrução secundária, no Colégio de santa Quitéria, em Felgueiras. (p. 25)*

Ora, os estudos comerciais só poderiam ter sido efetuados no âmbito do ensino primário complementar e não no ensino secundário, face à estrutura curricular de cada um daqueles ramos de ensino, que estavam assim organizados:

**1. Ensino complementar:**

- Tinha 2 anos letivos e as seguintes disciplinas:
- Língua Portuguesa,

Relativamente a este período da vida de Américo, crucial para a sua evolução pessoal e de seguida profissional, a maioria dos autores refere-se ao facto de ele ter sido encaminhado para uma via contrária à que pretendia, pois teria manifestado, nomeadamente à mãe, o desejo de ingressar no seminário. Teria sido o pai quem se teria oposto a tal desejo.

Este entendimento encontrámo-lo, nomeadamente em ELIAS:

*[...] O Américo manifestou-se bom estudante, melhor do que o António [no decurso do ensino secundário]. Pensou-se em dar-lhe uma carreira eclesiástica e ele mostrou firmes desejos de a seguir. Pedia à Mãe para ser padre e esta escutava-o com vivo entusiasmo. Mas o pai não concordava: 'O quê?! Não tem feitio para padre. Cantar, dançar, viola, pândega Comércio, comércio. Não tem vocação para padre'. [...]*<sup>7</sup>

*[...] Desde pequeno, muito pequeno mesmo, que ele confiava à sua mãe o desejo de ser padre. O pai contrariou-o sempre, pois supunha que não passava dum simples sonho de criança.*<sup>8</sup>

BARBOSA corrobora:

*De facto, o pai, na sua simplicidade, julgando tratar-se de um sonho de criança e dadas as particularidades do seu temperamento jovial e expansivo, que*

---

- Aritmética e Geometria elementares e suas aplicações; Noções de Contabilidade e Escrituração [diário; razão; caixa; inventário e balanço; faturas; etc.]  
- Moral; Direitos e Deveres dos Cidadãos; Noções de Economia;  
- Noções de Física, de Química e de História Natural, aplicáveis à agricultura, indústria e higiene; Cronologia, Geografia, História Pátria e História Sagrada;  
- Desenho Linear e de Ornato, Caligrafia;  
- Ginástica e Música;  
- Lavoros, para o sexo feminino. (diploma de 18 de junho de 1896, Ministério da Educação, Secretaria Geral, 1992 – *Reformas do Ensino em Portugal, 1890-1899, Tomo I – Vol. III*, p. 259-297).

2. O Ensino Secundário era constituído pelo curso geral, de 5 anos/classes e complementar, de 2 anos.

No seu currículo não havia qualquer disciplina de âmbito comercial. (diploma de 28.05.1896 e o seu regulamento geral de 14.08.1895, (Ministério da Educação, Secretaria Geral, 1992 - *Reformas do Ensino em Portugal, 1890-1899, Tomo I - Vol. III*, p. 208-229 e 255-258.)

3. Quanto ao Ensino Comercial, era ministrado nas "Escolas elementares do Comércio", e existia apenas no Porto e em Lisboa. Tinha 3 anos letivos e funcionava em regime noturno. (Decreto de 14.12.1897, Ministério da Educação, Secretaria Geral, 1992 – *Reformas do Ensino em Portugal, 1890-1899, Tomo I - Vol. III*, p. 352.)

<sup>7</sup> ELIAS, 1958: 24

<sup>8</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 29 set.1956, nº 328, p. 1 e 3.

*reputava inadequadas para a vida que deveria abraçar, contrariou insistentemente tal desejo.*<sup>9</sup>

MARTINS, por sua vez, refere o pai de Américo como tendo dito (citando aqui ELIAS, 1958: 25-27):

*[...] Pode la ser padre? [...] Olha Teresinha, conheço todos os nossos filhos por dentro e por fora. O Américo é o único que não conheço. Ou há de ser uma coisa muito grande ou então há de nos dar muitos desgostos.*<sup>10</sup>

Embora o pai entendesse que Américo não devia ir para o seminário por razões vocacionais, esta não foi a única razão nem a mais relevante que esteve por detrás da decisão.

Assim, na correspondência familiar encontramos diversas cartas trocadas entre os pais e os filhos padre José, missionário em Cochim, e Jaime, a trabalhar em Moçambique desde 1898. Na minha opinião, ali se encontra um conjunto de testemunhos que indiciam causas mais complexas para a decisão.<sup>11</sup>

Para se entender melhor o que se passou, apresentam-se, por ordem cronológica, excertos da correspondência entre os vários membros da família:

**02.09.1897** – Carta de Ramiro Aguiar, para o filho, padre José Monteiro Aguiar:

*[...] O António e o Américo foram este ano para o colégio de Penafiel, como internos [...]. Do António, se eu puder pecuniariamente, quero fazer alguma coisa pelas letras, ou a música mesmo, porque parece que ele revela habilidade; o Américo vai para o comércio, mas se não for de todo refratário às letras desejo habilitá-lo com o curso comercial. Vamos a ver o que sairá.*<sup>12</sup>

**05.05.1898** – Carta de Ramiro Aguiar, para José:

*[...] O António não tem desmerecido do conceito que eu dele fazia: os professores estimam-no, amam-no até, e ele, por sua parte, dedica-se com tal*

---

<sup>9</sup> BARBOSA, 1988: 34

<sup>10</sup> MARTINS, 2005: 29

<sup>11</sup> A correspondência familiar foi publicada pelo jornal *O Gaiato*, sob a rubrica “Facetas de uma vida”, a partir de 18 de agosto de 1956.

<sup>12</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 09 jun. 1962, nº 476, p. 1 e 3.

*ardor ao estudo que nem um minuto perde em brinquedos. O Américo não é destituído, mas... a folgareta tem tais encantos! Tu bem sabes.*<sup>13</sup>

**07.03.1899** – Carta dos pais, para José:

*Anio [António] e Américo estudam regularmente. O Américo, se continuar assim, há de aprender o inglês, francês e alemão e depois... rua!*<sup>14</sup>

**Mai./Jun. 1899** – Carta dos pais, para José:

*António e Américo vão razoavelmente nos estudos.*<sup>15</sup>

**07.01.1901** – Carta dos pais, para José:

*[...] Américo e António continuam no colégio, o primeiro com o francês, inglês e alemão e o outro no curso do liceu. O António no exame de 2.º ano que fez em agosto, obteve nas nove disciplinas, cinco valores (que é o máximo de valores) em sete delas, e 4 suficientes e 1 medíocre nas duas restantes. E o Américo, que não fez exame de português e francês porque, por evitar despesa, eu não deixei, ainda traz melhores notas d'estudo do colégio, que mesmo o António. Daqui a 2 anos, se Deus quiser, irá ele ver terras africanas.*<sup>16</sup>

**13.01.1901** – Carta de Américo para o irmão José:

*Meu caro irmão:*

*Apesar de te não conhecer, também sou um dos que te felicito da tua nova missa. [...] Eu estou no Colégio de Santa Quitéria. Eu estudo português francês e inglês e o António o 3.º ano do curso dos Liceus. Eu já podia saber alguma coisa de alemão, mas o Pai não quis que eu estudasse e por isso estudo agora matérias de que já podia estar livre. [...]*<sup>17</sup>

**01.06.1902** – Carta da mãe, Teresa Rodrigues, para José:

*(...) O Jaime escreveu dizendo que quer mandar algum dinheiro para a educação dos rapazes com isto parece que não quer que o Américo vá para o*

---

<sup>13</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 09 jun. 1962, nº 476, p. 1 e 3.

<sup>14</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 20 jul. 1963, nº 505, p. 2.

<sup>15</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 20 jul. 1963, nº 505, p. 2.

<sup>16</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 20 jul. 1963, nº 505, p. 2.

<sup>17</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 09 jun. 1962, nº 476, p. 1 e 3.

*Comercio pois é mesmo o que eu e tu desejamos parece-me munto seguro tu escrever-lhe e falar-lhe a tal respeito dizendo que ajudas e o rapaz que deve ser bom estudante peço-te que me dês andamento a este embaraço em que eu me vejo com este rapas ele tem muita vontade de ser padre vamos a ver se agora o podemos apanhar.<sup>18</sup>*

**02.06.1902 – Carta de José, para o pai:**

*De novo lhe falo no Américo. Se o pai vê que é mais útil e honrosa para a nossa família dar-lhe uma carreira literária, mande-o para qualquer Colégio que eu pagarei.*

*[...] Não me parecia mal ter um médico ou advogado na família. Se lhe quer dar um curso regular de comércio, eu ajudo, e pode mandá-lo para o Colégio.*

*Enfim, o pai sabe o que mais nos convém. [...] Em conversas que tive consigo, sobre ele, Américo, não cheguei a adivinhar, e ainda hoje duvido do ânimo com que me falava. Parecia-me ou que o pai via muito, escolhendo a carreira comercial, ou que temia ofender a bolsa dos irmãos para lhe dar mais alta colocação. Se falava, movido por esta ultima suposição que faço, dispa tal temor, que ele há de chegar. Pergunte-lhe a sério o que quer seguir e deixe-o.<sup>19</sup>*

**20.06.1902 – Carta de Jaime, a partir de Chinde, para o irmão José:**

*[...] Estou pasmado da teimosia do Pai em não querer que o Américo se eduque convenientemente.*

*[...] Aprendi inglês e escrituração comercial. Hoje já sou guarda-livros da Companhia da Zambézia e os meus serviços são apreciados e bem remunerados. Esta vida não é de lucros tão imediatos, mas é mais racional. É por causa de isto que eu quero o Américo com um curso no estrangeiro. Quando saísse para a prática já não lhe custava tanto subir. Eu tive que estudar na África, e se não perdi o tempo, pelo menos podia tê-lo aproveitado.<sup>20</sup>*

**01.08.1902 – Carta da mãe para José:**

---

<sup>18</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 23 jun. 1962, nº 477, p. 3.

<sup>19</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 21 jul. 1962, nº 479, p. 4.

<sup>20</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 23 jun. 1962, nº 477, p. 3.

*[...] Agora o que me aflige é a educação do Américo que tantas vezes falamos. Diz teu Pai que já é velho para entrar no colégio. Eu digo:— « os irmãos pagam e querem. Que tens tu com isso?» - Querendo ir para Cernache vai; para outra banda não tem jeito por ter 13 anos. Eu não queria que o rapaz fosse para o Brasil. [...] Estou munto apaixonada por tudo isto. Diz o Américo: – Ora meu Pai não sei qual a razão porque embirra comigo. Eu quando estudei também fiz exame. Não sei porque me abandona. Foi ele que me tirou de la sem razão. Estudei quanto pude.*<sup>21</sup>

#### **06.08.1902 – Carta do pai para José:**

*Vou responder às tuas de 2 e 20 de junho (...) <sup>22</sup> Eis o que penso acerca do Américo: Não o acho com feitio para padre; outra carreira pelas letras é tarde para a seguir, pois só aos 28 anos de idade a teria concluído, não perdendo ano algum, o que não é de esperar. [...] Ora o rapaz tem energias e faculdades de trabalho, isto é, aptidões variadas, e no comércio, se tiver juízo, aos 28 anos de idade pode ter, quando menos, meia subsistência ganha honradamente e sem sacrifício da bolsa dos irmãos. Bem basta sacrifício pelo António, que se não for pelo caminho das letras todos os outros lhe são desconhecidos e para ele intransitáveis. Mas não quero contrariar a tua vontade, só exponho a minha opinião, e se queres que ele estude, estuda; assim como entendo que se quer ser padre entre no colégio de Cernache, o que eu entendo poder conseguir pelos meus amigos.*<sup>23</sup>

#### **12.11.1902 – Carta da mãe, para José:**

*Dia de todos os santos fui ao Porto visitar o Américo. Lá o encontrei muito magro e falta de cor. Os patrões muito agradáveis não dão queixa de nada. Que come muito bem e que todos são muito amigos dele. Mas quando vê passar os rapazes para a aula que sente uma saudade de não estudar. Mas agora esquecemo-nos disso vamos a ver se ele melhora. [...] mas eu tenho muito desgosto de o ver num modo de vida que ele não gosta. (...)*<sup>24</sup>

#### **28.06.1903 – Carta da mãe, para José:**

---

<sup>21</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 07 jul. 1962, nº 478, p. 2.

<sup>22</sup> A carta de 20 de junho de 1902, não foi publicada no jornal "*O Gaiato*"

<sup>23</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 07 jul. 1962, nº 478, p. 2.

<sup>24</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 21 jul. 1962, nº 479, p. 4.

*[...] Com o teu auxílio podiam andar ambos e dar um modo de vida de letras ao Américo da maneira que ele é fino e aprende. Tenho tido um desgosto que tu não imaginas. Tinha-me dito que queria ser Padre. Já o vi uma só vez e disse-me que se não fosse o Jaime não aceitava aquela posição e como conheceu a vontade do Pai disse-lhe que sim, mas está constrangido. [...] Parece-me que o rapaz devia continuar nos estudos. Tu depois hás de te arrepender. Ficavas com um irmão Padre à tua ordem, mas enfim fazei como entenderdes.*<sup>25</sup>

Estas cartas, escritas ao longo de cerca de cinco anos (admitindo ainda que possam ter existido mais algumas sobre este assunto), permitem concluir que são três e não uma apenas, as razões que levaram a que Américo não fosse para o seminário.

Nas duas cartas iniciais do pai ao filho José, a primeira escrita no mês em que Américo e António foram matriculados no 2º grau do Ensino Primário, no Colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Penafiel, e a segunda sete meses depois, o pai, certamente observando o comportamento dos filhos no seio do ambiente familiar, o aproveitamento escolar e as relações com os que os rodeavam, concluiu que António era um aluno aplicado nos estudos, deixando que as brincadeiras aparecessem depois das obrigações escolares, e os professores reconheciam-lhe capacidades para a vida académica. Isto era tanto mais relevante quanto António, quando chegou a este nível de ensino, revelou dificuldades, possivelmente pelo facto de ter estado afastado dos estudos durante algum tempo.<sup>26</sup> Quanto a Américo, não tinha tanto interesse pelo estudo e era mais dado às brincadeiras, pelo que o pai desde logo pensou que para ele o melhor seria encaminhá-lo por uma carreira na atividade comercial. No entanto, deixou em aberto a possibilidade de ele prosseguir estudos de âmbito comercial se, entretanto, o seu aproveitamento escolar fosse positivo.

Esta ideia foi reforçada em 07 de março de 1899, quando afirmou que se continuasse a ter bom aproveitamento aprenderia Inglês, Francês, e Alemão, seguindo-se a vida profissional. Nessa altura, Américo tinha 11 anos de idade.

---

<sup>25</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 21 jul. 1962, nº 479, p. 4.

<sup>26</sup> Admito isto, dada a ausência de informação sobre as razões de tal ter acontecido, pois António era cerca de três anos mais velho do que Américo e matriculou-se no 2º Grau do Ensino Primário em Penafiel, juntamente com o irmão.

A vocação para padre foi referida pelos irmãos Joaquim e José (sendo que este, que não vivia em Portugal, não conhecia pessoalmente Américo) e diversos autores, como uma manifestação precoce, expressa na piedade e interesse com que aprendeu a catequese, no tipo de brincadeiras prediletas e na manifestação dessa vontade, essencialmente junto da mãe.

Em diversas cartas, a mãe manifestou uma grande preocupação e apreensão quanto ao futuro de Américo dado que, em seu entender, ele tinha potencialidades e vontade para prosseguir os estudos que poderiam ser no âmbito liceal, ou então no seminário.

Para o pai, pelo contrário, aquelas manifestações religiosas não foram suficientemente fortes para ver nelas uma vocação clara e incontornável.

Não obstante isso, e face às opiniões da esposa, assim como às dos filhos, nomeadamente a de José, que assumia no seio da família, e em particular no que se referia à vida de Américo, um papel importante, Ramiro Aguiar admitiu, em 06 de agosto de 1902, que Américo pudesse enveredar por uma vida de padre, aceitando apenas o seu ingresso no Colégio das Missões, em Cernache do Bonjardim. Neste caso estava, mais uma vez, a pensar nas despesas que, nestas circunstâncias, não teria.

Mas esta possibilidade foi contrariada pela mãe, que não queria ver o seu filho fora do país, após a sua formação. Deste modo, embora o pai tivesse colocado barreiras ao ingresso de Américo no seminário, durante algum tempo, dado que não lhe reconhecia “feitio para padre”, acabou no entanto por aceitar que ele enveredasse pela via religiosa, desde que para isso não tivesse encargos financeiros.

Uma outra razão que levou Ramiro Aguiar a pretender que Américo não fizesse o percurso liceal, ou ingressasse no seminário, teve a ver com as despesas que essa decisão acarretaria à família, pois esta apenas poderia comportar os estudos de um filho.

Por isso, optou pela solução que lhe pareceu mais adequada. António, provavelmente mais débil fisicamente, mas mais maduro e mais empenhado nos



*Eis o Américo — menino e moço.*

**Fig.2** - Américo Monteiro de Aguiar

Fonte: Jornal “O Gaiato”,  
23.06.1962, nº477



estudos, e sem grandes habilidades manifestadas para além deles, só por esta via poderia futuramente ter uma atividade profissional que lhe permitisse viver com a dignidade, o desafogo e até prestígio que o pai entendia conveniente. Por sua vez, Américo, porque mais forte fisicamente, mas também mais voltado para as atividades lúdicas e menos empenhado nos estudos, teria condições para, no futuro, encontrar uma solução profissional digna e suficientemente remunerada para viver em boas condições.

Isto é visível na correspondência familiar, após janeiro de 1901, nomeadamente nas cartas de:

- 07.01.1901, quando os pais afirmaram que Américo não tinha feito os exames de Português e Francês a fim de evitar despesas, muito embora tivesse obtido melhores notas do que o António;<sup>27</sup>
- 13.01.1901, em que Américo informou o irmão José de que, se o pai tivesse querido, ele já poderia ter estudado Alemão;
- 01.06.1902, quando a mãe referiu que José e Jaime estavam disponíveis para ajudar a custear as despesas com os estudos dos irmãos;
- 02.06.1902, em que José se disponibilizava para custear as despesas dos estudos de Américo, em qualquer colégio, se o pai entendesse como útil e honroso para a família o encaminhamento de Américo por uma via literária;
- 20.06.1902, quando Jaime, partindo da sua experiência profissional, manifestou a José o seu espanto pela obstinação do pai em não permitir a Américo uma educação mais adequada ao que ele pensava serem as necessidades impostas pela vida profissional;
- 06.08.1902, em que o pai opinou junto de José, de que Américo tinha várias aptidões para o trabalho, podendo a atividade comercial ser uma boa solução para obter uma remuneração adequada, evitando sacrifícios para os irmãos.

---

<sup>27</sup> A fonte utilizada refere que esta carta foi escrita pelos pais ao filho José, assim como outras acima referidas. Não obstante e tendo em conta as opiniões aí emitidas relativamente a Américo, admito que sejam mais a expressão de vontade do pai, do que de ambos os cônjuges, dadas as opiniões da mãe expressas em cartas posteriores, em 1902 e 1903.

Assim, é claro que o pai procurou gerir o percurso académico dos filhos, contando apenas com os rendimentos familiares e tendo em consideração as características pessoais de cada um deles. Por esta via, pretendeu manter o equilíbrio familiar em termos materiais e de justiça relativa para com todos os filhos.

Portanto, poder-se-á concluir que mais do que a capacidade para os estudos ou a ausência de vocação para a vida religiosa, foi principalmente a limitação financeira familiar que levou o Américo a encaminhar-se pela vida profissional após os estudos de âmbito comercial.

## 2. Vida ativa

### 2.1 Na cidade do Porto (outubro 1902 – novembro 1906)

Em outubro de 1902, Américo foi para a cidade do Porto, sendo colocado numa casa comercial de venda de ferragens, na Rua Mouzinho da Silveira, nº 110-112, como marçano, pertencente a um amigo de seu pai, em casa de quem se hospedou e que o protegeu e alimentou.<sup>28</sup>

Esta solução não foi totalmente desagradável a Américo porquanto informou:

*Estou muito bem, os patrões são meus amigos. Passo muito bem. Não estou arrependido pela escolha que fiz e mesmo quando o pai me falou, já tinha a casa arranjada e pronto.*<sup>29</sup>



**Fig.3** – Local onde trabalhou Américo  
Rua Mouzinho da Silveira, nº112  
Fonte: Coleção Particular

A controvérsia e preocupação familiar não acabaram com a sua deslocação para o Porto e o ingresso na atividade profissional. Isto porque a mãe e os irmãos Jaime e José continuaram a procurar uma solução que se adequasse melhor ao que eles acreditavam ser as capacidades de Américo e lhe propiciasse rendimentos adequados e até reconhecimento pessoal e social. Por esta razão, a família continuou a dialogar no

---

<sup>28</sup> MARTINS, 2005: 29-30

<sup>29</sup> ELIAS, 1958: 24

sentido de serem dadas a Américo as condições necessárias para atingir esses objetivos.<sup>30</sup>

Foi neste contexto que desde cedo alguns familiares começaram a alimentar a ideia da ida de Américo para África. O primeiro foi o pai, que a expressou de forma muito clara em 09 de janeiro de 1901. Admito que essa vontade pairasse já no espírito de Ramiro Aguiar em 1899, dado o teor da sua carta dirigida a José, em 07 de março.

Ainda antes de Américo ir para o Porto, também Jaime, em 20 de junho de 1902, dizia a José que, face às dificuldades que havia sentido em Moçambique para conseguir um bom emprego, tivera necessidade de aí conseguir conhecimentos técnicos a fim de evoluir profissionalmente, razão pela qual entendia que Américo deveria obter formação que o habilitasse profissionalmente.

Jaime, aquando da vinda à metrópole em gozo de férias, em dezembro de 1903, certamente que falou com o irmão, mostrando-lhe as vantagens de ir para o continente africano, onde poderia alcançar melhores condições de vida do que aquelas que, provavelmente, poderia esperar por cá. De igual modo terá falado com os pais sobre este assunto.

Foi neste quadro que Jaime enviou uma carta a José, no dia 4 daquele mês, na qual o informou que Américo entraria no ano seguinte no Instituto Industrial e Comercial, a fim de fazer o curso superior de comércio, ficando habilitado a ir para África ou até para outra parte do mundo e com esses conhecimentos poder vir a ser um grande homem. Informou ainda que continuava disponível para ajudar a custear as despesas decorrentes dos estudos dos dois irmãos mais novos.<sup>31</sup>

Neste período, em que a ida de Américo para África parecia ser consensual no interior da família, Jaime era a pessoa que, pelo facto de estar em Moçambique, tinha uma boa percepção das condições necessárias para aí ter êxito profissional. Por esta razão, em 04 de junho de 1904, enviou nova carta a José manifestando a opinião de que o irmão mais novo deveria fazer a carreira profissional fora da Metrópole, saindo logo que aperfeiçoasse os conhecimentos da Língua Inglesa e Contabilidade Comercial.

---

<sup>30</sup> Relativamente à atividade profissional exercida no Porto, não existe muita informação disponível, nem conheço outras fontes que possam trazer alguma luz sobre ela.

<sup>31</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 04 ago. 1962, n.º 480, p. 1.

Referia ainda que, embora Américo quisesse ir para África, não deixava de questionar o irmão mais velho se não seria melhor o seu encaminhamento para a Índia.<sup>32</sup>

Neste entretanto, Américo continuou a trabalhar na casa de ferragens, no Porto, ‘vendendo ferros’, como costumava dizer sua mãe. Essa atividade de marçano certamente comportava, para além do eventual atendimento de clientes ao balcão, o transporte de produtos fora de portas. A esse quotidiano se referiu o padrinho de José, em carta que lhe dirigiu em 05 de setembro de 1904:

*Noutro dia tive pena do Américo. Lá o vi dentro do balcão... Mas que remédio há senão sujeitar-se: o pano não dá para grandes mangas.*<sup>33</sup>

Em 15 de maio de 1905, Jaime voltou a escrever a José. Depois de lhe dizer que não tinha recebido resposta à sua carta de 04 de junho de 1904, falou-lhe dos irmãos António e Américo, dizendo que este havia entrado no Instituto Industrial e Comercial a fim de frequentar o curso comercial, após o que iria trabalhar para fora da metrópole.<sup>34</sup>

Nesse mesmo ano, em julho, Jaime voltou a colocar a questão que anteriormente tinha posto sobre Américo, pedindo novamente a José para se pronunciar sobre a ida daquele para Moçambique ou mesmo para a Índia Inglesa, onde o irmão padre se encontrava.<sup>35</sup>

Desta sequência epistolográfica resulta claro que a atividade profissional de Américo no Porto era encarada como uma etapa que serviria para a aquisição de experiência comercial, sendo que o objetivo principal era a ida para fora do país, particularmente para Moçambique. De igual modo, a estada no Porto era vista como uma oportunidade para Américo frequentar o Instituto Industrial e Comercial, a fim de aí obter formação comercial que o habilitasse a uma profissão compensadora.

Desta feita, ele matriculou-se naquele estabelecimento de ensino, não no ano letivo de 1904/1905, conforme Jaime havia referido na carta de 15 de maio de 1905, mas antes no de 1905/1906. A matrícula ocorreu em 12 de outubro de 1905 na

---

<sup>32</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 04 ago. 1962, nº 480, p. 1.

<sup>33</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 01 set. 1962, nº 482, p. 4.

<sup>34</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 01 set. 1962, nº 482, p. 4.

<sup>35</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 01 set. 1962, nº 482, p. 4.

qualidade de aluno “livre” nas disciplinas de Escrituração e Contabilidade Comercial Geral; Lei do Selo (1ª parte); Língua Inglesa (1ª parte); Língua Alemã (1ª parte).<sup>36</sup>

Embora matriculado e com a intenção de frequência, Américo ficou doente com reumatismo, de acordo com cartas de Teresa Ferreira Rodrigues e Ramiro de Aguiar ao filho José, respetivamente em 15 de dezembro de 1905 e janeiro de 1906.<sup>37</sup>

Por esta razão, foi para casa a fim de recuperar daquela enfermidade, enquanto aguardava tratamento nas termas. Não foi possível saber quanto tempo esteve Américo em casa, nem se frequentou algumas aulas no Instituto Industrial e Comercial do Porto, sendo certo que não prestou provas de avaliação das disciplinas em que se inscreveu.<sup>38</sup>

Em 19 de novembro de 1906, Américo embarcou para Moçambique, poucos dias depois de completar 19 anos de idade.

Durante o período em que esteve no Porto, além da sua vida profissional, terá tido alguma vivência religiosa, mediante a participação em atos litúrgicos, nomeadamente na Igreja dos Grilos, onde se relacionou com o cónego dr. Manuel Luís Coelho da Silva, que veio a ter um papel importante na sua vida, quando bispo de

---

<sup>36</sup> A condição de aluno “livre” estava prevista na legislação que regulamentava o ensino nos Institutos Industriais e Comerciais, de 08/10/1891, na parte correspondente à “Organização do Ensino Industrial e Comercial – Título I, cap. III, artº 33º, com o seguinte teor: “Poderão ser admitidos alunos livres nos institutos, quer às aulas, quer aos trabalhos práticos, contanto que a sua presença não prejudique o andamento do ensino”.

No registo da matrícula, estão indicadas as disciplinas em que Américo se inscreveu, nos seguintes termos: “3ª (1ª. pte.), 8 a) e 9 a) da sec.com. al, como aluno livre, para seguir o curso superior de comércio.”

De acordo com a legislação atrás referida, as disciplinas referentes àquelas alíneas eram “Escrituração e Contabilidade Comercial Geral, Lei do Selo”; Língua Inglesa (1ª parte)”; Língua Alemã (1ª parte) ”.

No registo de matrícula, Américo foi referido como tendo o nome Américo Rodrigues Monteiro d’Aguiar. Como sabemos, Américo sempre se identificou sem incluir o apelido da mãe. Também se verifica que em outros documentos oficiais (v.g. registo de óbito), o apelido Rodrigues não consta como fazendo parte do seu nome.

Admito que se trate de um lapso do funcionário que fez o registo da matrícula, sendo Américo desconhecedor de tal, uma vez que não assinou o mesmo registo, na parte destinada ao aluno.

(Este documento de matrícula faz parte do livro de registos respetivos e está na posse do ISEP-Instituto Superior de Engenharia do Porto – Serviços de Documentação e Cultura).

<sup>37</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 20 jul. 1963, nº 505, p. 2.

<sup>38</sup> Não encontrei no livro de registo da frequência dos alunos, onde se anotavam as disciplinas frequentadas e as faltas mensais, assim como outras observações, qualquer indicação das faltas que Américo pudesse ter tido.

Não obstante isso, admite-se também que, sendo ele aluno “livre”, não fosse objeto de qualquer registo deste tipo.

Também no livro de registos dos exames efetuados, não há qualquer referência a provas prestadas e respetivos resultados.

Coimbra e a partir do momento em que Américo ingressou no seminário daquela cidade.

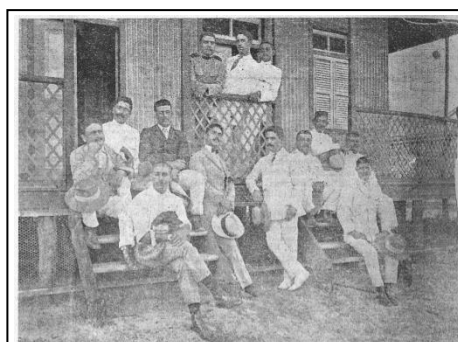
## 2.2 De Moçambique a Paço de Sousa (dezembro 1906 – outubro 1923)

### 2.2.1 A experiência moçambicana (dezembro 1906 – janeiro 1923)

Um mês após a saída de Lisboa, exatamente em 19 de dezembro de 1906, Américo chegou a Chinde, localidade situada no estuário do rio Zambeze, sendo aí recebido por Jaime. Alguns dias depois, estaria já a trabalhar na empresa Batista & Irmão, habitando então a casa de um casal conhecido do irmão.<sup>39</sup>

Foi Jaime quem, por carta de 03 de fevereiro de 1907, informou o cunhado José Guilherme sobre a situação de Américo, que neste início de vida profissional teve de adquirir alguma experiência e adaptar-se a uma realidade diferente da que tinha vivido no Porto.<sup>40</sup>

Mas, rapidamente Américo conseguiu colocação numa companhia inglesa que atuava em Moçambique, “The British Central Africa & C. L<sup>a</sup>”, e que se dedicava ao negócio de diamantes.<sup>41</sup> Esta e outras empresas estrangeiras que se instalaram em Moçambique apareceram na sequência da maior abertura portuguesa nas Colónias, por força da nova realidade política e económica internacional, decorrente, entre outros acontecimentos, da Conferência de Berlim (1885/86) e do Ultimatum inglês (1890), que obrigaram Portugal a um grande esforço de ocupação territorial das colónias por via militar, assim como ao desenvolvimento económico desses espaços. Portanto, foi neste amplo contexto que se verificou uma maior dinamização da economia local, que beneficiou



**Fig.4** – “No Chinde, à porta da «república». O Américo é o do cabelo rapado.  
Fonte: Jornal “O Gaiato”, 27-10-1962, nº486

<sup>39</sup> AGUIAR, Maria Monteiro – “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, 11 mai. 1957, nº 344, p.1 e 3.

<sup>40</sup> Em carta dirigida ao cunhado José Guilherme, Jaime disse: “O Américo cá está. Tem bastante mimo, mas isso há de passar. Ainda não ganha dinheiro porque o não merece. Está fazendo prática destes serviços. Vamos ver o que ele dá.” (“Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, 29 set. 1962, nº 484, p. 3.)

<sup>41</sup> Em carta dirigida ao filho José, em 01 de junho de 1907 a mãe, Teresa Rodrigues, disse: ‘O Jaime mandou-me dizer que tem o Américo muito bem empregado numa Companhia inglesa onde pode ser um homem’. (“Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, 27 out. 1962, nº 486, p. 4.);

muito da proximidade da África do Sul, território colonizado pela Inglaterra, a qual era por essa altura a maior potência mundial em termos económicos, militares e territoriais.

A vida profissional de Américo evoluiu positivamente ao longo dos 16 anos de permanência em Moçambique por força das suas qualidades de trabalho, sendo claro que a sua progressão foi sendo notada pelos familiares e amigos, traduzindo-se naturalmente em proveitos materiais e prestígio pessoal.

Não obstante isso, podemos encontrar aí um momento e um conjunto de acontecimentos subsequentes que se terão constituído como uma viragem e que serão determinantes para a grande mudança de vida que ele sofrerá em 1923, depois de ter abandonado Moçambique e decidido seguir a vida religiosa.

O referido momento correspondeu à sua saída de Chinde, nos inícios de 1921, quando tinha trinta e três anos. Os acontecimentos que ocorreram nesse ano e no seguinte, tiveram a seguinte evolução:

**12.02.1921** – Nesta data, Américo recebeu uma carta de José, que já estava em Portugal desde 24.05.1909, a informá-lo da trasladação dos restos mortais do irmão António, da Guarda, onde tinha falecido em 18 de janeiro de 1916, num sanatório local, para Paço de Sousa. Em 07 de maio de 1921, Américo respondeu:

*Recebi e li com verdadeira comoção a narrativa da exumação da ossada do nosso irmão António.*<sup>42</sup>

**Fev. 1921 (?)** – Saiu de Chinde e foi para Lourenço Marques. Esta saída, que não foi suficientemente explicada pelo próprio, nem pelos autores que se têm dedicado ao estudo da sua vida, terá sido muito desagradável para ele. Parece-nos que, de entre as razões que estiveram na origem dessa saída, haverá algumas ditadas por questões de ordem cultural, étnica, e política. Isto, porque em carta de 22 de fevereiro



**Fig.5** – Fotografia de matrimónio de Simão Correia Neves  
Fonte: Manuela Vasconcelos Nascimento

<sup>42</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 02 fev. 1963, nº 493, p. 3.

de 1921, dirigida ao seu amigo e confidente, Simão Correia Neves,<sup>43</sup> quando este já estava radicado na Ilha da Madeira, noticiava:

*Eu estou aqui, como sabe, pelos modos, e não preciso dizer-lhe a razão porque saí do Chinde porque você já a adivinhou. Perdi muito, uma fortuna mesmo, mas saí porque assim quis e saí a tempo, ressalvando o meu brio de Português que muitos queriam apoucar. E como sou solteiro, e não tenho família que de mim dependa, posso bem sofrer as consequências do 'golpe de estado', por muito ásperas que elas sejam.*

.....  
*Eu converso assim consigo porque sei a quem digo as coisas e por isso deixe-me dizer-lhe o que sinto de tudo isto, e Deus queira que eu seja pessimista. Digo 'Deus queira' não só para ter um futuro seguro, que isso, para o caso, seria o menos, mas muito principalmente para ver nesta nossa África uma Casa Portuguesa de nome e prestígio, coisa alheia no nosso meio [...] Não estou assente e nem mesmo sei o que hei de fazer se isto não vinga. O meu capital é £360. Dois contos e mais 10 contos em Lisboa. [...]*<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> Simão Correia Neves nasceu em 12 de março de 1888, na freguesia de Rosmaninhal, concelho de Idanha a Nova.

Terá emigrado para Moçambique após o dia 30 de junho de 1906, data em que requereu o passaporte (ADCTB-Arquivo distrital de Castelo Branco, Reg. n.º 43, f. 20v., liv. 3, mç. 277. <http://adctb.dgarq.gov.pt/contactos>, em 17.05.2013).

Iniciou amizade com Américo em 1915, em Lourenço Marques-Moçambique.

Casou com Judite Alves, em Lourenço Marques, no dia 26.10.1918 e regressou à metrópole, entre esta data e o ano seguinte.

Em 08.12.1919, nasceu o seu primeiro filho, Alberto Alves Correia Neves, que foi registado em 07.02.1920. Teve como padrinho Américo Monteiro Aguiar (Conservatória do Registo civil de Lisboa, registo de nascimento, livro nº 70).

Desconhecem-se as razões que levaram o casal a regressar à Metrópole. Admito que tenham sido relacionadas com a saúde de Simão, dado que ao longo da vida revelou algumas fragilidades digestivas, de acordo com a informação da família. Não se conhecem as causas nem a data em que mudaram para a ilha da Madeira. No início de 1923, começou a atividade de gerente bancário numa casa bancária do “grupo económico” Blandy Brothers.

Faleceu em S. Pedro-Funchal, em 22 de maio de 1965. (ADCTB-Arquivo Distrital de Castelo Branco, livro de batismos de 1888, de Rosmaninhal, Idanha a Nova).

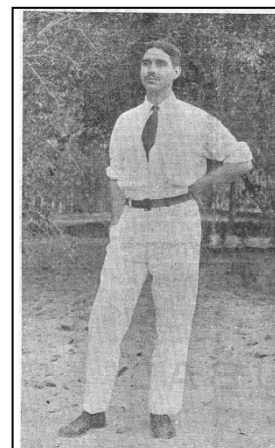
<sup>44</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 24 jun. 1961, nº 451, p. 1 e 3.



Entretanto, empregou-se na Companhia Portuguesa do Ultramar, em Lourenço Marques, prestando serviço na agência DOAL, tendo a responsabilidade do despacho dos barcos a vapor.<sup>45</sup>

**05.08.1921** – Morte do pai.

**Jul. / Ago. 1922** – Regressou a Moçambique, após um período de férias na Metrópole. Não se dispõe de informação sobre a data da sua chegada a Paço de Sousa, nem daquela em que regressou a Moçambique, embora, como vimos atrás, em 22 de agosto ele tivesse escrito a Simão Neves. Terá permanecido alguns meses na Metrópole, como era habitual, sempre que vinha passar férias.



**Fig.6** – Fotografia de Américo em Moçambique  
Fonte: Jornal “O Gaiato, 25-05-1957, nº.345

Durante esse período, o irmão Joaquim notou nele uma mudança de comportamento, face ao que havia manifestado em anos anteriores, quando evidenciava a sua faceta de folgazão, bem disposto, irradiando uma grande alegria que se comunicava a todos quantos o rodeavam.

*Em 1922 voltou novamente a Portugal para junto dos seus. Mas agora já não era o mesmo Américo. Vinha tristonho, não manifestava vontade de brincar, de cantar e de folgar. Era um Américo pensativo e concentrado. Regressou a África nesse mesmo ano (1922)*<sup>46</sup>

**22.08.1922** – Nova carta para Simão Neves, mostrando grande agrado pela situação que vivia. Admito que tenha sido escrita pouco tempo após ter regressado de férias.

*[...] Eu vivo bem e estou satisfeito com a minha vida e com o meu trabalho. Gosto a valer de Lourenço Marques e por vontade própria não escolherei nova terra para trabalho. A princípio, os primeiros três meses passei horas bem*

---

<sup>45</sup> O início da sua atividade nesta empresa deverá ter ocorrido em fevereiro de 1921, de acordo com o que referiu na carta de 22 de agosto de 1922, remetida ao amigo Simão Neves: “ [...] Gosto a valer de L. Marques e por vontade própria não escolherei nova terra para trabalho. A princípio, os primeiros três meses passei horas bem azedas [...]”, (“Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, 8 jul. 1961, nº 452, p. 2) e não em maio, ( MARTINS, 2005: 45, diz que: “No dia 7 de maio de 1921 emprega-se como despachante dos barcos a vapor da Companhia Portuguesa do Ultramar – Agentes da Doal [...]”

<sup>46</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, 13 out. 1956, nº 329, p. 1-3.

*azedas e não desejaria que inimigos meus as passassem tal qual eu as passei. Contribui muito para isso a minha ocupação que foi muito diferente daquela que eu vinha tendo no Chinde há muito mais de 10 anos. [...] E para alguma coisa me serviu esperar, porque desde abril do ano passado que tenho a meu cargo um trabalho animador, um serviço que se vê e que se sente e sobretudo, um trabalho de que sinceramente gosto. Tenho a meu cargo todo o movimento de vapores da DOAL, e estou nas minhas sete quintas.*<sup>47</sup>

**26.09.1922** – Em carta dirigida novamente a Simão Neves, pouco mais de um mês depois, Américo já não estava tão otimista e de bem com a vida. Evidenciava então preocupações que, pelo menos em parte, resultariam da transformação que ele via a acontecer na sua empresa. Por isso, manifestou ao amigo que as suas cartas lhe faziam bem, pedindo-lhe que fosse mais assíduo na sua correspondência.

De seguida, revelou-lhe como estava passando:

*O meu estado de espírito é aquele que v/ muito bem conhece [...] e apresenta na sua carta, 'misanthropo e metido comigo mesmo'. Assim é, meu caro N..Não tenho gosto por nada e não me apetece ir a parte nenhuma nem conviver com quem quer que seja.*<sup>48</sup>

Mais adiante e depois de mostrar que vivia em boas condições materiais, que à partida poderiam contribuir para se sentir mais feliz, entrou na explicação da sua situação profissional, referindo que não aceitaria continuar a trabalhar na empresa, desde que a manutenção da sua remuneração implicasse o despedimento de um colega. Desta forma, revelou mais uma vez o seu caráter:

*Os negócios da Companhia Portuguesa do Ultramar passam por todo este ano para as mãos de Breyner & Wirth e a Agência da DOAL, conquanto ainda se não saiba definitivamente, passa para as mãos de gente de Hamburgo, que a abrem por conta própria como antes da Guerra. O que eu sei é que estou sem emprego daqui a dois meses.*

*Já tenho o meu plano feito. Ir-me embora e esperar junto da minha gente melhores dias. Eu podia ficar na DOAL porque o atual inspetor alemão já me disse para eu ficar, mas para isso tem que mandar um empregado embora e*

---

<sup>47</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 8 jul. 1961, n° 452, p. 2.

<sup>48</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 22 jul. 1961, n° 453, p. 2.

*admitir um caneco, isto para me poder dar o meu salário de £ 50 e isto para mim é o mesmo que dizer que me vá embora. Se ficássemos todos eu também ficava, mas ter que pôr um em terra para eu ficar no poleiro, é coisa com que não concordo. [...]*<sup>49</sup>

**11.11.1922** – Menos de dois meses depois, em nova carta a Simão Neves, ao contrário dos receios que havia manifestado antes, informou que a Companhia Portuguesa do Ultramar se havia dissolvido, passando o negócio das agências (entre as quais a DOAL) para a empresa Breyner & Wirth. Na sequência destas alterações, o diretor de uma das agências que foi incorporada naquela empresa (Orenstein & Koppel, Lda) pretendia que ele ficasse a trabalhar lá, dado que no desempenho profissional tinha demonstrado capacidade para executar tarefas de grande iniciativa, dinamismo e adaptação a novas situações.

Portanto, Américo não ficou sem emprego ao aceitar a oferta que lhe fizeram, justificando:

*[...] E eu aceitei porque gosto de aprender um ramo de vida perfeitamente estranho ao meu trabalho de sempre. Aqui, na B&W, só me ocupo da Agência O&K. Dá-me que fazer porque a Agência estende-se a toda a Província, mas é um trabalho mais suave do que o que larguei.*<sup>50</sup>

No mesmo tom de confiança e vontade de continuar em Moçambique, e face ao facto de o amigo também estar no Funchal a procurar iniciar a atividade bancária por conta própria, ofereceu-se para ser correspondente comercial da futura casa, assim como auxiliá-lo noutras atividades. Mas, mesmo assim, admitiu a possibilidade de deixar Moçambique, transferindo então para a futura casa bancária os valores em dinheiro e ouro depositados num banco daquela colónia.

Nesta mesma data de 11 de novembro, Simão Neves expediu do Funchal um telegrama, através do qual convidou Américo para trabalhar consigo. Dois dias depois este respondeu, pedindo condições. No dia 15 confirmou este pedido através de telegrama.

---

<sup>49</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 22 jul. 1961, nº 453, p. 2.

<sup>50</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 05 ago. 1961, nº 454, p. 2

Esta correspondência frequente a propósito da situação profissional de Américo intensificou-se, parecendo mesmo adquirir um ritmo e ansiedade frenéticos, essencialmente da sua parte. Curiosamente, isto ocorreu após o seu regresso de férias e quando tudo fazia prever que a definição da sua situação profissional na empresa Breyner & Wirth estava clara e era do seu inteiro agrado.<sup>51</sup>

Este comportamento de Américo impõe a procura das razões que estiveram por detrás desta grande alteração de vontade. Voltaremos a este assunto mais à frente, pois terá de ser tratado de forma mais ampla.

Continuemos por agora a acompanhar o que sucedeu naqueles meses de novembro e dezembro.

**20.11.1922** – Mesmo sem ter tido resposta ao seu pedido de condições feito em 13 de novembro (o que mostra a ansiedade em que estava a viver), Américo enviou nova carta ao amigo, falando do seu convite e antecipando as condições de trabalho que gostaria de ver cumpridas, para poder concretizar os seus interesses e necessidades.

*[...] Não me importo de viver num hotel os primeiros tempos, mas logo que se ofereça ocasião preciso ter casa própria ou viver numa casa onde tenha mais conforto do que o simples quarto do hotel, isto porque como v/ muito bem sabe, eu faço sempre vida de casa.*

*Dito isto, passo a ditar as condições que para mim vêm em primeiro lugar e que são estas:*

*1.ª) Quero ter na nova Casa trabalho de certa responsabilidade, não importando a qualidade.*

*2.ª) Quero que v/, já não digo garanta, porque isso é impossível, mas que me dê probabilidades de fazer da sua nova Casa o futuro da minha vida, sem mais preocupações de pensar em emigrar para terras d'África.*

*Entende o que eu digo, não é verdade? Não vamos discutir vencimentos. Eu bem sei que no Funchal não se podem pagar os vencimentos de Lourenço Marques e muito menos o meu. O qual, se tomarmos por base o câmbio atual, sobe a cinco contos por mês. O que eu pretendo é que v/ me pague o suficiente para poder viver bem e com conforto, ir ao Continente de vez em quando, fazer*

---

<sup>51</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 19 ago. 1961, nº 455, p. 2.

*o tratamento com as águas de Caldelas, e me garanta muito trabalho. Trabalho de vulto e de responsabilidade, que me dê para pensar para assim não podermos discuti-lo.*<sup>52</sup>

**04.12.1922** – Sem ter recebido ainda qualquer resposta, comunicou a Simão Neves que, definitivamente, havia tomado a resolução de ir trabalhar com ele, pedindo-lhe que lhe arranjasse uma pensão bem frequentada.

**08 e 11.12.1922** – Por telegrama e carta, respetivamente, Américo informou que ia viajar para a Madeira no paquete “Pedro Gomes”, devendo chegar lá na primeira semana do mês de fevereiro.<sup>53</sup>

**13.12.1922** – Como resposta, Simão expediu um telegrama, reafirmando a vontade de o ter a trabalhar consigo, pedindo-lhe para embarcar de imediato.<sup>54</sup>

**18.12.1922** – Então foi Américo que respondeu, dando conta de que, da parte da sua entidade patronal, não havia oposição à sua saída. Apenas lhe impunha a condição de aguardar que fosse substituído por um trabalhador a recrutar, pelo que chegaria ao Funchal depois da data prevista.

Quanto ao seu vencimento futuro, admitia receber o contravalor de 30 libras, o que, comparando com o que ganhava em Moçambique, correspondia a uma quebra salarial de 20 libras.<sup>55</sup>

**31.12.1922** – Américo, em mais uma carta, propôs a Simão a colocação, em Blantyre (Malawi) e Rodésia, de bordados da Madeira de que o amigo dispunha, dada a aquisição de uma casa comercial.

Perante a mudança de rumo no negócio do amigo, que inicialmente tinha pensado trabalhar por conta própria, mas entretanto se tinha associado a outrem, Américo apoiou-o nessa alteração pelo benefício daí resultante.<sup>56</sup>

---

<sup>52</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 26 dez. 1959, nº 412, p.1 e 3.

<sup>53</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 19 ago. 1961, nº 455, p. 2.

<sup>54</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 19 ago. 1961, nº 455, p. 2.

<sup>55</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 19 ago. 1961, nº 455, p. 2.

<sup>56</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 02 set. 1961, nº 456, p. 1.

**06.01.1923** – Informou Simão Neves de que afinal não viajaria no paquete “Pedro Gomes”, mas antes no “Balmoral Castle”, que sairia da cidade do Cabo, no dia 26 daquele mês de janeiro.

**08.01.1923** – Nesta data, Simão enviou um telegrama a Américo alterando o que vinha acordando, isto porque nesse momento, e conforme a sua carta de 18 de dezembro de 1922, ele estava numa “situação ótima”. Por isso,

*Conquanto contrariado aconselho fique impossibilidade garantir situação idêntica. Começo apenas vencimento viver conforto possivelmente pequenas economias. Telegrafe.*<sup>57</sup>

Independentemente desta reviravolta, que deve ter-se constituído como uma grande surpresa para Américo, este não terá telegrafado ao amigo e foi para a metrópole, chegando, provavelmente, em fevereiro de 1923, depois de ter passado pela Ilha da Madeira, onde se encontrou com Simão Neves.<sup>58</sup>

Certamente que falaram sobre a sua nova situação, acabando por não ficar naquela ilha, indo antes para o continente. Sobre o que terão acordado não dispomos de fontes mas, a partir daqui, Américo desenvolveu um conjunto de iniciativas tendentes a uma atividade económica de importação e exportação de variados produtos e com origens e destinos diversos. Para isso, desdobrou-se em projetos, viagens e contactos, procurando levar a cabo negócios em colaboração com Simão, conforme veremos a seguir.

**23.03.1923** – Na que terá sido a primeira carta para Simão, a partir de Paço de Sousa, após o seu regresso à Metrópole, Américo revelou-lhe:

*Um plano que me veio à mente, em uma viagem a Lisboa [...], e ainda que todos os outros falhem, este é um êxito [...] vender fruta do Cabo no Funchal. A época da fruta no Cabo coincide com a 'Season'. Havendo aí, como há, um grande vapor do Cabo todas as semanas, nós temos todas as razões para*

---

<sup>57</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 02 set. 1961, nº 456, p. 1.

<sup>58</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 09 jan. 1960, nº 413, p. 3.

Em carta de 23 de março de 1923, dirigida a Simão Neves, e logo no início da mesma, Américo disse: ‘Antes de mais nada tenho que agradecer à D.J. a forma como me recebeu e me tratou em sua casa.’

*sermos bem sucedidos. Temos tempo de estudar o caso, mas necessitamos preparação com antecedência. [...]*

*O nosso capital é muito pequeno [...]. Depois, precisava de ir a Londres o que me leva uma parte do nosso capital, mas é necessário ir. Desejava que o Zeferino fosse fazer uma viagem a Trás os Montes ver as probabilidades da amêndoa [...]. Desejo primeiro ver qual a média dos preços em Londres, porque o Zeferino disse-me que pode comprar grandes quantidades. Eu também vou a Liverpool.*

*Em Londres e Liverpool hei de procurar colocar a colheita das laranjas do Sindicato de Viana Rodrigues e Neves, de Lourenço Marques; é coisa grande e eles têm dificuldades em colocar a fruta por causa da África do Sul. Também hei de procurar colocar madeiras do Santos Gil pedindo amostras, estas últimas em Londres, S. Joal (?) e também no Porto. Tenho fé, se os preços forem em conta. [...].*<sup>59</sup>

**28.03.1923** – Nova carta de Américo para o mesmo destinatário dando conta de novo negócio, agora com rendas de bilros de Vila do Conde. Para isso, organizou um pequeno mostruário que levou a Londres na viagem realizada de 5 a 26 de maio de 1923.

**21.04.1923** – Nesta missiva, escrita 16 dias após um encontro pessoal que teve com Simão em Lisboa, Américo informou-o que além de Londres, deslocar-se-ia também a Liverpool, em serviço para uma empresa de um sócio de Jaime. Por essa razão, as despesas também seriam pagas por aquela entidade. Ao mesmo tempo, pedia-lhe para o ajudar a abrir uma casa de frutas no Funchal, depois do seu regresso da Inglaterra, e informava-o de que iria a Peniche na semana seguinte, em busca de rendas.<sup>60</sup>

**29.04.1923** – Américo pensava agora nos bordados da Metrópole e da Madeira, para negociar com empresas de Nova Iorque, pelo que, em mais esta carta para Simão, pedia-lhe para obter informações rigorosas sobre aquelas, a fim de não cometer qualquer erro, e poder decidir após o regresso de Inglaterra. Insistiu para que o amigo continuasse a diligenciar no sentido de conseguirem concretizar o negócio da fruta do

---

<sup>59</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 09 jan. 1960, n° 413, p. 3.

MARTINS, 2005: 61

<sup>60</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 15 set. 1961, n° 457, p. 2 e 4.

Cabo. Informou-o ainda de que tinha comprado um mostruário de rendas em Peniche, para o apresentar em Londres.<sup>61</sup>

**05 a 26.05.1923** – Viagem a Inglaterra com o duplo objetivo de apresentar em Londres o mostruário que organizara e que tinha os bordados como artigo mais relevante, ao mesmo tempo que foi procurar conhecer o mercado de frutas verdes e secas, assim como o das madeiras. O outro objetivo teve a ver com negócios de um fábrica de serração de madeiras para caixotaria, que tinha relações com Inglaterra e um dos sócios era um tal senhor Sampaio que, a par de outros, também era sócio de Jaime, num escritório de comissões e consignações no Porto.

A intervenção de Américo nesta diligência a favor daquela empresa com instalações na Trofa ocorreu por ele ter um bom domínio da língua inglesa, o que não acontecia com as pessoas a ela ligadas. Esta serração, em data próxima destes factos, foi destruída por um incêndio, levando a que Américo perdesse a oportunidade de se tornar sócio da mesma, pois essa hipótese estava a ser encarada pelas partes.<sup>62</sup>

**27.05.1923** – Neste dia, imediatamente a seguir à sua chegada a Portugal, enviou nova missiva para o amigo, dada a sua grande preocupação com a evolução dos negócios, nomeadamente o das frutas, pedindo:

*Por favor, estude aí os direitos e mais taxas de fruta importada do Cabo da Boa Esperança, tudo tin tin por tin tin, e mande dizer na próxima mala. Isto é muito urgente. E vá estudando a maneira de aí colocar fruta e diga-me os seus planos. Mas ajude-me. Eu só, não posso fazer tudo. Cheguei ontem de fora, maçado, esbodegado, e hoje já escrevi cartas sem número. Faça-me isto.*

Esta carta, assim como as últimas, foram escritas em papel timbrado com o nome de Américo, acompanhado do seguinte texto:

FRUIT DEALER Exporter of Portuguese Products Cables, Please Address: Aguiar – Penafiel, <sup>63</sup>
--

<sup>61</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 15 set. 1961, n° 457, p. 2 e 4.

<sup>62</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 16 set. 1961, n° 457, p. 2 e 4.

<sup>63</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 30 set. 1961, n° 458, p. 1 e 4.



O que, a par de todas estas iniciativas, procura de negócios e soluções, demonstra o seu grande interesse e empenhamento em ficar na metrópole, dedicando-se à atividade comercial.

**04.06.1923** – Escreveu ao empresário Manuel Mendes, com quem tinha um acordo de trabalho para tratar dos seus negócios em Moçambique, anunciando que não aceitava o referido contrato nem regressaria àquela possessão portuguesa. Como resposta, recebeu quatro telegramas, dois de Manuel Mendes e outros dois de Álvaro, amigo de ambos, pedindo a Américo para embarcar em setembro. Sobre isso deveria aguardar uma carta, na qual Manuel Mendes apresentaria as razões da sua pretensão, assim como outras condições que poderiam ser mais aliciadoras.

**09.06.1923** – De Caldelas, onde estava há três dias a fazer tratamento termal, Américo escreveu mais uma vez a Simão, insistindo no pedido de ajuda para os negócios de que vinham tratando. Sugeriu a contratação de uma pessoa séria e competente a qual, mediante o pagamento de uma comissão, se encarregaria de proceder à venda da fruta importada da África do Sul.<sup>64</sup>

**26.06.1923** – Nova carta para Simão, na qual combinava pormenores da ida deste a Cete, e de uma forma muito afirmativa e decidida, pedia informações mais completas sobre as frutas do Cabo. Simultaneamente pretendia saber da possibilidade de contratação de um agente para vender a fruta.<sup>65</sup>

**01.08.1923** – Em mais uma carta para Simão, e na qual referiu a troca de correspondência com Manuel Mendes, afirmou que, em todos os telegramas recebidos, após o dia 4 de junho,

*[...] vinha a palavra - escrevo - e eu espero essas cartas a ver o que vem, e como sei das suas dificuldades em conseguir o empréstimo resolvi pedir-lhe que o sustasse até ver no que param as modas. Sei já por um sujeito que chegou há dias de Lourenço e que veio via Cabo, que Mendes teve um ataque perigoso e que médicos lhe disseram para regressar o mais breve possível a Portugal e até então descanso absoluto. Por isso já eu compreendo a razão porque os*

---

<sup>64</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 14 out. 1961, nº 459, p. 1 e 4.

<sup>65</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 14 out. 1961, nº 459, p. 1 e 4.

*telegramas me mandam embarcar em setembro. Em qualquer dos casos, nada lhe posso dizer sem vir a carta do Álvaro e do Mendes*<sup>66</sup>

Esta é a última carta conhecida e referente a negócios, escrita por Américo. A partir de então, embora não seja possível determinar a data com rigor, vai desligar-se da vida dos negócios, interessando-se apenas pelas preocupações espirituais com que vinha, provavelmente, batalhando.

Da vida pessoal de Américo, no período de permanência em Moçambique a que corresponde um tempo importante, porque ocorre entre os seus 19 e os 35 anos, não dispomos de muita documentação, conforme já referimos. Desta informação, há no entanto alguns aspetos que são reveladores de uma personalidade e caráter que se vão evidenciar de forma muito clara no futuro, após o seu regresso a Portugal e encaminhamento para a vida religiosa, a propósito da qual temos informação abundante. Dela, pode-se concluir que ao longo da sua vida manifestou preocupação com os familiares, tanto nos aspetos materiais, como no acompanhamento que fazia à distância ou quando estava de férias, o que aconteceu por diversas vezes. São diversos os episódios reveladores do afirmado, desde a oferta de prendas, contributos de ordem material aos pais, para que estes pudessem viver melhor ou mesmo ajudar o irmão António, durante o período em que esteve hospitalizado num sanatório da Guarda. O mesmo sucedeu em relação a pessoas das suas relações, normalmente mais pobres, que residiam próximo da casa dos pais. Tudo isto desde os primeiros tempos da sua estada em Moçambique, o que não era novidade no seu comportamento, pois vinha na continuidade de gestos que cedo se evidenciaram na sua conduta. Por isso se diz que a bondade, era uma das suas características mais marcantes.<sup>67</sup> Um episódio ilustrativo dessa bondade foi contado pela sua irmã Maria Monteiro Aguiar.<sup>68</sup>

---

<sup>66</sup> "Facetas de uma vida". *O Gaiato*, 14 out. 1961, nº 459, p. 1 e 4.

<sup>67</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 27 out. 1962, nº 486, p. 4.

"Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 08 dez. 1962, nº 489, p. 1.

"Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 09 dez. 1961, nº 463, p. 4.

"Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 31 out. 1959, nº 408, p. 1 e 4.

<sup>68</sup> [...] *A primeira casa que o Américo conheceu em Lourenço Marques foi a firma Batista & Irmão.*

*Morava em casa de um casal. Ele chamava-se Vicente e ela Mariana. Gente modesta mas muito boa.*

*[...] Um dia D. Mariana adoeceu gravemente e o Américo resolve interná-la no hospital em quarto de primeira. Uns amigos chamam-lhe a atenção para o dinheiro que vai gastar, pois que o internamento da D. Mariana ficar-lhe-ia caro.*

Se era bondoso em gestos e sentimentos, era também exigente no respeito para com os outros e dos outros para consigo. Tudo isto numa forma alegre, brincalhona, mas dentro de certas regras, como referiu Sebastião Marques Rafael, amigo de Moçambique:

*Américo de Aguiar participava nas brincadeiras de toda a rapaziada; mas nunca se notava nele aquela expressão própria dum rapaz folgazão.*

*Fugia a certas conversas da rapaziada; as palestras dele eram todas cheias de moral.*

*Todas as Senhoras Inglesas que residiam na Concessão tinham por Américo de Aguiar uma grande simpatia e estima.*

*[...] Uma senhora Inglesa, (talvez Miss Crosby) durante um chá fez-lhe esta pergunta: «Aguiar, quando se casa?» Resposta: «Difícilmente me prenderei...» E por aqui se ficou.<sup>69</sup>*

Tendo vivido durante muito tempo em casas partilhadas com amigos, em regime de “república”, era normalmente o líder, sendo as suas atitudes de grande solicitude para com aqueles e divertindo-se com eles.

De igual modo participava na vida associativa como no “Grémio do Chinde”, onde se organizavam bailes, festas, e outros eventos sociais. Neste ambiente, conviviam portugueses e ingleses e por isso:

*Como não havia quem falasse inglês corretamente, o Américo era o condutor e o tradutor. Prendia-se, assim, noites a fio. E os ingleses, reconhecidos pela sua amabilidade, tinham por ele não só respeito, como muita simpatia, dado que a sua conduta foi sempre irrepreensível.<sup>70</sup>*

Relativamente à sua vivência religiosa em Moçambique, a bibliografia e fontes disponíveis não permitem perceber com segurança, o seu percurso de vida neste campo.

Porque a vocação religiosa de Américo, anterior à sua decisão de ir para o convento, é uma das questões mais glosadas pela maioria dos autores que sobre ele têm

---

- Deixai lá - lhes responde. Ela bem o merece, pois tudo o que eu lhe fizer é pouco para aquilo que ela fez por mim. ("Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 11 mai. 1957, nº344, p. 1)

<sup>69</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 17 mar.1962, nº 470, p. 2.

<sup>70</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 14 abr.1962, nº 472, p. 2.

escrito e ainda, por me parecer que esta vertente tem importância bastante, procurarei seguir os passos revelados nos diversos testemunhos. Mostrarei também alguns outros factos que, não tendo este cunho religioso, tiveram certamente alguma importância na sua vida, admitindo-se que também possam ter relação com a sua futura opção de vida. Assim:

**13.02.1909** – Numa carta da mãe, dirigida a José, e já citada, é referido que:

*[...] E diz um capitão que veio aqui trazer as encomendas, que ele estava um rapaz à altura, [...] e que ajudava todos os dias à missa ao Sr. Padre Vicente e o tempo que lhe chega para tudo.*<sup>71</sup>

**12.12.1913** – Falecimento da mãe.

**1914** – Américo contactou, pela primeira vez, com o padre franciscano Rafael Maria Assunção, aquando de um trabalho de despacho que foi efetuar na cidade da Beira. Em 1956, o então já bispo emérito de Limira, D. Rafael, que celebrou missa de corpo presente no funeral do padre Américo, na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, lembrou:

*Conheci o Padre Américo anos antes de ele pensar em ser padre: Foi na cidade da Beira, em Moçambique. Não tinha ainda estalado a guerra de 1914 quando chegou a este porto com um vapor fretado pela firma Rosa Cabral para um carregamento de milho destinado à Europa. Foram milhares de sacos.*

*[...] Os nossos encontros foram sumários e de ocasião, mas desde então ficámos amigos para sempre.*

*[...] A boa apresentação dos garotos africanos, desta vez nas festas populares organizadas por uma comissão do Chinde, tinham-lhe antecedido a admiração pela obra dos missionários franciscanos da Beira, que transformava abandonados e rudes rapazes do mato em civilizados e apreciados artistas dos vários mesteres ensinados na Escola da Missão. [...]*<sup>72</sup>

**25.05.1915** – O padre Rafael Assunção voltou a encontrar-se casualmente com Américo, numa viagem entre Lourenço Marques e Durban, e durante um dia tiveram oportunidade de conversar. Eis a memória desse encontro:

---

<sup>71</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 27 out. 1962, nº 486, p. 4.

<sup>72</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 10 nov. 1956, nº 331, p. 1 e 2.

*[...], de novo me encontro com o Américo a bordo do vapor «Durkam Castle». Ele partia de Lourenço Marques para Portugal em visita à família, e eu seguia para Durban, no Natal, em visita às Missões dos Trapistas, cuja organização me interessava conhecer. Foi um dia de viagem que fizemos juntos. [...] Outros episódios se deram mais tarde, que completam quanto fica dito e que tiveram influência, talvez decisiva, no rumo da vida do Américo, [...] e fizeram dele o grande Padre Américo, cujas obras perpetuam a glória do seu nome. [...] As nossas despedidas em 1915 [...] foram de longa separação.<sup>73</sup>*

**18.01.1916** – Falecimento do irmão António, num sanatório da Guarda. <sup>74</sup>

**05.08.1921** – Falecimento do pai.

**26.09.1922** - Em carta dirigida a Simão Neves, provavelmente na sequência de anteriores confidências acerca do que vinha sentindo, Américo segredou:

*Não tenho gosto por nada e não me apetece ir a parte nenhuma nem conviver com quem quer que seja. Tenho cá o Álvaro, a casa de quem vou em regra aos sábados à noite, porque as Lomelinos vêm por lá fazer um pouco de música e isso agrada-me. Afora isso nada mais.<sup>75</sup>*

**Out. 1922** – D. Rafael Assunção, regressou a Moçambique, então já como bispo, instalando-se em Lourenço Marques. Por essa altura, Américo retomou a relação com o novo prelado, tendo com alguma frequência conversas com ele, conforme testemunhou aquele clérigo:

*[...] foi no fim de outubro desse ano que cheguei a Lourenço Marques. [...] Aqui [na residência temporária do prelado] aparecia o Américo à noite, depois de comer, para conversar. [...] O gabinete das nossas conversas depois de jantar era a varanda da minha residência. Foi na intimidade destes colóquios que penetrei na alma do Américo e nos seus anseios. Andava esquecido da prática dos deveres religiosos, sem, contudo, ser um descrente; era vítima do ambiente em que vivia. Não frequentava a igreja, nem a procurava. No seu espírito amontoavam-se dúvidas, que, incapaz de as*

---

<sup>73</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 10 nov. 1956, nº 331, p. 1 e 2.

"Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 24 nov. 1956, nº 332, p. 1 e 2.

<sup>74</sup> MARTINS, 2005: 15

<sup>75</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 22 Jul. 1961, nº 453, p. 2.

*resolver, mas propunha para eu dar qualquer solução. Desejava saber a razão última do que aprendera no regaço da mãe, no catecismo e no colégio, e pedia explicações com ares por vezes infantis. Na sua ignorância dos mistérios da Fé, pretendia penetrá-los. Eram interessantes estes nossos entretenimentos, à mistura de devaneios recreativos. Contava-me o sumário da sua vida, para desabafar. Se havia sido folgazão, nunca fora estúrdio; tinha sempre honrado as tradições da família, da qual fazia parte um padre, seu irmão mais velho. A educação da infância fora religiosa e o tempo passado no colégio lazarista de santa Quitéria de Felgueiras mais a aperfeiçoou.*<sup>76</sup>

Este testemunho, praticamente o único, que nos revela, de forma clara e consistente, a faceta religiosa de Américo, durante os dezasseis anos de permanência em Moçambique, mostra-nos que, embora os valores cristãos estivessem presentes na sua vida, não tinha até aí sentido a necessidade de uma vivência religiosa ativa.

No entanto, nesse momento, vivia com algumas preocupações, que transcendiam a forma como então se relacionava com o mundo. Começou a manifestar dúvidas e a procurar respostas no âmbito religioso e junto de alguém em quem confiava.

**Jul. 1923** – Em meados deste mês, e pela primeira vez, Américo teve a ideia de “recolher a uma Ordem de Religiosos” e foi ao Porto falar com um padre franciscano. Este mandou-o a Tuy, em Espanha, ao convento localizado em Ramalloza, para aí falar com o provincial.<sup>77</sup>

Provavelmente logo a seguir, Américo foi lá, recorrendo à ajuda de Artur Meirim, seu amigo de Moçambique, que estava de férias em Valença, e que dispunha de conhecimentos que lhe permitiram passar a fronteira sem passaporte. Embora o provincial estivesse ausente, Américo permaneceu aí durante duas horas, desconhecendo-se com quem falou, assim como os assuntos que foram motivo dessa conversa.<sup>78</sup>

**Set. 1923** – Este mês foi absolutamente decisivo para a futura vida de Américo. No seu decurso, aconteceram coisas que o levaram a mudar de rumo radicalmente,

---

<sup>76</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 24 nov. 1956, n° 332, p. 1 e 2.

<sup>77</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 05 mar. 1960, n° 417, p. 8.

<sup>78</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 08 jun. 1957, n° 346, p. 1.  
MARTINS, 2005: 75

mediante uma luta interior muito forte que se havia iniciado em julho. Foi o próprio a afirmar que:

*Neste meio tempo sou assediado por dúvidas terríveis e uma luta constante de ideias me atormenta.*<sup>79</sup>

As fontes disponíveis não nos permitem estabelecer uma cronologia do que aconteceu durante este mês e ao mesmo tempo não coincidem quanto ao momento e à forma como tudo terá decorrido.<sup>80</sup>

O que ocorreu neste curto período é de natureza excecional e fora do comum, levando à mudança radical da vida de Américo, sendo claro que:

A - Em dia não referido, foi novamente ao convento franciscano, falar com o provincial. Aí permaneceu durante dois dias, durante os quais viveu uma experiência muito intensa e provavelmente contraditória, que o marcou e o levou a dizer:

*O que ali sofri não se pode explicar. Assaltava-me a ideia de que estava doido e por doidos tomei todos os frades, quando os vi na Capela prostrados, a orar. Para quê, e a quem, perguntava-me eu! Venho horrorizado, chego a casa e no dia seguinte vou pra Lisboa comprar bilhete, 'para Lourenço Marques' levando comigo a requisição do Mendes para o Banco. Chego ali numa 6ª feira e vou à Agência e marco lugar para o dia 24/1, vapor Adolfo Woeman. À noite junto a gente da m/ laia, fomos ver uma revista, e o 1º quadro é o paraíso aonde aparecem dois frades franciscanos! Que impressão, Deus meu! Largo tudo e vou prá vacaria beber e fumar.*<sup>81</sup>

A experiência adquirida nos dois dias passados no convento tinham-lhe surgido como a prova de que a vida religiosa, como via a seguir por si, estava fora de questão, razão pela qual foi de imediato tratar de marcar viagem para Moçambique. Iria, assim, corresponder ao contrato que tinha acordado com Manuel Mendes o qual, dada a

---

<sup>79</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 05 mar. 1960, nº 417, p. 8.

<sup>80</sup> As fontes são:

- Uma carta enviada por Américo a Simão Neves, em 04 de dezembro de 1923, cerca de mês e meio após o seu ingresso no convento franciscano de Ramallosa; ("Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 05 mar. 1960, nº 417, p. 8.)

- O testemunho do padre Avelino Soares, amigo e ex-colega de escola primária de Américo (publicado em 15 de setembro de 1956, dois meses após a morte deste), que naquele momento de crise foi por si consultado, sobre as dúvidas que o assaltavam. ("Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 15 set. 1956, nº 327, p. 1 e 2)

<sup>81</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 05 mar. 1960, nº 417, p. 8.

recomendação médica de se afastar do negócio, lhe oferecia o dobro do vencimento mensal que haviam estabelecido inicialmente. Ou seja, passaria a ganhar 100 libras mensais, além da participação nos lucros, assim como o pagamento da viagem.<sup>82</sup>

Mas, contrariamente ao que tinha pensado, Américo, ao ver a cena dos frades franciscanos no espetáculo em Lisboa, recebeu, de acordo com a sua expressão, uma nova “martelada”, (a segunda), que lhe retirou a firmeza da convicção de regressar a Moçambique.

Voltou para casa passados quatro dias, sem que tivesse ido ao banco tratar da requisição, que Manuel Mendes lhe tinha enviado. Mas, logo depois:

*[...] vou a Penafiel tratar do meu passaporte e encontro o pároco, meu ex-condiscípulo [padre Avelino Soares] [...]. Chamo-o a casa dele, conto-lhe a minha vida 'ex officio'. Não vás, me diz ele. Não sejas doido. Aproveita cá fora o que a vida tem de bom e aguenta-te com o que ela te possa ter de mau. Allas! Estava salvo e resolvido o meu problema. Tinha enfim encontrado quem me falasse à alma! Não ia pra frade. África era o m/ caminho! E estou aqui. Como? Para quê? Não sei e isso mesmo me proponho a estudar.*<sup>83</sup>

Este episódio, assim relatado por Américo, cerca de mês e meio após o ingresso no convento, em carta enviada a Simão Neves, é diferente da versão do padre Avelino Soares, publicada pelo jornal “O Gaiato”, na qual referiu que foi Américo que o procurou na sua residência paroquial e foi em função do seu aconselhamento para não ingressar na vida eclesiástica que Américo se dirigiu a Lisboa, a fim de marcar a viagem para Moçambique.<sup>84</sup>

Retirando as divergências, porque pouco significativas (não obstante a versão de padre Américo, porque escrita muito pouco tempo após a ocorrência dos factos, ter de merecer maior atenção), é claro que Américo foi sujeito àquilo a que ele chamou “martelada” em pelo menos dois momentos. O primeiro, provavelmente, antes da ida ao convento, quando aí esteve dois dias e o segundo quando assistiu ao espetáculo em Lisboa.

---

<sup>82</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 23 jan. 1960, nº 414, p. 2 e 3.

<sup>83</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 05 mar. 1960, nº 417, p. 8.

<sup>84</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 15 set. 1956, nº 327, p. 1 e 2.

MARTINS, 2005: 76

ELIAS, 1958: 39-40



B – Não há dúvidas que da parte dele houve grande resistência à ida para o convento, acabando no entanto por ceder, tal foi a atração sentida. Foi isto que ele relatou a Simão Neves em cartas de:

**17.10.1923**, quando disse:

*Ouçã, S. Ouçã que é só para si e isto pela confiança ilimitada que em si deposito. Sabe você e meu irmão Padre e mais ninguém. [...] Eu vou para um convento de Franciscanos em Espanha. Razões porque deixo a vida e o mundo? Muitas e hei de dizer-lhas quando você vier ao continente e me for visitar. Este passo é filho de raciocínios muito profundos hoje já de ordem espiritual e que portanto você não os poderia compreender. E tem havido evoluções sobrenaturais na minha alma. Tem sim, eu sinto-as. Não julgue que vou satisfeito. Já lá estive dois dias e que saudades do mundo, que ânsia de liberdade meu S! Mas eu vou, eu sigo a vida de sacrifício, de dor, de penitência. Não estou doido, tenho todas as faculdades mentais. A fé que ainda não tenho em absoluto, há de vir-me com o convívio de gente espiritual e que já não é do mundo.*<sup>85</sup>

**20.10.1923** – Ao dizer que no dia seguinte ia para Espanha, confirmou a mudança de vida.

*[...] toda a minha gente julga que África é o meu destino. E pode ser que seja; quem sabe?! Se soubesse como esta Transformação brusca da vida e hábitos me custa?! Mas que quer que lhe faça, custava-me mais viver no mundo.*<sup>86</sup>

## **2.3 Mudança de vida**

Observada a vida de Américo em África, é indispensável colocar-se algumas questões que possibilitem compreender e explicar uma mudança de vida tão radical, em alguém que tivera um percurso profissional e social de tão bom nível e quando já tinha trinta e seis anos de idade.

### **2.3.1 O retorno de Moçambique**

Quais as razões que o levaram a deixar Moçambique?

---

<sup>85</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 23 jan. 1960, nº 414, p. 2 e 3.

<sup>86</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 06 fev. 1960, nº 415, p. 1.

A experiência africana de Américo pode ser dividida em duas partes:

A primeira, que corresponde ao período em que ele esteve em Chinde, isto é, desde 19 de dezembro de 1906, até final de 1920 ou inícios de 1921 e a segunda, que é passada em Lourenço Marques, até à sua saída definitiva para a Metrópole, em janeiro de 1923.

A primeira fase foi marcada por uma vida tranquila e de satisfação pessoal e profissional, muito compensada material e socialmente, enquanto a segunda foi mais atribulada, tanto profissional como pessoalmente, levando-o a querer deixar a colónia. É, portanto, neste segundo período, e nos factos e acontecimentos a seguir identificados que está a explicação para a saída:

1 - A primeira razão, que não em importância, refere-se à vontade manifestada pelo Américo ao pai, quando em carta de 06 de março de 1920, lhe disse: “Vamos a ver o que o futuro manda, mas eu creio bem que Deus me há de auxiliar a por em prática os meus desejos. Em 1923 ou 24 tenciono voltar aí e então arranjarei qualquer coisa em que me possa entreter ficando sempre junto de si.”<sup>87</sup>

Esta decisão foi tomada já após a morte da mãe e do irmão António mas, embora o pai tivesse falecido em 05 de agosto de 1921, é muito plausível que Américo tivesse vontade de voltar para a terra natal.

2 - Razões de ordem profissional mas também, provavelmente, social, que terão colidido com os valores que orientavam a sua vida. O primeiro momento em que isso ocorreu terá estado, possivelmente, na origem da sua saída de Chinde, conforme a sua carta de 22 de fevereiro de 1921, da qual resultou uma grande perda material para ele e que, ao mesmo tempo, provocou um grande agastamento, porque terá sido posto em questão o seu “brio” de português, o que ele muito valorizava.

O segundo momento crítico ocorreu em setembro de 1922, quando teve conhecimento de que os negócios da Companhia Portuguesa do Ultramar, onde estava colocado desde os primeiros meses de 1921, iriam passar para a empresa Breyner & Wirth.

---

<sup>87</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 09 dez. 1961, nº 463, p. 4.

A situação de desemprego previsível gerou em Américo grande preocupação, criando um sentimento de instabilidade e insegurança, tanto mais marcante quanto já tinha vivido no ano anterior tempos difíceis, após a saída de Chinde. Por isso terá encarado a necessidade de abandonar Moçambique. Posição em tudo contrária à que dera conta ao amigo Simão no mês anterior. Mas, em 11 de novembro já Américo informava Simão de uma nova situação profissional. Então, a sua entidade patronal pretendia que ele ficasse, o que também lhe convinha, dado gostar de novos desafios e de aprender coisas novas. Apesar disso, Américo continuaria a manter como hipótese válida o regresso à metrópole, aguardando a melhor oportunidade para o fazer. E ela chegou, passado muito pouco tempo, porque Simão, em novembro, o convidou por telegrama a ir trabalhar com ele no Funchal. Portanto, mesmo sabendo que se ficasse em Moçambique na empresa, ou aceitasse o contrato que o empresário Manuel Mendes entretanto lhe tinha oferecido (mediante o pagamento de 50 libras mensais e participação nos lucros anuais), teria emprego “certo”, ele preferiu a incerteza como empregado de Simão.

Por fim, saiu, mesmo sabendo que corria o risco do emprego no Funchal não vir a concretizar-se, acabando por ir instalar-se em Paço de Sousa e daí procurar negócios que lhe permitissem viver.

3 - Outro grupo de razões são as que cabem no domínio da sua hipotética vocação para a vida religiosa.

Quanto a estas, e do que se terá passado durante a sua estada em África, parece claro que Américo viveu normalmente afastado das atividades e manifestações religiosas, pelo menos até outubro de 1922, data a partir da qual dialogou algumas vezes com o então bispo D. Rafael Assunção, e que o futuro padre Américo há de referir como o homem que lhe abriu o “caminho da luz”. Exemplo do referido é o testemunho do seu amigo Sebastião Marques Rafael, com o qual partilhou a habitação durante muito tempo.

*Era Católico, Apostólico, Romano. Embora naquele tempo não fosse um católico praticante. Por vezes discutia com ele assuntos sobre a religião. Para ele, a sua religião e o valor da mesma, estavam nos Mandamentos da Lei de Deus e nas Obras de Misericórdia. Nos primeiros o respeito que todos devemos*

*ter uns pelos outros; nas segundas, o dever de praticar boas obras e socorrer os que mais precisam.*<sup>88</sup>

Portanto, as preocupações e interesses religiosos e espirituais, muito provavelmente, só a partir de outubro é que terão surgido.

### **2.3.2 Entrada na vida religiosa**

Chegados aqui, e porque esta decisão de mudança foi um marco fundamental na vida de Américo, devemos procurar entender as razões que o levaram a uma rutura tão radical e definitiva.

Esta faceta da vida de Américo tem sido tratada pela maioria dos seus biógrafos e estudiosos, que de um modo geral chegaram a conclusões semelhantes. No entanto, em meu entender, foi MARTINS<sup>89</sup> quem o fez de forma mais alargada e profunda, apresentando como razões decisivas para Américo ingressar no convento de Vilariño de Ramallosa, em Tuy, em outubro de 1923: a vocação para o sacerdócio precocemente manifestada; influências de familiares e amigos, com destaque para o cónego Manuel Luis Coelho da Silva (futuro bispo de Coimbra), D. Rafael Assunção, enquanto padre e missionário e depois como prelado de Moçambique e ainda os padres Avelino Soares, Moreira da Rocha e irmão José; interesse, desde criança e durante a estadia em África, pelos pobres, necessitados, doentes e idosos; as “marteladas”, referidas por Américo, mas em sua opinião entendidas como tendo ocorrido em vários momentos da sua vida, nomeadamente na infância e na adolescência, e mais tarde no Porto, após a morte da mãe em dezembro de 1913; as conversas com D. Rafael e um encontro com duas freiras, na viagem de regresso a Moçambique em 1922.<sup>90</sup>

Em meu entender, pode-se afirmar que as razões que levaram Américo a encaminhar-se pela via religiosa são de origem remota e encontram-se no seu percurso de vida, e as de origem próxima, que se reportam às “marteladas”, e que foram decisivas para a sua mudança de vida.

---

<sup>88</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 17 mar. 1962, n° 470, p. 2.

Em carta endereçada a José, em 13 de março de 1909, a mãe afirmava que o portador de umas prendas enviadas por Américo, por ocasião do natal anterior lhe transmitiu que “ajudava todos os dias à missa ao Sr. Padre Vicente [...]”. A ter acontecido o que a mãe refere, isso ocorreu nos primeiros anos da estada de Américo em Moçambique.

<sup>89</sup> MARTINS, 2005

<sup>90</sup> MARTINS, 2005: 54-61

Quanto às primeiras, refere-se a manifestação do seu interesse em ingressar no seminário a qual, de acordo com alguns testemunhos, mormente da mãe, terá acontecido até próximo dos 15 anos, antes de iniciar a atividade profissional. No entanto, também é verdade que não se conhece qualquer testemunho direto de Américo sobre esta hipotética vocação na infância e adolescência, pronunciada ao longo da sua vida. Deste modo, não parece definitivamente claro que se possa concluir por uma vocação precoce, contida mas latente, até aos trinta e seis anos de idade. É de admitir, no entanto, que a personalidade e caráter de Américo manifestassem e contivessem as sementes indispensáveis para, em contexto favorável, poderem desabrochar.

No que respeita à influência familiar e de amigos, constata-se que o irmão José só regressou a Portugal em 24 de maio de 1909, quando Américo já estava em Moçambique. Até aí mal se conheciam. A correspondência entre ambos não terá sido abundante e os contactos pessoais ocorreram apenas nos períodos de férias de Américo. Por isso, só após o seu regresso à metrópole é que José poderá ter contribuído para o ajudar a refletir e esclarecer sobre as dúvidas que o interpelavam.

Já no que se refere ao padre Avelino Soares, sabemos que procurou dissuadir Américo de ingressar no convento. Foi ele mesmo que o disse mais tarde:

*[...] o africanista Américo Monteiro de Aguiar tinha tropeçado, no caminho atribulado da sua vocação, contra o estorvo posto desta vez por um obscuro sacerdote no degrau ínfimo da hierarquia da Igreja.*<sup>91</sup>

Quanto ao papel desempenhado pelo bispo D. Rafael Assunção, isso aconteceu a partir de outubro de 1922 e não antes.<sup>92</sup>

Relativamente ao interesse pelos mais pobres e desfavorecidos, isso é claro desde a infância, havendo diversos testemunhos que o mostram.

As “marteladas”, ocorreram em dois momentos. Ainda que não se possa definir com rigor e certeza o que Américo sentiu, porque ele nunca o explicitou, tratou-se de um choque de natureza espiritual, com efeitos psicológicos e emocionais de uma força tão contundente, que a única forma que ele encontrou para a expressar foi o recurso

---

<sup>91</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 15 set.1956, nº 327, p. 1 – 2.

<sup>92</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 24 nov.1956, nº 332, p. 2.

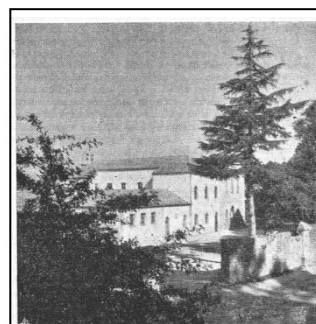
àquela palavra, que configura algo de efeito muito violento. Parece claro que foram esses momentos que o impeliram, “empurraram”, para a vida religiosa, irreversivelmente, “derrubando” tudo quanto era a sua resistência e eventual vontade de continuar no caminho que até aí havia trilhado.<sup>93</sup>

Portanto, estas experiências vividas por Américo foram de uma realidade não passível de ser explicada pelos critérios e capacidades estritamente humanos e, pelo que referiu, constituíram-se como determinantes e decisivas para optar pela vida religiosa. Elas tiveram um cunho sobrenatural, e transformaram completamente a sua vida.

### 3. A passagem pelo convento

Em 21 de outubro de 1923, no quase absoluto segredo, Américo dirigiu-se ao convento de São Francisco de Vilariño, em Ramallosa, próximo de Tuy, com a ideia clara de iniciar uma nova etapa na sua vida.<sup>94</sup> O seu irmão José foi o único familiar que esteve a par da sua decisão.

Américo não foi completamente seguro do êxito da decisão que havia tomado. Incertezas, receios e algumas angústias o acompanharam. Na sua memória estava bem presente a experiência vivida em setembro.



**Fig.7** – Fotografia do Convento de S. Francisco de Vilariño, Ramallosa  
Fonte: Jornal “O Gaiato”, 19-10-1957, nº. 355

<sup>93</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 23 jan.1960, nº 414, p. 2 - 3.)

<sup>94</sup> Este convento resultou da transformação de uma casa, cerca, dois pinhais e dois pedaços de terreno, existentes em Vilariño, Ramallosa, próximo de Tuy, em Espanha. A escritura notarial celebrou-se em 20 de abril de 1904. Estas instalações substituíram as do palácio dos condes de Gondomar, que com o tempo se revelaram menos adequadas à Ordem Franciscana.

Em 08 de dezembro de 1905, ocorreu a fixação definitiva da comunidade religiosa, então formada por cinco frades e quatro irmãos donatos.

Na sequência dos acontecimentos políticos pós revolução republicana, a Província Franciscana de Portugal ficou reduzida à casa de São Francisco de Vilariño.

Foi neste contexto que, em 21 de agosto de 1911, foi instituído o noviciado, por autorização da Santa Sé, que funcionou até 1928, ano em que foi transferido para o Colégio de Santo António de Tuy.

(REMA, Henrique Pinto, Ofm – *Crónica da Província dos Santos Mártires de Marrocos de Portugal*, inédita)

Portanto, em 1923, quando Américo decidiu professar naquela ordem, teve de se dirigir ao convento de Vilariño, dada a sua proximidade do norte de Portugal. ( AZEVEDO, Carlos Moreira ( Dir.), 2000 – *Dicionário de História religiosa de Portugal* – II vol. “Franciscanos”, Lisboa, Círculo de Leitores, p. 273-280.)

Experimentado na vida e porque consciente de que a mudança que então procurava era radical e arriscada para um homem que completaria 36 anos dois dias depois, apenas a José e ao seu grande amigo Simão Correia Neves deu conhecimento da iniciativa.

Por isso, pediu confidencialidade relativamente à sua decisão, combinando com ambos que, perante a provável curiosidade e até ansiedade dos que o estimavam, fosse dito que tinha regressado a África. Ao mesmo tempo, a correspondência que viesse a ser-lhe dirigida deveria ser remetida para: Joaquim Ferreira Rodrigues – c/ colégio de Santo António – Tuy.<sup>95</sup> Pouco depois, mudou ligeiramente de opinião quanto ao fictício destino, recomendando a José que o melhor seria informar que tinha ido para a Austrália, em negócios.<sup>96</sup>

Ao pretender silenciar a sua ida para a vida eclesiástica, certamente quis evitar, por um lado, a provável intervenção de familiares e amigos, no sentido de o demover dessa mudança. Por outro, sentia a necessidade de recolhimento e concentração na sua nova vida, para desse modo poder assumir em definitivo, livre e conscientemente, uma opção. Por fim, pretendeu defender-se de críticas, chacotas e até dificuldades, tanto profissionais como pessoais, perante a eventualidade de vir a concluir que a vida a abraçar não seria a melhor para si.

Chegado ao local onde estava instalado o convento, um bonito vale, rodeado de montanhas e não muito longe do mar, deparou-se-lhe uma paisagem campestre, onde o verde predominava.<sup>97</sup>

Foi muito bem recebido o “Sr. Américo Aguiar”, pois não só se tratava de um homem vivido no mundo, de educação esmerada e cultura satisfatória, mas também porque, nomeadamente o provincial da ordem, admitiu que a sua decisão, embora portadora de riscos para ambas as partes, havia sido suficientemente ponderada.

Desde logo, tornou-se uma figura reconhecida e querida por parte dos seus colegas, muito mais novos, podendo alguns deles serem seus filhos. E o primeiro grande

---

<sup>95</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 06 fev. 1960, nº 415, p. 1.

<sup>96</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 20 fev. 1960, nº 416, p. 3.

<sup>97</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 20 fev. 1960, nº 416, p. 3.

impacto foi visual, pois era muito invulgar ver-se naquelas paragens um homem daquela idade e vestido de fato claro, sapatos também claros e um chapéu de tom semelhante.

Conhecendo a sua história e sabendo dos seus hábitos, os responsáveis do convento procuraram proporcionar-lhe as melhores condições possíveis, dentro das suas austeras instalações e forma de vida.

Durante o postulante, que ocorreu no primeiro ano conventual, foi-lhe atribuído um quarto privativo, que era simultaneamente o melhor e maior.<sup>98</sup> No dia 1 de novembro de 1923, na primeira carta que escreveu após a entrada no convento, informou o irmão José de que se sentia bem, vivia em paz e era bem tratado. Referiu até que:

*A alimentação é excelente e de base muito racional, vegetais. Tenho ao almoço leite em abundância, pois temos vacas. Tenho ao jantar sopa e dois pratos. Teria às 4 chá ou café, mas não quero tomar nada porque depois no Noviciado nada tenho, e por consequência mal me iria habituando-me agora ao que depois não posso ter. Tenho à ceia sopa e um prato. Servem-me as refeições na pequena sala de estar. O cozinheiro indigna-se comigo porque, diz ele, não como nada. [...] Sirvo-me apenas do que posso comer e nada mais, mas na opinião dele eu deveria comer tudo. De resto, os cuidados do Rev. Padre Guardião sobre a minha alimentação, ultrapassam todos os cuidados que se possa ter com alguém.*<sup>99</sup>

De tudo isto, o mais difícil de suportar foi o “levantar cedo”, embora acreditasse que viria a ser resolvido pelo hábito. Mas, logo de seguida e de forma gradual, Américo foi-se inserindo na vida normal do convento, a qual lhe preenchia todo o tempo.<sup>100</sup>

Embora vivesse de bom ânimo a nova vida, as dificuldades foram aparecendo ou acentuaram-se com a entrada no noviciado, devido ao cumprimento de um horário rigoroso e a obrigação de se levantar e deitar muito cedo; à alimentação, feita com refeições muitas vezes mal confeccionadas, além de parcas, levando a que em algumas ocasiões a ceia fosse apenas um bocado de pão e um copo de vinho; à utilização de “pratos de folha”, sobre mesas de madeira sem toalha, sentado em bancos de pinho; à

---

<sup>98</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 16 nov. 1957, n° 357, p. 1.

<sup>99</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 20 fev. 1960, n° 416, p. 3.

<sup>100</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 20 fev. 1960, n° 416, p. 3.



obrigatoriedade de participar na lavagem da louça de todos os noviços; à utilização de roupa feita em estamemha; à imperatividade de dormir numa cela que tinha como mobília algumas tábuas, sobre quatro bancos, e que lhe servia de catre.<sup>101 102</sup>

Mas foi na limitação da liberdade que ele encontrou uma das maiores provações, a exigir um grande esforço de superação. Na carta enviada ao irmão em 1 de novembro, referiu:

*[...] sou de facto e desde o dia em que cheguei um prisioneiro, [...]*<sup>103</sup>

De igual modo, em 14 março de 1924, cerca de cinco meses após o ingresso no convento, na segunda carta dirigida ao amigo Simão Correia Neves, manifestou mais abertamente aquele sentimento, assim como expressou as dificuldades e incertezas que ainda o acompanhavam.

Para quem dispôs de bons rendimentos, gozou de excelentes condições de vida, marcadas pelo conforto de uma grande e boa casa, mobilada conforme o uso e estilo inglês, com um criado a tempo inteiro, desfrutou de condições de higiene conforme os padrões britânicos, frequentou a sociedade, convivendo e divertindo-se com os amigos, tanto portugueses como ingleses, tudo isto em plena liberdade, sem ter de dar contas a ninguém, as condições de vida conventuais foram uma prova muito dura e difícil, que aos olhos e ao entendimento dos amigos não eram entendíveis.

Desta feita, teve de lutar contra a saudade da vida passada, a rudeza da vida material oferecida pelo convento e ainda os apelos dos amigos para que não prosseguisse na sua intenção.

Embora tendo tido o cuidado de não divulgar o seu destino, algum tempo depois, outros amigos foram sabendo da sua opção pela vida religiosa. Conhecendo a relação entre Américo e Simão, falaram com este, opinando que a sua decisão tinha sido insensata, não suportável, sem futuro e irracional. Ele não deveria estar no seu perfeito juízo! Não via que o mundo lhe proporcionou e continuaria a proporcionar condições e possibilidades de realização pessoal invejáveis?

---

<sup>101</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 19 mar. 1960, nº 418, p. 1 e 4.

<sup>102</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 03 abr. 1960, nº 419, p. 1.

<sup>103</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 20 fev. 1960, nº 416, p. 3.

Estes comentários, chegados ao seu conhecimento essencialmente pela pena de Simão, não terão afetado a sua determinação, mas não deixaram de ser mais um fator a vencer.

Deste modo e neste contexto de dificuldades, como é que o novel religioso conseguiu superá-las? Como é que ele conseguiu estudar e mudar de vida?

Se os primeiros tempos foram difíceis, o acolhimento e tratamento afetuoso de toda a comunidade religiosa facilitaram a sua adaptação. Conquistou os seus companheiros pela simplicidade com que evidenciou as suas vivências, mormente em África, assim como a natural simpatia e até aconselhamento pessoal que muitos respeitaram e procuraram.

Tinha consciência de que as razões que o impeliram para o convento foram de ordem espiritual. Por isso, foi neste campo que procurou as respostas para as dúvidas que levou e as dificuldades que sentiu.<sup>104</sup> No entanto, a hospitalidade sentida e as experiências mais íntimas de cunho espiritual tiveram um efeito positivo, que desde cedo o ajudaram a suportar as contrariedades. Foi isso que ele transmitiu ao irmão José, em carta de 1 de novembro:

*[...] Passando agora à parte espiritual da minha vida que é de resto a mais importante e aquela que decidirá da minha permanência na vida que me propus seguir, teria eu imenso que te dizer se me fosse fácil o poder explicar as intermitências que se dão e que eu dia a dia sinto. Sendo facto deveras para me surpreender o de eu, enquanto hóspede de Tui durante dois dias sofrer horrivelmente, e aqui, aonde sou de facto e desde o dia em que cheguei um prisioneiro, ter tido apenas um dia de crise, o dia seguinte ao da minha chegada. Tive, sim, umas horas de verdadeira dor, que as passei em convulsões de lágrimas, mas desde então para cá nada mais senti. Pelo contrário, sinto-me perfeitamente bem e tão bem, que dispenso a tua visita aqui por minha causa.*

105

---

<sup>104</sup> [...] Evidentemente que lutei imenso, durante os primeiros 6 meses de reclusão voluntária; evidentemente que a transição brusca de modo de viver se fez sentir por todas as maneiras, mas atualmente vivo em paz e sossego de espírito [...]. (“Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 16 abr. 1960, nº 420 p. 1.)

<sup>105</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 20 fev. 1960, nº 416, p. 3.

Embora não soubesse entender bem o que se passava consigo e por isso não o conseguisse explicar, encontrou na paz interior, na oração, nas longas horas de silêncio, algo de diferente e que lhe deu alegria e satisfação. Isso mesmo confidenciou a Simão Neves, na carta de 14 de março de 1924:

*[...] mas nem tudo são espinhos dentro dos Conventos e se assim não fosse não teriam existido até 34 e existem ainda hoje fora de Portugal, muitos milhares de homens que não trocam o burel de monge por todas as fortunas e liberdades do mundo. Nem tudo são espinhos, dizia eu. Temos a alegria e conforto espirituais, o prazer sublime e infinito de comunicarmos com o invisível, a certeza de que todos os sacrifícios presentes são sons que passam, a fé na Eternidade. Como é admirável a vida sobrenatural. Isto que lhe digo sinto o, meu caro. Pra se poder aqui viver é necessário sentir. Aqui não há caprichos; não há estoicismos. Há a fé na vida eterna; o amor de Deus; a vontade íntima e sincera de fazer bem aos homens sem esperar a recompensa deles. Se soubesse como eu desejo sair a fazer bem às almas doentes. É hoje toda a minha ambição. E hei de consegui-lo.*<sup>106</sup>

Não obstante o cuidado de Américo em procurar explicar ao amigo o melhor que sabia e podia as razões da sua decisão, assim como confidenciar-lhe os seus sentimentos, Simão continuou a pensar que só razões mais do foro emocional do que do racional poderiam justificar a decisão de deixar tudo e “exilar-se” num convento, onde tudo faltava.

De facto, não foi fácil para aquele beirão, então radicado na Madeira, possuidor de um elevado carácter, extrema amabilidade, amigo indefetível, mas também sem suficiente sensibilidade espiritual, entender e suportar a decisão do amigo, já que esta o retirava ou pelo menos o afastava do convívio próximo e dos negócios comuns que estiveram em esboço. Pensou então que tal gesto só podia ter acontecido por algo pouco maturado, não devidamente refletido. O passo de Américo não podia ser irreversível. Por isso, uma chamada à razão, mostrando o descaminho em que se tinha metido, era tarefa que competia aos amigos. Aqui, cabia-lhe um papel ativo.

---

<sup>106</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 19 mar. 1960, nº 418, p. 1 e 4.

Foi o que fez. Mas o amigo postulante, embora ainda com algumas reservas prudenciais, mostrou-lhe de forma clara que a sua decisão não tinha retorno. Fê-lo na carta de 4 de abril, quando ainda não haviam sido cumpridos 6 meses de clausura.

*Não julgue, pela longa história que deve ter ouvido do B., que este rumo de vida é privilégio de tarados. Eu não vim para aqui à toa nem levado por aventuras romanescas. Pensei muito antes de o fazer. Já lhe disse que nos meus últimos dois anos d'África comprometi severamente a minha consciência. Pois bem, tendo a consciência doente necessário se tornava curá-la, não é verdade? [...]*

*Doente da alma; devia de procurar remédio de feição moral e o melhor de todos pareceu-me ser juntar-me a uma sociedade sã. [...]. Vê nisto doidice?? Chego aqui com a resolução firme e premeditada de estudar a vida dos frades e os efeitos das relações íntimas com Deus. Não fique com a impressão de que me aclimatei a isto desde o primeiro dia. Não. Ainda hoje o sacrifício é grande e sinto muito a mudança brusca dos hábitos e costumes que tinha; [...] No segundo ponto da minha questão, isto é as impressões da vida íntima com Deus, desenrolavam-se fenómenos altamente extraordinários e ainda hoje incompreensíveis e naqueles primeiros meses andava seriamente 'entupido' com o caso. Havia então, há ainda hoje, qualquer coisa que me segura nos dias de maior ânsia e desespero. Não sei do que se trata nem posso explicar, mas sinto e isso cala-me: Aqui pode você ver qualquer coisa de doido, mas creia que não estou maluco. Tenho todas as minhas faculdades mentais tão aguçadas como as tinha lá fora. Tenho o meu raciocínio muito límpido, vejo claramente tudo o que deixei, sei para onde vou e o que quero e o caso é que vou ficando muito melhor da minha alma. Parece pois que acertei com o remédio, e não se pode dizer que seja doido quem fez tal descoberta. E com o bem estar por vezes indizível que sucede às 'conversas' íntimas com Deus; [...] Não há esfera de vida como esta pra todo aquele que deseja lapidar a alma e ensinar aos outros como ela se lapida. Vê aqui doidice?? E agora, meu caro S., não diga mais que me quer ver restituído.*

*[...] Nós andamos enganados aí fora, S. Somos uns ignorantes atrevidos. Eu falo com experiência pessoal, e não estou doido.*<sup>107</sup>

---

<sup>107</sup> AGUIAR, Américo – “Maré cheia”. *O Gaiato*, 17 out. 1959, nº 407.

Américo mostrou plena consciência do passo dado, referindo tratar-se de um comportamento racional. Ao mesmo tempo, a vivência espiritual experimentada constituía-se como um fator de imensa satisfação e gozo interior.

Não obstante a firmeza de convicções, Simão ainda não estava conformado. Era para si ainda mais incompreensível que o amigo, futuramente, vivesse fechado numa casa de religiosos, desfrutando apenas da pobreza de uma cela e de uma vida austera, a que o sujeitaria a regra e a disciplina de um convento. Não reconhecendo qualquer utilidade ao que os frades faziam, continuava a pensar que aquela vida não era a melhor para Américo.

Depois de conversar com um amigo comum que pensava de forma semelhante à sua, encontrou aí eco das suas próprias dúvidas, ambos admitindo que ainda não estavam esgotadas todas as esperanças de “recuperação” do postulante franciscano. Neste contexto escreveu nova carta, evidenciando todo o seu zelo e preocupações. Mas o destinatário, que percebeu claramente as intenções e o bem querer de Simão, em 11 de Abril respondeu com uma grande tranquilidade e paciência, mostrando-lhe, mais uma vez, que o que estava a passar-se não era exatamente como pensavam, ainda que subsistissem em si algumas dúvidas. Por isso, afirmou:

*[...] É possível que essa entrevista que teve aí com o B. o pusesse um pouco mais ao facto da minha presente situação, no que ela tem de material, bem entendido, e por este motivo deve já ter compreendido que a minha vida futura não é o encerrar-me numa cela e fugir ao convívio dos homens e do mundo. Não; é bem o contrário [...] É assim mesmo, S.. [...], mas também não faz pouco o[monge] que sai fora a semear a palavra do Evangelho e a levar conforto e carinho às almas que deles necessitam. É justamente isto que me proponho, mas para isso tenho que me cauterizar a minha alma para poder falar mais tarde com virtude e consciência. [...]. Não creia que haja doidice, neura ou cousa semelhante nesta minha resolução. [...] Só lhe digo que sinto muito de bem estar e não sinto a falta de tudo o que me falta. E também lhe asseguro que ninguém nas minhas condições havia de tolerar esta vida sem o auxílio de uma força oculta. Ninguém. [...] Quem era capaz S.? Pois bem. Tudo isto faço eu no melhor dos espíritos. Como modo de vida ou simples maneira de viver, isto era intolerável. Já me teria ido embora, logo ao segundo dia. Antes*

*ser homem do calhau pachissa em Lourenço Marques, galego de esquina em Lisboa, burro de carga de Castelo Branco pró Pincul. Tudo menos isto.*<sup>108</sup>

O postulante foi conseguindo superar as dificuldades da regra rígida conventual, ao mesmo tempo que, pela perseverança no estudo, ultrapassava também a menor aptidão para o latim, já que para as ciências naturais, a história, a geografia e a literatura, não necessitava do mesmo nível de esforço.<sup>109</sup>

Também a leitura dos livros sagrados, a oração a que se entregava, assim como a vivência partilhada da simplicidade dos frades que o rodeavam lhe permitiram sentir a força do espírito de Deus, que sendo oculta (conforme ele referiu algumas vezes), explicava a sua capacidade de sofrimento, sem criar qualquer rutura dentro de si próprio. Em sua opinião, foi o elemento sobrenatural, que contra toda a lógica humana, lhe proporcionou a felicidade sentida.

Nessa altura, já lhe era clara a vontade de, futuramente, depois de devidamente preparado, vir para o mundo, para o meio dos homens, mostrar-lhes pela palavra, pela ação e pelo exemplo, o caminho proposto por Jesus Cristo.

Simão, ao ler o que o “africanista” foi escrevendo desde outubro de 1923, viveu sentimentos contraditórios. De um lado, a convicção cada vez mais arreigada de que a nova vida trazia a Américo uma consolação e um estado de espírito de felicidade que, embora continuasse a ser-lhe difícil de entender, eram visíveis na correspondência trocada. Por outro, continuava a pensar que, conhecendo-o como ninguém, teria de haver outras razões entendíveis que explicassem o seu procedimento. Alimentava a ideia de que deveriam ter ocorrido desgostos, desentendimentos, infortúnios, que ele continuava a não querer revelar. Deste modo, Simão continuou a insistir no seu aconselhamento sobre a loucura a que o amigo estava a sujeitar-se. Provavelmente, pensou até que, a exemplo do que aconteceu com outras pessoas, as causas de tais

---

<sup>108</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 03 abr. 1960, nº 419, p. 1.

<sup>109</sup> *Por enquanto vou com o latim e com ele ficarei durante mais dois meses. Tu, que sabes as línguas que eu sei e sabes mais o latim, compreendes perfeitamente as dificuldades que se me oferecem a princípio, que não são de resto dificuldades, tão somente maçada.* (Carta dirigida ao irmão José, em 01 de novembro de 1923, in “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 20 fev. 1960, nº 416, p. 3.)

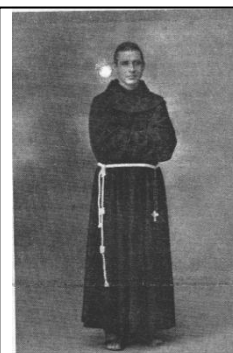
*Por enquanto tenho três frades que me ensinam latim e rudimentos de ciências. A isto segue-se um ano de noviciado: em julho p. Depois vêm 2 de filosofia e 4 de teologia.* (Carta dirigida a Simão Neves, em 14 de março de 1924, in “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 19 mar. 1960, nº 418, p. 1 e 4.)

*Já tenho feito alguns progressos na língua latina, à qual me aplico todos os dias durante três horas.* (Carta dirigida a Simão Neves, em 11 de abril de 1924, in “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 03 abr. 1960, nº 419, p. 1.)

decisões levaram a reações e comportamentos emocionais, que mais tarde a razão mostrou não terem sido as mais convenientes.

Era verdade que a última carta recebida o havia deixado chocado, mas a amizade recíproca não punha limites que o impedissem de continuar a demonstrar o acerto dos seus argumentos.

Nesse entretanto, em 14 de agosto de 1924, Américo, juntamente com dezanove jovens, tomou o hábito franciscano da primeira ordem dos menores, iniciando o noviciado e passando a ser frei Américo de Santa Teresa.



**Fig.8** – Fotografia do noviço Américo  
Fonte: Jornal “O Gaiato”, 16-11-1957, nº357

Ainda naquele mês de agosto, enviou nova carta a Simão, aduzindo mais uma vez as razões que em anterior correspondência havia utilizado. Ao mesmo tempo, questionou o amigo quanto à possibilidade de ter sido ele próprio a contribuir para a sua resolução. Se Simão foi persistente, Américo foi paciente e compreendeu o denodo daquele, pelo que a resposta, datada de 20 daquele mês, seis dias após ter tomado o hábito de frade, tranquilizou o amigo quanto às preocupações manifestadas, ao mesmo tempo que lhe mostrou que o seu caminho não tinha retorno:

*[...] Pelo que observo, você cuida que esta vida é intolerável e que só a seguem os que no mundo não podem viver, perseguidos pelas marteladas da dor, da miséria e do infortúnio. Verdadeira ilusão, meu caro S.!! Digo-lho com a mais veemente convicção de que se tivesse sido V. o causador do meu passo, esta razão havia de ser causa de agradecimento e não de desdém.*

*[...] mas atualmente vivo em paz e sossego de espírito como V. não pode compreender nem sabe conceber. A paz dos conventos não é a paz do mundo. [...] As sociedades religiosas são as únicas que praticam a igualdade e fraternidade. [...] Há ocasiões em que nos servem no refeitório pratos de tal aparência e qualidade que noutros tempos os rejeitaria imediatamente. Pois aqui nem reparo, porque todos comem do mesmo, a começar pelo Provincial, autoridade suprema.*<sup>110</sup>

---

<sup>110</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 16 abr. 1960, nº 420 p. 1.

Provavelmente alguns dias depois, respondendo a nova carta, na qual Simão ainda fez referências a comentários de amigos comuns, recomendou-lhe que não prestasse atenção ao que diziam, devendo antes acreditar no que ele lhe transmitia. Até porque,

*[...] aos meus ouvidos já nem sequer chega o eco das vozes do mundo e a imagem das figuras vai-se apagando à maneira que vou subindo para o infinito. Vejo tudo com a negativa do seu Zeiss; nítido sim, mas tão distante!!!*<sup>111</sup>

Entretanto, o novo mundo do noviço era sublime, o que lhe dava plena satisfação:

*[...] a minha alegria e paz interior, tocam por vezes as raias da loucura! Saber levar a vida sem o concurso dos homens; cúmulo da independência. Saber levar a vida sem desejar possuir coisa alguma; cúmulo da riqueza. Saber levar esta vida com fé na Eterna; cúmulo da felicidade. Independência; Riquezas; Felicidade! Eis as joias que todos os homens procuram, em toda a parte e por muitos modos. Não lhe posso dizer que eles as encontram, mas digo-lhe que as achei eu, [...].*

*É preciso muito espírito, é preciso muita força de vontade, é preciso muita confiança, é preciso muita fé para se chegar a este ponto, S. E é preciso sobretudo e acima de tudo, saber falar com Deus, porque é justamente por meio da oração bem feita que se obtêm as joias de que em cima lhe falo. [...] E isto só se consegue com o auxílio do sopro divino, com aquela oração singela que sentimos despregar-se-nos da alma, fender a atmosfera, perder-se no infinito e sentar-se aos pés de Deus!*<sup>112</sup>

Com uma linguagem clara mas, fundamentalmente, muito expressiva, Américo mostrou como os seus sentimentos e vivências lhe permitiram perceber que tinha cada vez mais razões para acreditar que o seu novo caminho era o que melhor respondia às suas necessidades materiais e espirituais. Já não era possível satisfazer umas sem as outras.

Embora homem experimentado na vida, foi ali no convento que teve a oportunidade de vivenciar a verdadeira igualdade e fraternidade, sentindo uma grande

---

<sup>111</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 30 abr. 1960, nº 421 p. 1.

<sup>112</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 30 abr. 1960, nº 421 p. 1.



paz e sossego! Percebeu que aquilo a que estava a sujeitar-se colidia com tudo a que estivera habituado e que então lhe proporcionou bem estar. Mas, desde que iniciara aquela vida, tinha percecionado algo de novo, como nunca tinha sentido! Inicialmente, de forma inexplicável, mas logo percebendo que se tratava de uma “força oculta”, que emanava de Deus, que o protegia e animava, propiciando uma enorme tranquilidade e confiança.

Foi no silêncio da cela, quando ouvia as ondas do mar, o chilrear ou o cantar das aves, quando pela janela apreciava o sol que o aquecia e tudo iluminava, quando na oração perscrutava a imensidão da sua alma e se abria ao espírito de Deus, que ele sentiu que tudo isso lhe vinha de dentro e era como um tesouro, que só se aprecia quando se alcança.

O que Américo afirmava não tinha correspondência com o seu mundo, nem com as categorias em que sempre tinha vivido. Loucura!, terão pensado aqueles que sempre conviveram com um homem do mundo.

Mas Simão, porque amigo predileto desde os tempos de África e porque acompanhara a evolução do novo frade, por aquela altura já estava conformado com o rumo dos acontecimentos, embora continuasse a não entender plenamente o que estava a passar-se. Mas, desde aquele mês de agosto de 1924 e até setembro de 1925, Américo não terá voltado a escrever ao amigo, o que, provavelmente, resultou do regime de clausura imposto pelo noviciado.

### **3.1 Catequese e apoio a pobres**

A par das preocupações em conseguir uma cada vez maior integração e identificação com os propósitos espirituais e religiosos que o animavam, Américo começou a entender que os benefícios recolhidos no convento deveriam também ser postos ao serviço dos outros, em nome dos princípios evangélicos que gradualmente ia bebendo no meio franciscano.

Assim, foi junto dos mais próximos que procurou levar a cabo essa vontade. Pretendeu que cada um encontrasse na sua palavra a ajuda para ultrapassar as suas dificuldades ou sofrimentos.

A primeira iniciativa foi dirigida ao amigo Simão a quem, por carta de 4 de abril de 1924, convidou a visitar o convento, passando aí dois dias. Queria que ele observasse direta e pessoalmente a felicidade por todos partilhada, assente na humildade, na simplicidade, mas também no nível cultural de muitos dos frades que consigo viviam naquele espaço. E na sequência da preocupação do amigo em procurar ensinamentos para viver mais feliz, aconselhou-o:

*[...] Dizia-me numa das últimas que tinha comprado um livro que ensina a ser feliz! Rasgue-o. Eu tenho aqui um muito melhor, sem folhas, mas que contém todas as verdades a este respeito. É por ele que há de aprender. Por enquanto não, mas em breve espero ter tempo de começar umas pequenas conferências epistolares consigo. Hei de trazê-lo à luz da razão e à verdade das coisas. [...]* *Eu falo com experiência pessoal, e não estou doido. Você há de ser dos meus. Todos os dias o vejo e sinto nas minhas 'conversas' íntimas com o Invisível. [...]. Nós havemos de continuar a ser amigos na vida do além.*<sup>113</sup>

Foi nesta linha de propósitos catequéticos que, mais tarde, provavelmente em julho do mesmo ano, se dirigiu a um irmão doente, possivelmente Jaime, a quem aconselhou a tratar-se fisicamente, consultando um médico conhecido, mas também a aproximar-se de Deus, de quem estava afastado.<sup>114</sup>

Disse-lhe então:

*[...] Quando nas tuas condições de vida e crença se perde a saúde e com ela todas as esperanças nas cousas da terra, deve opor-se-lhe pertinazmente a confiança na Eternidade, [...]. Procura, sim, o convívio dos Teus, descansa aonde te for melhor à saúde, ouve Aloísio e outros médicos porque a tua saúde é-nos cara, mas não esqueças, meu caro, que mais alguma coisa te é necessária, sem a qual a tua vida será um tormento e o teu repouso um sacrifício.*

*[...] Não queiras sondar cousas que não entendes. Larga por uns momentos a materialidade das cousas da terra, dilata a tua alma até ao infinito, procura Deus e verás o bem que colhes e que gozas neste novo horizonte. [...].*

*[...] Eu desejo muito da minha alma e com verdadeiro amor fraterno que tu sejas o que foram os nossos antepassados e o que todos devemos ser; bom para*

---

<sup>113</sup> AGUIAR, Américo – “Maré cheia”. *O Gaiato*, 17 out. 1959, nº 407

<sup>114</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 02 fev. 1963, nº 493 p. 3.

*ti e bom para os outros. Que às tuas boas qualidades de trabalho e honestidade juntes, também, a de bom cristão; [...].*<sup>115</sup>

Aproveitando para lhe dar conta da vida exigente e de sacrifício a que se sujeitava, quis mostrar-lhe a importância da dimensão espiritual na vida de cada um e que, no seu caso, lhe proporcionava uma grande satisfação.

Desde novo, e muito antes de entrar na vida religiosa, Américo tomara em muitos momentos a iniciativa de auxiliar materialmente muitos pobres, particularmente da região donde era natural, a par de uma ou outra obra beneficente a que reconheceu mérito. Após a ida para o convento, essa preocupação acentuou-se, sendo que o exercício da caridade cristã se revestia agora de um suporte doutrinal e evangélico que até então não podia ter.

Possuía uma grande sensibilidade e uma consciência clara de que o sofrimento humano, sendo uma realidade de todos os tempos, impossível de eliminar, podia no entanto ser mitigado, desde que cada pessoa se disponibilizasse a ajudar o seu próximo.

Se este deveria ser o princípio geral a adotar pelos cristãos, entendeu igualmente, e com o passar do tempo de uma forma cada vez mais radical, que lhe cabia estar permanentemente ao lado de toda a pessoa que sofresse, independentemente da origem e natureza desse sofrimento. Aqui, a sua preferência desde cedo se manifestou prioritariamente na direção dos mais pobres e infelizes, dos deserdados e desgraçados da sociedade, dos mais miseráveis e doentes.

No convento, o primeiro gesto ocorreu em setembro de 1923, quando estivera aí dois dias, antes de se decidir definitivamente pela vida monástica. Então, junto do superior conventual, assumiu o pagamento das despesas anuais inerentes ao noviciado de um aluno. Mais tarde, ainda recém postulante, no decurso de obras no convento, Américo prometeu ao padre provincial “apetrechar a enfermaria com seis camas e todos os seus pertences.”<sup>116</sup> A despesa com este gesto andou à volta das 150 libras esterlinas, ficando combinado que seria o próprio Américo a comprar tudo à sua vontade.<sup>117</sup>

---

<sup>115</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 02 fev. 1963, nº 493 p. 3.

<sup>116</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 19 mar. 1960, nº 418, p. 1 e 4.

“Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 08 dez. 1956, nº 333, p. 1 e 3.

<sup>117</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 16 abr. 1960, nº 420, p. 1.

Para isso, em 14 de março de 1924, informou Simão, então um quadro de uma casa bancária, pertencente ao grupo económico da empresa Blandy Brothers, na ilha da Madeira, onde Américo era depositante, de que poderia vir a utilizar aquele montante do conjunto dos valores depositados.

Nessa mesma carta, informou igualmente que o valor existente numa outra conta num banco do Porto seria distribuído por pobres seus conhecidos, residentes nas proximidades da sua casa familiar.<sup>118</sup>

A par destes gestos de apoio material, demonstrativos do interesse, solidariedade e caridade cristã para com os que o rodeavam, foi na preocupação, interesse e ajuda que ele deu a frei Matias, que cedo evidenciou a vertente caritativa, de apoio pessoal e direto aos mais débeis.

Frei Matias era um homem idoso, demenciado pela doença e acamado numa cela junto da que Américo ocupava no noviciado. Sempre que aquele dava qualquer sinal, que ao noviço parecia ser de incomodidade ou dor, logo ele se deslocava até junto do frade doente, prestando-lhe ajuda e aliviando-o do sofrimento que então manifestava.

Ora, de acordo com as regras existentes, os noviços não podiam proceder daquela maneira, pelo que, algumas vezes, o mestre dos noviços teve de repreender o sensível Américo. Frei Alexandre, seu contemporâneo no convento de Ramallosa, observou:

*Frei Américo era o mais velho dos noviços. Sucedia que algumas vezes, por saída do Padre Mestre, era ele quem ficava com a chave e o comando do noviciado. Pois tanto valia Padre Mestre estar como não estar. Se Frei Matias, lá da sua cela, dava sinal na parede (ele que infantilizado pelos anos e pela doença já não entendia a tentação que ocasionava ao seu amigo), Fr. Américo saía da sua cela de noviciado para saber e dar satisfação às necessidades e desejos do seu doente.*

*Padre Mestre, Luís do Patrocínio, sabia ou apanhava-o... «Que é isto, Frei Américo? Não sabe que é proibido sair do noviciado sem licença? Veja o que*

---

<sup>118</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 19 mar. 1960, nº 418, p. 1 e 4.

*faz... – Ai, Padre Mestre! – E confessava a culpa de joelhos, muito compungido».*

*Eram quatro ou cinco dias de resistência, mas depois... «A Caridade não conhece leis. É lei de si mesma. Rebenta todos os moldes. [...]»<sup>119</sup>*

### 3.2 Saída do noviciado

Chegando a julho de 1925, no momento de avaliar o noviciado do frade Américo de Santa Teresa, havia da parte do padre mestre dos noviços, Luís Patrocínio, assim como dos frades que conviviam com ele e que também tinham de opinar sobre a sua continuação ou exclusão da Ordem Franciscana, a convicção de que não dispunha das condições necessárias à vida monacal.

Ao longo dos vinte e um meses de convento, Américo evidenciou grandes qualidades de piedade, de aplicação ao estudo, esforçou-se por corresponder à vontade e orientações dos superiores mas, ao mesmo tempo, teve dificuldades de se adaptar completamente às regras e ao exercício da atividade monacal, marcada fundamentalmente pela disciplina e pelo isolamento de uma vida recolhida.

Ele necessitava do contacto direto com a realidade social, a fim de poder prestar apoio e auxílio aos mais necessitados

Américo sofreu com isso ao longo do noviciado, como observou frei Alexandre:

*Este esforço, junto a todos os demais de adaptação à nova vida – Frei Américo tinha então trinta e seis anos e um mundo de hábitos feitos através de si – cansavam-no muito. Daí as dores de cabeça e um certo nervosismo quase constantes. [...]*

*Demais, havia nele alguma originalidade, um certo carisma poético (depois muitas vezes festejado por alguns dos próprios franciscanos!), que punham hesitação e levantavam temor em quem tinha de assumir a responsabilidade da sua profissão religiosa.<sup>120 121</sup>*

---

<sup>119</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 16 nov. 1957, nº 357 p. 1.

<sup>120</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 16 nov. 1957, nº 357 p. 1.

<sup>121</sup> Esta observação converge com a que o bispo de Coimbra, D. Manuel Coelho da Silva, fez algum tempo após a entrada de Américo no Seminário de Coimbra, ao prefeito que acompanhava o novel seminarista, padre Euclides de Oliveira Morais:

Frei Bernardo, companheiro de frei Alexandre e enfermeiro-mor da Província Portuguesa da Ordem de S. Francisco, procurou junto de frei Américo mostrar-lhe de forma delicada a conveniência para, voluntariamente, abandonar o noviciado franciscano, facilitando assim qualquer outro caminho que desejasse seguir dentro da vida religiosa, aconselhando-o:

*O Frei Américo não aguenta esta vida: O estudo, o coro, a disciplina, o horário muito preso... Se fosse para um seminário talvez o dispensassem de alguns estudos da Filosofia e ainda se ordenava primeiro que os companheiros daqui... Depois, se quisesse, voltava então e era natural que o aceitassem...*<sup>122</sup>

Na verdade, frei Américo ficou afetado na sua saúde, pelo esforço físico mas também intelectual, essencialmente pelo estudo das disciplinas mais teóricas, assim como pela necessidade de compatibilizar a sua personalidade e hábitos de liberdade com as regras disciplinares do convento.

Neste contexto, D. Rafael Assunção, bispo de Limira, referiu:

*O P. Provincial, ao considerar o seu temperamento e fina sensibilidade que lhe prejudicava a saúde, já muito abalada, julgou prudente e preferível aconselhá-lo a entrar num Seminário em Portugal. A proposta fulminou-o. Ele queria professar. A vida de S. Francisco entusiasmava-o; era o modelo das suas aspirações. O Padre Provincial não apresentou o seu nome à votação da Comunidade [...]*<sup>123</sup>

Muito embora tivesse escutado de boa mente os conselhos de todos quantos lhe propuseram a abdicação voluntária, ficou muito abalado, regressando a casa, desalentado e mergulhado em incertezas relativamente ao seu futuro.<sup>124</sup>

Referindo o irmão, padre José, citado pelo padre A, Moreira da Rocha, diz MARTINS:

---

*Veio dos Rev.os Padres Franciscanos, por tendências para coisas místicas, o que pouco se coadunava com o teor da vida deles. Isto para seu governo! ("Facetas de uma Vida").*  
*O Gaiato*, 10 jan. 1959, nº 387 p. 1.)

<sup>122</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 16 nov. 1957, nº 357 p. 1.

<sup>123</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 08 dez. 1956, nº 333 p. 1 e 3.

No "Livro de termos das admissões dos noviços", do convento de S. Francisco, em Vilarinho, iniciado em 28 de setembro de 1919, na página 26, referente ao "Termo de admissão ao hábito do noviço, Fr. Américo de Santa Teresa", diz-se no fim da página referida que "Saiu, antes da Terceira votação..."

<sup>124</sup> "Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 16 Nov. 1957, nº 357, p. 1.

(...) tal era o 'desfalecimento' que a sós no quarto irrompera em copioso pranto. Apesar disso, nunca descobri no seu coração o mais leve ressentimento contra os padres franciscanos de Vilariño. Mais que uma vez, assisti a uma troca de impressões, acerca da ocorrência doutros tempos, entre ele e um ou outro desses franciscanos, de passagem por Coimbra. Era sempre uma conversa alegre e amiga.<sup>125</sup>

Naquele ano de 1925 e durante cerca de três meses, Américo viveu um tempo de dificuldades, de sofrimento, mas também de reflexão. Teve no entanto a certeza de que a sua vida não poderia voltar para trás. Nunca mais voltaria a ser como tinha sido antes.

No mês de setembro, e quando admitia ir para o Seminário do Porto, escreveu uma longa carta a Simão.<sup>126</sup> Aproveitando para manifestar a gratidão que sentia por

---

<sup>125</sup> MARTINS, 2005:84

De facto o futuro padre Américo sentir-se-à e manifestará na sua forma de viver muita da espiritualidade franciscana. Talvez, uma das maiores provas disso tivesse sido o seu pedido de readmissão na Ordem Franciscana e que foi motivo de apreciação em reunião do definitório (Conselho Executivo da Província Portuguesa da Ordem Franciscana), ocorrida em 29.12.1929, pouco tempo após a sua ordenação sacerdotal. O texto da ata respeitante àquela pretensão é o seguinte:

*O M.R.P. Provincial apresenta o pedido de readmissão à Ordem, feito pelo R.P. Américo de Aguiar, que antes de ordenado foi noviço, e desistiu por conselho do R.P. Mestre e do que então era Guardião do Convento do Noviciado. Resolve-se readmiti-lo ao noviciado, mas só depois de se falar com o Exmo. e [...] Bispo de Coimbra, em cuja diocese o interessado se ordenou e reside, e com o R.P. Luís do Patrocínio, que foi Mestre de Noviços dele.*

*(Livro de atas dos capítulos provinciais e das reuniões definitórias da província de Portugal da ordem franciscana, aberto em Braga, 22 de novembro de 1910, p.143.)*

Provavelmente por não ter sido readmitido, o então padre Américo terá efetuado novo pedido de readmissão. Isso levou a que na reunião do definitório de 11 de setembro de 1931, o assunto fosse agendado e ficasse inscrito na respetiva ata, nos seguintes termos:

[...]

*d) Readmissão do R.P. Américo de Aguiar, ex-noviço da nossa Província (e que desistiu) ao hábito que volta a pedir. (Livro de atas dos capítulos provinciais e das reuniões definitórias da Província Portuguesa da Ordem Franciscana, aberto em Tuy, Convento de S. António, 7 de dezembro de 1930, p. 52.)*

Não conheço as razões que terão levado o padre Américo a pretender regressar à Ordem Franciscana, dado que no seu arquivo, em Lisboa, não foi encontrada qualquer petição nesse sentido. Admito, no entanto, que possam estar relacionadas com as incertezas quanto ao futuro, que se lhe depararam quando terminou o Curso de Teologia e enquanto não foi colocado ao serviço da "Sopa dos Pobres", criada pelo seu bispo de Coimbra, D. Manuel Coelho da Silva.

<sup>126</sup> Nesta carta, sem indicação do dia em que foi escrita, mas apenas "setembro de 1925", ou seja, quase um ano depois da última, Américo referiu: "pois eu vou fazer os meus estudos no Seminário do Porto, para fugir ao grego e hebraico a que obrigavam as constituições monásticas." ("Facetas de uma Vida". *O Gaiato*, 25 jun. 1960, nº 425, p. 1 e 2.)

Portanto, apresentou como razão para a saída do convento a sua pretensão de não estudar as línguas grega e hebraica. Sabe-se que ele manifestou, nomeadamente ao irmão padre José, algumas dificuldades na aprendizagem do Latim, o que também poderia ocorrer se tivesse de estudar outras línguas clássicas. No entanto, esta razão não foi referida pelos testemunhos, mormente de frei Alexandre e do bispo de Limira D. Rafael Assunção, que apresentaram outros motivos, como se refere.

beneficiar da sua amizade, o ex-frade pretendia que o amigo pudesse beneficiar do bem e da paz que ele próprio sentia.

Nesta autêntica catequese, Américo evidenciou a natureza e os fundamentos em que assentava a irredutibilidade da sua decisão. À fé nas coisas visíveis e objetivas em que Simão assentava a sua crença, contrapôs:

*[...] há outra Fé que não é filha da razão, nem diz respeito às coisas presentes, manifestada em obras sobrenaturais e esta nem todos a possuem. Esta Fé é filha da alma e é um dom de Deus. Para a termos é necessário impetrá-la de Deus e aqui temos nova dificuldade porque V. não o conhece nem crê que Ele existe. [...]*

*[...] quão ignorante eu era antes de observar agora as minhas ideias atuais, que não são filhas de estudos, porque ainda os não comecei, mas sim de intuição comunicada, que Deus dá a todos que O procuram. Mas isto naturalmente ainda o não satisfaz, porque V. desejaria ver Deus. Note bem; Deus não se vê nem se apalpa; sente-se. Deus é um espírito. Habita no espírito de quem O possui [...].<sup>127</sup>*

*O que fazer pois para possuir Deus? Falar-lhe. E como falar? Orando. [...] é necessário orar em espírito de muita humildade,[...]. Se assim ora, digo-lhe por experiência individual que Deus vem a si, dá-lhe a fé que a razão não conhece e com ela luzes e sentimentos que não saberá explicar, mesmo depois de os ter. [...] e há também [...] uma oração comum a todos, também de instituição divina, a Missa.[...] E assim é que, nas linhas do rosto de um verdadeiro Ministro do Evangelho se lê sempre traços vincados de PAZ E BEM.*

*[...] A crença da imortalidade da alma é uma consequência fatal da existência de Deus. [...] O homem não é corpo; é alma. [...]<sup>128</sup>*

*A razão do homem é limitada às coisas humanas e visíveis e é por isso que os verdadeiros e sinceros sábios são pequenos, humildes, sabendo que não sabem nada e fugindo como toda a gente sensata para o tal ponto indefinido, infinito e incompreensível. [...] E que concluo eu?? No primeiro lugar que não sou desta*

---

<sup>127</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 28 mai. 1960, nº 423, p. 1.

<sup>128</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 11 jun. 1960, nº 424, p. 1.



*vida e que outra me espera, a eterna, onde a minha alma repousará saciada e feliz, se nesta for fiel aos mandados de Deus. [...]*<sup>129</sup>

Nesta catequese apologética de Deus e do cristianismo, o futuro padre Américo, mesmo num momento muito difícil, revelou aquilo que foi fundamental na sua vida religiosa: a fé inquebrantável em Deus; a proximidade de Deus, que ele sentia e intuía essencialmente através da oração e não pelo estudo da Teologia, ou uso da razão; a humildade e retidão de intenções na sua relação com Deus; a imortalidade da alma; a vida terrena como preparação para a vida eterna.

Assim preparado e cheio de convicção, percebe-se que ele estava em paz consigo. Deste modo se explica a resistência aos apelos dos amigos de África, que tomaram a iniciativa de o abordar. Desses contactos deu conta a Simão, em 11 de setembro de 1925:

*Álvaro e quejandos têm vindo aqui fazer tudo para me demoverem dos meus intentos, mas as raízes já estão muito fundas e tenho a certeza de que Deus me não larga da mão porque o procurei em espírito de muita sinceridade.*<sup>130</sup>

O padre A. Moreira da Rocha, amigo de Américo e que o acompanhou com maior proximidade naquele período de incertezas, após a saída do convento, também observou aquelas iniciativas, assim como outras que tinham sentido semelhante:

*[...] Durante este tempo, fui testemunha de que antigos companheiros e amigos de África lhe batiam à porta no intuito de o convencerem a regressar a Moçambique. Partiam pesarosos por não conseguirem demovê-lo do seu propósito. Debalde também empresas inglesas e alemãs, estabelecidas em Moçambique, teimavam em propor-lhe privilegiada situação económica.*<sup>131</sup>

Além daquele comportamento, o mesmo sacerdote, com formação em filosofia, pôde comprovar a solidez do seu carácter e valor pessoal, durante quase três meses de convívio franco e aberto, durante o qual falaram dos homens e de Deus.<sup>132</sup>

---

<sup>129</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 25 jun. 1960, nº 425, p. 1 e 2.

<sup>130</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 09 jul. 1960, nº 426, p. 1 e 2.

<sup>131</sup> MARTINS, 2005:85

<sup>132</sup> MARTINS, 2005:84

Neste período em que viveu em casa da família, Américo continuou a praticar de forma direta e pessoal a caridade junto dos mais pobres e doentes, destacando-se as visitas a uma velhinha cancerosa e a Antero do cruzeiro, também velho e asmático.<sup>133</sup>

#### 4. Finalmente o seminário

Gorada a possibilidade de se tornar frade franciscano e sendo claro que Américo pretendia ordenar-se presbítero, o padre franciscano Inocêncio do Nascimento, assim como o padre José, seu irmão, provavelmente em setembro, intercederam junto do bispo do Porto, D. António Barbosa Leão, conterrâneo e conhecedor da família Monteiro Aguiar, para que as portas do seminário maior diocesano se lhe abrissem.<sup>134</sup> Não obstante a solicitação e empenho dos dois sacerdotes, o prelado do Porto não autorizou que tal acontecesse, argumentando: ‘É veleidade. Não o admito. Tenho tido desgostos e desenganos em casos semelhantes. Poupe-me esse desgosto.’<sup>135</sup>

O bispo do Porto, que não acreditou na vocação de Américo, admitiu no entanto, aceitá-lo no seminário menor, mal tal hipótese foi imediatamente recusada pelo próprio.

Mediante esta recusa, as pretensões voltaram-se então para a diocese de Coimbra onde o bispo, D. Manuel Coelho da Silva, também natural de Penafiel, acabou por aceitar a pretensão de Américo, que fora apresentada sob a influência de parentes deste.

<sup>136</sup> Mesmo assim, aquele prelado não deixou de admitir alguns receios ao afirmar ao padre José:

---

<sup>133</sup> MARTINS, 2005:85

<sup>134</sup> Não se dispõe da data em que a pretensão foi apresentada. No entanto, dado que Américo, referiu em carta de setembro de 1925, dirigida a Simão Neves, que esperava ir para o seminário do Porto, e que a admissão no Seminário de Coimbra ocorreu em outubro ou novembro, é muito provável que tal se tenha verificado em setembro. A propósito da data da entrada no Seminário de Coimbra, não foi possível comprová-la, dada a ausência de registo naquele estabelecimento de ensino.

MARTINS, 2005:86, refere que tal ocorreu em 03 de outubro de 1925.

Por sua vez, o padre Euclides de Oliveira Morais, prefeito da 2ª prefeitura, no seminário, referiu que a apresentação de Américo se verificou nos inícios de novembro, daquele ano:

*Estava eu na Prefeitura da 2ª, dedicada a S. António de Lisboa, quando, certo dia do princípio de novembro, o Sr. Bispo D. Manuel Luís Coelho da Silva me aparece à porta do quarto com um Senhor bem posto, dizendo: 'Aqui tem o Snr. Américo de Aguiar. Vem frequentar o Seminário e para a sua Prefeitura; [...]' ("Facetas de uma Vida". O Gaiato, 10 jan. 1959, nº 387, p. 1.)*

<sup>135</sup> MARTINS, 2005:85

<sup>136</sup> SOARES, Padre Avelino - "Fugido de si mesmo". *O Tempo*, 09 jul. 1972, nº 12, p. 1.

*Não estou muito entusiasmado. Pronto. Mande-o vir. Se não der tábua dá casqueira.*<sup>137</sup>

E Américo entrou, causando logo uma impressão forte naqueles que inicialmente o viram, pela forma de vestir, pelo seu porte e pelo aspeto revelador de idade muito superior à dos demais seminaristas. O padre Manuel do Freixo referiu:

*Era prefeito e professor do Seminário de Coimbra, quando um dia, já rapaz de quarenta anos, forte, corado, saudável, veio bater ao portão de bronze daquela casa, o Sr. Américo Monteiro de Aguiar, com trabalhos em Moçambique e Londres. [...]*<sup>138</sup>

Assim como Luciano, futuro condiscípulo de Américo e, mais tarde, ordenado presbítero:

*Lembra-me como se fosse hoje. Estava nos últimos anos de preparatórios. Íamos a sair de passeio. Olhávamos com curiosidade aquele fidalgo que nos fora dado por companheiro.*

*Não tinha ainda a indumentária de seminarista e, por isso, envergava as suas roupas claras e principalmente aquela gabardine “cegava-nos”. [...] Mas que bem lhe ficava aquela roupa! Era homem, como ele dizia mais tarde, a rir, que sabia pisar alcatifas.*<sup>139</sup>

A mudança do convento para o seminário não alterou muito o tipo de vida de Américo. Foi na relação com os outros e o mundo que as diferenças foram, provavelmente, mais notadas pelo novo seminarista.

Os responsáveis do seminário tiveram sempre em conta o seu percurso pessoal no mundo exterior durante trinta e seis anos. Por isso, concederam-lhe algumas liberdades que não eram aplicáveis a outros, procurando atenuar o esforço a que tinha de se sujeitar. Faziam isso com pequenas coisas, mas que a ele lhe sabiam e faziam bem. Tal era o caso do café que diariamente fazia e tomava no seu quarto, após o almoço.<sup>140</sup>

---

<sup>137</sup> MARTINS, 2005:86

<sup>138</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 07 set. 1957, nº 352, p. 1 e 3.

<sup>139</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 27 jun. 1959, nº 399, p. 1 e 4.

<sup>140</sup> Testemunhou o padre José Ribeiro da Costa:

Se no convento algumas vezes não conseguia comer as refeições, dada a fraca qualidade da sua confeitura e quiçá a escassez de géneros que existiriam, em Coimbra também acabará por ser confrontado com situações semelhantes. No entanto, aqui já lhe era mais fácil conseguir ultrapassar as dificuldades, dadas a experiência, assim como a sua progressão na vida religiosa, que lhe permitia uma maior aceitação das condições concretas em que vivia. Foi isso que referiu o já citado padre Manuel Freixo:

*Naquele dia o Américo de Aguiar tinha almoçado depois dos companheiros. Ora sucedeu casualmente entrar eu na vasta sala do Refeitório, no momento em que ele comia. O pão, fabricado na casa, com farinha de milho e fava, era acentuadamente escuro, de côdea a esboroar-se. Sentei-me ao pé daquele homem de quarenta anos, de agradável companhia, por quem sentia ao mesmo tempo respeito e simpatia e veneração, sentindo estar na presença de um homem de Deus. E meti-me com ele:*

*– Então, Sr. Américo, qual é melhor: é esse pão escuro ou aqueles bifes tenrinhos, sangrentos, com mostarda, das pensões de Londres?!*

*– Oh! Sim, Sr. Prefeito, mas tenho agora aqui mais alegria e paz do que então!...*<sup>141</sup>

Sendo as regras disciplinares menos rigorosas do que as vividas durante o noviciado franciscano, isso não evitou que, em algumas situações, o esforço para as aceitar e praticar fosse grande e exigente. Deixou, no entanto, que a obediência e o respeito pelos superiores se sobrepusessem a eventual discordância. A este propósito, escreveu o padre José Ribeiro da Costa, seu condiscípulo:

*Uma vez, o Prefeito Padre Augusto da Silva Campos Neves deu certa ordem. Ao Américo custou-lhe tanto, que cobriu a cabeça e o rosto com a capa e foi assim cumprir. Não consegui averiguar do que se tratava.*<sup>142</sup>

---

*O Américo habitou o 3º quarto a contar da travessa norte para a do meio, no corredor da 3ª Prefeitura. No quarto vizinho, o 2º, morava eu. Todos os dias no fim da refeição do meio-dia lá ia ele para o quarto fazer o seu cafezinho, que nunca dispensou. E, batendo na parede, anunciava ao vizinho que viesse tomar também. Estava autorizado a isso e utilizava uma pequena máquina a álcool para o fazer. (“Facetas de uma Vida”. O Gaiato, 07 mar. 1959, nº 391, p. 1 e 4.)*

<sup>141</sup> “Facetas de uma Vida”. O Gaiato, 07 set. 1957, nº 352, p. 1 e 3.

<sup>142</sup> “Facetas de uma Vida”. O Gaiato, 07 mar. 1959, nº 391, p. 1 e 4.

## 4.1 Relações com companheiros e superiores

Tal como tinha acontecido no convento franciscano de Vilariño de Ramallosa, as suas qualidades pessoais permitiram-lhe um forte companheirismo e uma grande proximidade junto de todos os colegas e superiores, adquirindo mesmo um grande ascendente sobre aqueles.

Desde os primeiros dias de vida no seminário que os colegas procuraram todos os momentos livres para poderem ouvir de Américo as suas histórias. Este, por sua vez, partilhava-as com todos, sem excluir quem quer que fosse, sem qualquer preconceito, ou pretensão de maior conhecimento.

A simpatia que sempre irradiou e a empatia que gerou permitiram essa aproximação, quebrando quaisquer barreiras que a idade pudesse colocar. O padre Luciano, seu condiscípulo, escreveu a este propósito:

*Tinha idade para ser nosso pai mas ganhámos-lhe todos tal amizade que, em breve, nos tratávamos por tu.*

*Nos recreios, ambicionávamos estar junto dele. A sua experiência ensinava-nos tanta coisa... Não desprezava ninguém. O seu coração para todos estava aberto.*<sup>143</sup>

Também o padre Lourenço Matos, outro condiscípulo, testemunhou:

*Contava coisas da África selvagem, coisas da África civilizada: pretos, moleques, jacarés e albinos; ingleses, alemães, índios, chineses, japoneses, mas principalmente ingleses; depois vaporsitos fluviais e transatlânticos colossais, viagens por terra e por mar, sempre férteis em peripécias interessantes. [...] Tocava de novo para o recreio e logo, como formigas em volta dum torrão de açúcar, o rodeavam os mais curiosos, ávidos sempre de imagens novas. Ele então lia-lhes nos olhos o que não ousavam pedir de viva voz e começava a desfiar de novo, a contar, a contar coisas...*<sup>144</sup>

---

<sup>143</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 27 jun. 1959, nº 399, p. 1 e 4.

<sup>144</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 08 ago. 1959, nº 402, p. 1 e 3. Publicado originalmente na revista do seminário maior de Coimbra, *Lume Novo*, nov. 1929, nº 11

Outra característica que sobressaía era a jovialidade e sentido de humor, que sendo naturais, eram também meios de que se socorria para mais facilmente conseguir relacionar-se com todos independentemente da idade, situação, ou mesmo das vivências com que contactava no seu dia a dia.

Ao usar estes dois predicados, conseguia muitas vezes ultrapassar dificuldades que, de outro modo, tornariam a sua vida e a daqueles com quem se relacionou mais difíceis.

Foi ele quem muitas vezes animou as iniciativas tomadas pelos seminaristas, isoladamente ou em colaboração com os responsáveis. Sendo mais velho, podendo até ser pai de alguns, não se coibia de desempenhar papéis que, à partida, pareciam mais adequados a rapazes.

Fazia isso naturalmente, mas também porque tinha consciência que, para adquirir a confiança e poder viver intensamente com os outros, teria de utilizar processos simples e aceites por todos. Esta vertente foi ilustrada pelo padre Luciano:

*Na colónia de férias de Buarcos, o Américo era, a alma das nossas diversões. [...] Por esses tempos, ainda pouco se falava em telefonia.*

*O Sr. Cónego Tomás F. Pinto tinha pois ao nosso dispor uma grafonola. Ora, numa tarde em que girava um disco com uma valsa, Américo agarra uma enxada, faz dela o seu par e dançou com tal primor, que nós todos ficamos suspensos de admiração.*<sup>145</sup>

De igual modo, nas situações mais sérias, essa faceta também se evidenciou, como na caracterização que fez do seu prefeito, padre Euclides Oliveira Morais, e que o próprio referiu:

*[...] Mais tarde, quando me encontrava, repetia invariavelmente estas palavras naquela voz descansada e meia presa que todos lhe conhecemos: ‘O meu Prefeito! Quando o Sr. D. Manuel Luís Coelho da Silva me foi apresentar a ele, olhei-o de alto a baixo e disse para comigo: – Até nisto Deus me quer*

---

<sup>145</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 27 jun. 1959, nº 399, p. 1 e 4.

*humilhar! O meu chefe era um escocês, alto e forte, de barbas bem tratadas... E agora é um padre baixito, franzino, de tez morena!*<sup>146</sup>

Esse sentido de humor também lhe permitia aceitar brincadeiras que o tinham a si como destinatário, tal como sucedeu quando referiu um episódio vivido em Moçambique com o seu criado. Este, um dia de manhã, verificando que o patrão não se levantava para ir trabalhar como era habitual, correu à porta do quarto e gritou: “ Ó patarau, lu penga alira, lu penga alira!”.

Este episódio levou a que os condiscípulos o alcunhassem de “parrau”, tal como disse o padre Lourenço de Matos:

*Entre as muitas curiosidades deixou cair a do «Lu penga alira». Foi quase um delírio! [...] para nós ficou sendo, desde aquele momento, o nosso Patarau. Não sei por que cargas de água, por evolução da língua talvez, veio depois a chamar-se-lhe Patrau e finalmente Parrau – forma que adquiriu foros de definitiva.*

*[...] Para nós, os condiscípulos – condiscípulos sim, e porque não? – que tivemos a ventura de nos sentarmos com ele nos bancos das mesmas aulas durante quatro anos, e não queremos abdicar dessa honra, para nós os condiscípulos, é ainda e será sempre por toda a vida o querido Parrau. [...]*<sup>147</sup>

Já naquele tempo, um dos seus lemas de vida, plasmado na ação concreta do dia a dia, era a preocupação com o bem, como meio de contribuir para uma vida melhor para cada um e para todos. A sua generosidade não tinha limites, nem se coibia de tomar iniciativas que pudessem concretizar aquele ideal. O lema “Paz e Bem”, bebido no convento franciscano, tornou-se para si um dos “leitmotiv” permanente.

Por isso foi amigo de todos e de cada um em particular, estando atento a tudo quanto se passava. Sabia apoiar quando o desânimo ou as dificuldades batiam à porta, e até mediar divergências, tal como aconteceu com o seu colega Luciano numa aula de teologia:

---

<sup>146</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 10 jan. 1959, nº 387, p. 1 e 4.

<sup>147</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 08 ago. 1959, nº 402, p. 1 e 3. Publicado originalmente na revista do seminário maior de Coimbra, *Lume Novo*, nov. 1929, nº 11

*[...] nem o Professor me compreendia nem eu compreendia o Professor. Esperava ser chamado a certa lição e gastei, a preparar-me, nove horas. Podia sabê-la de cor. Afinal não saímos da epígrafe!*

*O condiscípulo Américo, à saída da aula, puxa-me e vê as lágrimas de desespero, caindo em grossas gotas, dos meus olhos de vinte anos. Arrasta-me ao seu quarto na «Casa nova», ouve a minha história, limpa-me o pranto, fala com o Professor... e tudo mudou.*<sup>148</sup>

Tudo isto fazia com grande mestria e uma linguagem verbal ou escrita que se impunha pela simplicidade acutilante e a eficácia nos efeitos pretendidos. Era um dom natural que tinha. Por isso, os companheiros, particularmente os mais próximos, não dispensavam os seus discursos, tivessem eles um cunho sério, ou fossem enquadrados em ambientes de diversão aquando de eventos ou situações mais prosaicas.<sup>149</sup>

O seu colega José Augusto de Miranda, apreciador de boa prosa, chegou mesmo a considerar que a de Américo lembrava o escritor Eça de Queirós. No entanto, disse também que nunca o tinha visto a ler outra coisa que não fosse o Evangelho.<sup>150</sup>

Embora esta forma de estar e se relacionar com todos fosse maioritariamente reconhecida e digna de muito apreço, existiam no entanto outros, provavelmente em pequeno número, que não pensavam dessa maneira.

*Alguns não o consideravam e tinham-no como suspeito.*<sup>151</sup>

Apesar disso, e como acontece frequentemente, teve também uma estima especial por alguns condiscípulos, fruto certamente de afinidades que foram sendo construídas ao longo do tempo.<sup>152</sup>

---

<sup>148</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 27 jun. 1959, nº 399, p. 1 e 4.

<sup>149</sup> Escreveu o seu colega e depois padre Luciano:

*Os discursos do Américo nunca os achávamos longos. Havia tal silêncio, embevecimento, quando ele falava ou escrevia, que não se podia fazer festa em que o Américo não botasse fala. [...] Ficaram-me gravadas algumas frases dele, como: «O galopar tempestuoso das enormes locomotivas ao chegar ao Cabo», «glorious morning» (gloriosa, esplêndida manhã)..., «momento de eternidade...»*

*Lembra-me também com frequência a descrição que nos fazia do trágico afundamento do Titanic e, principalmente, das circunstâncias em que teve conhecimento dessa tragédia. Viajava de barco no Mediterrâneo, quando receberam o S. O. S. do Titanic. Após a perda do transatlântico, a orquestra de bordo tocou o «Mais perto de vós, meu Deus, mais perto de vós!» que todos ouviram de joelhos e olhos cheios de lágrimas. Só ele o sabia contar de modo a, fazer-nos chorar. (“Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 11 jul. 1959, nº 400, p. 2)*

<sup>150</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 24 jan. 1959, nº 388, p. 1.

<sup>151</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 07 mar. 1959, nº 391, p. 1 e 5.



O mesmo comportamento teve para com os superiores, por quem nutria respeito e muitas vezes admiração, ajudando-os sempre que necessário, com o mesmo espírito de compreensão e solicitude que manifestava para com os colegas. Tal foi o caso da ajuda prestada ao seu prefeito, padre Euclides de Oliveira Morais, a quem ensinou a língua inglesa, de forma paciente e divertida, sabendo compreender e aceitar as dificuldades que este evidenciou na aprendizagem.<sup>153</sup>

## **4.2 Percurso académico e atividade cultural**

### **4.2.1 Curso de teologia**

No ano letivo de 1925/1926, Américo frequentou a disciplina de Filosofia ou Lógica, como também era conhecida, obtendo a classificação de 14 valores, em exame efetuado em 6 de julho de 1926.

No ano letivo seguinte iniciou o curso de teologia. As classificações obtidas, resultantes de exames específicos a algumas disciplinas e as médias globais de cada ano foram os seguintes:

**1º Ano** – Exame de Liturgia – 10 valores (13.06.1927);

Exame de Religião – 11 valores (23.06.1927);

“Ato do 1º ano Teológico” (média geral do ano) – 13 valores (28.06.1927).

**2º Ano** – Exame de Canto Gregoriano – 11 valores (16.09.1928);

“Ato do 2º ano Teológico” (média geral do ano) – 12 valores (20.06.1928)

No exame de canto gregoriano, ocorrido no final do ano letivo, em 19.06.1928, Américo tinha reprovado.

**3º Ano** – “Ato do 3º ano Teológico” – 13 valores (25.06.1929).

**4º Ano** – “Ato do 4º ano Teológico” – 12 valores (15.04.1930).

---

<sup>152</sup> Os colegas mais próximos foram: António Antunes da Cruz Gomes; Augusto Nunes Pereira; Silvestre Dias Gouveia; César Roque Pereira; Raul Mira. (“Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 07 fev. 1959, nº 389, p. 1)

<sup>153</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 10 jan. 1959, nº 387, p. 1.

A conclusão do 4º ano, no ano seguinte à sua ordenação como presbítero, e antes do fim do ano letivo, ocorreu “por concessão do prelado”.<sup>154</sup>

A média global do curso foi de 12,5 valores, classificação semelhante à dos alunos que o concluíram naquele ano.

Américo esforçou-se sempre por ser um aluno aplicado, atento e cooperante com professores e colegas, revelando uma grande facilidade na escrita e na comunicação verbal, a par das qualidades de liderança. Terá sido por isso que foi nomeado prefeito e, nos anos de 1929 e 1930, professor de português do preparatório do seminário.

Também as suas qualidades oratórias levaram a que em 1929, ano da sua ordenação sacerdotal, fosse distinguido com um prémio pecuniário de cem escudos, pela qualidade das suas homilias.<sup>155</sup>

Não obstante as qualidades referidas, manifestou dificuldades em algumas áreas. Foi o caso do Canto Gregoriano, assim como em algumas disciplinas mais teóricas e especulativas, para as quais tinha menos apetência. Isto foi evidente na teologia dogmática, o que o levou a dizer que se tratava de uma matéria triste e árida, concluindo que a teologia não poderia ser aprendida pelo compêndio, mas pela observação e reflexão sobre a vida.<sup>156</sup>

---

<sup>154</sup> “Livro de Termos do Curso Teológico” (seminário maior de Coimbra)

<sup>155</sup> MARTINS, 2005:93

<sup>156</sup> Se a leitura dos manuais lhe inspirava aquele sentimento, o contacto com a simplicidade e fé dos frades do convento franciscano foram para si uma fonte inspiradora para a vida. Por isso escreveu:

*E que dizer dos meus mestres, dos meus grandes mestres que, sem saberem teologia, me ensinaram muita da que hoje sei. O mais velho era do Alqueidão e andava às voltas com os 80. Era o despenseiro. Alto, severo, penitente, nunca falava a não ser por necessidade, mas comigo falava muito e muitas vezes, e deixava que eu lhe fizesse festas. Era muito meu amigo, muito meu amigo. Nos dias em que me calhava lavar a louça do convento, obtinha licença para o ajudar a limpar os pratos. Ele esperava-me, contente e eu ainda mais. Tomávamos a toalha e íamos passando por ela a louça. Então o meu querido mestre transformava-se; animava-se. Perdia aquele tom de severidade e dizia-me com inefável ternura: 'irmão frei X, tudo quanto fizer faça-o por amor de Deus. Tudo, tudo, seja o que for'. E não dizia mais nada. Ao despedir-me, procurava beijar-lhe a manga do hábito. Ele dizia-me sempre: 'Isso nunca, sou frade leigo'. E eu ia: 'Irmão, é por amor de Deus!' Daí a nada tocava para as vésperas.*

*Outro grande mestre era o lavadeiro do convento. Inteligente, mortificado, memória prodigiosa, o irmão frei X era tão doente que nem comia connosco, por causa de vômitos constantes. Eramos amigos e confidentes. Eu ajudava-lhe sempre a estender as peças mais pesadas, e algumas vezes aquecia a água das barreiras. Lavava num tanque largo e cómodo, perto do jardim, mas de verão secava a água e então ele mudava para o fundo da cerca, aonde passava um fio de água fundo e muito difícil. Um dia que o vi aninhado entre as pilhas da roupa, disse-lhe assim: 'Que pena tenho de si. Se me fosse permitido, lavava a roupa esta semana'. Ele levanta-se, majestoso, soberbo e num ar de*

A par da sua evolução nos estudos e face ao cumprimento dos deveres e regras do seminário, Américo foi recebendo ao longo do curso as ordens inerentes a essa mesma evolução. Foi isso que aconteceu em 18, 19, 20 de dezembro de 1926, com a “Prima Tonsura” e ordens menores.

Em junho de 1928, provavelmente no final do ano letivo em que concluiu o 2ºano (embora ainda tivesse de repetir o exame de canto gregoriano a que havia reprovada em “primeira época”), o reitor do seminário informou-o de que, no final do ano letivo seguinte, seria ordenado sacerdote. No entanto, previamente a essa ordenação, teve de receber as ordens de subdiácono e de diácono, o que aconteceu em outubro de 1928 e 7 de abril de 1929, respetivamente.

Ora, naquele mês de junho, o então seminarista tomou a iniciativa de se dirigir ao seu bispo, solicitando-lhe autorização para que, aquando da ordenação como sudiácono, pudesse fazer votos de pobreza e obediência.

Esta atitude de Américo, invulgar e de sua exclusiva iniciativa, evidenciou uma elevada maturidade espiritual e uma profunda consciência do ofício presbiteral, no contexto social, cultural e religioso da época.

Ele sabia que a sociedade portuguesa daquele tempo, e particularmente após a implantação da República, pensava que a hierarquia da igreja, pelas ligações aos poderes da sociedade, pela riqueza de que beneficiava, pelo distanciamento que tinha relativamente à vida concreta dos crentes e ao resto da sociedade, não dispunha do respeito desfrutado em tempos passados. Por essas razões, era muitas vezes vista como um mau exemplo, e por isso tratada como parasita da própria sociedade.

---

*protesto abre-me uns olhos faiscantes de alegria dizendo: 'Nunca. Não, que eu não deixava. Estes dois meses são a minha glória'. Meti as mãos nas mangas, retirei-me e fiz nessa tarde uma profunda meditação. [...]*

*Mas o maior de todos os mestres, esse nem sequer era religioso; era apenas irmão donato, sem votos nem nada. Tratava das vacas e andava nuns 65 muito rijos e muito frescos. Era de Maceira, perto de Leiria. Dizia-me com muito amor: 'vou-me apanhar o almocinho, vou-me apanhar o jantarzinho das vacas', e eu ia com ele ouvir, aprender o que hoje sei. Grande mestre. Num rigoroso 24 de dezembro o meu querido irmão Dionizio vai à cela do Padre guardião pedir que o deixasse mudar para o curral das vacas. Pede, implora, insta, consegue, e hoje tem o catre armado num pequeno alpendre, ao pé das suas vacas. Ele sabe porque é que mudou para lá e nós também o sabemos. [...] Frei Junípero*

“Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 14 jun. 1958, nº 372, p. 1.

“Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 28 jun. 1958, nº 373, p. 1.

Revista *Lume Novo*, nº 7, de 09 de jun.1928.

Por outro lado, a evolução cultural operada nos séculos XIX e XX retirara ao clero a supremacia do conhecimento e o domínio sobre a opinião pública. Esta alimentava-se de uma multiplicidade de meios e origens muitas vezes hostis à própria instituição.

Também a transformação económica e social criara uma massa de trabalhadores e operários que, passando dos campos para as cidades, deixaram de ser tutelados pelos valores religiosos tradicionais e pela figura do padre. Então, as doutrinas de matriz socialista traziam-lhes uma maior esperança e frequentemente lhes apresentavam formas de organização capazes de mais facilmente conseguirem afirmar os seus direitos e exigir melhores condições de vida. Ele próprio, antes da entrada no convento, também pensava negativamente sobre o papel da igreja daquele tempo.

Por estas razões, entendeu que na sua ação de testemunha de Jesus Cristo no meio dos homens não poderia utilizar as mesmas fórmulas, a mesma linguagem, o mesmo comportamento que a igreja, e em particular a sua hierarquia, vinham adotando. Sentiu a necessidade de encontrar um caminho novo, que fosse capaz de ser aceite por aqueles a quem queria dirigir-se e que eram privilegiadamente os pobres, marginalizados e até miseráveis. Teria de se fazer pobre, a fim de melhor compreender a pobreza com que iria defrontar-se no futuro e, ao mesmo tempo, poder “servir a um só Senhor”.

Percebeu que os seus grandes mestres, Jesus Cristo, S. Francisco de Assis e S. Vicente de Paulo tiveram de dar sinais claros aos povos dos seus tempos de que a sua ação visava o transcendente, o reino de Deus, baseado no amor, na humildade e na simplicidade.

Por essa razão, ele quis viver a pobreza material como a prática visível, como o primeiro passo para abrir as portas de vidas marcadas pela miséria, desespero e doença.

A formulação dos votos de pobreza e obediência foi um ponto alto da caminhada que fez desde a entrada na vida religiosa, pela profunda identificação com o Evangelho e o espírito franciscano, bebido durante dois anos no convento, e continuado até então. Particularmente o voto de pobreza foi uma das traves mestras da sua vida e ação, que fez dele uma personalidade ímpar no seu tempo e na história da igreja.

Assim, em eloquente simplicidade, fez a seguinte petição:

*Seminário de Coimbra*

*Junho de 1928*

*Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo Conde*

*Como no fim do 3.º Ano, segundo promessa do meu V. Reitor hei de receber Ordens de Presbítero, segue-se que nas ordenações do fim do corrente tomarei Subdiácono; e sendo meu desejo jurar então nas mãos do Prelado voto de pobreza e obediência, rogo a V. Ex<sup>a</sup> Rev<sup>a</sup> o grande favor de ser dispensado do Património.*

*Tenho esperado com tanta ansiedade e confiança a suprema graça que agora reverentemente imploro, que se me afigura ser julgado digno dela pelo meu Prelado, concedendo-me sem dificuldade. No entanto, a fim de O auxiliar convenientemente a fazer um juízo seguro e consciente da minha instância, aqui vão duas razões:*

*a) Com um grande Sacerdote aí de fora (hoje magnus <sup>(157)</sup>) que exerce sobre mim uma influência tão decisiva quanto misteriosa, conversei e ponderei maduramente isto que exponho.*

*b) No conceito da sociedade que abandonei, o Padre é um homem inútil e prejudicial; a Religião, uma fábula e Deus, um mito. Eu mesmo assim considerava e confessava as coisas! Hoje, porém, vejo a verdade e quero convencer os que deixei. Com argumentos? Inútil. Como então?*

*Subindo para que me vejam. Subir como? Desprendendo-me do que tenho e do que sou. [...] Se esta for a vontade do meu Prelado é igualmente a minha.*

*Acerca do voto de obediência, difícil e violento, mas do qual tenho consciência segura da sua extensão e da minha responsabilidade, não me quero obrigar a mais do que se obrigam os Religiosos os quais, se no decorrer da vida se sentem chamados a lugar mais alto, expõem humildemente as suas dificuldades aos Superiores e facilmente transitam para outras casas mais silenciosas ou mesmo para Regras diferentes, que lhes estejam mais a caráter.*

*A. M. AGUIAR<sup>158</sup>*

Tendo sido aceite o pedido, quatro meses mais tarde, aquando da sua admissão ao subdiaconado, escreveu os seguintes textos, com os votos de pobreza e obediência:

---

<sup>157</sup> Tratava-se do prof. doutor Gonçalves Cerejeira, nessa data arcebispo de Mitilene. Fora nomeado para este cargo a 23 de março e sagrado na Sé Nova de Coimbra, a 17 de junho desse ano de 1928. (“Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 18 ago. 1956, nº 325, p. 1 e 2.)

<sup>158</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 18 ago. 1956, nº 325, p. 1 e 2.

*Seminário de Coimbra*

*Outubro de 28*

*Dia em que fui admitido ao Subdiaconato.*

*Voto de Pobreza. Em nome e por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, o grande Mendigo, que me tem cumulado de riquezas sem conta nem peso nem medida, declaro solenemente, humildemente, que nada mais desejo possuir nem saber, nem pregar, senão a verdadeira riqueza que o mundo ignora e que se chama a Altíssima Pobreza do meu Senhor Jesus Cristo. E assim, com consciência clara e visão segura das dificuldades, privações e responsabilidades da vida futura, quero ligar-me a ela por um Voto de Pobreza, sub gravi, que hoje juro humildemente nas mãos do meu Prelado, renunciando desde já a tudo quanto possuo ou venha a possuir, obrigando-me a viver pobremente, do meu trabalho de cada dia e a entregar ao meu legítimo Superior tudo quanto me sobrar do meu modesto sustento e decente vestuário.*

*Américo Monteiro de Aguiar*

*Voto de Obediência. Em nome e por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo, que se fez obediente até à morte para me dar esta Vida Divina que nos consome, declaro solenemente, humildemente, que de hoje para o futuro desejo viver ligado à vontade do meu Prelado, na renúncia inteira da minha, pelo que humildemente juro nas suas mãos, nesta data, Voto de Obediência inteira, sub gravi.*

*Américo Monteiro de Aguiar*<sup>159</sup>

Em 28 de julho de 1929, após a conclusão do 3º ano, portanto um ano antes de concluir o Curso de Teologia, e considerando “a idade e as habilitações literárias que já possuía, o prelado de Coimbra [...] julga-o digno de receber o presbiterado.”<sup>160</sup>

Assim, Américo recebeu a ordem de presbítero, conferida pelo bispo de Coimbra, D. Manuel Luís Coelho da Silva, na sua capela privativa. A partir daí, o novo presbítero começou a assinar “Pe. Américo!”.

No dia seguinte, celebrou a primeira missa na capela interna do Seminário, na presença de vários padres, familiares e amigos. Nessa ocasião, expressou o

---

<sup>159</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 18 ago. 1956, nº 325, p. 1 e 2.

<sup>160</sup> MARTINS, 2005:94

agradecimento e a gratidão a todos quantos haviam colaborado para a felicidade que sentia, assim como a sua vontade de trabalhar no apostolado social.

#### 4.2.2 Interesses e atividades culturais

Enquanto seminarista, Américo teve como preocupação fundamental a sua formação, com vista à ordenação sacerdotal. Para isso, concentrou-se no estudo das disciplinas que constituíam o plano de estudos, a par da frequente leitura meditada do Evangelho. Estes foram, no plano cultural e religioso, os seus centros de maior interesse. Alguns colegas observaram isso conhecendo-se o testemunho de José Augusto de Miranda:

*[...] no Seminário não lia literatura de nenhum género.  
O seu livro era o Evangelho;*<sup>161</sup>



**Fig.9** – Fotografia do seminarista Américo, à esquerda  
Fonte: Jornal “O Gaiato”, 16-02-1963, nº494

E do padre Manuel Antunes, que corroborou aquele:

*[...] em estudante nenhum outro livro lhe conheci além da Sagrada Escritura.  
‘E não lia! Meditava.’*<sup>162</sup>

Mas será que Américo, durante este período de cerca de cinco anos, não revelou interesse por outras áreas do saber, ou manifestou curiosidade por mais nada que não fosse o estrito âmbito da formação religiosa? Ele teve, de facto, interesse, nomeadamente, por outros temas e leituras, ainda que lhes concedesse menor relevância.

Os temas preferidos foram a natureza, geografia, culturas e costumes, através da leitura da revista *The National Geographic Magazine* ( que leu até ao fim da sua vida), onde colheu muito do conhecimento que manifestou ter neste âmbito. Dispomos de alguns testemunhos, através dos quais isso é visível, como a carta dirigida a Simão Correia Neves, em 9 de outubro de 1926, na qual agradece a oferta de alguns números.

<sup>161</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 24 jan. 1959, nº 388, p. 1.

<sup>162</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 24 jan. 1959, nº 388, p. 1.

<sup>163</sup> Provavelmente, foi aqui que ele bebeu conhecimento para escrever alguns artigos na revista *Lume Novo*, nomeadamente “As pombas” <sup>164</sup>; “As pérolas”; <sup>165</sup> “Os albinos”. <sup>166</sup>

No mês seguinte, de igual modo recomendou ao amigo a leitura do livro *O Santuário da Montanha*, de Gomes Teixeira, que relatava as viagens do autor pelos Alpes suíços. <sup>167</sup>

O interesse pela natureza foi de grande importância para ele, manifestando-se mais tarde como um elemento fundamental no processo educativo e de crescimento das crianças e jovens, nas “Casas do Gaiato”.

A leitura de temas de sociologia e pedagogia também tiveram interesse para Américo, não só para a obtenção de conhecimento, como de aconselhamento a quantos se lhe dirigiam. Foi ainda na correspondência com Simão Neves que, em vários momentos, evidenciou esse interesse. Em 20 de janeiro de 1927, remeteu-lhe um estudo de sociologia, com o título *A Ciência Social na Educação e na História* da autoria do professor universitário de Coimbra, Dr. Serras e Silva. Recomendava a leitura tendo em vista a educação dos filhos. <sup>168</sup>

Na mesma missiva, citou ainda Rousseau a propósito da pobreza que observava na sociedade do seu tempo:

*O célebre pensador francês J. J. Rousseau dizia assim: – «Vejo tanta injustiça na história dos homens que estou certo que as contas se saldaram depois da morte». Disse uma verdade do Evangelho, ele que O não seguiu nem acreditou.* <sup>169</sup>

Quase meio ano depois, em 01 de julho, enviou-lhe novo livro, resultante de um conjunto de conferências feitas em 1923, na Sociedade de Geografia de Lisboa, por um lente da Universidade de Coimbra:

---

<sup>163</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, s/ data 1960, nº 433, p. 2.

<sup>164</sup> *Lume Novo*, 08.12.1926, nº 1 (publicado em “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 15 nov. 1958, Nº 383, p. 1.)

<sup>165</sup> *Lume Novo*, verão de 1927, nº 4, número especial da colónia de férias de Buarcos (publicado em “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 5 abr. 1958, nº 367, p. 1 e 2.)

<sup>166</sup> *Lume Novo*, fev. 1929, nº 9 (publicado em “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 4 out. 1958, nº 380, p. 1 e 3)

<sup>167</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 24 dez. 1960, nº 438, p. 2.

<sup>168</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 04 fev. 1961, nº 441, p. 3.

<sup>169</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 04 fev. 1961, nº 441, p. 1 e 3.



*[...] que eu anotei e sublinhei com muito interesse e peço-lhe que com idêntico espírito o leia. A filosofia é um pouco mais «filosófica» do que Marden, por isso é necessário haver mais recolhimento da sua parte, para que o espírito a apreenda. Depois de ler [...] mande ou traga quando vier, pois desejo mandá-lo também a meu irmão Jaime, a quem já o anunciei. O trecho do livro é isto: O segredo do mundo e da vida.*<sup>170</sup>

Se recomendou leituras e autores, também criticou outros que, em seu entender, não respondiam à verdade da vida, nem às necessidades dos homens. Tal sucedeu particularmente com o autor Orison Swett Marden, de nacionalidade americana, muito lido no seu tempo e mesmo nas décadas seguintes.<sup>171</sup>

Embora não se disponha de muita informação, e não obstante a grande qualidade da sua escrita, admito que não tenha dado muita atenção à literatura, particularmente após ter optado pela vida religiosa, conforme se depreende do testemunho de alguns condiscípulos que afirmaram só o terem visto a ler os Evangelhos.

Apesar disso, encontram-se algumas referências a autores, nomeadamente portugueses, também na correspondência com Simão. Em setembro de 1925, quando ainda não tinha ingressado no seminário de Coimbra, recomendava:

*Leia Prosas Dispersas de Guerra Junqueiro.*<sup>172</sup>

Também em 26 de setembro de 1926, a propósito do sofrimento do amigo, resultante do falecimento de mais um filho nado morto, e do seu desejo de ter alguns descendentes, Américo confortou-o, dizendo:

*Veja as biografias de Garrett, Dickens, Antero, João de Deus, e tantos outros. Como estes homens sofreram, só porque trabalharam por ser perfeitos.*<sup>173</sup>

Já quanto à atividade cultural dentro do seminário, Américo assumiu um papel muito ativo, na realização de palestras, integradas nas atividades de um círculo de estudos fundado pelo padre José Lourenço, que foi diretor espiritual e professor de teologia dogmática. Nessa altura, propôs a realização de uma palestra semanal, a

---

<sup>170</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 18 mar. 1961, nº 444, p. 1 e 3.

<sup>171</sup> Orison Swett Marden, nasceu em New Hampshire, nos Estados Unidos da América em 1850 e faleceu em 1924. Autor de uma longa bibliografia no âmbito da psicologia e do papel da vontade pessoal na concretização dos objetivos individuais.

<sup>172</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, 25 jun. 1960, nº 425, p.1 e 2.

<sup>173</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, s/ data, nº 433, p. 2.

apresentar por cada um dos seminaristas, devendo o tema, de caráter prático, ser escolhido pelo próprio apresentador, não podendo ter duração superior a cinco minutos. Nas suas palestras, procurou dar-lhes um cunho pedagógico, dirigido aos seus colegas, mais novos e muito menos experientes na vida, prevenindo-os de algumas coisas que entendia estarem erradas e sugerindo outras para o benefício de todos.<sup>174</sup> No entanto, foi na revista “Lume Novo”, fundada por um pequeno número de seminaristas, mas em que Américo e o seu colega Augusto Nunes Pereira, poeta e excelente desenhador, tiveram um papel mais ativo. Dada a sua componente pedagógica era lida no refeitório durante as refeições dos seminaristas. A sua publicação iniciou-se em 8 de dezembro de 1926, e Américo colaborou nela até ao número 13, publicado em junho de 1930, quando já era sacerdote e tinha acabado o curso de teologia. Nos artigos que escreveu,<sup>175</sup> adotou o pseudónimo de “Frei Junípero”, com exceção do artigo titulado “Mansões de Paz”, publicado no nº 2, em fevereiro de 1927, em que assinou com o nome próprio.<sup>176</sup>

Os 17 artigos escritos por Américo, ao longo de cerca de quatro anos e meio, podem ser genericamente agrupados em 7 grandes temas:

1 - A Natureza e a sua importância na vida humana (artigos “As pombas”, nº 1, 08 dez.1926; “Uma rapsódia”, nº 5, fev. de 1928; “As experiências de dois famosos viandantes”, nº 8, nov. 1928);

---

<sup>174</sup> “Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, 24 jan. 1959, nº 388, p. 1.

“Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, 07 fev. 1959, nº 389, p. 1.

<sup>175</sup> No arquivo do Seminário Maior de Coimbra, não existe qualquer exemplar da revista “Lume Novo”, referente aos números 6 e 11. Também não foi publicado qualquer artigo daqueles números, e da autoria de Américo, na rubrica “Facetas de uma vida”, do jornal *O Gaiato*. Neste jornal, também não foram publicados os artigos: “Vantagens da Gazeta”, originalmente publicado na “Lume Novo”, nº1, de 8 de dezembro de 1926; “Das coisas e das pessoas”, publicada na nº 13, em junho de 1930.

<sup>176</sup> Frei Junípero foi um companheiro de S. Francisco de Assis. Juntou-se a este, como irmão da sua fraternidade em 1210, morreu em Roma em 1258 e foi sepultado na igreja de Aracoeli. A sua biografia, em particular os feitos e virtudes que lhe são atribuídos, nasceram na tradição oral dos frades franciscanos no decorrer do século XIV. Provavelmente, tudo ou a maioria das situações e vivências que se lhe apontam não passam de lendas, retratando no entanto as virtudes de que se revestia aquele simples de Deus. Apontam-se essencialmente a simplicidade, a humildade, a caridade, a paciência e o fervor da sua fé em Jesus Cristo, como as virtudes mais relevantes. As vivências relatadas, onde se evidenciam aquelas qualidades, surgem aos olhos das pessoas comuns como expressão de ingenuidade, digna de um espírito simplório e sem critério de qualquer racionalidade. Para ele, no entanto, tudo era feito em nome do amor a Deus e aos homens, não cuidando de saber do juízo humano. S. Francisco, no *Espelho de Perfeição*, ao apontar o retrato desejável do frade menor, disse que ‘deve ter a paciência de Fr. Junípero, que atingiu um alto grau de perfeição, porque tinha plena consciência da realidade patente da sua baixeza e um ardente desejo de imitar Cristo Crucificado’. (Fontes *Franciscanas I – S. Francisco de Assis*, Braga, Editorial Franciscana, 2005, p. 1308.)

2 - Simplicidade de vida e sua relação com a vivência cristã (artigos “Aleluia”, nº 3, Páscoa 1927; “A catequese na colônia de férias”, nº 4, número especial “Colônia de férias” de Buarcos, 1927; “As experiências de dois famosos viandantes”, nº 8, nov. 1928; “O cantador”, nº 10, jun. 1929; “Das pessoas e das coisas”, nº 12, abr. 1930);

3 - Curiosidades sobre culturas, costumes e práticas de outros povos (artigos “Estranhos costumes do Oriente” e “Mulheres depreciadas”, nº 1, 08 dez.1926; “As pérolas”, nº 4, número especial “Colônia de férias” de Buarcos, 1927; “Os albinos”, nº 9, nov. 1928);

4 - Crítica de costumes (artigos “Uma rapsódia”, nº 5, fev. 1928; “Das pessoas e das coisas”, nº 8, nov.1928; “Das coisas e das pessoas”, nº 13, jun. 1930);

5 - Humor (artigos “Uma grande descoberta”, nº 3, Páscoa 1927; “Das pessoas e das coisas”, nº 8, nov. 1928; “Das pessoas e das coisas”, nº 12, abr. 1930);

6 - Trabalho e exploração infantil (conto “Um milagre”, nº 1, 08 dez. 1926);

7 - Espiritualidade franciscana e Fé em Deus (artigos “Mansões de paz”, nº 2, fev. 1927; “Uma rapsódia”, nº 7, 09 Jun. 1928).

Dos temas tratados, verificamos que alguns vieram a ter uma grande importância na vida de Américo, tanto enquanto seminarista, como enquanto padre da Rua, no apostolado social a que se dedicou.

Esses temas são mais evidentes em alguns dos textos referidos, pelo que, tendo em conta as ideias expressas e o tempo em que ocorreram, adquiriram uma grande importância para podermos acompanhar e compreender a formação e evolução do seu pensamento e preocupações. Para isso, evidenciam-se os mais relevantes:

#### 1 - “Um milagre”

Este conto revela-nos uma criança enjeitada e por isso colocada na “Roda”. Daí foi retirada por uns “rendeiros sórdidos e avarentos”, que queriam cultivar as terras sem recorrer a mão de obra paga. Desde cedo a obrigaram a trabalhar longas horas, mesmo ao domingo, a fazer grandes esforços físicos, e a alimentar-se insuficientemente. Morreu

numa noite de domingo, depois de ter assistido a uma missa e ouvido o celebrante elogiar um homem rico que tratava bem toda a gente e particularmente as crianças.<sup>177</sup>

Neste conto, escrito quando frequentava o primeiro ano do curso de teologia, Américo mostrou a sua sensibilidade para o problema dos enjeitados e a falta de amor e carinho para com as crianças, num período fundamental das suas vidas, denunciando a ganância, a avidez de riqueza e muito particularmente a exploração das crianças. Mas, ao mesmo tempo, evidenciou o padre e a igreja como entidades capazes de acolherem e tratarem com humanidade, carinho e amor, todos os que sofriam.

## 2 - “Mansões de paz”

Escrito em fevereiro de 1927, pretendendo comemorar o 7º centenário da morte daquele santo, afirmou que as sociedades monásticas eram espaços de paz e a máxima expressão da vida divina, razão pela qual eram indestrutíveis, ao contrário do mundo secular, onde as lutas, as guerras e as paixões do homem tudo destruíam.

Essa era a razão por que os conventos, enquanto objetos de arte e majestade, assim como os frades que os habitavam, não desapareciam nem acabavam, porque eram queridos por Deus.

Nesse contexto, os fundadores das ordens monásticas, mais do que heróis, sábios, filósofos, ou génios, eram santos. Mas, se todos são grandes santos, o maior de todos, em seu entender, tinha sido S. Francisco de Assis, pela forma humilde, simples e pobre como viveu, assim como pelo amor à natureza, aos homens e a Deus.<sup>178</sup> Na vida de S. Francisco, ele encontrou a possibilidade de realização de algumas preocupações que antes de chegar ao convento, já o tinham despertado (solicitude e atenção para com os outros, amor aos mais fracos e pobres) e outras que, de forma consistente, se foram evidenciando no decorrer do tempo.

Embora não tivesse prosseguido a vida conventual, ela teve nele uma influência profunda e definitiva, porquanto ao longo da sua vida, muito do que disse e fez foi aí, na espiritualidade e ação de S. Francisco, que ele encontrou inspiração e vontade de assim viver: Amor a Deus acima de tudo, mas também amor aos homens, à natureza e a todas as coisas; humildade, simplicidade e doação aos outros, ainda que para isso tivesse de

---

<sup>177</sup>“Um milagre”. *Lume Novo*, 08 dez. 1926, nº 1

“Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, 14 dez. 1957, nº 359, p. 1.

<sup>178</sup> “Mansões de Paz”. *Lume Novo*, fev. 1927, nº 2

“Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, 28 dez. 1957, nº 360, p. 1 e 3.

desprezar a própria vida; adoção da pobreza, como forma de melhor compreender os pobres e de dispor de maior liberdade para os servir e se dedicar exclusivamente a Deus; importância do trabalho, como meio de satisfazer as necessidades humanas, mas também como manifestação de amor para com aqueles que dele beneficiavam; convicção da importância do uso da razão para chegar a Deus, sem mistérios, nem dogmas, mediante a leitura e meditação do Evangelho, enquanto testemunho da vida de Jesus Cristo; respeito pelos sacerdotes, pelo facto de serem eles quem consagra o corpo de Cristo, independentemente do que pudessem dizer ou fazer.

Naquele momento, quando caminhava para os quarenta anos, e dava os primeiros passos no estudo da Teologia, Américo tinha já ideias claras quanto aos fundamentos doutrinários em que deveria assentar a sua vida futura, assim como quanto à evidência mística da sua relação com os homens e com Deus.

### 3 - “ A catequese na Colónia de férias”

No verão de 1927, viveu a sua primeira experiência numa colónia de férias, num ambiente de praia, com um grande grupo de crianças. Sendo ao tempo obrigatória a passagem dos seminaristas por aquela experiência, ela foi inicialmente encarada por ele como pouco atrativa e até passível de vir a tornar-se difícil de suportar. No entanto, contra essas expectativas, Américo integrou-se muito bem e rapidamente, no ambiente de alegria, diversão e camaradagem com as crianças, assim como no espírito de abertura e proximidade demonstrados pelos colegas. Manifestando uma grande apreço pelas vivências ocorridas durante o tempo em que esteve presente, foi na boa organização do tempo e sua forma de preenchimento e fundamentalmente na catequese ministrada aos garotos, que ele viu as maiores virtualidades daquela iniciativa.

Independentemente de outras experiências similares que possa ter tido, esta constituiu-se como fundamental para mais tarde iniciar as "Colónias de Campo do Garoto da Baixa", no lugar de Palmeira, freguesia de S. Pedro de Alva, concelho de Penacova, em agosto de 1935.<sup>179</sup>

### 4 - “ As experiências de dois famosos viandantes”

---

<sup>179</sup> “Mansões de Paz”. *Lume Novo*, Número especial da “Colónia de Férias” de Buarcos em 1927, nº4 “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 22 mar. 1958, nº 366, p. 1 e 3..

Américo fez um longo relato de uma viagem de cerca de uma semana, ocorrida nos primeiros dias de outubro de 1928. Então, faltavam cerca de dois meses para a sua ordenação com subdiácono.<sup>180</sup>

Foi acompanhado permanentemente pelo seu colega de curso, António Antunes Cruz Gomes, talvez o companheiro de seminário mais próximo de si, natural e bom conhecedor daquela região. Ocasionalmente, em alguns percursos tiveram a companhia de outros condiscípulos.

O primeiro ponto de paragem, após a saída do seminário, ocorreu em Lorvão, percorrendo no decurso dos dias uma parte do centro do país, preponderantemente em ambiente rural e de montanha, passando por Buçaco, Luso, Minas da Panasqueira, Unhais, Folques, Arganil, Lousã, etc. Esta “era a minha primeira experiência de quilómetros serranos!”, disse Américo.<sup>181</sup> Nela teve a oportunidade de sentir a importância da natureza para a vida do homem, mas, de forma ainda mais relevante, sentiu a humildade, e a generosidade da gente simples com quem contactou e que habitava os espaços por eles percorridos.

Foi este o aspeto que mais o impressionou, pois, sendo maioritariamente pobres, aqueles que trabalhavam a terra eram também portadores dos sinais e vivências que o apaixonaram e o levaram a escrever, no final do seu relato, uma sentida e apaixonada homenagem, expressando o que pretendia fazer no futuro, quando então já fosse sacerdote:

*Gente bendita detrás da Serra!*

*Pobrezinhos; pequeninos que cavais o pão de cada dia no fundo dos montes, em courelas de duro amanhã, – e contudo saís muito mais generosos do que os largos horizontes dos vossos sítios, – daqui vos saúdo efusivamente, eu, que não mereço nem sequer limpar a poeira dos vossos grosseiros sapatos! Foi em montes como os vossos, a gente da vossa igualha, que Nosso Senhor Jesus Cristo ensinou outrora e ensina hoje, as mais sublimes páginas do Evangelho!*

---

<sup>180</sup> A viagem foi relatada de forma detalhada, vendo-se mais uma vez uma grande qualidade da sua escrita, pela simplicidade, clareza e grande beleza estética, particularmente nas descrições das paisagens. Esta foi uma das características que Américo sempre evidenciou, mas que foi particularmente saliente quando, a partir do início do seu apostolado, na “Sopa dos Pobres”, começou a escrever na comunicação social.

<sup>181</sup> “As experiências de dois famosos viandantes”. *Lume Novo*, nov.1928, nº 8  
“Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 26 jul. 1958, nº 375, p. 1 e 4.

*A minha suprema consolação é a esperança firme em que vivo de que dentro em breve voverei a visitar-vos, sem saco nem bordão, eu pobrezinho e pequenino como vós, pedir uma côdea [...]*<sup>182</sup>

### 4.2.3 Vida espiritual

Américo, na sua vivência espiritual, nunca teve como preocupação assumir comportamentos que pusessem em questão os fundamentos e até as práticas que estavam convencionadas. No entanto, cedo se tornou visível que, pela fé profunda em Jesus Cristo e pela percepção mística da ligação a Deus de que beneficiava, o seu comportamento evidenciou um grande zelo e uma vontade firme de fazer tudo bem, ainda que para isso tivesse de sujeitar-se a sacrifícios e à subordinação da sua vontade.

Assim, a sua vivência espiritual expressou-se, fundamentalmente, através da oração, que entendia ser uma das formas de maior comunhão com Deus e de interioridade pessoal, ao afirmar:

*Qual é a condição «sine qua non», para vivermos a vida sobrenatural? Evidentemente que é conhecer bem a pessoa por amor de quem assim vivemos. E como conhecê-la? Falando-lhe ou pelo menos ouvir falar dela. Doutra maneira, não se vive a vida sobrenatural.*<sup>183</sup>

Porém, os seus colegas observaram e consideraram este comportamento como “algo de novo”, sendo que esta novidade mostrou fundamentalmente a constância, o fervor, a paixão com que Américo, no silêncio da capela do seminário e junto do sacrário, muitas vezes era visto a orar. Esta atitude terá sido invulgar no universo dos seminaristas.<sup>184</sup>

---

<sup>182</sup> “As experiências de dois famosos viandantes”. *Lume Novo*, nov.1928, nº 8

“Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 20 set. 1958, nº 379, p. 1.

<sup>183</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 12 nov. 1960, nº 435, p. 2.

<sup>184</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 02 mai. 1959, nº 395, p. 1.

Também o seu discípulo, Padre Luciano, referiu:

*O Américo era homem que meditava. Teve sempre aquele jeito mesmo antes de abandonar o mundo. Estão-me a lembrar cabazes de violetas que ofereceu às freiras, à passagem pela Madeira. Fazia-lhe «espécie» aquela alegria das raparigas que viviam tão afastadas dos divertimentos ruidosos da nave e riam como crianças. Gostava também de contar, porque muito o impressionara, o encontro com um sacerdote a quem se dirigiu e por acaso se espraçou em comentários às comodidades e belezas materiais de certa estância de águas... E perguntava a si mesmo: «porque é que, sendo ele padre, não fala só de Deus, das almas? ... Leu?» E ficava triste pois se convencia de que o*

Em dezembro de 1927, partilhou com o irmão Jaime a seguinte experiência:

*[...] quero mandar-te a minha palavra em extensas regras, sincera e juvenil, para que nas extensas horas das noites que correm, tu possas avaliar e talvez sentir, o excesso de Vida que me consome.*

*Viver escondido dentro de nós mesmos no mundo das formas, das cores e dos sons; desprezar a vida que toda a gente procura, para a gozar muito suavemente no amor de Deus e dos homens, procurando-os sem contudo nos procurar; sentir tudo e todos como quem não sente nada – é assim, à primeira vista, uma romântica quimera de homens que escrevem especiosas ideias para os outros e seguem outras para si. Parece, mas não é. Esta é a vida que vale a pena viver e que se vive com alegria. É a minha vida!*<sup>185</sup>

Ele orava e meditava diariamente sobre o Evangelho, ligando-o à sua vida concreta e à das pessoas do seu tempo. Sendo um homem com uma significativa experiência da vida, quando refletiu nos ensinamentos de Jesus Cristo, não se preocupou em encontrar explicações ou elaborar raciocínios complexos ou mesmo abstratos, mas antes em ver e de seguida mostrar a simplicidade e singeleza da novidade evangélica. Procurou encontrar a relação dialética entre o Evangelho e a vida, buscando aí as respostas para os problemas, as limitações, os sofrimentos, e as injustiças que afetavam os seus contemporâneos.

No início de 1928, quando estava no segundo ano do curso de teologia, assistiu a duas conferências do padre Mateo, que o marcaram muito, dados os temas e a profundidade das suas abordagens, mas fundamentalmente pelo que dizia e como o transmitia. A conferência que teve como tema o inferno exerceu sobre ele efeitos muito fortes, de tal modo que no final da exposição se dirigiu ao Santíssimo onde, de joelhos, orou e chorou convulsivamente.<sup>186</sup>

Mas a maior impressão causada resultou de uma facto que Américo considerou extraordinário e prova da ação de Deus, após a sua oração. Relatou-o a Jaime, em 27 de fevereiro de 1928, com o pedido de manutenção de sigilo:

---

*homem não vivia o seu Sacerdócio.* (“Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 11 jul. 1959, nº 400, p. 2)

<sup>185</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 02 mar. 1963, nº 495, p. 4 a 6.

<sup>186</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 27 jun. 1959, nº 399, p. 1 e 4.



*O caso extraordinário segue agora e por isso mesmo que o é, não consinto que façam uso desta. Padre Mateo é um sacerdote americano que anda pregando por toda a Europa, em todas as línguas. [...]. Deu aqui 3 conferências a intelectuais, na n / sala nobre, que comporta 700 pessoas, sempre à cunha. À última não fui. Desejaria imenso ir. Oh, sim. Desejara. Não fui. Um sacrifício. Durante a conferência 'conversei' com Deus, de joelhos. Pedi para que aqueles intelectuais vissem todos o que eu dantes não via e agora vejo. Mas pelo menos um, Senhor, disse eu. Sequer um, dos mais sábios e mais desgraçados. No final da conferência aparece um cavalheiro, Dr. X, deu-me o cartão, e o que se passou entre nós ninguém o saberá. No dia seguinte, sábado, levava-o ao quarto de Padre Mateo e no dia seguinte ainda, Domingo, na falange de 492 intelectuais que comungaram à Missa do Padre, ajudando Dr. Y e um quintanista de Direito, vi o meu herói, que no fim, às escondidas, com os olhos marejados, me agradece tamanho favor. Eis o caso.*<sup>187</sup>

Ainda seminarista, no interior do seminário ou mesmo fora dele, quando intervinha em público era muito escutado, não porque apresentasse grandes construções teológicas, citasse grandes autoridades ou sumidades do conhecimento. Ele falava a partir da realidade da vida, daquilo que ocupava e preocupava as pessoas, tal como Jesus Cristo falou a partir da vida concreta das pessoas com quem contactava. A sua linguagem era simples e sentida, porque vivia o mundo próximo dos outros.<sup>188</sup>

Tinha uma preocupação de perfeição em grau muito superior a muitos colegas e até sacerdotes, uma vontade e uma necessidade enorme de estar em ligação com Deus, através da participação na eucaristia e da comunhão do corpo místico de Cristo. Para

---

<sup>187</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 16 mar. 1963, nº 496, p. 1.

<sup>188</sup> Em carta dirigida a Simão Neves, em outubro de 1928, pouco antes de receber o subdiaconado, escreveu:

*O sacerdote pode e deve seguir o curso e as exigências do progresso na vida das civilizações, mas nunca fugir da política do 'P.e Nosso'. i.é., nunca fugir do Evangelho, que é doutrina atualíssima em todos os tempos. Se nós pregamos o Evangelho vivendo-o, somos na verdade sacerdotes 'up to date' e é justamente por isso que eu, fazendo o que vou fazer no próximo mês e que v. chamará por certo um gesto 'out of date', sou pelo contrário um sacerdote que vivo e prego a doutrina 'velha' de 20 séculos de existência, mas genuinamente 'up to date'. É muito possível, ou até quase certo, que fico cá por fora. Não sabia que possuo em alto grau o dom de convencer quando falo em público, pela verdade e pela simplicidade, que não por argumentos, e os meus Superiores pedem para ficar a servir a Diocese.*

*E a minha maior glória deste dom de que falo e ainda do outro maior, o de não querer possuir nada, a minha maior glória, S., é não ter nada de que me gloriar; pois tudo isto reconheço, sinto, sei absolutamente que são favores que Deus concede gratuitamente a este pobrezinho que nada, nada, nada merecia. (“Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, s/ data, nº 450, p. 3.)*

ele, a confissão, a eucaristia e a comunhão não eram preceitos, nem rituais, nem obrigações disciplinares, mas antes meios privilegiados de ligação com Deus.

A exemplo dos místicos, ele sentiu que a eucaristia e a comunhão, eram a celebração viva, na sua forma mística, da agonia e da glória do Calvário. Sentiu que era nesses momentos que a sua alma mais se fortalecia e adquiria a energia, a paz e um melhor entendimento de Deus.

Por isso, foi um seminarista diferente dos colegas. Estava já dominado pela vontade de servir Deus e os homens, porque concluiu que a verdade e a vida não tinham a sua origem na terra, mas antes no que Jesus disse e estava no Evangelho e naquilo que ele tinha mostrado aos homens do seu tempo.

Sentiu-se um convertido a quem Deus tinha chamado, razão pela qual a sua vivência tinha deixado de se pautar pelos critérios estritamente humanos, mas antes pela palavra de Deus, divulgada por Jesus Cristo.

Por tudo isto, e não obstante ser considerado exemplar em tudo o que fazia, pelos seus superiores e demais sacerdotes, confessava-se com muita frequência. No entanto, algumas vezes, só o prefeito, padre Euclides de Oliveira, o entendia e confessava, pois:

*Alguns sacerdotes não o haviam querido atender, alegando que era santo, o que muito o incomodava – dizia. E, de facto, vinha sempre visivelmente triste quando isso lhe acontecia.*<sup>189</sup>

Aquela tristeza advinha por um lado, da reação dos confessores e, por outro, por ter consciência de que a sua condição humana não lhe permitia viver em estado de graça e de pureza, como os modelos de santidade que ele pretendia seguir. Este comportamento mostra que, quanto mais ele evoluiu na sua espiritualidade, maior foi a sua consciência de pecador e de fragilidade da sua condição humana.

A eucaristia era para Américo um momento alto, recolhido e íntimo da sua vida espiritual, pela proximidade com os mistérios de Jesus Cristo. Sempre quis que fosse assim, mesmo depois de ter sido ordenado sacerdote e por via disso ter passado a ser o

---

<sup>189</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 21 fev. 1959, nº 390, p. 1.

oficiante. Foi essa a razão por que, a propósito da celebração da sua segunda missa, destinada essencialmente à família e que ocorreu em 5 de agosto de 1929, na igreja paroquial de Paço de Sousa, ele explicou e solicitou ao irmão Jaime, em carta escrita no mês de junho daquele ano:

*A Missa, como já disse aqui ao Pe. José, há de ser íntima e muito recolhida e não de festa e nem com festas. Por isso, se tu vires que o teu abade procura qualquer sinal exterior de entusiasmo para essa ocasião, peço-te desde já, o favor de o dissuadires de tal coisa: [...]*<sup>190</sup>

Também não aceitava e até contestava que os colegas não comungassem assiduamente. A este propósito, Silvestre Gouveia, seu colega, referiu:

*Era costume à porta das capelas, o sacristão de semana perguntar, a cada um, que vinha sem sobrepeliz se comungava. O Américo não podia tolerar tal. Todo o seminarista comunga, dizia ele e acrescentava: nem se compreende que haja seminaristas que não comunguem.*<sup>191</sup>

O mesmo, foi referido pelo também condiscípulo Augusto Nunes Pereira:

*Notando que alguns não comungavam, disse-lhes: ‘Todos têm mais de 16 anos... Deviam, pois, tomar a sério um certo número de coisas e habituarem-se ao sentido da responsabilidade. Por exemplo: a Comunhão! As ausências da Mesa Santa são um sintoma triste. Para mim pedirei a Deus que me leve à Comunhão Eterna no dia em que tiver de ficar sem Comunhão.*<sup>192</sup>

#### 4.2.4 Catequese

No seminário, a exemplo do que havia sucedido no convento, teve a preocupação de mostrar aos que lhe eram próximos, a necessidade de também eles viverem de forma semelhante a si.

Neste contexto, foi a Jaime e a Simão Correia Neves, a par de a um ou outro amigo (em momentos e circunstâncias ocasionais) que ele procurou demonstrar a

---

<sup>190</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 13 abr. 1963, nº 498, p. 2.

<sup>191</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 02 mai. 1959, nº 395, p. 1.

<sup>192</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 07 fev. 1959, nº 389, p. 1.

existência de Deus e a importância de Jesus Cristo na história dos homens e das sociedades.

Desta feita, em maio de 1926, a pouco tempo de concluir os estudos de Filosofia, escreveu uma carta a Jaime, depois de se lembrar de uma conversa que ambos haviam tido em 1923 e, durante a qual, o irmão lhe transmitiu a sua crença no desaparecimento total e absoluto da pessoa após a sua morte. No momento em que lhe escreveu, Jaime continuava a ser um não crente. Face a esta realidade e por entender que tudo deveria fazer para trazer o irmão para dentro da sua fé, quis demonstrar-lhe a existência de Deus, a verdade da Bíblia sobre a criação do mundo e do homem, a diferença entre o homem e os animais, e a imortalidade da alma. Tendo consciência de que o irmão era um homem estruturalmente racional socorreu-se de argumentos capazes de irem ao encontro dessa forma de pensar.

Quanto à existência de Deus, tal era comprovável pela consciência que dele existe em cada pessoa, embora isso não fosse acessível direta e imediatamente à razão. Uma segunda prova tinha a ver com a harmonia do mundo físico e moral, assim como com as suas leis imutáveis. A explicação para tal estava fora do homem e da natureza, motivo pelo qual era necessário encontrar a resposta fora deles. Por fim, a humanidade em todos os tempos e lugares manifestou sempre a crença numa religião, ou numa divindade, independentemente do seu nome e da sua caracterização. A afirmação bíblica de que Deus criou o mundo e o homem era difícil de aceitar mas, à luz do conhecimento científico de então, isso era explicável, pois:

*A célebre teoria de Laplace da criação do mundo que tu conheces, não se afasta dela. Aqueles 6 dias da tradução portuguesa são 6 YEONS — que significa «espaço de tempo», dentro do qual podem caber milhares de anos, e aí tens tu como os séculos prováveis desde a nebulosa até à idade em que este planeta pôde receber a vida, se coadunam perfeitamente com os Yeons da Bíblia, traduzidos pela nossa palavra — dia —. A geologia igualmente caminha de braço dado com a Bíblia, sem discrepâncias de vulto. A teoria de Darwin sobre a descendência e origem do homem, que tu conheces, morreu com as célebres descobertas por meio da ciência experimental, realizadas por Pasteur em 65, que condenam como também sabes a geração espontânea, ciência esta*

*subscrita por todos os sábios atuais. E aí tens tu o mundo e o homem criados por Deus.*<sup>193</sup>

A diferença entre os homens e os animais encontrava-se no facto de os animais disporem de uma alma vegetativa e sensitiva, ao passo que o homem, beneficiando das mesmas qualidades, tinha mais a alma intelectual, razão pela qual é chamado animal racional.

A alma é imortal porque é espiritual, independente da matéria. Deste modo, sempre que se verifica a morte do corpo, ela continua a existir pessoal e conscientemente, tendo em vista a realização plena das aspirações da vida superior (beleza, perfeição, felicidade, bem, etc.), que não é passível de realização plena enquanto incarnada. Em função do afirmado, concluiu que, se Deus é eterno e criou o homem, este também é necessariamente eterno.<sup>194</sup>

Cerca de quatro meses depois, em 10 de setembro, estando a preparar-se para iniciar o 1º ano de Teologia, escreveu outra carta a Simão, continuando por esta via a abordagem de temas sobre os quais haviam dialogado, nas férias desse ano. Nela, o seminarista, de uma forma apologética e fervorosa, fala do cristianismo e dos seus fundamentos, dizendo que a vida cristã assenta essencialmente no amor, na caridade (sendo esta a maior das virtudes) e no perdão, tal como Jesus ensinou.<sup>195</sup>

Se o amor era a pedra angular do cristianismo, também só era alcançável pela luta pessoal contra o egoísmo existente em cada um. E isso só se conseguia com a ajuda de Deus, através da fé. Por sua vez, esta só se alcançava mediante a oração, momento de relação pessoal e íntima com Deus. Américo, estava convicto de que:

*O cristianismo é a norma de vida superior, seguida por uns 33% da população do mundo. Toda a sua doutrina é prática, racional e acessível a todo o espírito bem intencionado. Nada de fanatismos nem de obsessões. Se eu não soubesse dar-me inteira razão da minha fé, deixava hoje a minha crença e esta vida.*<sup>196</sup>

E concluiu:

---

<sup>193</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 16 fev. 1963, nº 494, p. 2.

<sup>194</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 16 fev. 1963, nº 494, p. 2.

<sup>195</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 03 set. 1960, nº 430, p. 2 e 3.

<sup>196</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 20 ago. 1960, nº 429, p. 2.

*Quem dera que estas minhas pobres regras caiam no seu espírito com o mesmo calor com que saem do meu.*<sup>197</sup>

Mantendo esta convicção e a persistência de um apóstolo, ainda no mesmo mês de novembro, escreveu uma nova carta ao amigo. Nela procurou aprofundar aquelas ideias, insistindo particularmente na importância da fé, a qual tinha de ser objetiva, sentida, vivida e principalmente ativa. Fé com obras.<sup>198</sup>

Era a fé que permitia aceder à vida sobrenatural, na qual muitos homens inteligentes não acreditavam e que até combatiam, embora muitos deles acreditassem nas forças da natureza sensível e insensível.

Citando Afonso Costa, que declarou em 1910 que no período de três gerações o culto terminaria em Portugal, mostrou que isso não sucedeu porque:

*As verdades transcendentais sobrepujam todo o saber humano e isto é precisamente o que um espírito em estado lúcido compreende. O culto só acaba quando acabar o género humano. [...] É da sua essência, da sua substância assim como o é falar, pensar, caminhar, etc.*

*Há umas determinadas leis que ninguém tem licença de alterar; são as da natureza. Temos no caso presente um exemplo frisante. Veja como a vida religiosa em Portugal é visivelmente intensa nos tempos atuais.*<sup>199</sup>

Américo mais uma vez referiu ao amigo que a sua intenção era mostrar-lhe o quanto a vivência cristã permitia de felicidade e elevação pessoal. Lembrou ainda que, sendo eles amigos desde 1915 a partir do momento em que se conheceram no Chinde, e compartilhando os mesmos pontos de vista sobre muitos aspetos da vida, deveriam também pensar o mesmo sobre a religião. Por isso disse-lhe que se eram unidos pela amizade, também o deviam ser pela fé em Deus.<sup>200</sup>

Conhecendo bem o amigo, sabia que tinha de encontrar argumentos o mais possível racionais e objetivos, ao mesmo tempo que deveria manter vivo o interesse e a atenção de Simão. Neste sentido, ainda no mês de novembro, escreveu-lhe nova carta, insistindo na ideia de a natureza do homem ser matéria e espírito. Sendo este o mais

---

<sup>197</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 01 out. 1960, nº 432, p. 4.

<sup>198</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, s/ data. 1960, nº 434, p. 2.

<sup>199</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 12 nov. 1960, nº 435, p. 2.

<sup>200</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 10 dez. 1960, s/nº., p. 2.

importante, era necessária a sua perfeição, mediante um maior conhecimento de si próprio e uma permanente vontade de tudo fazer por amor a Deus. Mas, em função disso, o homem lutando por si só não conseguia a satisfação desse desejo de perfeição moral só atingível na dimensão divina. E aqui era necessário socorrer-se do apoio de Jesus Cristo, dadas as fragilidades da natureza humana. Chegado aqui, Américo mostrou a Simão que:

*É neste sentido que Jesus acode e diz: ‘Sem mim nada podeis. Assim como a videira fora da cepa não produz fruto, também vós fora de mim não produzireis boas obras. Pedi pois, e dar-se-vos-á. Batei e a porta será aberta. [...] Mas pedir o quê e para quê? Pedir riquezas de espírito, sim, porque são elas que nos levam à Vida. ‘Não queirais entesourar os bens deste mundo que a traça destrói e os ladrões roubam; entesourai antes no Céu aonde nem uma coisa nem outra pode chegar; aonde estiver o vosso tesouro, ali estará também o vosso coração.’<sup>201</sup>*

Concluiu dizendo que a finalidade do homem é a imortalidade e com ela a posse de Deus. Portanto a perfeição moral era o meio para a imortalidade e para o bem estar na vida presente.

Américo continuou a aproveitar as oportunidades que foram surgindo na relação de ambos e que, devido à sua situação de seminarista, estiveram reduzidas ao contacto epistolar, agora menos regular do que em períodos anteriores, assim como a curtos contactos pessoais, nos períodos de férias.

Quanto a Jaime, sentia-o ainda longe de aceitar Deus como uma verdade incontornável. Por isso, aproveitou a época do Natal, em 1927, para lhe escrever uma longa carta onde, depois de uma incursão pela religião e a sua relação com a história, a par de algumas ideias metafísicas, Américo procurou mostrar-lhe a existência de Deus que muitas vezes se manifestou na história, nomeadamente através da transformação radical da vida de alguns homens, socorrendo-se do exemplo de S. Paulo e da sua conversão quando este se dirigiu à cidade de Damasco a fim de prender os judeus que tinham aderido às ideias e doutrina de Jesus Cristo. Através dessa conversão sob a ação de Deus transformou-se num dos maiores apóstolos e num místico, pelo que:

---

<sup>201</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 24 dez. 1960, nº 438, p. 2.  
“Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 07 jan. 1961, s/nº, p. 3.

*Estes homens, assim transformados, são todos místicos. O místico não é um mistificado nem a mística um simples estado de alma. Não é uma vida fácil, suave, dormente, a vida dos místicos; é antes a ação, o caráter, o dever, o sacrifício, a coragem e tudo quanto é capaz de elevar o homem acima de si mesmo.*

*Que importa dificuldades, injustiças, necessidades, ingratidões, desprezos, fiascos, apreciações, ditos, chasquices – se por detrás de todas estas realidades que desaparecem nas pregas do tempo, o místico vive aquela realidade permanente centro de toda a sua vida, – Deus, o qual era ontem, é hoje e Ele será o mesmo em todos os séculos. (S. Paulo). [...] E agora, nota o dizer do mesmo homem: ‘Temos porém este tesoiro (a vida mística) em vaso de barro para que a sublimidade da minha palavra seja não de mim, mas da virtude de Deus’. E aqui tens precisamente o segredo da vida dos místicos; a humildade. O verdadeiro conhecimento de Deus, tem de necessariamente começar pelo de nós mesmos.*

*Por isso, assenta neste princípio, regra sine qua non da compreensão do que te digo: sem a virtude da Fé tu não ouves nem compreendes nada. [...]. É preciso querer crer! [...] Tens trabalhado alguma coisa, a sós, nas tuas jornadas, nas tuas leituras, nos teus negócios? Eu, de per mim, planto e rego, mas quem dá o crescimento é Deus. [...]*<sup>202</sup>

Quando escreveu esta carta, Américo frequentava apenas o 2º ano de Teologia. Por via disso, os seus conhecimentos nesta área seriam, possivelmente, ainda muito insuficientes. Não obstante, o que disse mostrava mais uma vez a natureza e a dimensão da sua conceção da vida espiritual e mística, que como já foi referido procurará praticar. Para ele, um místico vivia da ação em nome de Deus, aceitava o sacrifício e o sofrimento e não tinha medo do que os homens e o mundo, dele pudessem pensar ou dizer.

Portanto, Américo viu na ação dos místicos um exemplo que quis imitar, agindo também sem barreiras, sem limites de esforço ou receios da imagem que pudesse causar, ou dos sofrimentos que pudesse vir a ter, porque o seu guia e o seu objetivo era Deus, através de Jesus Cristo e a interação com os homens. Determinou-se a encaminhar aquele irmão pelos trilhos da fé de forma paciente e racional, capaz de provocar a sua adesão, aproveitando factos e argumentos que pudessem mostrar-lhe a

---

<sup>202</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 02 mar. 1963, nº 495, p. 4 e 6.



validade e interesse da sua pretensão. Foi neste quadro que, relatando as experiências por si vividas na sequência das palestras do Padre Mateo, em inícios de 1928, e percecionando a intervenção sobrenatural sobre o ocorrido, ele assegurou a Jaime:

*Hás de participar da hóstia consagrada, na 1ª missa que aí celebrar. A minha convicção a este respeito é tão segura, como seguro é tudo quanto sai de meus lábios ou melhor, de m/ coração. Hás de ser meu. Porquê? Não com certeza pela minha eloquência nem inteligência: isso são detalhes. Mas porque Deus te reclama, e Ele é que transforma.*<sup>203</sup>

De facto, este irmão acabou por ser conquistado da forma como o seminarista havia previsto, porquanto, cerca de dezasseis meses depois, em junho de 1929, em mais uma carta, então breve, mas carregada de autoridade e convicção, lhe disse:

*Nos fins do próximo mês de julho, em dia, que oportunamente direi, conto, passando por aí, celebrar uma Missa à beira dos n/Mortos na presença dos vivos, – e é meu desejo distribuir a todos os Irmãos, na ocasião, parte da minha Hóstia! [...] Eu desejo que este ato de comungares comigo à minha primeira (aí) Missa, seja, da tua parte, um ato livre, inteligente e consciente e sobretudo que seja uma verdadeira transformação na tua vida. [...]*<sup>204</sup>

Embora estivesse convencido de que estava conquistado, Américo continuou a acompanhá-lo, delicada e dedicadamente, fazendo sentir-lhe quanto amor e quanta satisfação o futuro padre nutria dentro de si, pela reentrada no rebanho da ovelha que durante muitos anos andara transviada.

Alguns dias depois, em 22 e 31 de julho, em mais duas pequenas cartas, escritas num tom intimista, anunciou-lhe:

*[...] a nossa Missa é no dia 5 próximo, de manhã, mas quero avisar-te particularmente, porque a festa é toda, toda, para ti. Ninguém o sabe. Se vires por aí ânimos exaltados, o nosso abade é extremamente meridional, bota água na fervura, muita água. É em silêncio que correm as águas fundas que*

---

<sup>203</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 16 mar. 1963, nº 496, p. 1.

<sup>204</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 13 abr. 1963, nº 498, p. 2.

*fertilizam as terras. Não quero festa de foguetes; não quero que ninguém olhe para o ar, mas sim que todos, todos, olhem para dentro. [...].*<sup>205</sup>

Também ao primo Alcino, em junho de 1930, dois meses depois de ter concluído o curso de Teologia, Américo procurou ajudar, tanto física como espiritualmente. Indicou-lhe um médico de Coimbra que o poderia observar e tratar das suas queixas corporais, ao mesmo tempo que lhe mostrou que só através de Jesus Cristo poderia encontrar a paz e viver com alegria. Pedagogicamente, disse-lhe ainda, que também já tinha pensado de modo semelhante a ele, enquanto se deixara conduzir pelo pensamento racionalista, sem espaço para Deus. Mas a partir do momento em que se operou a sua conversão, percebeu que a verdade estava no Evangelho. Nesse sentido, recomendou a leitura e vivência da “boa nova”, assim como a oração, os sacramentos e a procura da fé. Simultaneamente, enviou-lhe um livro da autoria do então “Patriarca de Lisboa Dr. Gonçalves Cerejeira; um sábio e um santo”, a partir do qual lhe recomendou a sua própria meditação. Estava convencido de que a sua leitura destruiria as convicções que naquele momento o animavam. Servindo-se da sua própria vivência, disse-lhe ainda:

*Eu sou um caso vivo e desejaria muito ser um livro aberto para todas as almas de boa vontade. Tenho sido um verdadeiro revolucionário e a minha maior glória é não ter coisa nenhuma de que me gloriar. Dr. Regarão! Alberto Barbosa! e tantos outros da vossa igualha têm vencido todas as dificuldades ou, antes, têm-se deixado vencer por aquele grito de Bênção que Jesus Cristo lança nas almas: – «Sitio»! Tenho sede. De quem e de quê? Da sua alma, Alcino? A Cruz vence sempre. Seja dócil ao chamamento de Deus. Não queira saber coisas sublimes.*<sup>206</sup>

Mais uma vez, manifestou humildemente que tudo quanto fez não resultou do seu mérito, de qualidades próprias, mas antes da ação de Deus. Ele tinha sido apenas o meio de que Deus se serviu para agir junto das pessoas, pois pessoalmente, valia pouco.

Se a vertente catequética e apologética do cristianismo e de Deus foi aquela pela qual Américo mais pugnou, também o papel de pedagogo e conselheiro foi algumas vezes por si desempenhado. Aqui, com maior incidência sobre o tema da família.

---

<sup>205</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 27 abr. 1963, nº 499, p. 3 e 4.

<sup>206</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 31 jul. 1965, nº 558, p. 2.

A um jovem amigo, que estando noivo e por isso se preparava para o casamento, em fevereiro de 1927, alertou-o para a necessidade de ele ter clara consciência das implicações da vida conjugal na vida de cada um dos cônjuges. Mostrou-lhe que o amor que ambos sentiam enquanto namorados e noivos era diferente do amor conjugal e, por isso, perguntou-lhe e alertou-o:

*Já pensaste nisto? E estás resolvido a casar nestas condições e a expor desde já este conceito à tua noiva? Pensa bem. Não te precipites. Tu não vês como a maioria dos que casam andam de candeias às avessas pouco tempo depois? Sabes porque é isso? É porque eles não têm o verdadeiro conceito do amor. Amor-sacrifício. Eis o verdadeiro, o único amor.*<sup>207</sup>

Ao longo do tempo e dos contactos com Simão, procurou ajudá-lo nas dúvidas sobre aspetos da educação dos filhos, assim como o apoiou quando perdeu mais de um filho nado morto. Um exemplo desse comportamento encontramos-lo em 17 de maio de 1927, quando, perante a preocupação com a educação a prestar ao filho mais velho, o seminarista manifestou a opinião de que essa função deveria ser mais a obra do pai, do que a de um professor, a contratar para essa finalidade, porquanto:

*Meter em casa professores... eu pensaria duas vezes antes de o fazer, mas tê-los aí em escolas mesmo públicas e sempre debaixo dos seus dedos, seria o melhor passo a dar, até à idade própria. E justamente esse grande predicado que quer dar ao Alberto de ser um self made man [...], há de ser você quem lho há de insuflar na alma; primeiro pelo que já lhe deu na substância da gestação e segundo pelo que está dando agora, na educação. Não tenha pressa de entregar os filhos a gente estranha.*<sup>208</sup>

Nesta opinião revelou então já um dos aspetos da pedagogia que mais tarde seguiu nas casas do Gaiato, ao prescindir de agentes externos à Obra da Rua, por razões semelhantes às enunciadas.

---

<sup>207</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 18 jul. 1964, nº 531, p. 1 e 4.

<sup>208</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 04 mar. 1961, nº 443, p. 1 e 5.

#### 4.2.5 Apoio a pobres

Apesar de no seminário não poder ter muitos contactos com o mundo exterior, continuou a ter preocupações com os pobres e necessitados que foi conhecendo e que necessitavam de apoio. Essa atitude foi observada por muitos contemporâneos, como o então condiscípulo Silvestre Gouveia, que referiu:

*[...] Já foi apontada a sua inclinação para os pobres que ‘acampavam’ no terreiro do Seminário ou que vinham à Sopa.*<sup>209</sup>

Naquele tempo de elevado desemprego, famílias numerosas, doenças, rendimentos muito baixos e miséria frequente, o seminário, a exemplo do que ocorreu com outras entidades, foi o recurso para pessoas que não tinham meios de subsistência.

Isso foi o que sucedeu com uma família constituída por uma avó, uma filha e quatro netos, que desde 1926 se alimentavam diariamente com “uma panela de caldo”, oferecido por aquele estabelecimento de ensino. Apercebendo-se disso, começou a ajudá-la com uma pequena esmola, semanalmente atribuída e que lhe permitia pagar parcialmente o pão consumido diariamente. À medida que o tempo foi passando, e mediante a confiança adquirida por aquela mulher que se expunha sofredamente à caridade alheia, Américo soube que os netos tinham sido “obra de ex estudantes”, que não quiseram assumir as consequências da paternidade. Soube ainda que os seis viviam num cubículo miserável. Verificando as necessidades daquela família, Américo não só disponibilizou dinheiro do seu pecúlio, como começou a pedir ajuda a diversas pessoas conhecidas, solicitando em simultâneo que também elas contactassem amigos e familiares para que a ajuda pudesse ser mais significativa. Nessa sequência, em 20 de janeiro de 1927, pediu ajuda a Simão, dizendo:

*O pão desta pobre família é o assunto do momento. Qualquer coisita que me possa dispensar é aceite com suprema alegria. Talvez queira mandar esta carta, assim como está, ao seu colega do Banco Nacional Ultramarino ou outro qualquer homem que por ventura deseje ser generoso [...].*

*Uma pequena coisa, sem sacrifício para si nem para os seus amigos. A alma desta mulher é bem digna da nossa atenção e compaixão. Tendo outrora uma casita, amanhada com o seu trabalho, desfá-la para roubar à morte um filho*

---

<sup>209</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 02 mai. 1959, nº 395, p. 1.

*tísico que se foi, e agora cheia de dor e privações vem esconder com amor a falta da filha e procurar o pão dos netos.*<sup>210</sup>

Pouco tempo depois, em fevereiro, na sequência de um contacto do jovem amigo a quem aconselhara sobre a vida conjugal, aproveitou para pedir o mesmo tipo de ajuda, depois de também lhe contar as condições em que vivia aquela família:

*Ora nem tu nem P. podem auxiliar-me diretamente, nem eu consinto que vocês o façam, mas indiretamente podem fazer um grande bem a esta gente pobre e mais misérias que eu conheço. Era pedir qualquer coisinha para mim e mandar um pequeno cheque logo que possas. Lembro o N.. Esse é uma alma generosa.*<sup>211</sup>

Continuou a apoiar aquela família e a mobilizar o máximo de pessoas para que esse apoio fosse cada vez maior. Os seus apelos foram correspondidos, havendo da parte de alguns doadores colaborações de valores significativos, que não só agradecia como ainda manifestava a sua grande sensibilidade pela generosidade encontrada.

Mas, à medida que o conhecimento sobre as condições em que vivia aquela família de Coimbra aumentava, já não se satisfazia na simples e imediata atitude caritativa do “pão para a boca”. Procurou que a sua ajuda fosse mais longe, oferecendo a um dos referidos netos a oportunidade de poder ganhar algum dinheiro com um trabalho por si encomendado. De seguida, ao vê-lo com fraco aspeto físico, também lhe recomendou cuidados médicos. Disso deu conta a Simão, logo em 17 de maio, ao mesmo tempo que lhe pediu mais ajuda:

*O neto mais velho da minha protegida (são 4), um que é encadernador, como se encontrasse sem trabalho, eu disse-lhe que mo mandasse que lhe daria livros para encadernar. Apareceu-me aqui de peito encolhido, transparente, a tossicar, eu disse à avó que o levasse ao médico. Esta levou-o e já me disse que ele mandara alimentar-se bem e muito descanso [...] Eu já lhe disse que o pedir é sempre uma humilhação, mas se a gente vai pensar no bem que faz á miséria dos nossos irmãos... [...]*<sup>212</sup>

---

<sup>210</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 04 fev. 1961, nº 441, p. 3.

<sup>211</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 18 jul. 1964, nº 531, p. 1 e 4.

<sup>212</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 04 mar. 1961, nº 443, p. 1 e 5.

Esta forma de proceder por parte de Américo, ou seja, praticar a caridade com meios pessoais e pedidos de colaboração aos amigos e conhecidos, antecipou o que veio a fazer mais consequentemente após a sua ordenação e em particular quando em Coimbra iniciou o seu trabalho na “Sopa dos Pobres”. Por isso ele se designava “recoveiro dos pobres”, aquele que pedia a quem tinha, para dar a quem precisava.

Foi esse desprendimento, que nele assentou na afirmação evangélica de que não é possível servir simultaneamente a Deus e ao dinheiro, que o levou muito rapidamente a pensar que os seus bens deveriam ser colocados ao serviço dos outros, particularmente dos mais carenciados.

Já nesse tempo, procurou a felicidade, através da felicidade dos outros, contribuindo direta e empenhadamente para isso. A riqueza material já não lhe interessava, como o afirmou em 4 de março de 1926, a Simão:

*Tratava-se de um homem de bem, da minha terra, que escorregou, não encontrou ninguém que o levantasse, nem mesmo na família a que se juntou por casamento, sendo tudo gente de bens. Emprestei-lhe esse dinheiro para ele embarcar para o Brasil [...]. Ainda que ele me não pague, a minha satisfação íntima é grande e isto vale mais do que o dinheiro.*<sup>213</sup>

Além do apoio prestado a pessoas e famílias, também se empenhou em colaborar em iniciativas de entidades que igualmente visavam a solidariedade pessoal e humana. Tal foi o caso da criação de um sanatório, por parte do bispo de Coimbra, destinado a sacerdotes velhos e pobres, para o qual ele se empenhou e contribuiu diretamente com o dinheiro que lhe restava no banco, em que trabalhava Simão Neves.<sup>214</sup>

Mas a caridade em Américo não se confinou ao apoio material. Ela revestiu-se da preocupação pela pessoa na sua totalidade, adequando a sua ação às necessidades concretas de cada um e em cada momento.

Compadecido dos que sofriam, visitou doentes a quem procurou minorar o sofrimento. Foi o que fez ao padre Manuel do Freixo, o qual revelou:

---

<sup>213</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 09 jul. 1960, nº 426, p. 1 e 2.

<sup>214</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 11 mai. 1963, nº 500, p. 3.

*Nunca pude esquecer esta delicadeza do Padre Américo. Bastante doente na 2ª prefeitura, Padre Américo visitou-me no meu leito de dores. Ao apalpar a fronha em que reclinava a cabeça, encontrou-a um tanto dura, das capas desfiadas. Foi ao quarto dele e trouxe-me a sua cabeceira de sumaúma e serviu-se da minha enquanto durou a minha enfermidade. [...]*<sup>215</sup>

De igual modo se condoía ao ver as prostitutas e a forma como eram encaradas pela sociedade, particularmente por aqueles que de uma ou outra maneira se aproveitavam da debilidade pessoal e social delas. A propósito daquelas mulheres, maioritariamente infelizes, escreveu em 30 de setembro de 1927:

*[...] Pobres mulheres. As patroas mercadejam-lhe e os homens gozam-lhes a carne que um dia foi inocente. Passando a vida a entregar-se a todos, elas nunca encontram ninguém. Míseros seres, simples coisas a quem se nega toda a personalidade; em nós, nunca viram mais do que a besta. Amo-as, eu, as prostitutas, porque sei que muito sofrem!! E amam-nas, da mesma forma e pela mesma razão, todos os que conhecem e sentem o valor metafísico da humanidade.*<sup>216</sup>

---

<sup>215</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 07 set. 1957, n° 352, p. 1 e 3.

<sup>216</sup> “Facetas de uma Vida”. *O Gaiato*, 15 abr.1961, n° 446, p. 3.

## Conclusão

Américo Monteiro de Aguiar tinha todas as condições para ser um homem comum, igual a tantos homens que apenas a história familiar regista por uma ou duas gerações, e que caem depois no esquecimento por não se libertarem da lei da morte. Assim foi até ingressar no convento.

Tendo nascido num tempo de grandes carências, dificuldades e futuro incerto, em que a maioria da população, tal como a sua família, vivia da agricultura, os pais procuraram desde cedo prepará-lo para a vida, assim como haviam feito aos seus irmãos. Habilitado com alguma formação comercial, e não prosseguindo estudos liceais ou religiosos por limitações financeiras, Américo iniciou a atividade profissional como marçano no Porto, aí tirocinando com vista a emigrar para Moçambique, onde viria, durante dezasseis anos, a desenvolver atividade comercial multifacetada, destacando-se pela competência, dinamismo, honestidade e facilidade de adaptação a novos ambientes e situações. Muito apreciado, pôde colher os benefícios disso, não só pela via dos rendimentos auferidos e bem estar correspondente, como ainda pelo prestígio, consideração e respeito de que gozava numa comunidade intercultural de portugueses, ingleses e africanos. Já então as capacidades de liderança, a elevada educação, cavalheirismo, jovialidade e humor o tornavam num convidado frequente em múltiplos eventos.

Embora bem instalado, não hesitou em romper com essa vida, procurando na Metrópole uma viragem que, embora não isenta de riscos e incertezas, o tornava ainda mais senhor do seu destino. Então, só teria de dar contas a si próprio não temendo as mudanças, pois a energia, experiência e sentido prático da vida não lhe faltavam. Eram estes os projetos, mas em poucos meses tudo se viria a alterar.

Quando procurava no mundo dos negócios de importação e exportação, com ligações à Ilha da Madeira, Inglaterra e África do Sul, a solução profissional propiciadora de satisfação pessoal e rendimentos certos, foi assaltado um dia pela ideia de ir para um convento. Resistiu durante algum tempo, embora sentisse dentro de si que algo de novo e inexplicável se estava a passar. Não falou a ninguém num primeiro momento, mas pouco tempo depois deixou o negócio e foi definitivamente para o convento franciscano de Ramallosa, em Tuy. Esta mudança brusca, que não foi



percebida por aqueles que o rodeavam, ocorreu na sequência de um processo que se terá iniciado em Moçambique, pelo menos a partir de outubro de 1922, quando reatou a amizade e conversas de cunho religioso com o então bispo D. Rafael Assunção, vindo a culminar com o que Américo designou como “marteladas”. Foi então que não resistiu mais, sentindo que estava perante uma realidade inexplicável dentro dos normais padrões de avaliação humana. Entendeu que estava a ser sujeito a uma experiência de cunho sobrenatural que, se o “empurrava”, também lhe dava uma tranquilidade de espírito que até então não tinha sentido. Isso mesmo comprovou logo nos primeiros dias de convento, quando constatou que à recordação da vida anterior se opunha uma grande paz interior, sensações e sentimentos que nunca havia experimentado. Era Deus que o acompanhava, que lhe facultava a alegria de uma nova vida, em que a beleza, a interiorização e a suavidade dos pensamentos, suplantavam o que havia vivido no mundo.

Em muito pouco tempo Américo achou-se cativo do mundo espiritual, do Evangelho e de Jesus Cristo. Sentia-se renascido, porque possuidor de uma vida nova, afirmando por isso que todo o tempo passado antes da entrada no convento tinha sido um tempo perdido. Para si a vida contaria a partir desse momento. Se Deus o chamava, logo entendeu que devia proclamar a verdade descoberta junto daqueles que estavam mais próximo. Cedo definiu como objetivo de vida o apostolado da palavra e a ação junto dos mais necessitados de bens e de amor.

Se, enquanto andou no mundo, não se lhe afigurou como provável o encaminhamento religioso, também nunca havia imaginado que pudesse ter de deixar o noviciado franciscano, tal a identificação que sentia com o “poverello”. Foi o desejo e o impulso natural para a ação assim como uma grande sensibilidade espiritual, a par de algumas debilidades de saúde, que o impossibilitaram de prosseguir. Mas, a semente franciscana do amor à natureza e à vida, da humildade perante tudo e todos, da simplicidade, e acima de tudo a “Dona Pobreza” e o amor aos mais pobres e rejeitados da sociedade tinham caído no campo fértil de Américo. No seminário, mais tarde já ordenado e particularmente quando, por força da sua obra no mundo, passou a ser tratado por “Pai Américo”, todas aquelas matrizes estavam nos seus gestos, nas palavras e nas ações.

Num tempo em que a Igreja já não dispunha do poder e da influência que anteriormente tinha tido, todos os cuidados eram necessários, havendo que ser criterioso no recrutamento dos seus membros, de molde a que dessem garantias de não a deixar exposta à crítica do mundo. Neste contexto, Américo era um candidato, no mínimo, duvidoso, pela idade, pela vivência no mundo e pelo fracasso franciscano. Por isso a diocese do Porto o rejeitou e a de Coimbra, abrindo-lhe as portas, não deixou de mostrar as dúvidas que havia inspirado ao seu bispo.

Não brilhou nos estudos, como sempre havia acontecido e até afirmava que os seus grandes mestres de Teologia haviam sido os mais humildes dos franciscanos com quem viveu durante dois anos. No entanto, destacava-se pela facilidade com que utilizava a palavra quando escrevia ou falava e a punha ao serviço de uma fé profunda em Jesus Cristo e que, quando se soltava, iluminava e dava esperança aos que a ouviam ou liam. Cedo, os colegas e superiores perceberam em Américo um homem diferente, que refletia sobre o Evangelho, lendo-o à luz da vida concreta dos homens e mulheres que ele conhecia do mundo, com as suas fraquezas, grandezas e necessidades diárias de pão, roupa e teto. Descobriu que aqueles irmãos em Cristo não podiam ouvir discursos religiosos escolasticamente bem elaborados, mas abstratos, teóricos, redondos, apelando a uma fé assente em dogmas e proibições. Viu que não aceitavam palavras sem ações e muito menos ações que não os ajudavam a libertar-se dos tormentos em que as suas vidas se manifestavam.

Tendo descoberto que Deus era uma entidade objetiva que ele sentia como próximo de si, procurou transmitir essa experiência e mostrar que Ele estava ligado à vida de cada um. Por isso, utilizando um discurso com palavras de todos conhecidas, pondo nelas uma grande sinceridade, elevava até ao Evangelho as vidas sofridas dos homens comuns e fazia-as descer com a esperança, a solidariedade e a partilha do sofrimento que Jesus aí tinha deixado.

Tendo sido um homem do mundo, o tempo de preparação para a vida religiosa não o afastou desse mundo, no que ele tinha de bom e de mau. Os cerca de sete anos passados no ambiente religioso permitiram-lhe entender que o mundo natural estava ligado ao mundo sobrenatural, sendo necessário que essa realidade, por si assim entendida, fosse posta em ligação permanente e ao serviço de todos. Se os trinta e seis anos de mundo lhe tinham possibilitado o seu conhecimento, o tempo de convento e

seminário revelou-lhe a possibilidade de interpenetração dos dois mundos, para dessa forma melhor responder à natureza e necessidades humanas.

Ao contrário dos demais seminaristas, que idealizavam o homem a partir da formação recebida, Américo levou para o seminário o homem real e aí procurou o material necessário para com ele construir um mundo melhor.

A par do Evangelho, alimentava-se da oração e da eucaristia, essas realidades místicas onde se fortalecia e encontrava a resposta para muitas das dúvidas e inseguranças e onde recolheu o benefício da súplica.

Homem prático, habituado a ver no trabalho humano a força criadora da satisfação das necessidades e sustentado na ideia de que a fé se devia materializar em ações concretas, voltou-se também para os pobres, para os que sofriam com a falta de pão, mas também com a ausência de amor e de saúde. Se, como sempre fez, dava do que tinha, agora, porque já nada lhe restava, pedia a amigos a solidariedade para com esses necessitados, começando aí uma prática que iria desenvolver um pouco mais tarde, após o início da “Sopa dos pobres”, em Coimbra.

Américo foi um homem do seu tempo, que percebeu a realidade económica e social a partir da vida concreta das pessoas. Comprometeu-se com elas, dando e dando-se, em nome de uma solidariedade que diríamos espontânea e profundamente sincera. Mas a isso acrescentou a força e o fogo do espírito de Deus que sentia e o acompanhou ao longo da vida.

## Cronologia

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
1887				
	23 out.	Nascimento de Américo Monteiro Aguiar.	Pais - Ramiro Monteiro Aguiar e Teresa Ferreira Rodrigues.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 15.
	04 nov.	Batismo de Américo Monteiro Aguiar.	Padrinhos - Joaquim da Rocha (tio Pe. Américo) e Maria Ferreira Aguiar (irmã Pe. Américo).	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 16.
1888	12 mar.	Nascimento de Simão Correia Neves (amigo de Américo).	Pais - João Louro e Isabel Louro.	Assento paroquial nº 24 - Livro de batismos de 1888 de Rosmaninhal, Idanha a Nova. Folha 10 f. e v. - Arquivo Distrital de Castelo Branco.
	29 abr.	Batismo de Simão Correia Neves.	Padrinhos - Simão Correia e João Correia.	Assento paroquial nº 24 - Livro de batismos de 1888 de Rosmaninhal, Idanha a Nova. Folha 10 f. e v. . Arquivo Distrital de Castelo Branco.
1894		Frequência 1º ano da Escola Primária oficial (Escola Régia).	Teve como colega o futuro padre Avelino Sousa Soares.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 21.
1897	12 abr.	Carta de Américo para o irmão José.	Américo pediu-lhe para vir a Portugal em 1898. Em nota final, a mãe informou que Américo faria a 1ª comunhão.	“Facetas de uma Vida”. <i>O Gaiato</i> , 20 jul. 1963, nº 505, p. 2.
	?	Américo concluiu o 1º grau do Ensino Primário (3ª classe).	O autor refere, por lapso, que concluiu a 4ª classe.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 21.

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
	Set.	Américo matriculou-se no 2º grau do Ensino Primário, no Colégio de Nª Sª do Carmo, em Penafiel.	O irmão António, mais velho 3 anos, também foi matriculado no mesmo ano escolar.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 22.
	02 set.	Carta de Ramiro Aguiar (pai de Américo) para o filho, padre José Monteiro de Aguiar, em Cochim-Índia.	Informou que Américo e António tinham ido estudar para Penafiel.	“Facetas de uma Vida”. <i>O Gaiato</i> , 09 jun. 1962, nº 476, p. 1 e 3.
1898	22 abr.	Embarque de Jaime, irmão de Américo, para Moçambique.		“Facetas de uma Vida”. <i>O Gaiato</i> , 09 jun. 1962, nº 476, p. 1 e 3.
	05 mai.	Carta de Ramiro Aguiar para José.	Informou sobre o aproveitamento escolar dos filhos mais novos.	“Facetas de uma Vida”. <i>O Gaiato</i> , 09 jun. 1962, nº 476, p. 1 e 3.
	verão	Aprovação de Américo nos exames do 2º grau do ensino primário.		
	out.	Matrícula de Américo no ensino complementar primário.	António matriculou-se no curso dos liceus e Américo no 1º ano do ensino complementar primário.	
1899	07 mar.	Carta dos pais para José.	Informaram que '[António] e Américo estudam regularmente. O Américo, se continuar assim, há de aprender o inglês, francês e alemão e depois... rua!'	“Facetas de uma Vida”. <i>O Gaiato</i> , 20 jul. 1963, nº 505, p. 2.
	mai/jun	Carta dos pais para José.	Informaram que o aproveitamento escolar dos filhos mais novos foi positivo.	“Facetas de uma Vida”. <i>O Gaiato</i> , 20 jul. 1963, nº 505, p. 2.
1901	07 jan.	Carta dos pais para José.	Informaram sobre a situação escolar dos filhos mais novos.	“Facetas de uma Vida”. <i>O Gaiato</i> , 20 jul. 1963, nº 505, p. 2.

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
	13 jan.	Carta de Américo para José.	Felicitou o irmão e disse-lhe: "Eu estou no Colégio de Santa Quitéria. Eu estudo português francês e inglês e o António o 3.º ano do curso dos Liceus. Eu já podia saber alguma coisa de alemão, mas o Pai não quis que eu estudasse e por isso estudo agora matérias de que já podia estar livre."	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 09 jun. 1962, nº 476, p. 1 e 3.
	mar.	Américo escreveu um postal ao pai.		"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 11 nov. 1961, nº 461, p. 2.
1902	05 mai.	Carta de Ramiro Aguiar para José.	Esta carta não foi publicada nas "Facetas de uma vida..."	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 23 Jun. 1962, nº 477, p. 3.
	01 jun.	Carta de Teresa Ferreira Rodrigues (mãe de Américo), para José.	Referiu uma carta do filho Jaime, que vivia em Chinde (Moçambique), na qual manifestava disponibilidade para ajudar a custear as despesas com os estudos dos irmãos. Por isso pediu a José que concertasse com o irmão influências junto do pai para que Américo continuasse a estudar. Referiu ainda que Américo lhe manifestou vontade de ir para padre.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 23 jun. 1962, nº 477, p. 3.
	02 jun.	Carta de José para o pai.	Deixou ao pai a escolha do caminho a seguir pelo Américo, devendo no entanto ouvi-lo sobre a sua vontade.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 21 jul. 1962, nº 479, p. 4.
	20 jun.	Carta de Jaime para José.	Referindo a sua experiência profissional, recomendou que Américo estudasse, a fim de lhe ser mais fácil o seu enquadramento profissional futuro.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 23 jun. 1962, nº 477, p. 3.
	01 ago.	Carta de Teresa Rodrigues para José.	Pediu ao filho para intervir junto do diretor do Colégio de Felgueiras e obter a redução da mensalidade, a pagar pelos estudos de Américo, a fim deste poder continuar a estudar.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 07 jul. 1962, nº 478, p. 2.

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
	06 ago.	Carta de Ramiro Aguiar para José.	Manifestou disponibilidade para aceitar qualquer solução para Américo.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 07 jul. 1962, nº 478, p. 2.
	ago.	Conclusão dos estudos no Colégio de Santa Quitéria, em Felgueiras.	De 1898 a agosto de 1902 fez o Curso Complementar Primário e cursou línguas estrangeiras (Francês, Inglês e Alemão)	
	out.	Américo iniciava a atividade comercial na cidade do Porto, como marçano.		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 29-30.
	12 nov.	Carta de Teresa Rodrigues para José.	Informou que, tendo ido ao Porto, no dia de todos os santos, encontrou Américo, fisicamente abatido. Os patrões referiram que Américo "[...] quando vê passar os rapazes para a aula [...] sente uma saudade de não estudar."	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 21 jul. 1962, nº 479, p. 4.
1903	28 jun.	Carta de Teresa Rodrigues para José.	Disse que viu uma carta do José dirigida ao pai, a oferecer apoio financeiro para os estudos de Américo, mas pergunta por que razão isso não aconteceu.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 21 jul. 1962, nº 479, p. 4.
	dez.	Américo recebeu a visita do irmão Jaime.	Jaime ter-lhe-à referido a sua experiência como emigrante e mostrou-lhe as possibilidades de enriquecimento, a exemplo do que estava a acontecer com alguns conterrâneos.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra/Castelo Branco, Alma Azul, p.33.
	04 dez.	Carta de Jaime, para José.	Informou que Américo iria matricular-se no "Instituto Comercial do Porto no ano letivo 1904/1905, para frequentar o Curso Superior do Comércio", que tinha a duração de 3 anos. Referiu ainda que estava disponível para participar nas despesas dos estudos de Américo, dado que os pais não tinham capacidade financeira.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 04 ago. 1962, nº 480, p. 1.

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
1904	04 jun.	Carta de Jaime para José.	Entendia que seria bom que Américo "saísse agora de Portugal", depois de mais aperfeiçoado "na teoria da língua inglesa e contabilidade comercial".	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 04 ago. 1962, nº 480, p. 1.
	05 set.	Carta do padrinho de José a este	Aquando de uma vinda ao Porto referiu: "Noutro dia tive pena do Américo. Lá o vi dentro do balcão... Mas que remédio há senão sujeitar-se: o pano não dá para grandes mangas."	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 01 set. 1962, nº 482, p. 4.
1905	15 mai.	Carta de Jaime para José.	Informou que "Américo entrou este ano no Instituto Comercial e faz o curso do comércio." Nota - Após consulta ao arquivo do ISEP-Instituto Superior de Engenharia do Porto, verifiquei que Américo só se matriculou em 12.10.1905.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 01 set. 1962, nº 482, p. 4.
	26 jul.	Carta de Jaime para José.	Voltou a perguntar se concordava que Américo concluísse o Curso Comercial no Instituto Industrial e Comercial do Porto e depois seguisse para Moçambique, ou para a Índia.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 01 Set. 1962, nº 482, p. 4.
	12 out.	Américo matriculou-se no Instituto Industrial e Comercial do Porto, no Curso Comercial noturno		Termo de matrícula nº 44, no Instituto Industrial e Comercial do Porto.
	15 dez.	Carta de Teresa Rodrigues para José.	Informou que Américo estava em casa doente dos ossos pelo que, naquele inverno, permaneceria aí, até ir para tratamento termal.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 20 jul. 1963, nº 505, p. 2.
1906	jan.	Carta de Ramiro Aguiar para José.	Informou que Américo continuava em casa com reumatismo.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 20 jul. 1963, nº 505, p. 2.
	31 mai.	Carta de Ramiro Aguiar para José.	Informou que Américo iria para África em Outubro.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 15 set. 1962, nº 483, p. 2.



DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
	15 jul.	Carta de Ramiro Aguiar para José.	Confirmou a ida de Américo para África.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 15 set. 1962, nº 483, p. 2.
	out.	Sacramento da Confirmação / "Crisma" (21 Out.?)	A cerimónia foi presidida pelo Bispo D. António Barroso (que esteve ligado ao Colégio das Missões, em Cernache do Bonjardim).	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p.32.
	19 nov.	Embarque de Américo para Moçambique.	Tinha como destino uma empresa de comércio.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 35.
	23 nov.	Carta de Américo para José.	Em Marselha, informou o irmão que ia de viagem para Moçambique, tendo saído de Lisboa em 19.11.1906.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 29 set. 1962, nº 484, p. 3.
	10 dez.	Carta de Zeferino para José.	Informou que passava a ser o seu correspondente, uma vez que Américo tinha ido para Moçambique.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 29 set. 1962, nº 484, p. 3.
	19 dez.	Chegada de Américo a Moçambique.		"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 29 set. 1962, nº 484, p. 3.
	22 dez.	Carta de Jaime para José.	Informou que Américo havia chegado em 19 de Dezembro.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 29 set. 1962, nº 484, p. 3.
1907	03 fev.	Carta de Jaime para o cunhado José Guilherme.	Informou que Américo estava à experiência na empresa Baptista & Correia.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 29 set. 1962, nº 484, p. 3.
	01 jun.	Carta de Teresa Rodrigues para José.	Informou que Américo trabalhava numa companhia inglesa, "onde pode ser um homem" (de acordo com uma carta de Jaime).	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 27 out. 1962, nº 486, p. 4.
	jul. (?)	Empregado da companhia inglesa de diamantes do Transval "The British Central Africa & C.		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 39 CARDOSO, Maria Manuela

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
		La.".		Lopes, 2007 - Américo Monteiro de Aguiar. <i>Dimensões antropológicas, axiológicas e proféticas de um projecto pedagógico.</i> Lisboa, Chaves Ferreira, p. 82.
	10 jul.	Américo requereu certidão do Registo Criminal.	Na certidão diz-se: "Nada consta contra Américo Monteiro Aguiar, empregado comercial, residente no Chinde".	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 01 set.1956, nº 326, p. 1 e 2.
	19 ago.	Américo ficou isento do serviço militar, após ida à inspeção.		"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 01 set.1956, nº 326, p. 1 e 2.
	out.	Carta de Teresa Rodrigues para José.	Informou que Américo ficou livre do serviço militar, após inspeção efetuada em 16.06.1907. NOTA: Esta data é diferente da referida pelo padre José.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 20 jul. 1963, nº 505, p. 2.
1908	12 jan.	Carta de Teresa Rodrigues para José.	Informou que Américo enviou ao pai a consoada de 18 libras em ouro, para comprar um varino.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 27 out. 1962, nº 486, p. 4.
1909	13 fev.	Carta de Teresa Rodrigues para José.	Informou que Américo tinha escrito e mandou ofertas pelo Natal. O portador das encomendas, informou que Américo era caixeiro despachante a bordo, em língua portuguesa, francesa e inglesa e tinha um bom desempenho. Referiu ainda que ele ajudava todos os dias à missa o Padre Vicente. Terá sido a última carta escrita pela mãe.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 27 out. 1962, nº 486, p. 4.
	24 mai.	Padre José chega a Cete.	Regressou de Cochim, tendo sido recebido festivamente.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 27 out. 1962, nº 486, p. 4.
1911		Jaime era gerente da "Companhia da Zambézia".		"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 17 mar. 1962, nº 470, p. 2.

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
1912	07 abr.	Américo embarcou para a Metrópole em gozo de férias.	Permaneceu em Portugal entre maio e outubro.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 46.
1913	set.	Américo participou no "Sports Meeting", como atleta do "Chinde Sports Club".		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 40.
	12 dez.	Morte de Teresa Rodrigues.	Américo não assistiu ao funeral.	Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 27 out. 1962, nº 486, p. 4 Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 08 dez. 1962, nº 489, p. 1.
1914	?	Américo iniciava relação de amizade com o padre Rafael Maria Assunção, missionário franciscano e futuro bispo.		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 40 e 41 ELIAS, Padre, 1958 - <i>O pai Américo era assim</i> . Coimbra, p. 30. "Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 10 nov. 1956, nº 331, p. 1 e 2.
	07 set.	Carta de Américo para o pai.	Ofereceu-lhe uma mesada em dinheiro.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 08 dez. 1962, nº 489, p. 1.
	31 out.	Carta do pai para Américo.	Agradeceu-lhe a mesada, referindo que só a utilizaria se fosse necessário ocorrer a despesas com António, que estava hospitalizado, evidenciando "[...] avultadas melhoras de saúde e até certeza de cura [...], pelo que iria para o sanatório da da Guarda".	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 08 dez. 1962, nº 489, p. 1.
	nov.	Internamento de António no sanatório da cidade da Guarda.		"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 08 dez. 1962, nº 489, p. 1.

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
1915	25 mai.	Américo embarcou para Portugal, em gozo de férias.	Viajou com o padre Rafael Assunção até à cidade do Cabo a bordo do vapor "Durkan Castle".	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 46 ELIAS, padre, 1958 - <i>O pai Américo era assim</i> . Coimbra, p. 31 "Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 10 Nov. 1956, nº 331, p.1.
	?	Início da amizade de Américo com Simão Correia Neves.	Disse Américo a propósito desta amizade: "Em 15, [1915] passava eu por Lourenço Marques a caminho de Chinde, vindo de Portugal, e ali me deram algumas cartas de recomendação para si, dizendo-me ao mesmo tempo que fatalmente havíamos de ser sempre amigos."	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 10 dez. 1960, s/nº, p.2.
1916	18 jan.	Falecimento de António, no sanatório.		"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 02 fev. 1963, nº 493, p.3.
	27 jan.	Carta de José para Américo.	Informou-o da morte do irmão António.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 02 fev. 1963, nº 493, p.3.
1918	26 out.	Casamento civil de Simão Neves.	Esposa - Judith Alves, de 26 anos, natural da freguesia de Santo Estevão de Lisboa. Filha de David Alves e de Emília dos Santos Lauriana.	Assento paroquial nº 24 - Livro de batismos de 1888 de Rosmaninhal, Idanha a Nova. Folha 10 f. e v. - Arquivo Distrital de Castelo Branco.
1919	08 dez.	Nascimento de Alberto Alves Correia Neves (primeiro filho de Simão Correia Neves).		Conservatória do Registo Civil de Lisboa, registo de nascimento, livro 70, fl. 025.
	?	Américo embarcou para Portugal em gozo de férias.		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 46.

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
1920	07 jan.	Registo do nascimento de Alberto Alves Correia Neves.	Américo foi um dos padrinhos.	Conservatória do Registo Civil de Lisboa, livro 70, fl. 025.
	17 fev.	Carta de Américo para Simão Neves.		"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 24 jun. 1961, nº 451, p. 1 e 3.
	29 fev.	Chegada de Américo ao Chinde, após gozo de férias na Metrópole.		"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 09 dez. 1961, nº 463, p. 4.
	06 mar.	Carta de Américo para o pai.	Disse-lhe: "Em 1923 ou 24 tenciono voltar aí e então arranjarei qualquer coisa em que me possa entreter ficando sempre junto de si."	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 09 dez. 1961, nº 463, p. 4.
	dez.	D. Rafael Assunção foi nomeado Bispo titular de Augusta e Prelado de Moçambique.		
1921	fev.	Américo terá iniciado a atividade na empresa "Companhia Portuguesa do Ultramar"		
	12 fev.	Carta de José para Américo.	Informou sobre a trasladação dos restos mortais do irmão António, da Guarda para o cemitério de Paço de Sousa	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 02 fev. 1963, nº 493, p. 3.
	22 fev.	Carta de Américo para Simão Neves.	Referiu que estava em Lourenço Marques, tendo deixado o Chinde por razões que o amigo conhecia, mas que não explicitou. Disse ainda que perdera muito dinheiro com a saída ressalvando, no entanto, "o seu brio de português que muitos queriam apoucar".	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 24 jun. 1961, nº 451, p. 1 e 3.

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
	07 mai.	Carta de Américo para José.	Acusou a receção da carta de José de 12.02.1921.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 02 fev. 1963, nº 493, p. 3.
	07 mai.	Américo trabalharia na "Companhia Portuguesa do Ultramar", como despachante dos barcos a vapor.	O autor cita como fonte uma carta de Américo dirigida a Simão Neves em 15.08.1921.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 45
	05 ago.	Funeral do pai	Américo não assistiu ao funeral.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 15.
1922	?	Américo foi de férias para a Metrópole.		
	abr.	D. Rafael Assunção foi sagrado bispo titular de Augusta e prelado de Moçambique.	Embora tivesse sido nomeado bispo em Dezembro de 1920, só em Abril de 1922 foi sagrado como tal, dada a situação de doença em que se encontrava.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 24 nov. 1956, nº 332, p. 1.
	jul./ago	Américo regressou a Moçambique.	Nesta viagem terá ocorrido um "episódio" com duas freiras, com quem se terá relacionado e a quem convidou para dançar. Nota: ELIAS, Padre - <i>O pai Américo era assim</i> , p. 43, disse que inicialmente considerou esta cena como lendária. Mais tarde passou a dar-lhe crédito, admitindo-a como passível de ser a origem da "martelada". Isto porque, em dado momento, o padre Américo terá perguntado a uma freira, em tom de brincadeira se alguma vez tinha sido convidada por um padre para dançar.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 63 a 67.

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
	22 ago.	Carta de Américo para Simão Neves.	O Simão estava na Madeira e tudo lhe corria bem. Américo informou-o: "[...] vivo bem e estou satisfeito com a minha vida e o meu trabalho. Gosto a valer de Lourenço Marques e por vontade própria não escolherei nova terra para trabalho."	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 08 jul.1961, nº 452 p. 1 e 3.
	26 set.	Carta de Américo a Simão Neves.	Informou que o seu estado de espírito era o de um "misantropo e metido comigo mesmo [...]" não tenho gosto por nada e não me apetece ir a parte nenhuma [...]" Disse que a Companhia Portuguesa do Ultramar (C.P.U.), empresa onde trabalhava, iria passar para as mãos de Breyner & Wirth, pelo que "[...]estou sem emprego daqui a dois meses." Por isso o seu plano era ir para a Metrópole e aguardar "melhores dias".	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 22 jul.1961, nº 453 p. 2.
	out. (finais)	O padre Rafael Assunção tornou-se o confidente espiritual de Américo.		"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 24 Nov. 1956, nº 332 p. 1 e 2.
	11 nov.	Carta de Américo para Simão Neves.	Informou que a C.P.U. tinha sido integrada na empresa Breyner & Wirth e que o diretor de uma agência associada recomendou a sua contratação, que foi por si aceite. Manifestou disponibilidade para ser correspondente da casa bancária que Simão iria criar. Admitiu ainda ir para o Funchal.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 05 ago.1961, nº 454 p. 2.
	11 nov.	Telegrama de Simão Neves para Américo.	Convidou Américo para trabalhar consigo.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 19 ago.1961, nº 455 p. 2.
	13 nov.	Carta (ou telegrama?) de Américo para Simão Neves.	Resposta ao telegrama de 11.11.1922. Américo pediu condições para trabalhar com o amigo.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 19 ago.1961, nº 455 p. 2.

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
	15 nov.	Telegrama de Américo para Simão Neves.	Falou sobre o convite de Simão.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 19 ago.1961, nº 455 p. 2.
	20 nov.	Carta de Américo para Simão Neves.	Informou sobre as condições que pretendia para trabalhar com Simão.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 26 dez. 1959, nº 412, p. 1 e 3.
	04 dez.	Carta de Américo para Simão Neves.	Sem ter recebido resposta à sua carta de 20 de novembro, comunicou a sua resolução definitiva de ir trabalhar para o Funchal, em Fevereiro de 1923.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 19 ago.1961, nº 455 p. 2.
	08 dez.	Telegrama de Américo para Simão Neves.	Informou que iria para o Funchal no paquete "Pedro Gomes".	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 09 jan. 1960, nº 413, p. 3.
	11 dez.	Carta de Américo para Simão Neves.	Confirmou a viagem no paquete "Pedro Gomes". Prometeu chegar ao Funchal na primeira semana de Fevereiro.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 09 jan. 1960, nº 413, p. 3.
	13 dez.	Telegrama de Simão Neves para Américo.	Disse: "Pergunte Cabral minha situação. Subsiste desejos seus serviços. Convido-lhe diligencie embarque imediato".	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 19 ago. 1961, nº 455, p. 2.
	18 dez.	Carta de Américo para Simão Neves.	Informou sobre a possibilidade de não ir no paquete "Pedro Gomes". Tinha de aguardar a chegada do seu substituto na empresa.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 19 ago. 1961, nº 455, p. 2.
	31 dez.	Carta de Américo para Simão Neves.	Propôs a venda de bordados da Madeira no Blantyre e Rodésia. Confirmou a viagem no "Pedro Gomes".	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 02 set. 1961, nº 456, p. 1.
	Final ano	Fim do contrato de trabalho com a firma "Breyner & Wirth".		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 69.
	Final ano	Américo assinou um contrato de trabalho com Manuel Mendes.		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 69.



DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
1923	05 jan.	Telegrama de Américo para Simão Neves.	Anunciou a partida no paquete "Pedro Gomes".	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 02 set. 1961, nº 456, p. 1.
	06 jan.	Carta de Américo para Simão Neves.	Informou que já não viajaria no paquete "Pedro Gomes", mas sim no vapor "Balmoral Castle", no dia 26.01.1923, a partir da cidade do Cabo.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 02 set. 1961, nº 456, p. 1.
	08 jan.	Telegrama de Simão Neves para Américo.	Aconselhou Américo a ficar em Lourenço Marques, por não poder garantir-lhe condições idênticas às que auferia.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 09 jan. 1960, nº 413, p. 3. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 02 set. 1961, nº 456, p. 1.
	?	No regresso a Portugal, Américo escalou na Madeira.		"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 09 jan. 1960, nº 413, p. 3.
	fev.	Regresso definitivo a Portugal.		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 63.
	22 (23?) mar.	Carta de Américo para Simão Neves.	Informou da ideia de criar uma empresa e falou em negócios que podiam ser efetuados mediante importação e exportação de vários produtos.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra/Castelo Branco, Alma Azul, p. 61 "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 09 jan. 1960, nº 413, p.3.
	28 mar.	Carta de Américo para Simão Neves.	Informou que estava a organizar um mostruário (rendas; bilros; tapeçarias de Vila do Conde; etc.), para apresentar em Londres, aquando de uma viagem que faria futuramente.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 16 set. 1961, nº 457, p. 2 e 4.
	05 abr.	Encontro de Américo com		"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 16 set. 1961, nº 457,

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
		Simão Neves.		p. 2 e 4.
	21 abr.	Carta de Américo para Simão Neves.	Informou que iria a Londres em Maio. Pediu ao amigo para não descurar a possibilidade do seu auxílio para "pôr uma casa de frutas" no Funchal.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 16 set. 1961, nº 457, p. 2 e 4.
	29 abr.	Carta de Américo para Simão Neves.	Informou que desejava negociar com empresas de Nova Iorque sobre rendas. Pediu para Simão saber do interesse dessas empresas nos bordados da Madeira.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 16 set. 1961, nº 457, p. 2 e 4.
	05 a 26 mai.	Viagem de Américo a Londres.	Foi representar uma fábrica de serração com sede na Trofa, pertencente ao sr. Sampaio, sócio do irmão Jaime numa empresa de comissões e consignações. Fez prospeção de negócios a desenvolver no futuro.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 23 jan. 1960, nº 414 "Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 16 set. 1961, nº 457, p. 2 e 4 "Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 30 set. 1961, nº 458, p. 1 e 4.
	17 mai.	Carta de Américo.	Fala "de uma possível cultura temporã de tomates para colocar em Inglaterra". Não foi referido o destinatário.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 02 fev. 1963, nº 493, p. 3.
	27 mai.	Carta de Américo para Simão Neves.	Informou que o negócio das frutas era prioritário.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 30 set. 1961, nº 458, p. 1 e 4.
	04 jun.	Carta de Américo para Manuel Mendes, em Moçambique.	Informou que não aceitava o contrato proposto.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 14 out. 1961, nº 459, p. 1 e 4.
	09 jun.	Carta de Américo para Simão Neves.	Informou que estava nas termas, em Caldelas e que continuava a aguardar informações da cidade do Cabo, assim como sobre outros assuntos.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 14 out. 1961, nº 459, p. 1 e 4.
	26 jun.	Carta de Américo para Simão Neves.	Referiu a vinda do amigo a Cete e insistiu no negócio da fruta.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 14 out. 1961, nº 459, p. 1 e 4.
	12 jul.	"Memorandum" de Simão Neves para Américo.		"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 14 out. 1961, nº 459, p. 1 e 4

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
	jul. (meados)	Primeira visita ao convento franciscano, de Ramallosa.	Foi acompanhado de Artur Meirim, seu amigo de África, residente em Valença, onde estava a passar férias. "...Esteve mais de duas horas a falar com o Superior e regressaram a Valença".	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 75 (nota 131). "Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 08 jun.1957, nº 346, p.1. "Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 05 mar.1960, nº 417, p.8.
	01 ago.	Carta de Américo para Simão Neves.	Encarava a possibilidade de regressar a África, ao serviço de Manuel Mendes. Esta foi a última carta de Américo para Simão referente a negócios.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 14 out. 1961, nº 459, p. 1 e 4 .
	set.	Américo passou 2 dias no convento franciscano de Ramallosa.	Falou com o superior dos franciscanos, pe. Manuel Alves Correia, com o qual ficou muito impressionado, pela sua inteligência e simplicidade. Teve um grande choque ao vê-lo descalço.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 75 (nota 131) e 76 (nota 133). "Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 22 Jun.1957, nº 347, p. 1 e 2. "Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 05.Mar.1960, nº 417, p. 8.
	set.	Américo foi a Lisboa comprar um bilhete para regressar a Moçambique.	À noite encontrou-se com uns amigos e foi assistir à representação de uma peça no Teatro Avenida. Comoveu-se com algumas cenas, onde apareciam dois franciscanos em êxtase. Ficou em Lisboa durante 4 dias.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 70 e 76. "Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 05.Mar.1960, nº 417, p. 8.
	set.	Américo regressou a casa 4 dias depois de ter ido a Lisboa.	Quando foi a Penafiel para tratar do passaporte, encontrou-se com o seu amigo padre Avelino, a quem pediu para falar em sua casa. Mediante a disposição de Américo ir para o convento, aquele aconselhou-o a desistir da ideia, pois estava convencido de que Américo não suportaria o rigor da vida conventual. Nota: Este encontro, do qual	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> , Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 76. "Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 15 set. 1956, nº 327, p.1 e 2. "Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 05.Mar.1960, nº

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
			não temos informação da data da sua ocorrência deverá ter acontecido em Setembro, depois de Américo ter ido a Lisboa. O momento e algumas circunstâncias em que ocorreu são relatados de forma diferente pelo padre Américo e pelo padre Avelino Soares.	417, p. 8.
	04 set.	Carta de Américo para Simão Neves.	Esta carta e terminava com a seguinte expressão: 'Muito confidencial e digo-lhe a minha vida'...e não se lê mais nada.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 14 out. 1961, nº 459, p. 1 e 4
	17 out.	Carta de Américo para Simão Neves	Referiu que havia informado Manuel Mendes de que não voltaria para África e comunicou-lhe que iria para um convento. Nota: Esta carta não foi publicada integralmente	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 62. "Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 23 jan. 1960, nº 414, p. 2 e 3
	20 out.	Carta de Américo para Simão Neves	Informou que no dia seguinte partiria para o convento franciscano de Vilariño de Ramallosa, em Tuy, Espanha.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 06 fev.1960, nº 415, p.1.
	21 out.	Entrada de Américo no convento de Vilariño de Ramallosa.		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 78. "Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 06 fev. 1960, nº 415, p.1.
	01 nov.	Carta de Américo para José.	Nesta primeira carta remetida de Espanha, falou da sua integração e adaptação ao convento.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 20 fev.1960, nº 416, p.3.
	04 dez.	Carta de Américo para Simão Neves.	Referiu os seus sentimentos e as transformações que sentia.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 05 mar.1960, nº 417, p.8.
1924	14 mar.	Carta de Américo para Simão Neves.	Evidenciou as dificuldades, mas também a alegria por estar no convento.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 19 mar.1960, nº 418, p.1 e 4.

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
	04 abr.	Carta de Américo para Simão Neves.	Afirmou que a decisão de ir para o convento não foi fortuita e que sentia "transformações espirituais".	AGUIAR, Américo - "Maré cheia". <i>O Gaiato</i> , 17 out. 1959, nº 407.
	11 abr.	Carta de Américo para Simão Neves.	Mostrou a determinação em ser frade.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 03 abr. 1960, nº 419, p.1.
	jul.	Carta de Américo para Jaime.	Manifestou a vontade de ver o irmão recuperar a fé religiosa. NOTA: Na carta não foi referida a data em que foi escrita. Admite-se que tenha sido em julho de 1924, tendo em conta a expressão de Américo: "Eu estou neste convento há precisamente 9 meses".	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 02 fev. 1963, nº 493, p. 3.
	05 ago.	Início do Noviciado.		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 79.
	14 ago.	Américo tomou o hábito franciscano da primeira ordem dos menores, passando a chamar-se frei Américo de Santa Teresa.		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 79. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 18 Ago. 1984, nº 1055 REMA, Henrique Pinto, Ofm - <i>Crónica da Província dos Santos Mártires de Marrocos de Portugal</i> . Não editada.
	20 ago.	Carta de Américo para Simão Neves.	Manifestou grande convicção sobre a sua nova vida.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 16 abr. 1960, nº 420, p.1.
	?	Carta de Américo para Simão Neves.	Referiu a felicidade que sentia.	"Facetas de uma Vida". <i>O Gaiato</i> , 30 abr. 1960, nº 421, p.1.
1925	jul.	Saída do convento.		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco,

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
				Alma Azul, p. 83.
	set.	Carta de Américo para Simão Neves.	Numa longa carta, expôs um conjunto de princípios doutrinários do Cristianismo e manifestou que gostaria de ver o amigo a abraçar a fé cristã.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 14 mai. 1960, nº 422, p.1 e 3. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 28 mai. 1960, nº 423, p.2. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 11 jun. 1960, nº 424, p. 1. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 25 jun. 1960, nº 425, p. 1 e 2.
	11 set.	Carta de Américo para Simão Neves.	Admitia a possibilidade de ir para o Seminário do Porto.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 9 jul. 1960, nº 426, p.1 e 2.
	set. / out.	O padre José e alguns amigos, intercederam junto do bispo do Porto, D. António Barbosa Leão, para que Américo ingressasse no seminário diocesano.	O bispo do Porto recusou a sua admissão, por "...já não ter idade própria para servir a Deus como sacerdote, de ser extemporânea a sua entrada e infrutíferos os seus serviços sacerdotais."	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 85.
	03 out.	Américo entrou no Seminário Maior de Coimbra.	O bispo de Coimbra, D. Manuel Coelho da Silva disse ao irmão padre José: - "Que venha. Vamos ver o que sai"... "Não estou muito entusiasmado. Pronto. Mande-o vir. Se não der tábua dá casqueira."	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 86.
1926	01.mar.	Carta do padre José para Simão Neves.	Informou que Américo estava no seminário, em Coimbra: "[...] satisfeitiíssimo e tem dado boas provas nos estudos."	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 9 jul. 1960, nº 426, p.1.
	04.mar.	Carta de Américo para Simão Neves.		"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 9 jul. 1960, nº 426, p.1 e 2.
	mai.	Carta de Américo para Jaime.	Fez a apologia da fé em Deus e das razões que o levavam a concluir pela sua existência.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 16 fev. 1963, nº 494, p.2.

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
	06 jul.	Américo fez exame de Filosofia.	Esta disciplina correspondia ao ensino preparatório para ingressar no Curso de Teologia. Obteve a nota de 14 valores.	MENDES, Padre Mendes - <i>Cronologia da vida e da Obra do Padre Américo</i> . Não publicada. Seminário Maior de Coimbra (17.04.2013). MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 88.
	21 jul.	Carta de Américo para Simão Neves.	Referiu o tratamento termal que Simão iria fazer no continente.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> . 20 ago. 1960, nº 429, p. 2.
	10 set.	Carta de Américo para Simão Neves.	Procurou doutrinar o amigo, fazendo a apologia do cristianismo.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 20 ago. 1960, nº 429, p. 2. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 03 set. 1960, nº 430, p. 2 e 3. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 17 set. 1960, nº 431, p. 4. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 01 out. 1960, nº 432, p.4.
	26 set.	Carta de Américo para Simão Neves.	Conforta o amigo pela perda de um filho nado morto.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> . s/ dia 1960, nº 433, p.2.
	out.	Américo iniciou o Curso de Teologia.		MENDES, Padre Mendes - <i>Cronologia da vida e da Obra do Padre Américo</i> . Não publicada.
	09 out.	Carta de Américo para Simão Neves.	Enviou folhetos sobre o alcoolismo, da autoria do bispo de Coimbra, D. António Coelho da Silva e agradeceu a revista "The National Geographic Magazine".	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> . s/ dia 1960, nº 433, p.2.
	nov.	Carta de Américo para Simão Neves.	Continuava a procurar doutrinar o amigo sobre o cristianismo.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , s/ dia 1960, nº 434, p.2. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 12 nov. 1960, nº 435, p.2. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 26 nov. 1960, s/nº,

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
				p.2. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 10 dez. 1960, s/nº, p.2.
	nov.	Carta de Américo para Simão Neves.	Persistiu na doutrinação.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 24 dez. 1960, nº 438, p. 2. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 07 jan. 1961, s/nº, p. 3. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 21 jan. 1961, s/nº, p. 1.
	08 dez.	Publicação da revista "Lume Novo", nº 1.	Esta revista dos seminaristas foi fundada pelo Américo e mais alguns colegas. Colaborou nela até ao número 13, publicada em junho de 1930, sob o pseudónimo de "Frei Junípero".	MENDES, Padre Mendes - <i>Cronologia da vida e da Obra do Padre Américo</i> . Não publicada. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 14 dez. 1957, nº 359, p. 1. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 15 nov. 1958, nº 383, p. 1.
	18, 19, 20 dez.	Recebeu a "Prima Tonsura" e Ordens Menores.		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, pg. 93.
1927	20 jan.	Carta de Américo para Simão Neves.	Pediu ajuda material para uma família pobre de Coimbra (avó, filha e 4 netos, "obra de ex-estudantes"). Recomendou ao amigo a leitura de um livro sobre sociologia e educação, que entendia ser útil para a educação dos seus filhos.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 04 fev. 1961, nº 441, p.3.
	fev.	Carta de Américo a um amigo.	O amigo ia contrair o matrimónio, por isso aconselhou-o a refletir sobre as exigências e responsabilidades da nova vida.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 18 jul. 1964, nº 531, p.1 e 4.
	fev.	Publicação da revista "Lume Novo", nº 2.	Américo, sob o nome de Américo d'Aguiar, escreveu um artigo sobre as ordens monásticas, com o título	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 28 dez. 1957, nº 360, p. 1 e 3.



DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
			"Mansões de Paz".	
	abr.	Publicação da revista "Lume Novo", nº 3.	Américo, sob o pseudónimo de "Frei Junípero", escreveu dois artigos com os títulos "Aleluia!" e "Uma grande descoberta".	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 18 jan. 1958, nº 361, p. 1. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 27 dez. 1958, nº 386, p.1.
	17 mai.	Carta de Américo para Simão Neves.	Escreveu sobre a doutrina cristã e a educação dos filhos do Simão. Fez mais um pedido de ajuda para a família pobre de Coimbra.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 04 mar. 1961, nº 443, p.1 e 5.
	13 jun.	Américo fez exame da disciplina "Liturgia".	Esta disciplina estava incluída no 1º ano do Curso de Teologia. Obteve a nota de 10 valores.	Livro de Termos do Curso de Teologia - Seminário Maior de Coimbra (Informação obtida em 16.04.2013).
	23 jun.	Américo fez exame da disciplina "Religião".	Esta disciplina estava incluída no 1º ano do Curso de Teologia. Obteve a nota de 11 valores.	Livro de Termos do Curso de Teologia - Seminário Maior de Coimbra (Informação obtida em 16.04.2013).
	01 jul.	Carta de Américo para Simão Neves.	Continuou a fazer a apologia do cristianismo incentivando o amigo a converter-se.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 18 mar. 1961, nº 444, p. 1 e 3.
	28 jun.	Américo fez exame de "Acto das disciplinas do 1º Ano de Teologia".	O "Acto de Teologia", correspondia a uma prova global relativa ao 1º ano do Curso de Teologia. Obteve a nota de 13 valores.	Livro de Termos do Curso de Teologia - Seminário Maior de Coimbra (Informação obtida em 16.04.2013).
	verão	Publicação da revista "Lume Novo", nº 4.	Sob o pseudónimo de "Frei Junípero" escreveu os artigos: "S.O.S."; "As pérolas"; "A catequese na colónia de férias".	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 22 fev. 1958, nº 364, p. 1. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 22 março 1958, nº 366, p. 1 e 3. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 05 abr. 1958, nº 367, p. 1 e 2.
	30 set.	Carta de Américo para Simão Neves.	Recordou o encontro de ambos em Lisboa.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 15 abr. 1961, nº 446, p. 3.

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
	dez.	Carta de Américo para Jaime.	Mais uma vez, fez a apologia do cristianismo e da fé em Jesus Cristo e em Deus.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 29 abr. 1961, nº 447, p. 2. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 13 mai. 1961, nº 448, p. 4. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 27 mai. 1961, nº 449, p. 3. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 02 março 1963, nº 495, p. 4 e 6.
1928	27 fev.	Carta de Américo para Jaime.	Referiu a impressão causada pelas conferências do padre Mateo, assim como a "conversão" de um intelectual na sequência dessas conferências.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 16 março 1963, nº 496, p. 1.
	fev.	Publicação da revista "Lume Novo", nº 5.	Sob o pseudónimo de "Frei Junípero" escreveu os artigos: "Duas palavras acerca de duas coisas"; "Uma rapsódia".	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 19 abr. 1958, nº 368, p. 1 e 4. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 03 mai. 1958, nº 369, p. 1 e 4. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 17 mai. 1958, nº 370, p. 1 e 3. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 31 mai. 1958, nº 371, p. 1.
	jun.	Pedido de Américo ao bispo de Coimbra D. Manuel Coelho da Silva	Solicitou autorização para fazer votos de pobreza e obediência aquando da sua ordenação como subdiácono.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 18 ago. 1956, nº 325, p. 1 e 2.
	09 jun.	Publicação da revista "Lume Novo", nº 7.	Sob o pseudónimo de "Frei Junípero" escreveu o artigo: "Uma rapsódia" (continuação).	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 14 jun. 1958, nº 372, p. 1. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 28 jun. 1958, nº 373, p. 1 e 2.
	19 jun.	Américo fez exame da disciplina "Canto Gregoriano".	A disciplina estava incluída no 2º ano do Curso de Teologia. Reprovou.	Livro de Termos do Curso de Teologia - Seminário Maior de Coimbra (Informação obtida em 16.04.2013).

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
	20 jun.	Américo fez exame de "Acto do 2º Ano de Teologia".	O "Acto de Teologia", correspondia a uma prova global relativo ao 2º ano do Curso de Teologia. Obteve a nota de 12 valores.	Livro de Termos do Curso de Teologia - Seminário Maior de Coimbra (Informação obtida em 16.04.2013).
	16 set.	Américo fez exame da disciplina "Canto Gregoriano" ("2ª época").	Obteve a nota de 11 valores.	Livro de Termos do Curso de Teologia - Seminário Maior de Coimbra (Informação obtida em 16.04.2013).
	out.	Américo recebeu a ordem de subdiácono.	Fez juramento de pobreza e obediência, por escrito.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 18 ago. 1956, nº 325, p. 1 e 2.
	out.	Carta de Américo para Simão Neves.	Continuou a catequizar o amigo.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , s/ data, nº 450, p. 3.
	nov.	Publicação da revista "Lume Novo", nº 8.	Sob o pseudónimo de "Frei Junípero" escreveu o artigo: "Das coisas e das pessoas", e fez o relato de uma viagem sob o título: "As experiências de dois famosos viandantes".	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 12 jul. 1958, nº 374, p. 1 e 4 "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 26 jul. 1958, nº 375, p. 1 e 4. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 09 ago. 1958, nº 376, p. 1 e 4. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 23 ago. 1958, nº 377, p. 1 e 3. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 06 set. 1958, nº 378, p. 1 e 4. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 20 set. 1958, nº 379, p. 1. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 29 nov. 1958, nº 384, p. 1.
1929	fev.	Publicação da revista "Lume Novo", nº 9.	Sob o pseudónimo de "Frei Junípero" escreveu o artigo: "Os albinos".	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 04 out. 1958, nº 380, p. 1 e 3
	07 abr.	Recebeu a ordem de diácono.		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> .

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
				Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 93.
	jun.	Carta de Américo ao irmão Jaime.	Informou que celebraria a sua segunda missa em Paço de Sousa, em Julho 1929, logo após a ordenação.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> . 13 abril 1963, nº 498, p. 2.
	jun.	Publicação da revista "Lume Novo", nº 10.	Sob o pseudónimo de "Frei Junípero" escreveu o artigo "O Cantador".	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 18 out. 1958, nº 381, p. 1. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 01 nov. 1958, nº 382, p. 1.
	25 jun.	Américo fez exame de "Ato do 3º Ano de Teologia".	O "Ato de Teologia", correspondia a uma prova global relativa ao 3º ano do Curso de Teologia. Obteve a nota de 13 valores.	Livro de Termos do Curso de Teologia - Seminário Maior de Coimbra (Informação obtida em 16.04.2013).
	22 jul.	Carta de Américo para Jaime.	Informou-o de que a sua segunda missa seria para a família, mas teria como intenção principal, a adesão de Jaime a Cristo.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> . 26 abril 1963, nº 499, p. 3 e 4.
	28 jul.	Américo recebeu a ordem de presbítero.	Conferida pelo bispo de Coimbra, D. Manuel Luís Coelho da Silva. A partir desse momento passou a assinar "Pe. Américo!".	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 93.
	29 jul.	Celebração da primeira missa (missa nova) pelo padre Américo.		
	31 jul.	Carta de padre Américo para Jaime.	Afirmou, mais uma vez, que a festa da celebração da segunda missa seria essencialmente por intenção do irmão.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> . 26 abril 1963, nº 499, p. 3 e 4.
	05 ago.	Celebração da segunda missa pelo padre Américo.	Missa dedicada à sua família, foi celebrada em Paço de Sousa.	
	out.	Padre Américo foi nomeado prefeito e		MENDES, Padre Mendes - Cronologia da vida e da Obra do Padre Américo.

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
		professor de Português, no Seminário Maior de Coimbra.		Não editada.
	?	Padre Américo era capelão em Casais do Campo.		MENDES, Padre Mendes - Cronologia da vida e da Obra do Padre Américo. Não editada.
	29 dez.	Reunião do definitivo da Província Portuguesa da Ordem Franciscana	Na sequência de um pedido de padre Américo foi autorizada a sua readmissão na Ordem Franciscana. Como condição prévia foi decidido consultar o bispo de Coimbra e o mestre de noviços quando Américo esteve no convento, padre Luís do Patrocínio.	Livro de atas dos Capítulos Provinciais e das reuniões definitórias da província de Portugal da ordem franciscana, aberto em Braga, 22 de Novembro de 1910, p.143.
1930	jan.	Carta de Padre Américo para Simão Neves.	Pede-lhe o levantamento do saldo da sua conta, a fim de ajudar o bispo de Coimbra a pagar as despesas inerentes à aquisição e instalação de um sanatório destinado a padres velhos e pobres.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> . 11 mai. 1963, nº 500, p. 3.
	15 abr.	Padre Américo fez exame de "Ato do 4º Ano de Teologia" (conclusão do curso).	Obteve a nota de 12 valores. A média global do curso foi de 12,5 valores. NOTA: Em Abril de 1930, quando terminou o Curso de Teologia, estava exausto. No ano letivo de 1929-1930, também foi professor de Português do Curso Preparatório do seminário, assim como prefeito dos alunos médios da 2ª prefeitura do seminário.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 93 e 96. Livro de Termos do Curso de Teologia - Seminário Maior de Coimbra (Informação obtida em 16.04.2013).
	abr.	Publicação da revista "Lume Novo", nº 12.	Sob o pseudónimo de "Frei Junípero" escreveu o artigo: "Das pessoas e das coisas".	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 13 dez. 1958, nº 385, p. 1. "Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 27 dez. 1958, nº 386, p. 1.
	jun.	Carta de Padre Américo para o seu primo Alcino.	Incentiva o primo a ler um livro do então Cardeal Patriarca Gonçalves Cerejeira, que apelida de "sábio e santo".	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> , 31 jul. 1965, nº 558, p. 2.

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
	jun.	Publicação da revista "Lume Novo", nº 13.	Sob o pseudónimo de "Frei Junípero" escreveu o artigo: "Das coisas e das pessoas".	
	verão	Padre Américo pároco de S. Paulo de Frades, na Diocese de Coimbra. (?)	<p>Na "Folha de registo individual", de Padre Américo, do arquivo da diocese de Coimbra não existe qualquer informação sobre a sua designação para pároco daquela paróquia. Os únicos registos existentes referem que, desde 1930, celebrou missa aos domingos, nos seguintes locais: 07.00 horas - Igreja de Santa Cruz; 11.00 horas - Lugar de Casais, na paróquia de S. Martinho do Bispo. Há também a indicação de que pregou sermões na Quaresma, em Cantanhede.</p> <p>NOTA - O Padre Manuel Mendes (Casa do Gaiato - Miranda do Corvo), na sua "Cronologia da vida e obra do Padre Américo" refere a sua nomeação para pároco de S. Paulo de Fades. Consultado sobre a origem desta informação, referiu em 06.06.2013, que a obteve verbalmente. Nunca consultou ou procurou outra fonte.</p>	<p>MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i>. Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 93.</p> <p>MENDES, Padre Manuel - <i>Cronologia da vida e obra do Padre Américo</i>. Não editada.</p> <p>Arquivo da Diocese de Coimbra (informação obtida em 19.04.2013).</p>
1931	11 set.	Reunião do definitório da Província Portuguesa da Ordem Franciscana	<p>O padre Américo terá solicitado novamente a sua readmissão na Ordem Franciscana. Isso levou a que na reunião do definitório de 11 de setembro de 1931, o assunto fosse agendado e ficasse inscrito na respetiva ata, nos seguintes termos:</p> <p><i>[...] d) Readmissão do R.P. Américo de Aguiar, ex-noviço da nossa Província (e que desistiu) ao hábito que volta a pedir.</i></p> <p>Nada consta sobre eventual decisão.</p>	<p>Livro de atas dos capítulos provinciais e das reuniões definitórias da Província de Portugal da Ordem Franciscana, aberto em Tuy, Convento de S. António, 7 de Dezembro de 1930, p. 52.</p>

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
1932	19 mar.	Padre Américo foi nomeado responsável pela "Sopa dos Pobres", em Coimbra.	Tratava-se de um serviço social criado pelo bispo de Coimbra D. Manuel Coelho da Silva.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 93. MENDES, Padre Manuel - <i>Cronologia da vida e Obra do Padre Américo</i> . Não editada
	Páscoa	Padre Américo inicia uma coluna com o título "Sopa dos Pobres" no jornal "Correio de Coimbra".	Nesta coluna vai apelar à solidariedade e à consciência dos cidadãos e autoridades para os problemas da miséria, doença, desemprego e fome, existentes na população mais pobre da região de Coimbra. Esta coluna manter-se-à até 26.10.1940. Após isso terá no mesmo jornal uma outra intitulada "Obra da Rua" ou "Casa do Gaiato", até 04.03.1944.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 112.
1933	29 set.	Carta de padre Américo para Simão Neves.	O amigo estaria de férias.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> . 11 mai. 1963, nº 500, p. 3.
	15 nov.	Carta de Américo para Simão Neves.	Recordou a visita do amigo a Coimbra.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> . 11 mai. 1963, nº 500, p. 3.
1940	07 jan.	Início da Casa do Gaiato.	Esta casa iniciou a atividade com 3 crianças. Escreveu padre Américo: " Eram três pequenos mendigos das ruas de Coimbra".	AMÉRICO, Padre, 1977 - <i>Doutrina</i> . 2º Vol. Paço de Sousa, Ed. Casa do Gaiato, p. 174.
1941	01 jan.	Início do Lar do ex-Pupilo dos Reformatórios.	Iniciou a atividade com 5 rapazes do "Refúgio de Coimbra". No final do ano tinham passado por lá 24. Em 1950, passou para o cuidado do Serviço de Menores do Ministério da Justiça.	AMÉRICO, Padre, 1983 - <i>Obra da Rua</i> . Paço de Sousa, Ed. Casa do Gaiato, 3ª ed., p. 72 -88.
1942	10 nov.	Carta de um membro da Direção do Albergue Distrital de Mendicidade do Porto.	Pedido de colaboração do Padre Américo, para ajudar a resolver os problemas das crianças pobres e abandonadas da cidade do Porto.	"Facetas de uma vida". <i>O Gaiato</i> . 16 jul. 1966, nº 583, p. 2.

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
1943	20 abr.	Ato oficial no Governo Civil do Porto da entrega das instalações do ex-convento beneditino de Paço de Sousa.	Estas instalações eram pertença da Junta de Província do Douro Litoral. A sua cedência foi feita por portaria ministerial de 10.04.1943 e publicada no "Diário do Governo", em 14.04.1943 (?).	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 141.
	maio	Na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, entraram os primeiros gaiatos.	Estes rapazes eram oriundos da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 142.
1944	05 mar.	Publicação do 1º número do jornal "O Gaiato".		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 141.
1945	?	Inauguração do Lar do Porto.	O lar era uma extensão da casa do gaiato, para apoiar os jovens que na cidade estudavam ou trabalhavam. Localizava-se na Rua D. João IV.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 150.
1946	?	Conclusão das obras da Casa do Gaiato.		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 142.
1947	25 fev.	Aprovação dos estatutos da Obra da Rua, pela Direcção-geral de Assistência.	Diário do Governo, nº 51, II série, de 04.03.1947.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 147.
	17 mai.	Aprovação dos estatutos da Obra da Rua, pelo Bispo do Porto, D. Agostinho Jesus Sousa.		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 147.



DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
	?	Inauguração do Lar de Coimbra.	Como no Porto, este lar era uma extensão da casa do gaiato, para apoiar os jovens que estudavam ou trabalhavam na cidade.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 150.
	27 jun.	Proposta do cardeal Cerejeira ao padre Américo, para a criação da Casa do Gaiato, na zona de Lisboa.	O espaço disponibilizado foi a Quinta da Mitra, que incluía o antigo palácio dos cardeais, integrado num terreno com vários hectares de cultivo.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 143.
	jul.	"Carta Aberta à Cidade de Lisboa", convidando-a a solidarizar-se e a participar na criação da casa do gaiato de Lisboa.		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 143.
1948	04 jan.	Inauguração da Casa Gaiato de Lisboa.	Os primeiros ocupantes da nova casa eram dez rapazes, idos das casas de Coimbra e Porto.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 144.
1949	09 jun.	Viagem de padre Américo ao Brasil.	Foi efetuada entre 09 de Junho e 20 de Agosto, a convite da "Casa do Porto", do Rio de Janeiro. Durante esta viagem foi exibido o documentário cinematográfico, com o título "A aldeia de Paço de Sousa", com cerca de 15 minutos.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 168.
1950	ago.	Inauguração do lar de S. João da Madeira.	Destinava-se a apoiar os jovens que estudavam ou trabalhavam na cidade. Encerrou em 1952.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 150.
1951	fev. (?)	Fundação do "Património dos Pobres".		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco,

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
				Alma Azul, p. 169.
	out.	Viagem de padre Américo aos Açores.	Teve como finalidade a visita a uma quinta para aí instalar uma Casa do Gaiato.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 169.
1952	13 mai.	Alocução de padre Américo sobre os problemas sociais e habitacionais.	Esta alocução de 10 minutos, feita através da rádio no Santuário de Fátima, "sacudiu as consciências dos peregrinos e, posteriormente, do país inteiro."	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 170.
		Inauguração da Casa Gaiato, nos Açores.	A casa foi dirigida pelo padre Elias. Após a morte de padre Américo, deixou de pertencer à Obra da Rua. O padre Adriano esteve recolhido nesta casa, quando deixou a Obra da Rua, criando nos Açores uma obra análoga, designada "Obra Apóstolo da Rua".	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 148.
		Inauguração do lar de Setúbal.	O lar era uma extensão da casa do gaiato, para apoiar os jovens que na cidade estudavam ou trabalhavam.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 150.
	jul./out.	Viagem de padre Américo a África.	Em Angola, o padre Américo divulgou os propósitos da Obra da Rua, através de conferências de imprensa, nas rádios locais ("Rádio angolana; "Rádio do Comércio", etc) e no Sindicato dos Empregados de Comércio e Indústria. Nos cinemas foi exibido o documentário "Aldeia de Paço de Sousa". Na última semana de agosto foi a Lourenço Marques (Maputo).No regresso, passou por Leopoldville, Luanda, S. Tomé e Príncipe, Costo do Ouro (Togo e Costa do Marfim) e Ilhas Canárias.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 173.
1953		Inauguração da Casa do Gaiato		MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino</i>

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
		de Alcácer do Sal.		<i>de uma vida (Biografia, obra e acção social).</i> Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 148.
1954	12 jul.	Inauguração da Casa do Gaiato de Beire.	Casa destinada a crianças deficientes abandonadas.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social).</i> Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 147.
	Finais set.	Viagem de padre Américo aos Açores.	Nesta viagem, além de visitar os gaiatos, assistiu à transferência das instalações da Casa do Gaiato, da cidade para o campo.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social).</i> Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 169.
1955	01 jul.	Inauguração da Casa do Gaiato de Setúbal.	As instalações eram as do antigo Albergue Distrital da Polícia, numa quinta de 16 hectares. Foram os arcebispos de Évora, D. Manuel Mendes da Conceição Santos (falecido em 30.03.1955) e o seu sucessor D. Manuel Trindade Salgueiro (professor de padre Américo no Seminário de Coimbra e admirador da Obra da Rua), e ainda o Governo Civil e a Polícia que animaram o padre Américo a criar a Obra em Setúbal.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social).</i> Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 145.
1956	jan.	Viagem de padre Américo à Ilha da Madeira.	Divulgação do "Património dos Pobres", pretendendo mobilizar as autoridades civis, religiosas e leigos para a aquisição de terrenos destinados à construção de casas.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social).</i> Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 173.
	mar. (final)	Viagem de padre Américo aos Açores.	Em 02 de Abril inaugurou as novas instalações da Casa do Gaiato em Ponta Delgada. Lançou a ideia do "Património dos Pobres", que teve um bom acolhimento. Desde o seu regresso dos Açores que tinha o pressentimento de que a sua vida estava no fim. Dizia ele: - "A morte anda a rondar-me".	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social).</i> Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 174.

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
	jul. (início)	Viagem de padre Américo a Viana da Castelo.	Contactou o bispo de Angra do Heroísmo, que estava de férias, para falarem sobre o desenvolvimento da Obra da Rua naquele arquipélago.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, pg. 174.
	14 jul.	Padre Américo sofreu um acidente de viação.	No regresso de Alcobaça, o carro em que padre Américo era transportado despistou-se. Ficou com as duas pernas fraturadas.	NEVES, Moreira, 1987 - <i>O Padre Américo</i> , Lisboa, Edições Paulistas.
	16 jul.	Falecimento de padre Américo.	Morreu com uma embolia, na sequência do acidente de viação.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 175.
	17 jul.	Funeral de padre Américo.	"...o povo dedicou-lhe no cortejo fúnebre uma das maiores despedidas desde o Porto a Paço de Sousa".	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 175.
1957	16 jul.	Inauguração da casa "O Calvário".	Esta casa, destinada a doentes incuráveis, abandonados e/ou sem família, está anexa à Casa do Gaiato, de Beire.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 147 e 148.
1960	28 dez.	A Obra da Rua foi considerada Instituição de Solidariedade Social, pelo Ministro da Saúde e Assistência.	Publicação no Diário do Governo nº 4, 3ª série, de 05.01.1961.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 147.
1961	17 jul.	Trasladação dos restos mortais de Padre Américo para a capela da Casa do Gaiato.	Os restos mortais estão em campa rasa, com a inscrição: - "Era 1956 / Américo Monteiro Aguiar / Presbítero".	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 176.
1964		Inauguração da Casa do Gaiato de Malange.	As instalações ficavam na Quinta do Culamuxito. A casa foi encerrada após a independência de Angola e	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> .

DATA		FACTOS / ACONTECIMENTOS		FONTES
ANO	DIA / MÊS			
			reativada na década de 1980, a pedido das autoridades angolanas.	Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 148.
		Inauguração da Casa do Gaiato de Benguela.	A Casa foi encerrada após a independência de Angola e reativada na década de 1980, a pedido das autoridades angolanas.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 148.
1965	22 mai.	Falecimento de Simão Correia Neves.	Faleceu pelas 15.00 horas. A causa da morte foi um "tumor maligno nos intestinos". Tinha 77 anos e era reformado. A sua profissão tinha sido "gerente bancário"	Assento nº 602, documento nº 602, maço nº 7. Arquivo Regional da Madeira.
1967	?	Inauguração da Casa do Gaiato de Lourenço Marques (Maputo).	A casa foi encerrada após a independência de Moçambique e reativada na década de 1980, a pedido das autoridades moçambicanas.	MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 - <i>O destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)</i> . Coimbra / Castelo Branco, Alma Azul, p. 148.

## Fontes

### Fontes documentais do Padre Américo

Considereei como fontes documentais o conjunto das obras do Padre Américo, as quais resultam, na sua maioria, de compilações de crónicas e artigos publicados em vários periódicos.

AMÉRICO, Padre, 1986 – *Cantinho dos Rapazes*. Paço de Sousa, Editorial da Casa do Gaiato. (Recolha e seleção de textos publicados no jornal *O Gaiato*, do nº 47, de 15.12.1945, ao nº 274, de 28.08.1954).

AMÉRICO, Padre, 1988 – *Correspondência dos leitores*. Paço de Sousa, Editorial da Casa do Gaiato.

AMÉRICO, Padre, 1987 – *De como eu fui...Crónicas de viagens*. Paço de Sousa, Editorial da Casa do Gaiato. (Crónicas publicadas no jornal *O Gaiato*).

AMÉRICO, Padre, 1974 – *Doutrina*, 1º vol.. Paço de Sousa, Editorial da Casa do Gaiato. (Crónicas publicadas no jornal *O Gaiato*).

AMÉRICO, Padre, 1977 – *Doutrina*, 2º vol.. Paço de Sousa, Editorial da Casa do Gaiato, 1977. (Crónicas publicadas no jornal *O Gaiato*).

AMÉRICO, Padre, 1980 – *Doutrina*, 3º vol.. Paço de Sousa, Editorial da Casa do Gaiato. (Crónicas publicadas no jornal *O Gaiato*).

AMÉRICO, Padre, s/d – *Isto é a Casa do Gaiato*, 1º vol.. Paço de Sousa, Tipografia da Casa do Gaiato.

AMÉRICO, Padre, 1951 – *Isto é a Casa do Gaiato*, 2º vol.. Paço de Sousa, Tipografia da Casa do Gaiato.

AMÉRICO, Padre, 1986 – *Notas da Quinzena*. Paço de Sousa, Editorial da Casa do Gaiato. (Crónicas publicadas no jornal *O Gaiato*, do nº 4, de 16.04.1944, ao nº 323, de 14.07.1956, sob a mesma epígrafe. Alguns destes artigos foram publicados nos 3 volumes da sua obra “Doutrina”).

AMÉRICO, Padre, 1974 – *O Barredo*, 1º vol.. Paço de Sousa. Editorial da Casa do Gaiato. (Crónicas publicadas no jornal *O Gaiato*).

AMÉRICO, Padre, s/d – *O Ovo de Colombo*. Paço de Sousa, Tipografia da Casa do Gaiato.

AMÉRICO, Padre, 1983 – *Obra da Rua*. Paço de Sousa, Editorial da Casa do Gaiato.

AMÉRICO, Padre, 1986 – *Pão dos Pobres*, 1º vol.. Paço de Sousa, Editorial da Casa do Gaiato. (Crónicas publicadas nos jornais *Correio de Coimbra*, *A Ordem*, *O Gaiato*, de 1932 a 1945).

AMÉRICO, Padre, 1990 – *Pão dos Pobres*, 2º vol.. Paço de Sousa, Editorial da Casa do Gaiato. (Crónicas publicadas nos jornais *Correio de Coimbra*, *A Ordem*, *O Gaiato*, de 1932 a 1945).

AMÉRICO, Padre, 1990 – *Pão dos Pobres*, 3º vol.. Paço de Sousa, Editorial da Casa do Gaiato. (Crónicas publicadas nos jornais *Correio de Coimbra*, *A Ordem*, *O Gaiato*, de 1932 a 1945).

AMÉRICO, Padre, 1984 – *Pão dos Pobres*, 4º vol.. Paço de Sousa, Editorial da Casa do Gaiato. (Crónicas publicadas nos jornais *Correio de Coimbra*, *A Ordem*, *O Gaiato*, de 1932 a 1945).

AMÉRICO, Padre, 1973 – *Viagens*. Paço de Sousa, Editorial da Casa do Gaiato.

## **Outras fontes documentais**

*Bíblia sagrada*, 1976. Lisboa, Difusora bíblica (Missionários Capuchinhos).

*Diários das sessões da Assembleia Nacional (Estado Novo)*, de 1942 a 1973. Disponível em <http://debates.parlamento.pt>. Consulta efetuada em Dezembro de 2012.

*Fontes Franciscanas I – S. Francisco de Assis*, 2005. Braga, Editorial Franciscana.

LEÃO XIII, Papa, 1961 - *Mater et magistra*. Lisboa, União Gráfica.

LEÃO XIII, Papa, 1967 – *Rerum Novarum*. Lisboa, União Gráfica.

MENDES, Padre Manuel António dos Santos carvalho - *Cronologia da vida e obra do Padre Américo. Do berço a África*. Não publicada.

Ministério da Educação (Secretaria geral), 1992 – *Reformas do ensino em Portugal 1890-1899*, Tomo I, Vol. III.

PIO XI, Papa, 1962 – *Quadragesimo Anno*. Petrópolis (Brasil), Editora Vozes.

## **Fontes hemerotecas**

MARCELINO, Bispo D. António Baltazar – “Das páginas mais belas do evangelho vivo e da história da Igreja – I”. *Voz Portucalense*, 13 fev. 2013, nº 7.

MARCELINO, Bispo D. António Baltazar – “Das páginas mais belas do evangelho vivo e da história da Igreja – II”. *Voz Portucalense*, 20 fev. 2013, nº 8.

MARCELINO, Bispo D. António Baltazar – “Das páginas mais belas do evangelho vivo e da história da Igreja – III”. *Voz Portucalense*, 27 fev. 2013, nº 9.

SANTOS, Padre Alexandre – “O franciscano Padre Américo”. *Alma*, Set. 1956, ano XLIX, nº 21.

SOARES, Avelino - “Fugido de si mesmo”. *O Tempo*, 09 jul. 1972, ano XLIII, nº 12.

### **Informação na Internet**

“Thomas John Barnardo biografia”. Título disponível em [http://www.biographybase.com/biography/barnardo\\_thomas\\_john.html](http://www.biographybase.com/biography/barnardo_thomas_john.html). Consulta efetuada em 02.09.2013.

“1845-1905 – A obra de Thomas Barnardo. Título disponível em [http://www.barnardos.org.uk/barnardo\\_s\\_history.pdf](http://www.barnardos.org.uk/barnardo_s_history.pdf). Consulta efetuada em 02.09.2013.

“Padre Edward J. Flanagan”. Título disponível em <http://lb2.boystown.org/about/father-edward-j-flanagan>. Consulta efetuada em 13.04.2012

### **Arquivos e Bibliotecas**

Arquivo da Casa do Gaiato de Paço de Sousa

Arquivo Central do Porto

Arquivo da Diocese do Porto

Arquivo Distrital de Castelo Branco

Arquivo Distrital do Funchal

Arquivo da empresa Blandy Brothers

Arquivo da Fundação SPES

Arquivo do Instituto Industrial e Comercial do Porto (Atualmente depositado no ISEP-Instituto Superior de Engenharia do Porto)

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

Arquivo da Ordem Franciscana

Arquivo do Rotary Club do Funchal

Arquivo do Seminário Maior de Coimbra

Biblioteca do Seminário Maior do Porto

Biblioteca da Universidade de Aveiro



## **Fontes orais**

### **Entrevistas efetuadas a:**

- 1.º “Ex-candidato a “Padre da Rua”, Abel Oliveira Magalhães (realizada em novembro 2012).
- 2.º Avelino Rodrigues Santos, “antigo gaiato” (realizada em dezembro 2012).
- 3.º Jaime Aguiar, sobrinho-neto do Padre Américo (realizada em agosto 2013).
- 4.º Manuel Augusto Pinto, “antigo gaiato” (realizada em dezembro 2012).
- 5.º Padre António Baptista, responsável da “Casa do Gaiato” e do “Calvário” em Beire (realizada em dezembro 2012).
- 6.º Padre Júlio Pereira, responsável da “Casa do Gaiato” em Paço de Sousa (realizada em dezembro 2011).
- 7.º Padre Manuel Mendes, responsável da “Casa do Gaiato” em Miranda do Corvo (realizada em junho 2013).

## Bibliografia

AZEVEDO, Carlos Moreira (Direção), 2000-2001 – *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, 4 Volumes. Lisboa, Círculo de Leitores.

AZEVEDO, Carlos Moreira (Direção), 2000-2002 – *História Religiosa de Portugal*, 3 Volumes. Lisboa, Círculo de Leitores.

BARBOSA, Manuel Durães, 1988 – *Padre Américo, educação e sentido da responsabilidade*. Porto, Edições Salesianas.

BARRETO, António e MÓNICA, Maria Filomena (Coordenação), 1999-2000 – *Dicionário de História de Portugal*, Volumes 7 a 9. Porto, Figueirinhas.

BÁRBARA, A. Madeira, s/ data – *Subsídios para o estudo da educação em Portugal, da reforma pombalina à 1ª república*. Lisboa, Assírio & Alvim, coleção Textos de Ciências da Educação, nº 2.

BASTOS, Susana Pereira, 1997 – *O Estado Novo e os seus vadios. Contribuição para o estudo das identidades marginais e da repressão*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, coleção Portugal de perto, nº 36.

BELL, Judith, 2008 – *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa, Gradiva.

BIGO, Pierre, 1969 – *A doutrina social da Igreja*. Rio de Janeiro, Edições Loyola.

BORBALAN, Jean Claude Ruano, 1999 – *L'histoire aujourd'hui*. Auxerre, Sciences humaines éditions.

BOURSICAUD, Henri, 1998 – *Companheiros de Emaús*. Porto, Editorial Perpétuo Socorro.

CARDINI, Franco, 1993 – *São Francisco de Assis*. Lisboa, Editorial Presença.

CARDOSO, Maria Manuela Lopes, 2007 – *Américo Monteiro de Aguiar. Dimensões antropológicas, axiológicas e proféticas de um projeto pedagógico*. Lisboa, Chaves Ferreira.

ELIAS, Padre, 1958 – *O Pai Américo era assim*. Coimbra, Gráfica de Coimbra.

FERRO, António, s/ data – *Salazar, o homem e a sua obra*. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade.

GOFF, Jacques Le e NORA, Pierre (apresentação), 1981 – *Fazer História 2, novas contribuições*. Lisboa, Livraria Bertrand.

GOFF, Jacques Le, 2000 – *S. Francisco de Assis*. Lisboa, Teorema.

GOMES, Bispo D. António Ferreira, s/ data – *Endireitai as veredas do Senhor!*, Porto, Livraria Figueirinhas.

LOUREIRO, João Evangelista, 1963 – *Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico do Padre Américo*. Paço de Sousa, Editorial da Casa do Gaiato.

MARTINS, Ernesto Candeias, 2009 – *Amor Meditação e Acção, Pedagogia do Padre Américo Monteiro de Aguiar*. Coimbra, Palimage.

MARTINS, Ernesto Candeias, 2005 – *Padre Américo, o destino de uma vida (Biografia, obra e acção social)*. Coimbra, Alma Azul, 2005.

MARTINS, Ernesto Candeias – “A infância desprotegida portuguesa na primeira metade do século XX”. *Infância e Juventude*, Revista do Instituto de Reinserção Social, Outubro-Dezembro, nº 4/06, p.93-130.

MATTOSO, José (Direção), ROSAS, Fernando (Coordenação), 1994 - *História de Portugal*, Volume 7. *O Estado Novo (1926-1974)*. Lisboa, Editorial Estampa.

NEVES, Moreira, 1987 – *O Padre Américo*. Lisboa, Edições Paulistas.

PATRIARCA, Fátima, 1995 – *A questão social no Salazarismo, 1930-1947*, 2 Volumes. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

PEREIRA, Henrique Manuel S. – “Américo Monteiro de Aguiar: para uma bibliografia”. *Lusitânia sacra*, 1996-1997, 2ª série 8/9.

PINTO, Maria de Fátima, 1999 – *Os indigentes, entre a assistência e a repressão*. Lisboa, Livros Horizonte, coleção Cidade de Lisboa, nº 32.

RAMOS, Rui (coordenador), MONTEIRO, Nuno Gonçalo, SOUSA, Bernardo Vasconcelos, 2012 – *História de Portugal*, 9 fascículos. Lisboa, Esfera dos Livros e jornal Expresso.

RAMOS, José da Rocha, 1997 – *Padre Américo. Místico do nosso tempo*. Paço de Sousa, Editorial da Casa do Gaiato.

REMA, Padre Henrique – *Crónica da província dos santos mártires de Marrocos de Portugal*. Não publicada.

ROSAS, Fernando, 1986 – *O Estado Novo nos anos trinta, 1928-1938*. Lisboa, Editorial Estampa.

ROSAS, Fernando, 1990 – *Portugal entre a paz e a guerra, 1939-1945*. Lisboa, Editorial Estampa, coleção Imprensa Universitária, nº 83.

ROSAS, Fernando e BRITO, J. M. Brandão (Direção), 1996 - *Dicionário de História do Estado Novo*, 2 Volumes. Lisboa, Bertrand Editora.

ROSAS, Fernando, 2013 – *Salazar e o poder, a arte de saber durar*. Lisboa, Tinta da China.

SANTOS, José da Cruz (Coordenação) e PEREIRA, Helena Sousa (Recolha de textos e de ilustrações), 2006 - *Padre Américo e a Obra da Rua*. Lisboa, Alêtheia Editores.

SERRÃO, Joel e MARQUES, A.H. de Oliveira, 1992 - *Nova História de Portugal*, Volume XII- *Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*. Lisboa, Editorial Presença.

SOCIAL, Liga Portuguesa de profilaxia, 1951 – *A ação da Liga Portuguesa de Profilaxia Social em prol dos leprosos portugueses*. Porto, Imprensa social.

THOMPSON, Augustine, 2012 – *São Francisco de Assis. Uma nova biografia*. Lisboa, Casa das Letras.

## Créditos Fotográficos

**Fig.1** - Casa do Bairro de Baixo onde nasceu Américo Monteiro de Aguiar, pág. 10 -  
Fonte: coleção particular

**Fig.2** - Américo Monteiro de Aguiar, pág. 20 - Fonte: Jornal *O Gaiato*, 23 jun. 1962, nº477

**Fig.3** - Local onde trabalhou Américo, Rua Mouzinho da Silveira, nº112, pág.22 -  
Fonte: coleção particular

**Fig.4** - “No Chinde, à porta da «república». O Américo é o do cabelo rapado., pág. 26 -  
Fonte: Jornal *O Gaiato*, 27 out. 1962, nº486

**Fig.5** - Fotografia de matrimónio de Simão Correia Neves, pág. 27 – Fonte: Manuela Vasconcelos Nascimento

**Fig.6** - Fotografia de Américo em Moçambique, pág. 28 – Fonte: Jornal *O Gaiato*, 25 mai. 1957, nº.345

**Fig.7** - Fotografia do Convento de S. Francisco de Vilariño, Ramallosa, pág. 51 – Fonte: Jornal *O Gaiato*, 19 out. 1957, nº. 355

**Fig.8** - Fotografia do noviço Américo, pág. 60 - Fonte: Jornal *O Gaiato*, 16 nov. 1957, nº357

**Fig.9** – Fotografia do seminarista Américo, à esquerda, pág.85 - Fonte: Jornal *O Gaiato*, 16 fev. 1963, nº494

# **Anexos**

## Índice

<b>Anexo 1</b> - “Facetas de uma vida”. <i>O Gaiato</i> , 18 de Agosto 1956 a 16 de Agosto 1986.....	157
<b>Anexo 2</b> - Assento de batismo de Américo Monteiro de Aguiar (pertence ao Arquivo Central das Conservatórias do Registo Civil do Porto).....	160
<b>Anexo 3</b> - Assento de batismo de Simão Correia Neves (pertence o Arquivo Distrital de Castelo Branco) .....	162
<b>Anexo 4</b> - Termo de matrícula de Américo Monteiro de Aguiar, no Instituto Industrial e Comercial do Porto (pertence ao Arquivo do ISEP-Instituto Superior de Engenharia do Porto) .....	165
<b>Anexo 5</b> - Registo de nascimento de Alberto Alves Correia Neves, filho de Simão Neves e afilhado de Américo Monteiro de Aguiar (pertence à Conservatória do Registo Civil de Lisboa).....	167
<b>Anexo 6</b> - Termo de admissão ao hábito do noviço fr. Américo de Santa Teresa (pertence ao Arquivo da Província Portuguesa da Ordem Franciscana).....	169
<b>Anexo 7</b> - Ata da reunião do definitório da província portuguesa, da Ordem Franciscana, de 29 de dezembro de 1929 (pertence ao Arquivo da Província Portuguesa da Ordem Franciscana).....	172
<b>Anexo 8</b> - Ata da reunião do definitório da província portuguesa, da Ordem Franciscana, de 11 de setembro de 1931 (pertence ao Arquivo da Província Portuguesa da Ordem Franciscana).....	176
<b>Anexo 9</b> - JUNÍPERO, Frei - “Um milagre”. <i>Lume Novo</i> , 08 de dezembro 1926, nº 1 .....	180
<b>Anexo 10</b> - AGUIAR, Américo – “Mansões de paz”. <i>Lume Novo</i> , fevereiro 1927, nº 2 .....	184
<b>Anexo 11</b> - JUNÍPERO, Frei - “A catequese na colónia de férias”. <i>Lume Novo</i> , 1927, nº 4 .....	192
<b>Anexo 12</b> - JUNÍPERO, Frei – “As experiências de dois famosos viandantes”. <i>Lume Novo</i> , novembro 1928, nº 8 .....	212

## **Anexo 1**

“Facetas de uma vida”. *O Gaiato*, 18 de Agosto 1956 a 16 de Agosto 1986



**Tabela 1**

Ano 1956		Ano 1957		Ano 1958		Ano 1959		Ano 1960		Ano 1961	
Nº.	Data	Nº.	Data	Nº.	Data	Nº.	Data	Nº.	Data	Nº.	Data
325	18ago.	335	05 jan.	361	11 jan.	387	10 jan.	413	09 jan.	s/núm.	07 jan.
326	01set.	336	19 jan.	364	22 fev.	388	24 jan.	414	23 jan.	s/núm.	21 jan.
327	15set.	337	02 fev.	366	22 mar.	389	07fev.	415	06 fev.	441	04 fev.
328	29set.	338	16 fev.	367	05 abr.	390	21 fev.	416	20 fev.	442	18 fev.
329	13out.	339	02mar	368	19 abr.	391	07 mar.	417	05 mar.	443	04 mar.
330	27out.	340	16abr.	369	03 mai.	395	02 mai.	418	19 mar.	444	18 mar.
331	10nov.	341	30mar	370	17 mai.	396	16 mai.	419	03 abr.	445	01 abr.
332	24nov.	342	13abr.	371	31 mai.	397	30 mai.	420	16 abr.	446	15 abr.
333	08dez.	343	27abr.	372	14 jun.	398	13 jun.	421	30 abr.	447	29 abr.
334	22dez.	344	11mai.	373	28 jun.	399	27 jun.	422	14 mai.	448	13 mai
		345	25mai.	374	12 jul.	400	11 jul.	423	28 mai.	449	27 mai.
		346	08jun.	375	29 jul.	401	25 jul.	424	11 jun.	450	s/ data
		347	22jun.	376	09 ago.	402	08 ago.	425	25 jun.	451	24 jun.
		348	06 jul.	377	23 ago.	403	22 ago.	426	09 jul.	452	08 jul.
		350	10ago.	378	06 set.	405	19 set.	429	20 ago.	453	22 jul.
		352	07 set.	379	20 set.	406	03 out.	430	03 set.	454	05 ago.
		355	19out.	380	04 out.	407	17 out.	431	17 set.	455	19 ago.
		356	02nov.	381	18 out.	408	31 out.	432	01 out.	456	05 set.
		357	16nov.	382	01 nov.	409	14 nov.	433	s/ data	457	16 set.
		358	30nov.	383	15 nov.	410	28 nov.	434	s/ data	458	30 set.
		359	14dez.	384	29 nov.	412	26 dez.	435	12 nov.	459	14 out.
		360	28dez.	385	13 dez.			s/ núm	26 nov.	461	11 nov.
				386	27 dez.			s/ núm	10 dez.	463	09 dez.
								438	24 dez.		

**Tabela 2**

Ano 1962		Ano 1963		Ano 1964		Ano 1965		Ano 1966		Ano 1984		Ano 1986	
Nº.	Data	Nº.	Data	Nº.	Data	Nº.	Data	Nº.	Data	Nº.	Data	Nº.	Data
469	3mar.	493	02fev.	531	18jul.	558	31jul.	583	16jul.	1055	18 ago.	1106	02 ago.
470	17mar .	494	16fev.					584	30jul.			1107	16 ago.
472	14 abr.	495	02mai.					585	13ago.				
476	09 jun.	496	16mai.					586	27ago.				
477	23 jun.	498	13 abr.										
478	07jul.	499	27 abr.										
479	21 jul.	500	11mai.										
480	04 ago.	505	20 jul.										
482	01 set.												
483	15 set.												
484	29 set.												
486	27 out.												
489	08 dez.												

## **Anexo 2**

Assento de batismo de Américo Monteiro de Aguiar (pertence ao  
Arquivo Central das Conservatórias do Registo Civil do Porto)

Número 23

América

Os quatro dias do mez de novembro do anno de mil  
oitocentos oitenta e sete n'esta Igreja parochial de S. Pedro  
de Galligos, concelho de Bragança, diocese do Porto  
metropolitana de Lisboa, Alentejo da mesma freguezia

baptizari solemnemente

um individuo do sexo masculino

a quem dei o nome de Antonio

que nasceu na freguezia de Galligos

30

a uma hora da noite do dia vinte e tres  
do mez de outubro do anno de mil oitocentos oitenta e  
sete, filha legitima  
de Manoel Antonio de Aguiar,  
profissão lavrador, natural da freguezia de  
Galligos,

de Theresia Ferreira de Aguiar  
profissão lavradora natural da freguezia de  
Galligos, do B. de Lousa, dist. de Bragança  
recabitada na freguezia de B. de Lousa  
e parochia de Galligos  
matradora no B. de Lousa do B. de Lousa  
neta paterna de Joze Antonio de Aguiar, e  
Albino dos Santos  
e materna de Antonio Joze de Aguiar,  
e Theresia de Aguiar  
Seu padrinho Joze de Aguiar do B. de Lousa, e  
representante

e madrinha Maria Ferreira de Aguiar,  
sabradora, filha casada,

as quaes todos se obrigam a serem os progenitores.  
E para constar lavrei em duplicado este assento que, depois de ser  
lido e conferido perante os jurados, e os assigna-  
tos afora. Era este o seguinte.

O Passando - Joze de Aguiar do B. de Lousa  
do B. de Lousa - Maria Ferreira de Aguiar  
do B. de Lousa, Antonio da Rocha de Aguiar

### **Anexo 3**

Assento de batismo de Simão Correia Neves (pertence ao  
Arquivo Distrital de Castelo Branco)



29.04.1888  
BASM  
FELESMINA  
NASC. 23.12.1897

1-1. casar civilmente  
com Judith Alves, de  
vinte e três annos, natu-  
ral de freguesia de San-  
to Estevão de Lisbon,  
filha de David Alves  
e de Emilia dos Santos  
Lauriana, nascida de



0 Affidavits  
Receipts

filho legítimo, e primogênito do nome de  
 João Lucas, lavrador, e de Trabel. Laura, filha  
 natural de sua cara natural, recitada, filha  
 chistosa, amadora de frequência, neta  
 natural de Fernando Lucas, e Maria Ma  
 gna, natural de Manoel Neves, e Ma  
 ria Louisa. Foras padrinhos Simão Co  
 sta, velho, lavrador, e João Correia, solte  
 ro, lavrador, os quais todos vivem os pro  
 prios. E para conta larvi em duplicado  
 este monte que depois dele e confuso  
 durante os padrinhos, nas ocasiões por  
 não saberem escrever. Era at supla  
 O Sr. Francisco Capelo Soares  
 vigário Capelo

Nº 25 Aos vinte dias do mez de Abril do anno de  
1908 Jaque - mil oitocentos e oitenta e oito mil e oitenta e oito  
Parochial de Nossa Senhora da Condi-  
cao em uma casa do Commanhão do Concelho de Ponta  
frequencia em Nova, Diocese de Portalegre baptizei  
Francisco solemnemente um individuo do sexo  
masculino no dia femineiro, a quem dei o nome de Jaque  
e de Jaque de que nasceu em uma frequencia pelas suas  
horas da tarde do dia oito do mez de Abril  
do anno supra, filha legitima e primogenita  
do nome de Jose Cleantimio Teixeira jornalista  
e de Leonora dos Santos, governante de  
sua casa natural e residente porochianos,  
emviadores da frequencia, nepha, natu-  
ra de Martinho Teixeira, Chamaes  
Chambina, e matina de Manoel Flores,  
e Maria Flores, sua padrinha Joao  
Bernardo de Miranda, e a do Jaque  
Tavio e sua filha Dona Jaque de Miranda  
Sergio, solteiro, frequentante, e que todos

## **Anexo 4**

Termo de matrícula de Américo Monteiro de Aguiar, no Instituto Industrial e Comercial do Porto (pertence ao Arquivo do ISEP-Instituto Superior de Engenharia do Porto)



ANNO LECTIVO DE 1885-1886

INSTITUTO INDUSTRIAL DO PORTO

N.º 44

CLASSE *Liv*

A *12* de *outubro* de *1885* foi matriculado *por* *Siniferno*  
*3 (1.º) / 11, Sajo, 9a) de re. com. de* *com. de*  
*livre.*

para seguir o curso de *sup. de com.*  
o estudante *Américo Rodrigues Monteiro d'Aguiar*  
filho de *Raimundo Monteiro d'Aguiar*  
natural de { freguezia *Calleiros*  
concelho *Pinafriel*  
residente em *Rua Monsinhos da Silveira N.º 112*  
de *18* annos de idade completos  
de profissão *emprego de commercial*  
por despacho de *5* de *dito* *mez*

E para constar se lavrou este termo que o dito estudante assignou commigo secretario do Instituto.

O secretario,

*Frederico de Aguiar*

O estudante,

Fechou a matricula em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 18

O secretario,

O estudante,

OBSERVAÇÕES

## **Anexo 5**

Registo de nascimento de Alberto Alves Correia Neves, filho de  
Simão Neves e afilhado de Américo Monteiro de Aguiar  
(pertence à Conservatória do Registo Civil de Lisboa)



## **Anexo 6**

Termo de admissão ao hábito do noviço fr. Américo de Santa  
Teresa (pertence ao Arquivo da Província Portuguesa da Ordem  
Franciscana)



1  
J. F. Louren

Este livro fica destinado para nêle se inscreverem  
os nomes das Admissões do noviciado. Encaregamos  
o R. P. Fr. Lourenço Alves de rubricar este livro, do que  
passará certidão no fim.

Convento de S. Francisco, de Vilarinho, 28 de Setembro  
de 1717

P. Fr. Mariano Marques, Guardian.

Visto e confirmado com a Vma. Autoridade.

Fey, Collegio de S. Antonio, 6 de Fevereiro de 1719.

Mariano de Vale, D. F. M.

*[Signature]*



Termo de admissao  
habito do novo.  
Fr. Convent de Santa Teresita

Do dia vinte e oito de Agosto de mil novecentos e  
vinte e quatro pelo 8 horas no Capitulo do P.P.F.  
Formado no Convento de S. Corrin de la Gamboa,  
diocese de S. Francisco reunida a comunidade  
receber o habito de primeira ordem dos  
moos do M. R. P. Fr. Theophilo de S. Antonio,  
Provincial Americas Montanas de ageirao de 36  
anos completo, resid. do lugar de  
Gallegos diocese de Porto Rico legittimo de  
Ordem Montanas de ageirao de S. Thom Ferrreira  
f. Rodriguez depois de haver protestado que  
se não accepta ingresso por impedimento  
que segundo n. 36 e 37 das Constituições  
genuas de ordem podiam obter e que  
que jura dado o habito, sendo tal  
do que se a aporem algum dos estudos  
impedimento, sem mais de acto. F. Fr.  
de longe do decreto. De testemhoes  
ordinarios e de testemhoes de habito  
suscetivel com a data de 18 de Junho de  
1914 e 2. 32 3374 comms. se por outro barto  
ingressos e dignos. Livros conlor se  
Livreiro e de testemhoes que vai ser anexo  
por esse representado pelo M. R. P. Convent  
de ageirao e de testemhoes de habito

fr. Theophilo de S. Antonio M. R. - Fr. João do Grande e fr.  
+ mais, etc. de testemhoes de habito

## **Anexo 7**

Ata da reunião do definitório da província portuguesa, da Ordem Franciscana, de 29 de dezembro de 1929 (pertence ao Arquivo da Província Portuguesa da Ordem Franciscana)

Fig. 17a

Destinamos o presente livro á  
impressão das actas das sessões  
definitivas, e de quaisquer ou-  
tros documentos relativos a esta  
Provincia Terapica de Portugal.  
E cometemos ao M. R.<sup>do</sup> p. A.  
Joaquim Compeira o encargo de re-  
briar-lo e numerar-lo em  
todas as suas folhas, e exarar  
no fim d'elle o respectivo termo  
de encerramento.

Praga, 22 de Novembro, 1910.

Jr. Luis de Sousa  
Comis.<sup>o</sup> fal



P. Correia fl 143

fus de Lourenço, e resolve-se consultar o médico.

O M. R. P. Provincial apresenta o pedido de readmissão à Ordem, feito pelo R. P. Agnê-  
nio de Aguiar, que antes de ordenado foi  
novício, e desistiu por conselho do R. P. Mãe  
e do que então era Guardian do Convento do  
Noriciado.

Resolve-se readmitti-lo ao noviciado, mas  
só depois de se falar com o Ex<sup>mo</sup> e Rev<sup>mo</sup>.  
Bispo de Coimbra, em cuja diocese o interess-  
ado se ordenou e reside, e com o R. C. Luis  
do Patrocínio, que foi Mãe de Novício dele.

O M. R. P. Provincial chama a aten-  
ção para o que foi determinado na  
sessão definitiva anterior relativamente ao  
Colégio feminino aberto na nossa antiga  
residência de Vantago (vide folha 140)  
no que toca ao pessoal pelo que  
toca à escolha do pessoal dirigente  
e discente, estabelecendo q<sup>a</sup> a Directora e pro-



Obstando ao que no principio d'este livro  
se determina, rubricarei as 150 folhas, que  
nelle se contem, com o appellido  
de que uso.

Vilanova 25 novembro de 1910.

P. José Correia

## **Anexo 8**

Ata da reunião do definitório da província portuguesa, da Ordem Franciscana, de 11 de setembro de 1931 (pertence ao Arquivo da Província Portuguesa da Ordem Franciscana)



1  
P. Santos

É destinado este livro para nele  
se escreverem as Actas dos Capitulos  
provinciaes e das reuniões e decisões  
definitorias desta Real Provença  
de Portugal.

Damos comissão ao R. P. Alexandre  
dos Santos, Secretario da Provença, para  
o rubricar em todas as suas paginas,  
exarando no fim o respectivo Termo de  
encerramento.

Tuy, Convento de S. Antonio, 7 de Agosto de 1930.

P. Cipriano do Vale, O.F.M.  
Min. p. p.





P. Moutaf

a) Pessoal para as Missões e para o Colégio Serafico,

b) Pessoal para a Imprensa

c) Admissão à profissão do novico fr. Avelino Ferreira Machado, que tem sofrido de saúde num curato.

d) Readmissão do R. P. Americo de Aguiar, ex-novico da mesma Provincia, (e que desistiu) no habito, que volta a pedir.

e) Situação da Capela de Santo António, a Sé (em Lisboa), em relação com a Autoridade Ecclesiastica. - O Senhor Cardinal Patriarca quer: 1) nomeação do Capelão pelo Patriarcado; 2) que se arbitre o ordenado deste; 3) prestação de contas.

f) O R. P. Presidente de Leça, apoiado pelos outros padres daquela casa, pede autorização para se aumentar a capela, e apresenta uma planta-projecto das obras e calculo do orçamento.

- São aprovados os relatórios, com algumas



400

*Plantas*

Em virtude da comissão constante de documentos  
exarado na pagina 1 deste livro, rubriquei-o em todas as  
suas 400 paginas com a firma *Plantas* de que uso.

Luz, Convento de Santo Antonio, 7 de Agosto de 1930

P. Alexandre dos Santos, S. F. D.

## **Anexo 9**

JUNÍPERO, Frei - “Um milagre”. *Lume Novo*, 08 de dezembro  
1926, nº 1



## VM MILAGRE XX



M engeitado. Tinham-na ido  
buscar à Roda, não por amor, mas  
por interesse, e usava ainda ac pes-  
coço, enfiada num cordel, a meda-  
lha de chumbo com o numero offi-  
al.

Os amos a quem servia, uns rendeiros sordidos, e  
avarentos, haviam-se proposto fazer as terras sem  
meter gente de fora, por causa das soldadas altas,  
e o pequeno engeitado trabalhava no campo a par-  
d'êles, durante longas horas, com pesadas ferramen-  
tas.

Ainda o dia tinha longe e já o amo lhe atira-  
va dois berros: "que já eram muito horas de sair".

O engeitadinho apresentava-se logo, nas suas calci-  
tas de estopa, descalço, carapuça enfiada na calê-  
ça, procurando em vão ouvir do amo uma pala-  
vra meiga ou ver-lhe um ar de graça. À noite,  
a horas de ceia, davam-lhe a tigela do caldo a  
um canto da lareira, longe da mesa, e que comu-  
re depressa, que era por esmola.

Tinha mudado tanto, o pobresinho!

Chegara da Roda uma criança forte, com toda a  
graça e frescura próprias da sua idade, e agora  
o excesso de trabalho neutralizara-lhe as forças, e



o medo do amo tornara o bisinho e triste!

O raparia do fogar, ao passar por ele, chamara-lhe:

"o sapo concho", o "ecreorado", e o engeitadinho mandava-lhe um olhar de profunda agonia!

Um domingo de dezembro, ao calor dum sol sem nuvens, o moço engeitadinho entretinha-se com uma pequena armadilha de pardaís, na horta, quando o amo chega de fora e o intima rudemente a que saia com os bois para o lameiro da Igreja, depois de lhe haver quebrado no corpo o inocente brinquedo.

O sino da igreja tocara momentos antes, para a devoção da tarde, e a horta passava junto do lameiro nos seus fatos domingueiros. O engeitadinho sente desejo de ir também. Prende a soga dos bois a um castanheiro, arrisca uns passos até ao adro e, a medo, enfia a calceita pela porta da igreja.

Os bois, em baixo, ruminam silenciosos.

Ele espreita, hesita, entra e dá com os olhos na figura veneranda de Sr. Lura, que num sorriso de infinita bondade, abraça todos os presentes.

Um sorriso!!...

Corre para perto dele e ouve que, numa terra muito longe, havia dumra vez um homem rico, poderoso, com muitos criados, que amava muito as crianças e não deixava que as maltratassem, que da-

va o mel ás abelhas; o pão aos pobresinhos e as  
asas ás rôlas!

O engeitado saiu as portas da igreja com a cabeita  
cheia de ideias conqúizas. Ah' moité, em casa, alira-  
ram-lhe uma cêdea para o logar do costume "e  
que amanhã se fariam as contas".

Franzido de mêdo, cheio de fome, sobe ao palheiro  
aonde dormia e, na escuridão do cubículo, tam-  
negra como a da sua vida, vislumbra a seina  
da igreja. Recorda o sorriso meigo e dôce do Sr.  
Lura e o homem rico e poderoso que amava tan-  
to as eriancinhas. Num gesto longo de agonia,  
farto de tanto sofrer, esconde a cara com as  
mãositas e cai de bruços sobre o catre num de-  
sejo ardente de ser levado por tal homem...

Na manhã seguinte, quando o a-  
mo, irritado, abre a porta para o castigar, encon-  
tra, emburrado nos farrapos da mantã, o cadá-  
ver do engeitado!

No dia do entôrro o Sr. Lura volta-se para a  
genti que o acompanhava e exclama com ar  
de alegria:

Accercilus ab angelis.

Mandê duana y aiji  
Quem y aiji

Dr. J. M. R.

## **Anexo 10**

AGUIAR, Américo – “Mansões de paz”. *Lume Novo*, fevereiro  
1927, nº 2



## MANSÕES DE PAZ



CONTAMOS a história que Dante, expulso da sua ridente cidade por amor de dissensões políticas, assolado pela miséria, batido pela brisa agreste da desventura, comendo durante largos anos o pão negro dos degredados, bate às portas de Heróna, Pisa, Roma, Paris; ensina em Oxford e Bolonha para apagar máguas, e, finalmente, sobraçando os primeiros sete cantos do seu imortal poema, foi dar à portaria do Convento de S.<sup>ta</sup> Cruz do Corvo; e à pergunta de fr. Hilario: "que deseja?" ele responde: Paz! e transpõe em silêncio o limiar da suave clausura.

### Mansões de Paz!

As sociedades monásticas são na terra a mais sublime expressão da vida divina e como ela, indestrutíveis. Dormem nas areias das nações, envoltos em pó e roídos da traça, os nefandos decretos que desfilaram contra a unidade das suas famílias; erguem-se nas praças públicas, sobre gigantescos e artísticos pedestais de mármore, as estátuas dos homens célebres que os mandaram executar, cobertas de verdele e indigeron-

ça; as teorias agitam-se; cruzam-se os ideais e as paixões dos homens alteram com linhas de sangue os mapas das nações e as fortunas dos povos. Tudo isto passa, e as sociedades monásticas permanecem tranquilas e imutáveis, como as essências das coisas!

Mensões de Paz!

Caluniados; perseguidos; espoliados do seu ninho de amor; esgarçados pela peste, os frades deixam os seus conventos, a sua pátria, e caminham em silêncio, alegres, felizes, contentes, "para outras terras a fazer penitência dos seus pecados" conforme manda a Santa Regra, com a mesma indiferença com que um grão de trigo germina, a flor morre e o sol espreita os destroços dos grandes cataclismos! Oh supremo deus! mas não acabam; não desaparecem! Benditos sejam os frades!

Esses conventos cheios d'arte e magestade que se levantam nos lindos vales e velustas cidades da nossa terra, cadáveres gigantescos afrontando os séculos e levantando no espaço as suas torres num suspiro de saudade e agonia, não atestam nem significam a morte universal das famílias monásticas, porque os ideais do espírito não se



aniquilam facilmente; essas pedradas moles de granito são antes uma prova irrefragável da fé dos seus construtores e a marca indelével da vida dos seus habitantes através de todas as vicissitudes. Não acabam; não desaparecem! São benditos no Senhor!

Os fundadores das Ordens Monásticas não são poetas, nem artistas, nem heróis, nem sábios, nem filósofos nem génios! São a síntese de tudo isto numa alma forte e poderosa que, polarizada em Deus, não se lhe dá de ser prezada, louvada, admirada; não procura honras; despreza as dignidades; perdôa as ingratidões; alma para quem a Virtude e o Bem são o fim soberano da existência, pensando sempre nos outros; vivendo para os outros e arrastando deante de si até junto de Deus, a sangrar, as misérias da humanidade inteira. Eis o santo! São santos todos os fundadores das Ordens Monásticas! E, serão certo que todos são grandes santos, igual a razão por que uns são mais venerados do que outros e S. Francisco mais do que todos? Porque é que ele transformou os homens e as ideias do seu século, inspirou poetas e artistas, exaltou o amor, a simplicidade, a harmonia e a beleza no coração de todos e

ainda hoje, sete séculos decorridos, ele é o mesmo  
santo extraordinário que os homens de todas as  
confissões religiosas e profissões sociais admi-  
ram, invocam e celebram?! O seu VII centenário  
que a nossa modesta Revista hoje celebra, inte-  
ressa todos os povos e estende-se a todo o mun-  
do! Porquê?! É que nenhum homem como ele,  
sabe jamais desprezar a vida para a viver na  
sua plenitude. Vive-a amando. Mas amando  
o quê? Os homens; a natureza; as coisas. A sim-  
plicidade; a pureza; a humildade, a penúria.  
Vive-a cantando a luz do sol, conversando com  
os passarinhos, chamando irmãos aos lobos; às  
estorvas; às formigas; e a própria morte é o irmão  
cerqueiro, recomenda instantaneamente que reserve  
sempre na cerca um pequenino cantinho para  
flôres, e quer ver a alegria no coração de todos  
os irmãos. Ele personifica o ideal cristão; é o im-  
mãe de Jesus Cristo, acessível à razão pura sem  
misticismos nem dogmas nem milagres, e esta é a  
feição da sua vida que atrai as vistas dos gran-  
des pensadores e artistas, quando começam a  
indagar o porquê da vida, o segredo da existen-  
cia e o enigma eterno da morte!

Alto, porém, tenhamos mais e melhor.



Conhecemos a força inexplicável da sua vida de prodígios. S. Francisco viveu amando, sim; mas amando o quê? Eis a questão.

O pobreiro de Assis amava com efeito os homens; amava a natureza; amava as coisas; Mas amava primeiro que tudo e acima de tudo, Deus.

Era o amor de Deus que lhe enchia a alma e, transbordando, comunicava-se tão extraordinariamente às criaturas.

Era o amor sobrenatural que lhe conquistava então e con-



quistava hoje, aquela força irresistível e transcendente que produz a veneração e o respeito de toda a

gente pela sua vida sublime. Desposando a sua noiva, a Santa Pobreza, o filho de Bernardone rasga novos horizontes na vida; descobre um novo mundo e vê n'uma luz nova os pobres e os ofícios humildes. Grande e poderoso senhor que era, faz-se pequenino e miserável para se dar todo inteiro aos pequeninos e aos miseráveis; tudo por amor de Deus.

Ele não quer pisar papéis em que se ache escripto o nome do Senhor! Ama todos os Sa-



cerdotes nos quais não quer ver malícia nem indignidade porque são eles na terra os únicos homens que consagram o corpo do Senhor.

"E os que não sabem letras não cuidem de aprender", diz ele na Santa Regra, "antes se apliquem ao trabalho e à oração em espírito de amor." E no seu testamento diz: "andavamos vestidos com sacos curando leprozos e fazendo os trabalhos mais humildes, entrávamos nas igrejas a orar e eramos idiotas!

Laureos de amor!

Os seus primeiros companheiros são arrastados, seduzidos pelos seus cantos de louvor a Deus! e o primeiro capítulo à que assiste, em Atois, conta 5.000 frades abraçados todos no mesmo espírito de amor sobrenatural.

Amor! eis o enigma que dá a razão da influência extraordinária da sua incomparável vida, produzida no coração dos homens. Amor romântico para os dilectantes; amor divino para os cristãos sinceros, mas sempre amor!

O pobrezinho de Atois morreu amando.

Amando a pureza, pois exala o último suspiro sobre cinzas.

Amando a pobreza, porque acaba no chão.

extremie, embrulhado em trapos.

Elizando a humildade, havendo pedido, em vida,  
que o sepultassem no lugar dos condenados.

Elizando a Deus, com as marcas da sua Paixão  
impressas no corpo.

Ellexit!

Américo d'Aguilar

## **Anexo 11**

JUNÍPERO, Frei - “A catequese na colónia de férias”. *Lume*  
*Novo*, 1927, nº 4



Transcrito em *O Gaio*. (22/3/1958) 1. col. 1, 2; 3. col 3, 4, 5.

n.º 366

Luzes novo n.º 4 (número especial da 'Colónia de Férias' de Buarcos em 1939)



m/nda - 45 - Luzes novo - Bile 1

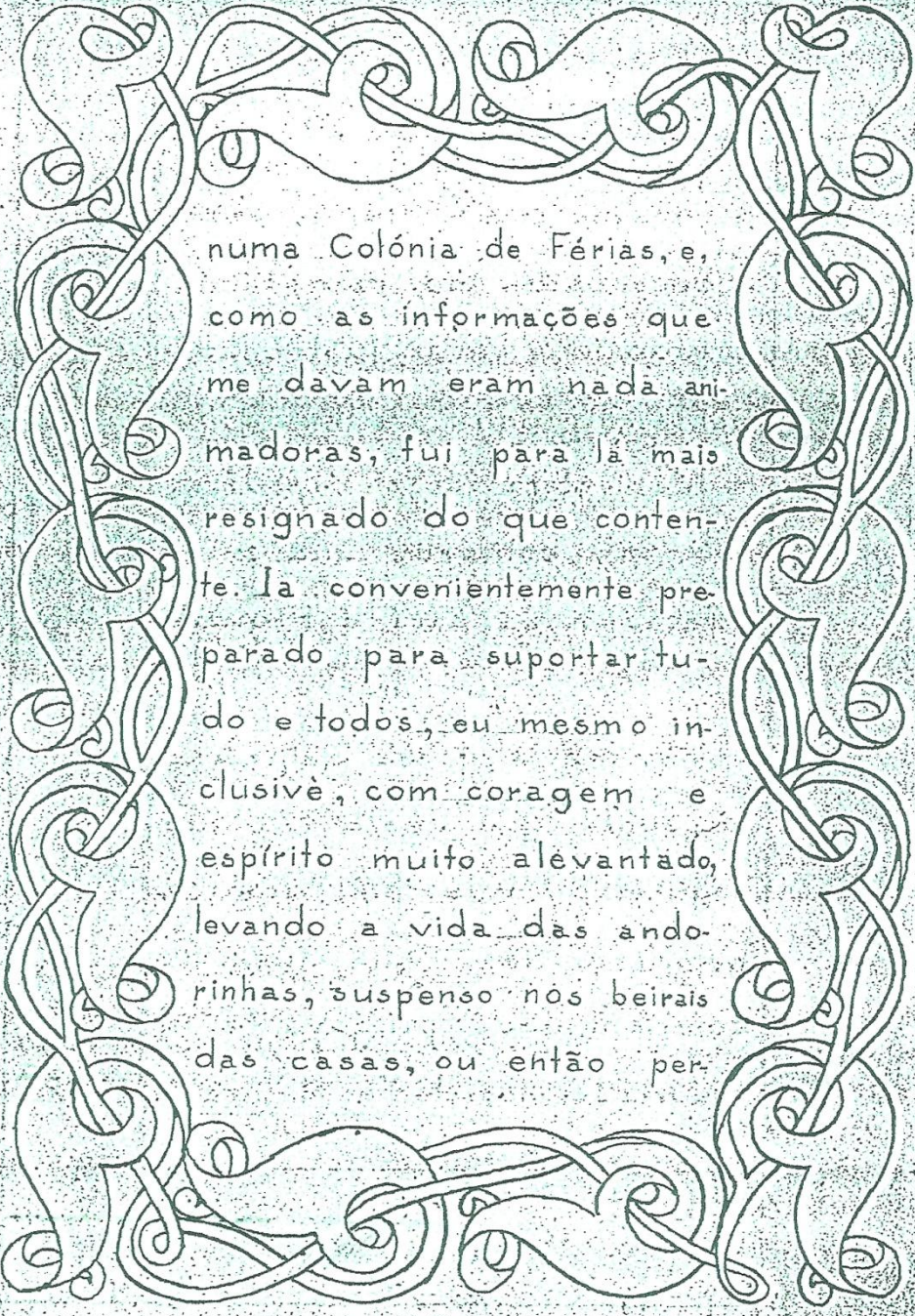
1/19



ado, ali sem dúvida um pouco mais suave, mas sempre campo adequado à prova de cada um; mostrar o que somos, quanto valem os o conceito que fazemos desta vida. Não há actos indiferentes no aperfeiçoamento espiritual do indivíduo. Nada se perde, como nas leis físicas. Tudo conta, tudo aumenta ou diminui o nosso valor moral.

Eu nunca havia estado





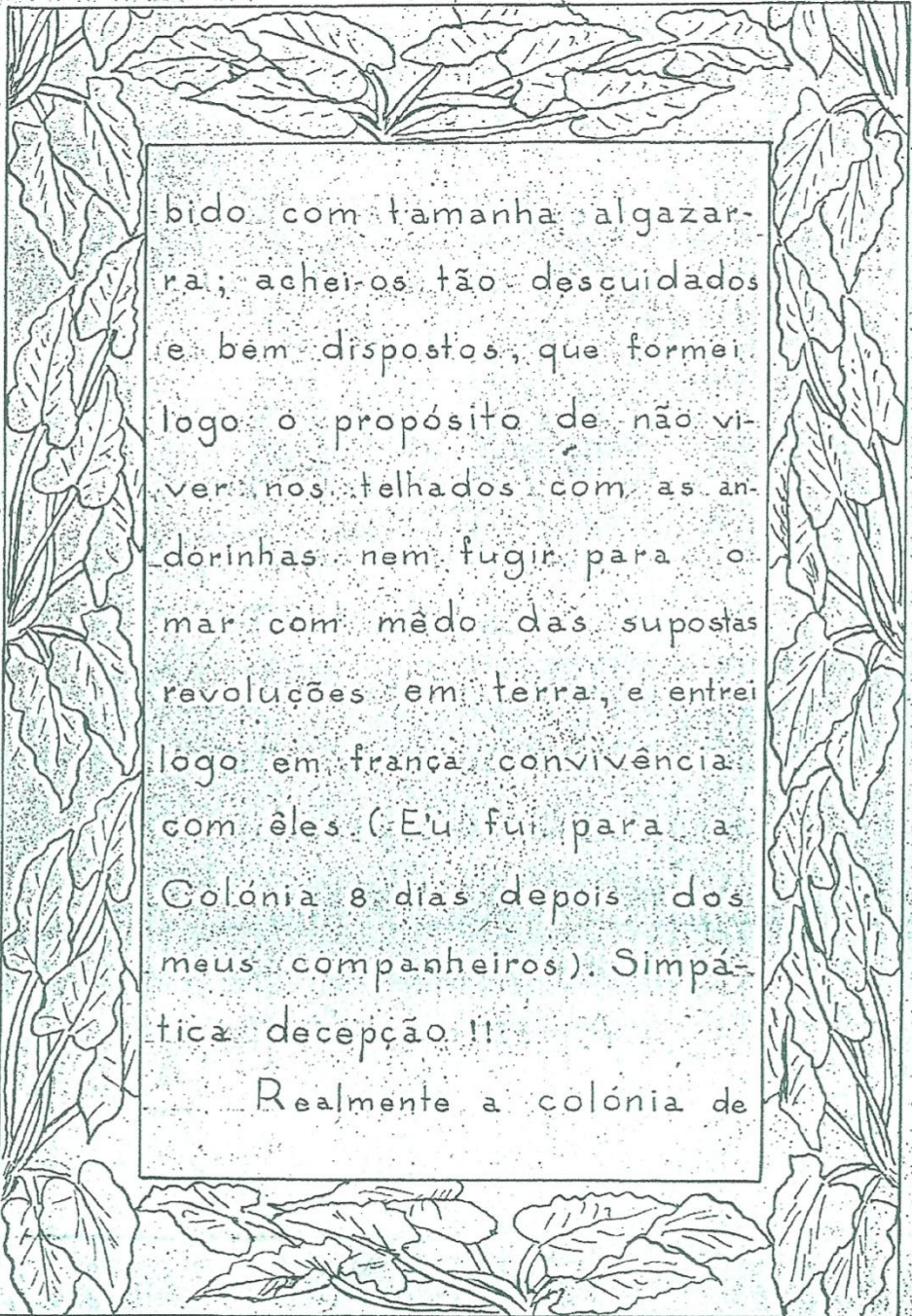
numa Colônia de Férias, e, como as informações que me davam eram nada animadoras, fui para lá mais resignado do que contente. Lá convenientemente preparado para suportar tudo e todos, eu mesmo inclusive, com coragem e espírito muito alevantado, levando a vida das andorinhas, suspenso nos beirais das casas, ou então per-



der-me lá muito longe, aonde  
o céu pousa no mar; alheio  
a tudo que mui justificada-  
mente supunha me havia de  
rodear. Esta foi a filosofia  
com que comprei uma 2ª na  
estação nova, para a Figueira.

○ O seguro morreu de  
velho, diz a nossa gente, mas  
eu cuido que desta vez me  
segurei de mais, pois que o  
semblante dos meus queridos  
companheiros pingava tanta  
alegria e mocidade; fui rece-





bido com tamanha algazarra; achei-os tão descuidados e bem dispostos, que formei logo o propósito de não viver nos telhados com as andorinhas nem fugir para o mar com medo das supostas revoluções em terra, e entrei logo em franca convivência com eles. (Eu fui para a Colônia 8 dias depois dos meus companheiros). Simpática decepção !!

Realmente a colônia de



férias foi um verdadeiro sucesso, por qualquer lado que a encaremos. Foi simplesmente grandiosa. Foi uma bênção do Senhor. Todos nós vivemos os segundos de todos os minutos, os minutos de todas as horas, as horas de todos os dias, e dias houve com mais de 24 horas! Um prodígio!

A sábia divisão do tempo não foi de maneira

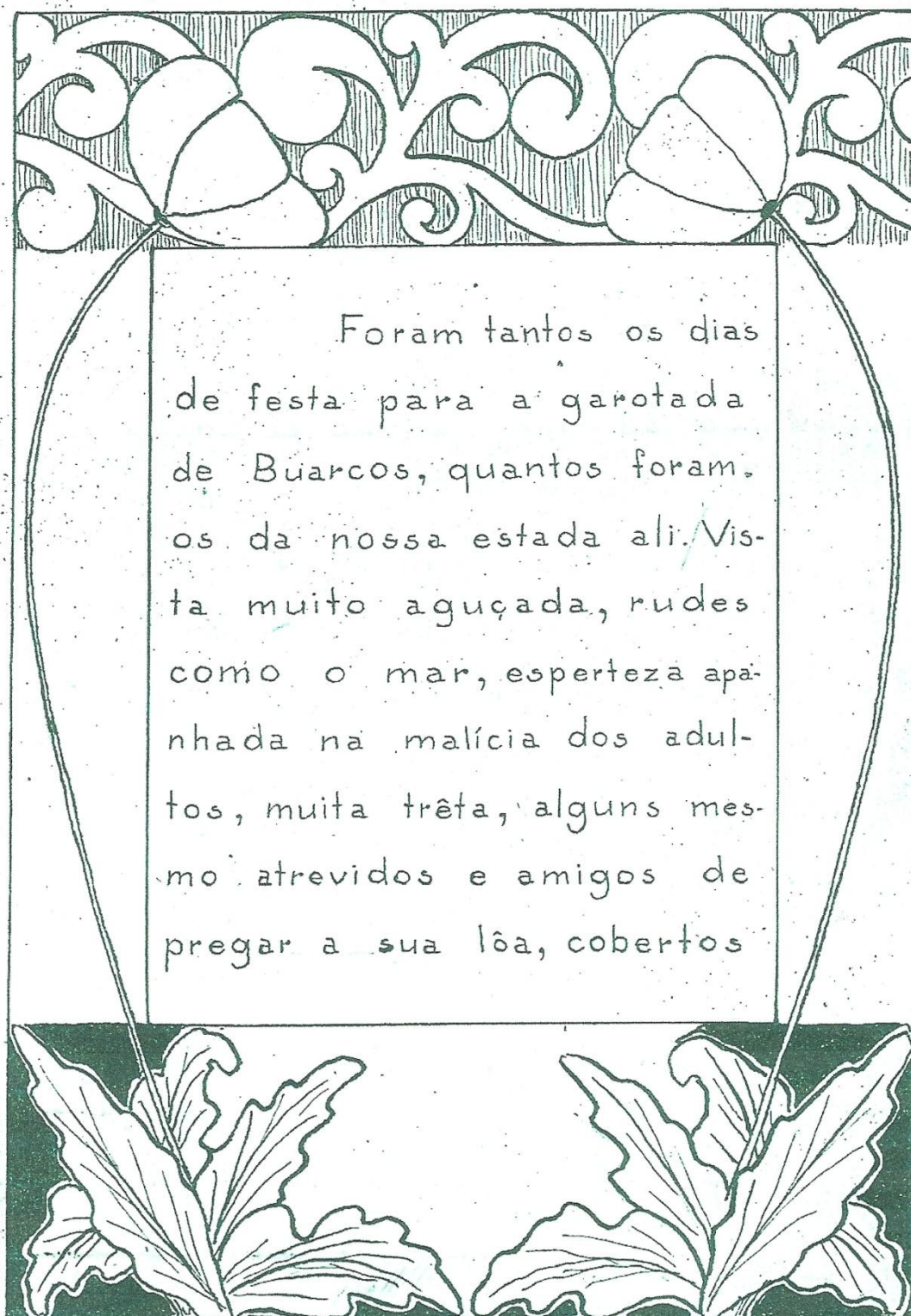






guramente muito cuidado, muito interesse, muito carinho e muita inteligência. A seguir temos o harmonium, as projecções, o kodak, a presença aturada do nosso querido Padre Vice-Reitor, todos estes pequeninos nadas produziram a harmonia geral e o bem da comunidade, mas o que eu quero destacar sobretudo é o grande acontecimento que foi a catequese da Colónia.

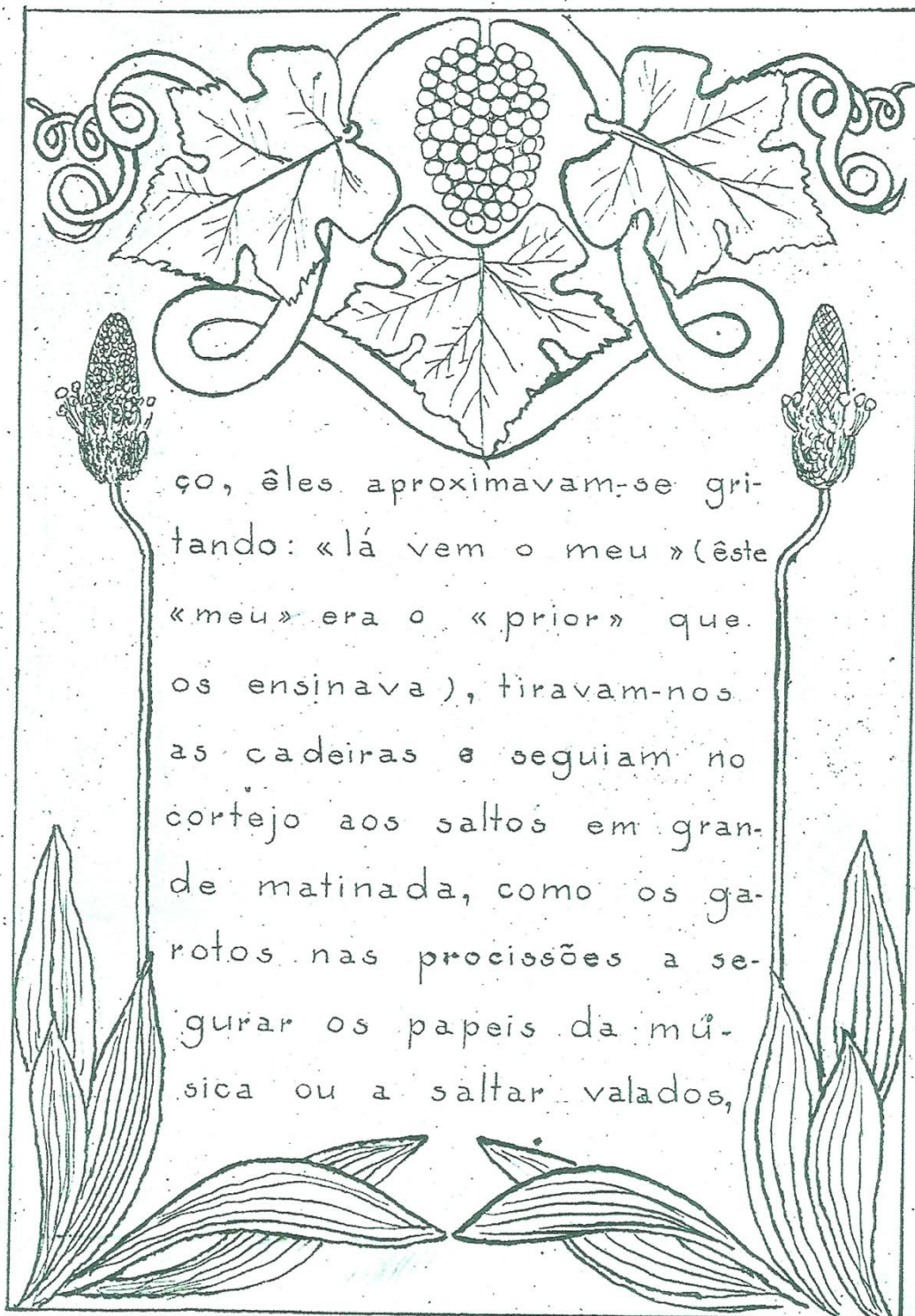




Foram tantos os dias  
de festa para a garotada  
de Buarcos, quantos foram  
os da nossa estada ali. Vis-  
ta muito aguçada, rudes  
como o mar, esperteza apa-  
nhada na malícia dos adul-  
tos, muita trêta, alguns mes-  
mo atrevidos e amigos de  
pregar a sua lôa, cobertos

de trapos de cõr' equívoca,  
lambida pelo tempo, sujos,  
descalços, tismados, — os gaia-  
tos de Buarcos são como  
os gansos: vivem na água.  
Era da praia que eles vi-  
nham para o pé da nossa  
casa, aos grupos, esperar  
a hora marcada de sair pa-  
ra a igreja. Fora da por-  
ta era um berreiro de ar-  
raial minhoto. À maneira que  
íamos saindo com as cadei-  
ras dobradas debaixo do bra-

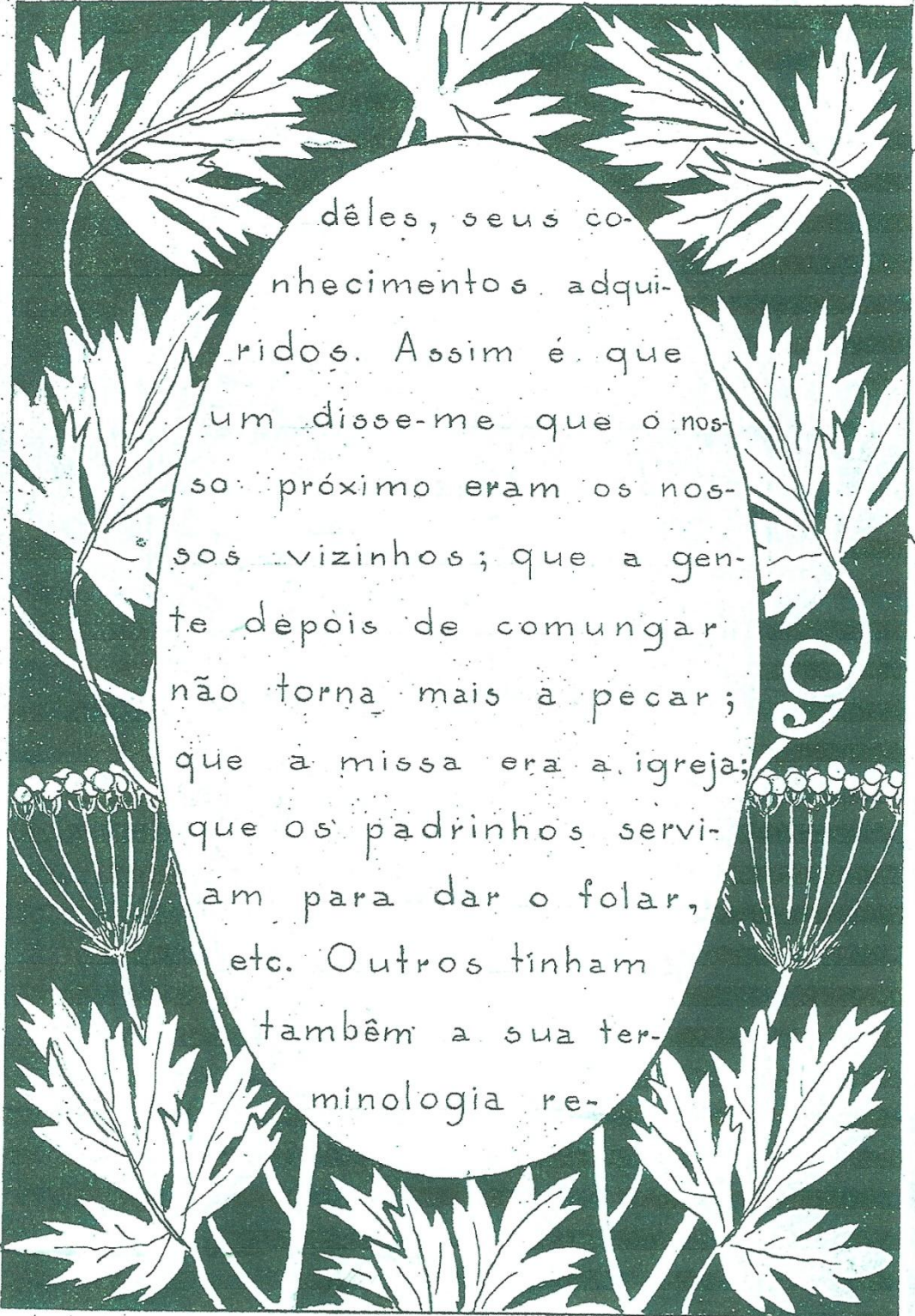




em cata das canas dos foguêtes. Uma vez na igreja, formavam-se tantos grupos quantos eram os «senhores priores» e começava a instrução a duas centenas aproximadamente de crianças dos dois sexos.

Como sempre e em tôda a parte, havia-os que aprendiam com mais ou menos facilidade e os que estavam com maior ou menor atenção. Tinham já, alguns



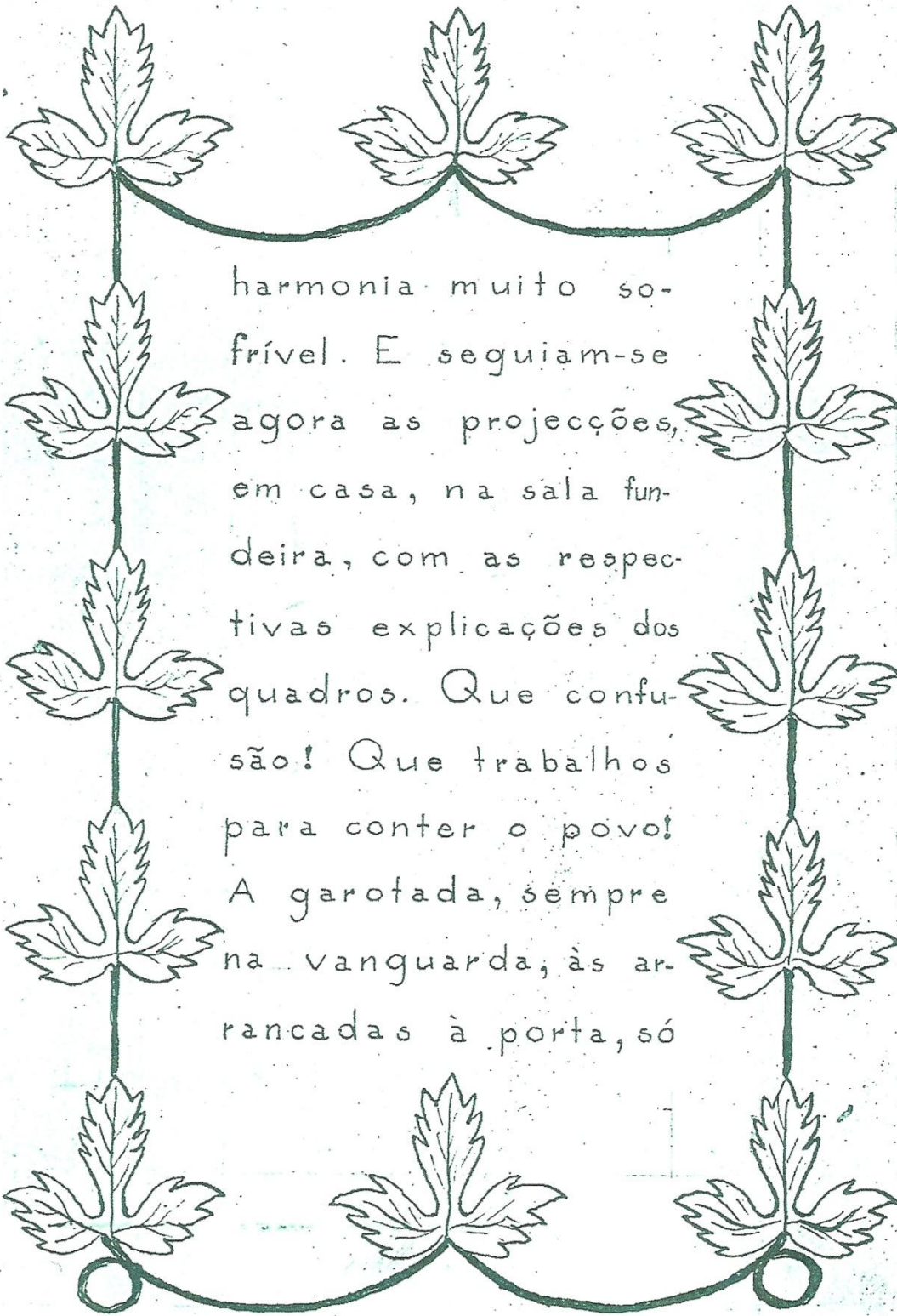


dêles, seus conhecimentos adquiridos. Assim é que um disse-me que o nosso próximo eram os nossos vizinhos; que a gente depois de comungar não torna mais a pecar; que a missa era a igreja; que os padrinhos serviam para dar o folar, etc. Outros tinham também a sua terminologia re-



gional, aliás muito justificada: «Rogai por nós pescadores»; «morreu sob o poder de côncio pilado», diziam.

Acabada a hora de catequese, começava a devoção da tarde, a que assistiam, em regra, algumas centenas de adultos, e, se adregava serem os cânticos conhecidos do povo, era lindo ver o entusiasmo de todos, numa

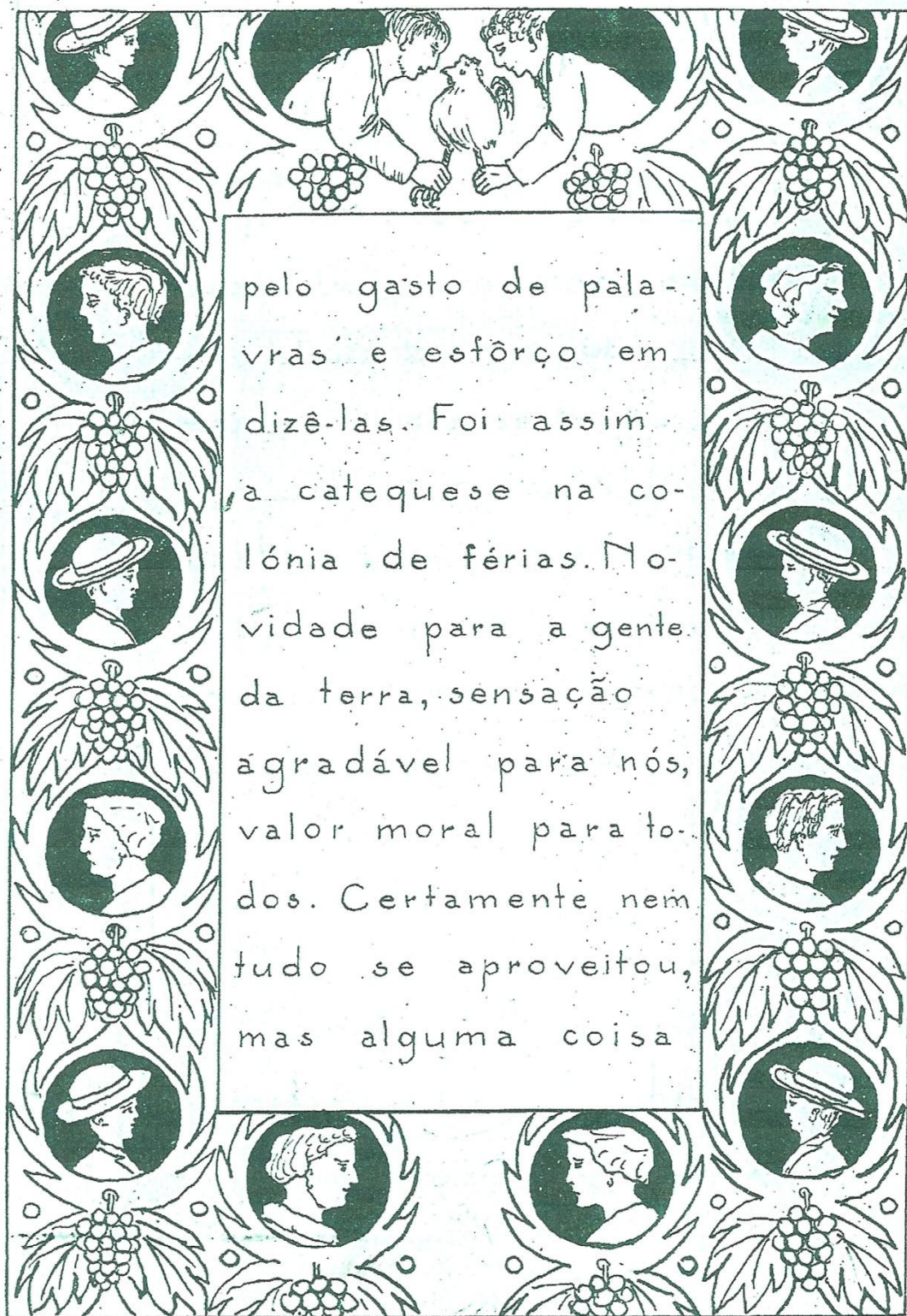


harmonia muito so-  
frível. E seguiam-se  
agora as projecções,  
em casa, na sala fun-  
deira, com as respec-  
tivas explicações dos  
quadros. Que confu-  
são! Que trabalhos  
para conter o povo!  
A garotada, sempre  
na vanguarda, às ar-  
rancadas à porta, só

obedecia ao sarrafo que cantava na cabeça dos mais apressados!

A explicação era feita por um dos colonos de preparatórios, o que era para alguns tarefa de não pouca monta. Um deles disse até que preferia fazer exame de Ciências e Latim 6.º, a ter de falar às multidões!! Um outro houve de se deitar imediatamente a seguir à função, esvaído



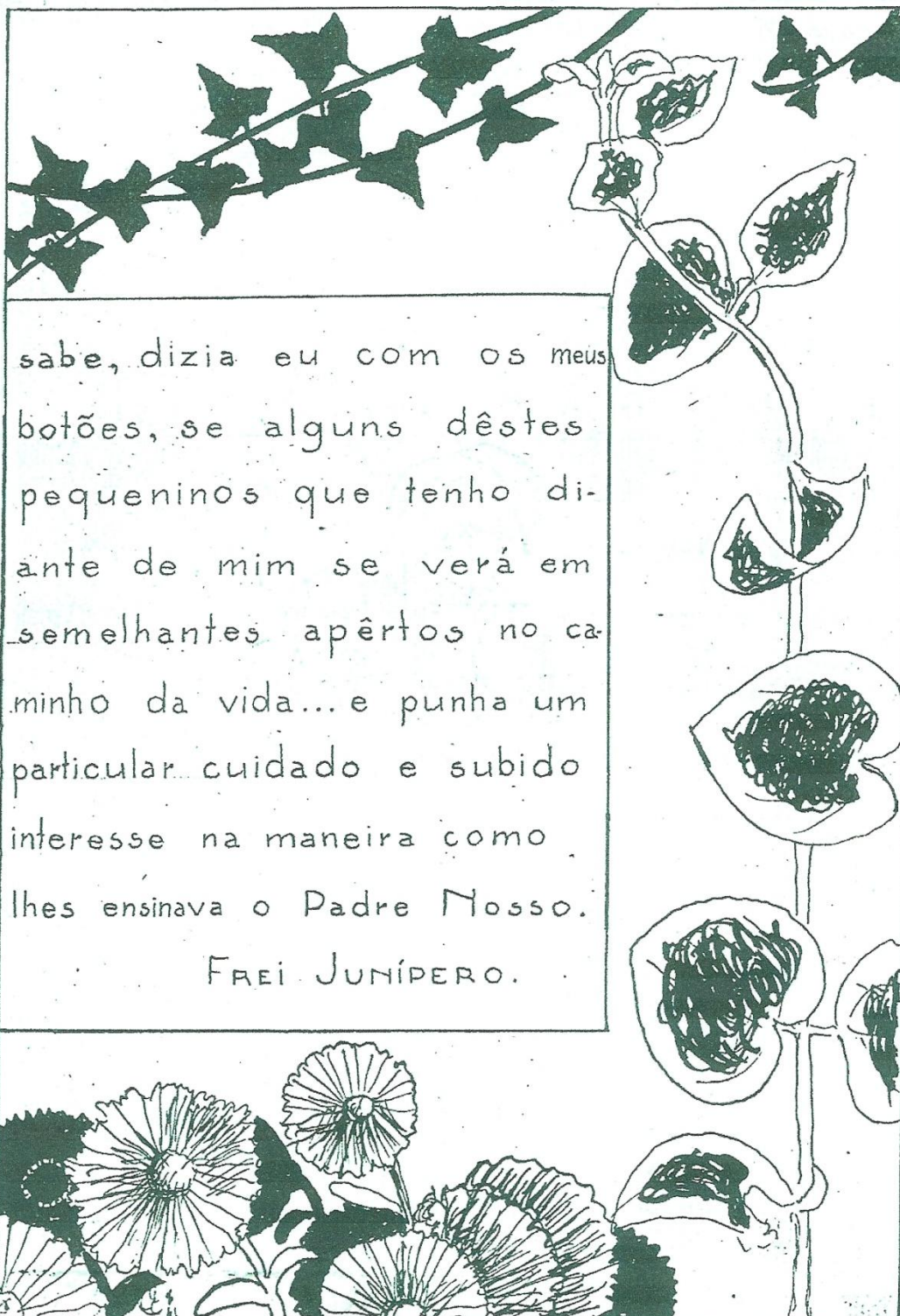


pelo gasto de pala-  
vras e esforço em  
dizê-las. Foi assim  
a catequese na co-  
lônia de férias. No-  
vidade para a gente  
da terra, sensação  
agradável para nós,  
valor moral para to-  
dos. Certamente nem  
tudo se aproveitou,  
mas alguma coisa

ficará da nossa sementeira, tanto da parte do semeador, como do terreno que recebia a semente.

Uma vez, já lá vão tantos anos, um mancebo rico, formoso, inteligente, contava-me um transe difícil da sua vida e dizia-me em soluços: «se eu ao menos soubesse rezar o Padre Nosso!!» e sofria cruelmente, o angustiado mancebo. Quem





sabe, dizia eu com os meus  
botões, se alguns dêstes  
pequeninos que tenho di-  
ante de mim se verá em  
semelhantes apêrtos no ca-  
minho da vida... e punha um  
particular cuidado e subido  
interesse na maneira como  
lhes ensinava o Padre Nosso.

FREI JUNÍPERO.

## **Anexo 12**

JUNÍPERO, Frei – “As experiências de dois famosos viandantes”.  
*Lume Novo*, novembro 1928, nº 8



FREI JUNÍPERO, "As experiências de dois famosos viandantes", *Lume Novo*, nº 8 (Nov. 1928).

Transcrito em *O Gaiato*, (12/7/1958) 1. col. 1, 2; 4. col. 1, 2, 3; (26/7/1958) 1. col. 1, 2; 4. col. 4, 5; (9/8/1958) 1. col. 1, 2; 4. col. 3, 4, 5; (23/8/1958) 1. col. 1, 2; 3. col. 3; (6/9/1958) 1. col. 1, 2; 4. col. 1, 2; (20/9/1958) 1. col. 1, 2.

## As experiências de dois famosos viandantes



À já noite alta quando chegámos ao forro e o soberbo Mosteiro emergia agora das sombras em silêncio, magestoso, numa agonia de séculos. Na camionete que de Coimbra nos trouxera a Bebedeira, um amável viandante informou que dali ao lugar seriam uns dois quilómetros e meio, mas eu cuidei que ele teria sido mais exacto se, em vez de quilómetros, houvesse dito léguas; pois que, tendo largado a estrada por volta das sete horas da tarde, quizeram os fideles que regressassem amargos experiencias aonde bem poderamos ter colhido as mais gratas impressões, se o tempo fôra mais largo e a distância mais curta.

O Rev. Prior da freguesia, à porta de quem batemos a horas desusadas, recebeu-nos numa grande exclamação de espanto e alegria, e, com um melão que levavamos e uns ovos fritos que ele nos deu, fizemos uma ceia deliciosa, regalada.

Assim terminamos a primeira aventura do primeiro dia, em duas camas muito grandes nuns quartos muito pequenos.

Sica numa pequena encosta, sobranceira ao mosteiro, a casita do novo bom Prior, e eu sórinho, da janela do quarto, tive uma das visões mais felizes da minha

vida: a lua tinha subido, clara, silenciosa; iluminava agora o dorso de todos aqueles montes que es-  
corregam até ao fundo, ruaves, vestidos de verde  
lindíssimos; e foi então que eu vi pela primeira vez  
uma das alas do gigante a olhar a lua, cansado  
de sofrer as torturas do tempo e dos homens.

Uma aragem fresca, subtil, entrava pela janela den-  
tro. Tive ganas de chamar o meu companheiro que  
dormia num quarto por detrás do meu, ele, também  
amigo de ver coisas lindas, mas a jornada tinha  
sido puxadita e na descida dum lado de pedras  
soltas, que por engano subíamos, já muito alta, o  
meu dito companheiro foi o valente suporte duma  
malita de mão que levávamos e do ralisea-  
dor destas línhas, que não se ageita a andar às  
escuras.

Nã manhã seguinte por volta das sete horas, en-  
travamos na igreja do mosteiro, simples, elegan-  
te, lavrada em pedra estilo Renascença. No fim  
da missa o P.<sup>do</sup> P.<sup>re</sup> Basílio, gostosamente, mostrou-nos  
os paramentos e outras preciosidades da igreja, que  
lhe estão confiadas; e logo subimos acima aonde  
repartiu connosco, generosamente, o pobre conforto  
da sua casa e a modestia da sua mesa.

Da para as duas horas, quando sób um  
céu de nuvens carregadas nos fizemos de praça



à Mata do Bussaco, caminhando sempre pelo dorso da serra, aonde entramos por volta das sete, pelas portas da Cruz Alta. O Garamulo, a Estrela, a Loure olhavam-nos ao longe, e, a poente, na orla do horizonte viamos o enorme estorvelo do Lago Monolago e um extenso lençol de areia branca onde se perdia o Atlântico. Era precisamente desta banda, que uma brisa forte e salgada nos fustigava as faces, impedindo que as nuvens, então ameaçadoras, se despejassem sobre nós; ainda assim não fomos tão felizes que não tivéssemos de estugar o passo, serra em fora, a procurar abrigo num moirão de vento.

Durante o trajecto, no Gelhado, entrámos uns momentos em casa do R.<sup>do</sup> P.<sup>re</sup> Marques. Uma capelinha, muito linda, mesmo à beira da estrada, dá a direcção para a simpática vivenda do não menos simpático Prefeito da "Segunda". Subimos ao patamar, entramos no sobrado; houve os cumprimentos e perguntas do estilo e logo o Joaquim foi abaixo, à loja, em cata de qualquer coisa fresca. O R.<sup>do</sup> Prior do Lorvão acompanhava-nos até aqui. Uma bandeja com copos ia passando à roda. O P.<sup>re</sup> Marques explicava, enquanto o Joaquim trazava vinho nos copos, "que o vinho era o tipo da terra: fraquilo, mas alegre". Sostei imenso do

qualificativo. Na verdade a generosidade do vinho é sem limites — dá toda a sua alegria a quem não bebe.

Houve mesmo que despejou o seu copo duma arsentada. Eu tomei o meu, bati um golo de vinho no céu da boca, à moda dos provadores, e fiz uma cara muito feia. O pai do Sr. Marques viu a cara, toma o copo, bebe um trago e exclama:

— "Era bolas! O vinho é bom mas é para temperar batatas".

Era vinagre!

O moinho que nos abrigara ficava nos agora atrás e estávamos ao pé dum outro, ponto de referência que trazíamos para encontrar a estrada que nos havia de levar à Cruz Alta. Para as bandas de Coimbra e havia a polén e nuvens negras, pesadas, ameaçadoras, corriam de nascente, em direcção ao mar.

O meu companheiro foi pesquisar a estrada enquanto eu fiquei encostado à porta do sr moinho e logo lhe ouvi o grilo consolador: ei-la! Corriamos agora, a par, e piso fácil da estrada — quem sabe! Talvez escapássemos à chuva. Já se via um pequeno bosque fora das portas da Malá e eu, de longe, ia escolhendo com a vista entre as arvores, a mais copada de todas para o que desse e viesse.

Vamos entrar na Malá; olhamos as nuvens pela der-



madeira verde e mergulhamos na densidade do arvoredo, perdidos por atalhos e veredas até dar com a avenida que corta a Mata, das portas de Sombra às da Rainha. ~~Espreçamos os anãos de contêntes como se tivéssemos escapado dum naufrágio.~~

Matamos a sede num fio d'água que saia duma fonte; sacudimos a roupa e o chapéu e desceremos ao fundo em procura de ceia. Lá no fundo da avenida, junto às portas do Convento, estava o Paul encostado a um cedro, como quem espera alguém. Abraçamo-nos efusivamente. Reclamei d'ele a chave do Convento e logo um guarda da Mata, sério de palavras e maneiras, começou a mostrar o que não conhece nem aprecia; ~~abriu a porta e mandou entrar.~~

O Convento do Santo Ermo do Russaco!

Nada mais belo; nada mais completo; nada mais rico do que a altíssima pobreza do Evangelho. Felizes os que a compreendem; grandes os que a vivem; benditos os que a seguem!

O Sr. P. Lourenço deu-nos de ceiar e o Paul reclamou a nossa presença em sua casa para o chá e para dormir. Foi ele próprio quem preparou as coisas e declarou que aquêlê era o dia mais feliz da sua vida!

O António Melo também veio ao botafora, no dia

seguinte, na estação do Luso, e pelas cinco horas da tarde, deixamos fundo no Fundão!

Um primo do meu colega, que por acaso estava na gare, levou-nos para a hospedaria da tia Mota e no dia seguinte, numa espécie de camionete, desembocámos nas margens do Zêzere, na ponte que serve as minas da Panasqueira. Muito amável e generoso o primo do Cruz Gomes. Um que nos mostrava a vila disse-nos descaradamente que ela era a primeira de Portugal! Muito comércio; alguns edifícios importantes; magnífica fruta.

Dixemos a Hora Santa na igreja pública, concorridíssima, com linda música e muito recolhimento.

A tal espécie de camionete não gastou duas horas do Fundão para a ponte da Panasqueira, por enquanto trabalhando num cabo de vai-vem. A carga do veículo era composta de sacos de sal, uma velha muito feia e os dois peregrinos. Eu do ficou à quem do rio, enquanto que nós atravessamos suspensas do cabo, mirando as águas barrentas do rio lá no fundo.

O meu companheiro não disse nada, mas eu sei tudo!

Fram duas horas da tarde quando nos metemos a caminho para casa do Gagar, tarefa de três horas no dizer dos entendidos. Uma mulher que



dali seguia para o Badilhão, prestou-se a pedir no lugar um guia seguro. Entramos na igreja da povoação; um primor de asseio e bom gosto. Um grupo de raparigas cantava, e aprendia doutrina numa compostura que edificava a gente!

E aí vamos nós, zerra acima em cata do Cesar Roque. Mastigamos uma bucha à beira dum rego d'água, despedimos o simpático guia e agora de escantilhão, encosta abaixo, procuravamos, impacientes, a povoação das Meas.

Esta era a minha primeira experiencia de kilometros serranos!

Uma mulhercita, a quem pedi uma caneca para beber água num fonte, disse-me que não tinha caneca, nem copo, nem garrafa, nem nada; e deu-me um prato para beber! Imvejei a sorte da mulher e registei a experiencia: beber água por um prato. Nesta altura surge nos um carro de bois. Quem era? Um irmão do Cesar, o José, que tinha duma fazenda com um carro de batatas. Oh! se elas estivessem cozidas!...

E quando estreitavamos, nos mossos, os braços do Cesar e do Joaquinzito, verifiquei que as três horas do homem do Xexere tinham dobrado a parada!

No dia immediato, o primeiro sem

nuremos desde a nossa partida de Coimbra, Luiz So-  
mes seguiu para Gornelas, de visita à família,  
d'onde regressou já moito, montado numa pos-  
sante égua serrana; Cesar Roque e eu, fomos ver  
as minas da Panasqueira. É a meia encosta, no  
declive suave da serra, que ficam instaladas as  
casas d'habitação, maquinismos, armazens e u-  
ma linda capelinha que um director das Minas  
mandou construir e ofereceu a diocese. No fundo  
corre um vale de terras amanhadas e logo se  
levanta outra serra a entestar com esta, expres-  
são contínua e uniforme destas redondezas. E  
lá ao longe o gigante da Estrela, magestoso, no-  
branceiro, barra nos o horizonte. Um inglês que  
analisava minério, já moito, pronto para em-  
barque, disse-me que não conhecia nada mais  
pitoresco na Inglaterra. José Ventura "ciceronou"  
o funcionamento das máquinas, lavagem do  
minério e mais coisas, e levou-nos às minas de  
estérho furadas e martelo d'ar comprimido. En-  
tre as muitas sensações que me vieram dentro  
das minas, não foi seguramente a mais peque-  
na de todas o ter feito um grande "galo" na ca-  
beça por me não saber humilhar! Detiscámos  
em casa do Ventura qualquer coisa que uma



vizinha arranjou, pois a Mãe e irmãos deste, tinham ido para Coimbra no dia anterior.

O Pai, homem baixo, simpático, caraquizador e, com certeza, de muita confiança, pois dirige os Armazéns da Companhia há cerca de vinte anos, o Pai, ia dizendo, presidiu a mesa e fez a despesa de tudo, caraqueira "inclusiva". E logo seguimos para os Meãos, via# Gelbela. Aqui surge-nos dum olival, certa no braço, enfiado numas calças pardas, muito alto, muito vermelho, nada menos que a figura respeitosa do Pai do nosso respeitoso José Pereira! Sentiu imenso a ausência do filho e reclamou a nossa presença em sua casa para beber e mastigar. Aceitámos a primeira proposta, recusando a segunda. A casa do José Pereira é rente à igreja, está igualmente limpa arreada e recolhida como a do Rodilhão.

Despedimo-nos do Pai do Ze Pereira e da igreja, onde fixemos a "Via Crucis"; em cima avançámos uma pereira num campo do fazar, à beira dum ribeirito; — refrescamos a boca nas pernas e os pés na água, e já o sol varria as pontas das serras quando entramos em casa, ricos da generosidade das serras e da pobreza.

dos seus habitantes.

Assim terminou o dia para logo vir outro, radiante, glorioso, que começamos a viver ainda com estrelas no firmamento. O meu companheiro de viagem continuou na visita á família, agora n'outra povoação; eu nunca na minha vida conheci homem com tantos tios e primos como elle! Cesar e eu descemos a baixo a Mo-nhaiz. A igreja d'este lugar é um bocadinho inferior ás que tinha visto, mas o povo é ir-mão; muito recolhimento e respeito e uma consideravel frequencia de sacramentos.

De tarde subimos ao Picoto, no alto das Mo-nhas, tão alto que só uma parte da Estrela nos enpanava o horizonte. Tarde celebre, celeberrima por muitos titulos! Uma neblina impertinente prejudicou um tanto a visão dos largos horizontes; ainda assim a experiencia foi para mim inédita.

Genho subido a outros picotos, n'outras terras, onde a vista se perde em planícies de areia; planícies d'água; planícies de verdura e ali nada disso divisei. A vista caia sobre o dorso esguio de serras negras, num ondular seguido, constante, uniforme, deveras impressio-



namê e a expressão de tudo quanto ria tinha um misto de severidade e belera que não se descreve facilmente. Entramos em casa com muito apetite, já de noite, e soube bem a ceia quente que nos serviram.

A família do Cesar Roque, no meu entender, é o padrão da maneira de ser e da maneira de viver da gente de traz da serra: simplicidade, grandera, generosidade. O Pai, homem forte, meão d'anos e estatura, é uma destas almas grandes que conquistam namorada, não tanto pelo que têm ou sabem, como pelo que são; fez as minhas delícias, nas curtas horas que com ele passei. E sem desprimor para os outros de casa, quero apresentar a irmã que nos servia; — irrepreensível, pontual, suportando o cargo difícil dos arranjos domesticos duma casa de família. As camas eram em cima, à moda d'antes, colchões de palha sobre bancos de pinho, com braçal bruido ao sol, perfumado d'alfarema, mas grandes arcos de castanho. Oh! que gratas recordações não guardo eu da casa do Cesar Roque! E foi daqui que partimos para a grande jornada, no dia 9 d'Outubro do ano da graça de 88.

Eu fui adiante, para Unhais, onde daí a nada chegam, Lésar Roque montado num bicho que comprou na feira de Fontanheide, grande de mais para burro e pequeno demais para cavalo — e Luiz Gomes na célebre égua dos tios. Ali, na igreja do lugar, o morro ex-companheiro Padre Amibal deu-nos o Bão dos Mortos. Despedimo-nos da igreja com o santo exercício da "Via-Crucis"; matamos o bicho em casa do Padre Amibal em alegre camaradagem e subiu comigo até meio da encosta, aquêle que foi meu Mestre em quanto seminariista e que eu quizera que igualmente o fôra, para as almas que lhe confiaram. A caravana compunha-se agora de três homens, dois burros e um cão, e, enquanto conversávamos sobre o programa a seguir, a égua do Luiz Gomes ferra um valente coice numa perna do Lésar!

Em baixo, do terece, subiam nuvens espessas de algodão e a garganta do Vidual, para onde nos dirigíamos, via-se ao longe, negra, enrugada; espreitando, debruçada, a corrente implacável das águas, no seu trabalho de séculos. Agradei ao Lésar a feliz idea de nos ter trazido ali. Não é nada vulgar um quadro daquêles, unico em



Portugal, com certeza!

Dirmeámos qualquer coisa na morada do R.<sup>do</sup> B.<sup>o</sup>

José Lourenço, que muito amavelmente nos acom-

panhou até Vidual de Lima, e nós me fôram na-

da indiferentes aquêles momentos felizes em que

gorei tão simpática companhia; e descemos a

Fajão, entre discussões enfadonhas de "ora agora

montas tu, ora agora monta eu", onde tudo termi-

nou, felicemente, pois Cesar regressou com os bur-

ros e o cão, e nós prossequimos para Folques.

Desceia o sol e nós igualmente para a Malá, por

um caminho lindíssima nas margens do Seira,

entre a fresca ramagem de castanheiros.

Chegamos á porta do Nunes Pereira por volta

das 4 horas. Este apareceu-nos á janela do tug-

rio, uma casita rustica, simpatica, bem situada;

Entramos; vimos coisas; na coxinha havia gei-

tos de quem arranjara um piteu e deixamos a

Mãe e irmã indignadas com a desfeita de o

não ter provado.

Havia por ali gente que costuma emprestar cava-

los, mas que desta vez não emprestou nem alugou.

O meu companheiro também não quizer aceitar o

arranjo do Nunes Pereira - ficar para o dia seguin-

te e a remedio foi arranjar uma casa muito

linda; muito composta e com ela fazer frente à subida do Guratão, que já tinha a honra de conhecê-lo por informações. Quando chegamos ao cimo, derriadinhos, o sol morria numa fogueira lá para as bandas do mar. Agora havia Torrozeiros a vencer. Chegamos lá noite em fora.

O meu famoso companheiro, sobrinho e primo de toda a gente, subiu a uma casa do lugar visitar tios e primos. Era uma casa alta de dois andares e a família, composta só de senhoras, recebeu-nos numa sala agitada à moda da cidade, pequena demais para tanta gente.

Tínhamos entrado na triste zona da triste civilização!

Serviram-nos um refresco em copos elegantes, ofereceram cama para ficar ou uma luz para o caminho e daí a nada, recusando tudo, seguimos para Golques por uma noite de breu cercados de pinheiros, em caminho de pedras soltas!

Se bom grado preferira ter ficado num palheiro, a passar os tormentos de tão difícil trajeto. Em baixo Golques; quando as move da noite caíam da torre da igreja, também eu caía, esfalfado, nu-



uma cadeira de braços que o meu bom companheiro me oferecia. Graçamos quatorze horas de marcha! Coisa estupenda!

O Prior de Folques, homem de linhas severas, muito simpático e respeitado, acompanhou-nos até à ponte, na tarde do dia imediato. Goux-Somes, José Matos e este pobre viajante iamos a Arganil de visita ao José Melo. Recebeu-nos muito bem, com verdadeiro entusiasmo e muito carinho, o moço José Melo. Deu-nos umas dumas parreira no quintal, e, em cima, na sala, serviu-nos um delicioso chá com bôlos. O Bai, baixote, encorpado, velho, muito palrador e simpático, declarou que só por extravagância entrava em tal bôda.

Passava pouco das sete quando entrei numa coisa a que, lá em Arganil, chamam hotel. Uma grande mesa oval, numa sala pequena, muito limpa, sentava três carvalheiros escanhoados, correctos; um de bigode farto, muito gordo, tomava a presidência e dava os dias certos; a criada, mulher durazia, cheia de carnes, interrogava os hóspedes de longe, com voz sacodida, acerca de fruta, café, vinho e mais viandas.

Conversavam animadamente os meus colegas de mesa, sobre coisas e pessoas. Nem dêles, a

proposito dum jantar oferecido a officiais da Marinha Inglesa, d'onde estes se retiraram em péso, à entrada dum mulato da Guiné, atacou com furor o particularismo d'elles e declarou que a sua maior gloria era ter a certeza de assistir ao esfacelamento do Império e nós quindados logo á segunda Potência colonial do mundo inteiro!

Potei uns olhos de espanto ao cavalheiro asianha-  
do, e continuei phlegmatico, na ordem do jantarco  
Podia ter-lhe dito que o Imperio Britânico não se esfacela facilmente porque os largos dominios estão ligados por sentimentos de raça, mas muito mais por interesses colectivos. A Inglaterra tem tanta necessidade de quem lhe compre as suas facturas como os vastos dominios a têm de quem lhes compre a matéria prima; eis o grande segredo da união do Império que o meu respeitoso companheiro terá o desgosto de deixar ficar como encontrou.

Nas nossas colonias existe, sem duvida, o sentimento de raça, mas o interesse colectivo é menos consideravel do que no caso dos Dominios Ingleses para com a Metropole. As estatisticas aduaneiras dizem muito alto que a massa do commercio nacional é muito menor do que o realizado



com o estrangeiro. O sujeito que gostaria de não  
estairar a Inglaterra, talvez ignore que os fiado-  
res portugueses d'algodão não comprá-lo, cultiva-  
dinho nas nossas colonias, à praça de Liverpool!  
e os fabricantes de sabões não buscar a Mar-  
selha e a Hamburgo, aos milhares de toneladas,  
a matéria prima que cultivadores portugueses das  
colonias portuguesas, para ali exportam em fabu-  
losas quantidades. Quem está mais arriscado a  
perder terreno?

Budera ter falado assim em terras de Arganil,  
mas preferi vir fora sofrer a arragem fresca  
da noite, deambulando na avenida do Paço. Um  
homem botava foguetes à porta duma coisa que  
ali chamam teatro, anunciando espectáculo n'a-  
quela noite. Desci a baixo ao hotel, subi a uma  
especie de quarto, dei-me numa especie de ca-  
ma, e por volta da meia noite entrou um homem a  
fazer muito barulho e no seu quarto, contiguo ao  
meu, recita trágicamente uma parte considera-  
vel da tragédia que representara. Não lhe pa-  
guei o prazer do espectáculo nem lhe pedi nada  
pela massada que me deu.

A camionete de Folques burisrou às 5 da manhã;  
o silbo da locomotiva da Louzã, às 8 e emam 10

contadas pelo relógio quando entramos as portas do Seminário.

Gente bendita de Iraz da Serra!

Pobresinhos; pequeninos que carreis o pão de cada dia no fundo dos montes, em courelas de duro amanho, — e contudo saís muito mais generosos do que os largos horizontes dos vossos sítios, — d'aqui vos saúdo efusivamente, sinceramente, eu, que não mereço nem sequer limpar a poeira dos vossos grosseiros sapatos! Foi em montes como os vossos, a gente da vossa igualha, que Nosso Senhor Jesus Cristo ensinou outrora e ensina hoje, as mais sublimes páginas do Evangelho! Não é de forma nenhuma aos grandes nem aos sábios nem aos premdados que Ele se comunica, mas sim somente aos pequeninos, aos pobresinhos, aos simples, — e aos que vivem crucificados no seu carácter, suportando-se com muita coragem e paciência, sofrendo em silêncio conscientemente, divinamente as quedas de todos os dias!

Oh! como são extraordinariamente felizes os que sabem viver, deixando-se morrer aos bocadinhos!

Gente bendita de Iraz da Serra! — digo.